



GONÇALVES DIAS

**Obra Poética
Completa**

dc





Gonçalves Dias

Obra Poética Completa

Índice

Introdução por José Veríssimo

I. Primeiros Cantos (1846)

Prólogo

Poesias Americanas

Canção do Exílio

O Canto do Guerreiro

O Canto do Piaga

O Canto do Índio

Caxias

Deprecação

O Soldado Espanhol

Poesias diversas

A Leviana

A Minha Musa

Desejo

Seus Olhos

Inocência

Pedido

O Desengano

Minha Vida e meus Amores

Recordação

Tristeza

O Trovador

Amor! Delírio — Engano

Delírio

Epicédio

Sufrimento

Visões
O Vate
À Morte Prematura da Il.ma Sra.
A Mendiga
A Escrava
Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra
O Desterro de um Pobre Velho
O Orgulhoso
O Cometa
O Oiro
A um Menino
Miserrimus
O Pirata
A Vila Maldita, Cidade de Deus
Quadras da Minha Vida
Hinos
O Mar
Ideia de Deus
O Romper d'Alva
A Tarde
O Templo
Te Deum
Adeus

II. Segundos Cantos (1848)

Consolação nas lágrimas
Canção
Lira
Agora e sempre
A virgem
Rosa no mar!
O amor

Sempre ela
Mimosa e bela
As duas amigas
Sonho
Solidão
A um poeta exilado
Palinódia
Os suspiros
Queixumes
Ao aniversário de um casamento
Canto inaugural
Tabira [I]
Tabira [II] (poesia americana)
Hinos
 A lua
 A noite
 A tempestade

III. Novos Cantos (1857)

O homem forte
Dies irae
Espera
A saudade
Não me deixes
Zulmira
A uma poetisa
Angelina
Rola
Ainda uma vez — adeus! —
Sono
Se eu fosse querido!
A flor do amor

A sua voz
Se morre de amor
A morte é vária

IV. Sextilhas de Frei Antão (1848)

Loa da princesa santa
Gulnaré e Mustafá
Solau do Senhor Rei Dom João
Solau de Gonçalo Hermigues

V. Últimos Cantos (1851)

Dedicatória

Poesias Americanas

- I. O gigante de pedra
- II. Leito de folhas verdes
- III. I-Juca-Pirama
- IV. Marabá
- V. Canção do Tamoio
- VI. A mangueira
- VII. A mãe d'água

Poesias Diversas

- Nênia
- Olhos verdes
- Cumprimento de um voto
- Lira quebrada
- A pastora
- A infância
- Urge o tempo
- Menina e moça
- Como eu te amo
- As duas coroas

[Harpejos](#)
[Triste do trovador](#)
[Velhice e mocidade](#)
[As flores](#)
[O que mais dói na vida](#)
[Flor de beleza](#)
[A anjo da harmonia](#)
[A história](#)
[A concha e a virgem](#)
[Sei amar](#)
[Amanhã](#)
[Por um ai](#)
[Protesto](#)
[Fadário](#)
[O assassino](#)
[A uns anos](#)
[Quando nas horas](#)
[Retratação](#)
[Anelo](#)
[Que me pedes](#)
[O ciúme](#)
[A nuvem doirada](#)
[Sonho de virgem](#)
[Meu anjo, escuta](#)
[Os beijos](#)
[Desesperança](#)
[Se queres que eu sonhe](#)
[O baile](#)
[Desalento](#)
[A queda de satanás](#)
[Canção de bug-jargal](#)
[Hagar no deserto](#)
[Hinos](#)

VI. Os Timbiras (1857)

[Introdução](#)

[Canto Primeiro](#)

[Canto Segundo](#)

[Canto Terceiro](#)

[Canto Quarto](#)

VII. Outras Poesias (1869)

[Morro do Alecrim](#)

[Fantasma](#)

[Lágrimas sem dor — e dor com lágrimas](#)

[O donzel](#)

[Harmonias](#)

[O bardo](#)

[À desordem de Caxias](#)

[Lenda de Sam Gonçalo](#)

[Anália](#)

[Caxias](#)

[A harmonia](#)

[A tempestade](#)

VIII. Poesia Póstuma (1844-1864)

[A esmeralda](#)

[A Cláudio Frollo](#)

[Ao quasimodo](#)

[A *Notre-Dame* de V. Hugo](#)

[Epístola](#)

[Epigrama](#)

[No álbum de meu amigo José Hermenegildo Xavier de Morais](#)

Orgulho e avareza

Ausência

Visões

No álbum de meu amigo Antônio Cardoso Avelino

À restauração do Rio Grande do Sul

Ao aniversário da independência do Maranhão

Hino ao dia 28 de julho

A certa autoridade

Tristes recordações!

Ao aniversário natalício de S. M. I.

Voltas e motes glosados

Ao aniversário de D. F. S. R.

Sonetos

À partida da atriz

Hino dos Reis Magos

A violeta

Ao casamento da filha do sr. Norris

Consente-me escrever aqui meu nome!

No álbum de D. Luísa Amat

Tu não queres ligar-te comigo

As artes são irmãs

No álbum de D. América P. R. Lopes

Fragmento

Estâncias

Que cousa é um ministro

Oh! Que acordar!

Se muito sofri já, não mo pergunes

No jardim!

A baunilha

Se te amo, não sei!

Como! És tu?

A minha rosa

Ciúmes

Tens mais poesia

Poema americano

Ao grande literato homeopático Dr. Veludo

D. Emília

É alegre a flor que brota

Seu nome

Amor de árabe

Minha terra

Introdução

Os impulsos de renovação literária dos nossos românticos da primeira hora, Magalhães, Porto Alegre, Norberto, Macedo e outros, os veio perfazer o poderoso talento de Gonçalves Dias. Da poesia genuinamente brasileira, não por exterioridade de inspiração ou de forma ou pela intenção dos temas e motivos, mas pelo íntimo sentimento do nosso gênio com as suas idiossincrasias e peculiaridades, em suma da psique nacional, foi ele o nosso primeiro e jamais excedido poeta.

Gonçalves Dias é nas nossas letras um dos raros exemplos comprobatórios da falaz teoria da raça. Parece que nele se reuniam as três de que se formou o nosso povo. Seu pai era português de nascimento, a mãe aquilo que chamamos no Norte, donde era, cafuza, isto é, o resultado do cruzamento do índio com o negro. Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1823, da união natural de seu pai com aquela boa mestiça, que lhe foi mãe carinhosa. Da terra natal, onde iniciou os estudos de latim com o mestre público local, passou com o pai à capital da Província, seguindo logo ambos daí para Portugal, o pai em busca de saúde, ele de instrução. Pouco depois de ali chegado, morreu-lhe o pai, que já ia muito doente. Com quatorze anos, achou-se Gonçalves Dias só, em terra estranha. Esta circunstância, agravando a nostalgia que sem dúvida lhe produzia o apartamento da pátria e da mãe, aumentar-lhe-ia a natural dor da perda do pai. No belíssimo poema autobiográfico *Saudades*, que dedicou à irmã, transpira ainda, não obstante os anos passados, a sua grande mágoa, "essa dor que não tem nome":

De quando sobre as bordas de um sepulcro Anseia um filho, e nas feições queridas Dum pai, dum conselheiro, dum amigo O selo eterno vai gravando a morte!

Escutei suas últimas palavras,

Repassado de dor! — Junto ao seu leito, De joelhos, em lágrimas banhado

Recebi os seus últimos suspiros.

E a luz funérea e triste que lançaram Seus olhos turvos, ao partir da vida De pálido clarão cobriu meu rosto No meu amargo pranto refletindo

O cansado porvir que me aguardava!

Tornou ao Maranhão, mas já em 1840 estava de volta a Portugal matriculado

na Universidade de Coimbra. Ou assim nascesse, e é talvez o mais certo, ou as circunstâncias do seu nascimento, aquele golpe precocemente sofrido, a orfandade, o prematuro afastamento da terra natal e das suas mais caras afeições de infância, assim o houvessem feito, foi Gonçalves Dias, não obstante alguns lampejos de bom humor e de jovialidade, uma alma profundamente melancólica e profundamente sensível. Ela se lhe formou ainda em meio das agitações consequentes à Independência. Deu-o a mãe à luz quando o pai, por esquivar perseguições que a sua qualidade de português lhe poderia atrair, achava-se foragido nos matos vizinhos de Caxias, habitando uma palhoça, onde Gonçalves Dias nasceu, na carência de qualquer conforto, entre aflições e medos. Deixaram-lhe forte e viva impressão estes primeiros incidentes de sua vida. Dilo ele à sua irmã naquele poema, uma das suas melhores páginas:

Parti, dizendo adeus à minha infância, Aos sítios que eu amei, aos rostos caros Que já no berço conheci, àqueles

De quem, mau grado a ausência, o tempo, a morte E a incerteza cruel do meu destino, Não me posso lembrar sem ter saudades, Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.

.....

Ave educada nas floridas selvas

Vim da praia beijar a fina areia; Subitâneo tufão arrebatou-me,

Perdi a verde relva, o brando ninho.

Nem jamais casarei doces gorjeios Ao saudoso rugir dos meus palmares; Porém a branca angélica mimosa

Com seu candor enamorando as águas, Floresce às margens do meu pátrio rio.

E a mesma imagem se repete mais adiante, mostrando a obsessão daquela impressão dolorosa:

Ave educada nas floridas selvas,

Um tufão me expeliu do pátrio ninho; As tardes dos meus dias vorrascosos Não terei de passar sentado à porta Do abrigo de meus pais, nem longe dele, Verei tranquilo aproximar-se o inverno E pôr do sol dos meus cansados anos!

O tufão que o expeliu do pátrio ninho foi o casamento do pai com outra mulher que não aquela de quem ele nascera. A dor que lhe envolveu a infância afeiçoou-lhe a índole pessoal e poética e pôs-lhe n'alma a tristeza forte que será a sua marca e o seu encanto. A ela juntaram-se-lhe despertadas ou alvoroçadas pelos gabos desde menino ouvidos ao seu talento, ambições de sobrelevar-se à sua mesquinha condição:

Um dia apareceu um recém-nado,

Como a concha que o mar à praia arroja; Cresceu qual cresce a planta em terra inculta, Que ninguém educou, a chuva apenas, Infante viu da roda sepulturas,

Em que não atentou;

.....

Então sentiu brotarem na sua alma Sonhos de puro amor, sonhos de glória Sentiu no peito um mundo de esperanças, Sentiu a força em si — patente o mundo.

Em 1845 formado em Direito, regressou à sua província. Foi à terra natal que deixou logo "ralado de desgostos, por motivos que se não declara", informa discretamente um seu grande amigo e amoroso biógrafo. Esses motivos seriam de ordem doméstica e provenientes da coexistência da mãe e da madrasta, que aliás parece-lhe fora caroável. A entristecer-lhe o ânimo já de raiz e das circunstâncias de sua vida melancólico, a amargar-lhe a alma e travar-lha de dissabores, que a sua sensibilidade de poeta e de valetudinário exagerariam, concorreram mais as condições de penúria e dependência em que, graças à bondade e comisseração de patrícios, amigos raríssimos, lograra completar a formatura em Coimbra. Pouco se demorando na capital de sua Província, veio para o Rio de Janeiro em meados de 1846 e aqui publicou os seus *Primeiros cantos*. Antes publicara apenas um pequeno poema *Inocência no trovador* de Coimbra e três ou quatro de igual extensão no *Arquivo*, jornal do Maranhão.

A crítica, tanto a do Rio de Janeiro como a das províncias, acolheu este primeiro livro de Gonçalves Dias com calorosos e merecidos encômios e, o que mais vale e é menos comum, com atilada compreensão do seu valor. O balbucio de Magalhães e Porto Alegre era já em Gonçalves Dias a fala clara, perfeita e melodiosa. Com muito mais harmonia, mais íntimo e mais vivo sentimento, mais espontânea e original inspiração, maior sensibilidade emotiva, havia relevantemente nele dons de expressão muito superiores. Pode dizer-se que aqueles poemas revelam — e os posteriores o confirmariam — o primeiro

grande poeta do Brasil.

Esta preeminência de que os contemporâneos tiveram a intuição, a vieram confirmar os *Segundos cantos e sextilhas de Frei Antão*, publicados também no Rio dois anos depois. Valem menos as *Sextilhas* como prova do seu saber da língua e um feliz postigo arcaico desta, que por testemunharem a delicadeza e vigor da sua imaginação e pensamento poético e riqueza de sua inspiração lírica. Corroboraram-no ainda os *Últimos cantos*, de 1851, tudo reunido mais tarde sob o título de *Cantos*, na primeira edição de Leipzig (F. A. Brockhaus, 1857, 16.º, XXVIII, 654 págs.). Sucederam-se novas edições em número de quatro, contadas da primeira dos *Cantos* quando acabava o poeta de morrer. Alguns dos poemas dos *Primeiros Cantos*, porventura os melhores, repunham em a nossa poesia o índio nela primeiro introduzido por Basílio da Gama e Durão. Era essa a sua grande e formosa novidade. Nos poemas daqueles poetas não entrava o índio senão como elemento da ação ou de episódios, sem lhes interessar mais do que o pediam o assunto ou as condições do gênero. Nos cantos de Gonçalves Dias, ao contrário, é ele de fato a personagem principal, o herói, a ele vão claramente as simpatias do poeta, por ele é a sua predileção manifesta.

Entre a publicação dos *Primeiros* e dos *Últimos cantos* compôs Gonçalves Dias os primeiros seis de um poema americano *Os Timbiras*, dos quais publicou em Leipzig, em 1857, os quatro primeiros. Continuava a mesma inspiração simpática ao índio e a mesma idealização afetuosa dos seus feitos e gestos, que distinguirá o segundo indianismo, cujo iniciador foi exatamente Gonçalves Dias, do primeiro criado por Basílio da Gama. *Os Timbiras*, como as *Americanas*, não só ficariam, a todas as luzes, os mais belos poemas de inspiração indianista aqui produzidos, mas os únicos que sobrevivem aos motivos ocasionais dessa inspiração e ao gosto do momento. Um deles, *I-Juca-Pirama*, é sob todos os aspectos, essenciais ou formais, uma das raras obras-primas da nossa poesia e ainda de nossa língua. O próprio Portugal, geralmente pouco simpático às nossas tentativas de emancipação literária, pelo mais autorizado então dos seus órgãos intelectuais, Alexandre Herculano, não só reconhecia nos *Primeiros cantos* "as inspirações de um grande poeta", mas lastimava não houvesse o poeta dado neles maior espaço às poesias americanas. *Os Timbiras* cediam ao preconceito do poema épico da tradição portuguesa, continuada aqui desde os começos da nossa poesia. Acostando-se-lhe, fazia-o entretanto Gonçalves Dias com manifesta superioridade de inspiração e de expressão. Aquela é mais sincera, vem-lhe mais do íntimo. Porventura impulsado por um recôndito sentimento de sua alma de caboclo, avivado pela nostalgia do "filho do bosque", traz muito maior vigor de idealização. A expressão é muito mais rica, muito mais variada e melodiosa — sobre tudo muito mais melodiosa — que a de qualquer outro dos nossos poemas.

Do maior dos nossos épicos até então, Basílio da Gama terá, com mais opulenta imaginação, a harmonia do verso branco, no qual já rivalizava com Garrett. A influência do *Uraguai* é visível no poema. Mas não o deslustra essa influência, que apenas revê a continuidade da nossa tradição poética. Indicia esse influxo, e quase reproduz o verso do *Uraguai*

No espaço azul não chega o raio

Este outro dos *Timbiras*, aludindo ao surto do condor após a presa feita:

E sobe audaz onde não chega o raio.

Também a apóstrofe — América infeliz! do formosíssimo canto terceiro recorda o — Gentes da Europa nunca vos trouxera — do segundo canto do *Uraguai*.

Nenhum poeta moderno teve como Camões o sentimento do paganismo e do seu maravilhoso. Assim também nenhum poeta brasileiro, em prosa ou verso, teve em grau igual ao de Gonçalves Dias o sentimento do nosso índio e do que lhe constituía a feição própria. Todos os nossos indianistas, maiores e menores, sem excetuar o próprio Alencar, que é quem em tal sentimento mais se aproxima de Gonçalves Dias, o foram antes de estudo e propósito que de vocação. Daí a sua inferioridade relativamente ao poeta dos *Timbiras* e os despropósitos em que caíram. E o conceito pode ser generalizado a toda a obra lírica de Gonçalves Dias.

É que ele é um dos raros, se não foi o único, dos nossos que, com os dons naturais para o ser, a vida fez poeta. Não a moda, a retórica, a camaradagem, a presunção ou algum estímulo vaidoso ou interesseiro, ou sequer patriótico, o fizeram poeta senão a dor e o sofrimento. É primeiro o afastamento do torrão natal e do carinho materno em anos verdes, a perda do pai e o isolamento em terra estranha, a amargura do seu nascimento mais que humilde, o sentimento da sua inferioridade social — contrastando com a sua fidalguia moral e mental, é a humilhação de viver de amigos, é a sua penúria de recursos e mesquinhez de vida, é o desencontro de suas ambições com as suas possibilidades, é o convívio do meio mesquinho seu conterrâneo e por fim e acaso mais que tudo, quando já lhe sorrira a glória e ele assim mesmo se enobrecera pelo gênio e trabalho, a recusa da mulher muito amada, por motivo do seu nascimento. Não há, ou apenas haverá um destes passos da sua vida dolorosa, aos quais outros fora possível acrescentar, que não tenha deixado impressões, ecos, vislumbres nos seus poemas. A nostalgia inspira-lhe a *Canção do exílio*, no seu gênero e

ingenuidade acaso o mais sublime trecho lírico da nossa poesia, a expressão mais intensa e mais exata do nosso íntimo sentimento pátrio. As agruras da sua juventude as *Saudades*, de tão fina sensação dolorosa, de tão bela e comovedora expressão. Os seus amores infelizes esses dois soberbíssimos trechos sem iguais no nosso lirismo: *Se se morre de amor* e *Ainda uma vez, adeus*, e mais aquele encantador *No jardim*, amostra peregrina em a nossa poesia de emoção profunda casada à profunda singeleza. Nem desmerecem destes os poemas da mesma inspiração, que lhe brotam, cheios de lágrimas do fundo d'alma: *Ó que acordar e Se muito sofri já, não mo perguntes*.

Antes e depois de Gonzaga jamais se ouvira em a nossa poesia cantos de amor tão repassados de íntimo sentimento e de uma tão formosa expressão. Os poetas contemporâneos dos últimos anos de Gonçalves Dias, os seus sucessores imediatos, os poetas da segunda geração romântica, os repetirão com emoção às vezes igual, nenhum porém com a alta e essencial beleza dos seus. Com ele achava enfim o lirismo brasileiro a sua expressão mais eminente, a sua feição modelar, nunca mais, se não atingida, excedida.

O poeta a mais de um respeito genial desdobra-se em Gonçalves Dias num dos prosadores mais seletos das nossas letras. Às obras líricas junta simultaneamente com inspiração muito mais romântica que a de Magalhães e seus colaboradores, a dramática. Em 1847 publica *D. Leonor de Mendonça*, drama original de assunto português, em três atos e cinco quadros. Antes, em 1843, compusera o *Patkul*, no ano seguinte *Beatriz Cenci* e mais tarde (1860) *Boabdil*, todos só postumamente publicados. Não sabemos por que não foi nenhum destes dramas representado tendo aparecido o primeiro e sendo escritos os outros justamente na época em que nascia o teatro brasileiro, que eles teriam concorrido para enriquecer e ilustrar. Ainda do ponto de vista teatral, não é nenhum deles inferior aos de Magalhães e companheiros, e ao menos *Leonor de Mendonça* lhes é, como criação artística e mérito literário, superior. Está este longe da intensa emoção e da alta e serena beleza do *Frei Luís de Souza*, de Garrett, mas não lhe está tanto da sobriedade e formosa singeleza de estilo. Publicando-o, precedeu-o o autor de um prefácio em que, de parte os inevitáveis sacrifícios à poética do tempo, há conceitos originais e inteligentes da literatura dramática e de seus meios de expressão. Mais que tudo, é interessante neste drama a interpretação do duvidoso caso histórico que lhe forneceu o tema. Além de original e psicologicamente verdadeira, é humana e dramática. Segundo o poeta, determinaram-no somente as condições do meio, "a fatalidade filha das circunstâncias e que dimana dos nossos hábitos e da nossa civilização", como ele chãmente explica, sem parecer dar maior importância ao seu achado, que não era vulgar para a época. É pelo menos reparável que fazendo teatro Gonçalves Dias

só o fizesse de assuntos estrangeiros. Podia-se acaso ver neste fato a clara consciência que teria de que a nossa sociedade, a histórica e a atual, dificilmente depararia ao poeta assuntos propícios à criação dramática. Embora assim fosse, não é menos de notar-lhe a abstenção de assuntos nacionais, pois a grandeza do poeta consiste por muito em sobrepujar tais dificuldades. Quanto a trazer o índio para o teatro, como o trouxe para a poesia, parece andou acertadíssimo, sem embargo do muito que há de dramaticamente belo no *I-Juca-Pirama*. Mas a estética particular do governo desaconselha a invasão, ainda acompanhada de música, do selvagem no teatro.

A obra puramente poética de Gonçalves Dias sobrepujou em acabamento e mérito a tudo o mais que escreveu, de modo a o velar e esconder mesmo à maioria dos seus admiradores. O seu brasileirismo, que não era apenas manifestação do seu indianismo, mas lhe estava, para falar com o nosso povo, na massa do sangue, e lhe vinha do nascimento e criação em um meio genuinamente brasileiro e de influências da raça indígena na formação da sua psique, o fortificaram estudos da história e etnografia nacional, nos quais revelou outras faces do seu talento e capacidade literária: qualificações para tais estudos, aptidão crítica, facilidade e pertinência de exposição. As suas memórias sobre a existência de Amazonas no Brasil, sobre o descobrimento casual ou não deste e sobre as civilizações indígenas do país e da Oceânia, como antes desde as suas *Reflexões* acerca dos *Anais* de Berredo, do mesmo passo que lhe comprovam não comum erudição destes assuntos, documentam no poeta não vulgar versatilidade de talento.

A estes diversos escritos, e até alguns de caráter administrativo e oficial, colaboração em revistas e jornais, ensaios apenas encetados, folhetins, cumpre juntar como prova da atividade mental do poeta e gosto e vocação dos estudos brasileiros, o *Dicionário da língua tupi* (Leipzig, 1858) e o *Vocabulário da língua geral... usada no Alto Amazonas* (Rev. do Inst., XVII). Todas estas obras em prosa de Gonçalves Dias, ainda as que não são de natureza literária, distinguem-se pela linguagem e estilo mais cuidados do que era aqui comum, salvo nos seus comprovincianos. São por isso das que ainda podemos ler com facilidade e prazer. Não só por qualidades de pensamento, de imaginação e de sentimento, senão pelas de expressão, é Gonçalves Dias um dos nossos clássicos, ou por outra um daqueles pouco numerosos escritores brasileiros que o sendo pelas íntimas qualidades de que procede um estilo, escrevem certa, fluente e elegantemente. Ainda como escritor português, um ou outro deslize não o desabona de vernáculo. E o é com mais naturalidade, menos intencionalmente e de estudo do que os seus camaradas do grupo Odorico Mendes, Sotero dos Reis e João Lisboa.

Ensaçou também Gonçalves Dias o romance, e quase foi ele, antes de Texeira e Sousa, o seu inventor aqui. Ainda em Coimbra, por 1841 ou 42, escreveu um a que deu o título realista de *Memórias de Agapito Goiaba*, do qual apareceram fragmentos no Maranhão em 1846. Era um livro de memórias e recordações pessoais travestidas e idealizadas, à moda da *Nova Heloísa*, e só por isso seria certamente curioso. Apesar deste exemplo ilustre, se não estava ainda na despudorada literatura pessoal cujo criador foi exatamente Rousseau. À delicadeza de Gonçalves Dias repugnou publicá-lo e o destruiu mais tarde. Pelo que dessa tentativa nos resta, presumimos que além do sainete das reminiscências e confidências disfarçadas num romance vivido, teria este sobre os dos criadores do gênero aqui, aquilo que totalmente lhes faltou, virtudes de composição e de expressão. É, porém, como poeta o maior e o mais completo que o Brasil criou, e o que lhe é mais afim, que Gonçalves Dias vive e viverá na nossa literatura, da qual é uma das figuras mais eminentes, se não a mais eminente. Vive e viverá também pela sua influência, que foi considerável e legítima e não cessou ainda de todo, e que porventura reviverá quando, passado este momento de exotismo desvairado e incoerente, volvermos à mesma fonte donde dimana o nosso sentimento, não indígena e nativista, mas social e humano.

José Veríssimo.

Publicado originalmente em *História da Literatura Brasileira*.

Gonçalves Dias

Primeiros Cantos
(1846)

Poemas

Prólogo

Dei o nome de *Primeiros Cantos* às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez — no Doiro e no Teia — sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a ideia com a paixão — cobrir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro, julho de 1846.

Poesias Americanas

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht ich... ziehn.
— Goethe*

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra — Julho de 1843.

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não geram escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros.
— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra
Quem há, como eu sou?
Quem vibra o tacape
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A frecha imprumada,
Ferindo uma presa,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouvi-me,
— Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seus feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fatais, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem há, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem há que me afronte?!
A onça raivosa
Meus passos conhece,
O imigo estremece,
E a ave medrosa
Se esconde no céu.
— Quem há mais valente,
— Mais destro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
Co os sons do Boré,
Mil arcos se encurvam,
Mil setas lá voam,
Mil gritos reboam,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruído:
O vento gemendo

E as malas tremendo
E o triste carpido
Duma ave a cantar,
São eles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge
No seu Maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já:
Mil homens viveram,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu toco o Boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal eles se escoam
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é?

O CANTO DO PIAGA

I

Ó guerreiros da Taba sagrada,
Ó guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vil
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,

Ó guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó guerreiros, meus cantos ouvi!

II

Por que dormes, ó Piaga divino?
Começou-me a Visão a falar,
Por que dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céus um negrume
Toda a face do sol ofuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seus estrídulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
E Anhangá te proíbe sonhar!
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! Ó ruína! Ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, i vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;

Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vários cipós —
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade -
Dons cruéis do cruel Anhangá;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Maniôt, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão-de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser?

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,
Susta as iras do fero Anhangá.
Manitôs já fugiram da Taba,
Ó desgraça! ó ruína!! ó Tupá!

O CANTO DO ÍNDIO

Quando o sol vai dentro d'água
Seus ardores sepultar,
Quando os pássaros nos bosques
Principiam a trinar;

Eu a vi, que se banhava...
Era bela, ó Deuses, bela,
Como a fonte cristalina,
Como luz de meiga estrela.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcara agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacape fatal em terra estranha
Sobre mim sem temor veria erguido;
Dessem-me a mim somente ver teu rosto
Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos
Pelas águas se espalhavam,
Pelas águas, que de vê-los
Tão loiros se enamoravam.

Ela erguia o colo ebúrneo,
Por que melhor os colhesse;
Níveo colo, quem te visse,
Que de amores não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita à guerra
Me infiltrasse o valor que m'hás roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vezes, quando um sorriso
Os lábios seus entreabria,
Era bela, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios
Uma voz se desprendia;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse falar deixou-me n'alma
Sentir d'amores tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeu, vontade e força
Ah! que não queiras tu viver comigo,
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,
Ela surgiu toda nua;
Onde há, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua!?

Bem como gotas de orvalho
Nas folhas de flor mimosa,
Do seu corpo a onda em fios
Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
Aqui dos meus irmãos, qual sou rei deles!
Escuta, ó Virgem dos Cristãos formosa.
Odeio tanto aos teus, como te adoro;

Mas queiras tu ser minha, que eu prometo
Vencer por teu amor meu ódio antigo,
Trocar a maça do poder por ferros
E ser, por te gozar, escravo deles.

CAXIAS

Quanto és bela, ó Caxias! — no deserto,
Entre montanhas, derramada em vale
De flores perenais,
És qual ténue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cedros,
Forte — em gleba inculta;
És qual gazela, que o deserto educa,
No ardor da sesta debruçada exangue
À margem da corrente.

Em mole seda as graças não escondes,
Não cinges d'ouro a fronte que descansas
Na base da montanha;
És bela como a virgem das florestas,
Que no espelho das águas se contempla,
Firmada em tronco anoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos, que ora trajas, símplies ornatos
E amável desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te
Aos pés então — da poesia a c'roa
E da inocência o cinto.

DEPRECAÇÃO

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus :
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio .

Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo quati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheçam-te os feros, confessem vencidos
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

O SOLDADO ESPANHOL

Un soldat au dur visage
— V. Hugo

I

Oh! qui révélera les troubles, les mystères
Que ressentent d'abord deux amants solitaires
Dans l'abandon d'un chaste amour?
— Amour et Foi

O céu era azul, tão meigo e tão brando,
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na cor semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzela;
E a terra era a noiva que bem se arreava
De flores, matizes; mas vária, mas bela.

Ela era brilhante,
Qual raio do sol;
E ele arrogante,
De sangue espanhol.

E o espanhol muito amava
A virgem mimosa e bela;
Ela amante, ele zeloso
Dos amores da donzela;
Ele tão nobre e folgando
De chamar-se escravo dela!

E ele disse: — Vês o céu? —
E ela disse: — Vejo. sim;
Mais polido que o polido
Do meu véu azul cetim. —
Torna-lhe ele... (oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!).

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir
Não vês luz? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir?
— É doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir!

— E o mar, além, preguiçoso
Não vês tu em calmaria?
— É belo o mar; porém sinto,
Só de o ver, melancolia.
— Que mais o teu rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu tão bem acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me falas assim;
Sou feliz quando se riem
Os lábios teus de carmim;
Quando dizes que me, adoras,
Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meu Deus, meu tudo,

És tu só meu puro amar,
És tu só que o pranto podes
Dos meus olhos enxugar. —
Com ela repete o amante:
— És tu só meu puro amar! —

E o céu era azul, tão meigo e tão brando
E a terra tão erma, tão só, tão saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa!

II

*Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,
Il faudra voir sans tal naître et mourir l'aurore!*
— V. Hugo

E o espanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim
Seus amores dizia mavioso,
Cantando assim:

“Já me vou por mar em fora
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meus amores, minha terra.

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me a Índia ocidental;
Hei de ter novos amores...
De guerras... não temas al.

“Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores, que assim me custa
O pranto meu sofrer.

“Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha.”

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vai, mas volta; lhe dizia:
Volta, sim, vitorioso.

“Como o Cid, oh! crua sorte
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d’Espanha!

“Não me aterrorizam; porém sinto
Cerrar-se o meu coração,
Sinto deixar-te, meu anjo,
Meu prazer, minha afeição.

“Como é doce o romper d’alva,
É-me doce o teu sorrir,
Doce e puro, qual d’estrela
De noite — o meigo luzir.

“Eram meus teus pensamentos,
Teu prazer minha alegria,
Dorada fonte d’encantos,
Fonte da minha poesia.

“Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dor,
Mas comigo vão teus votos,
Teus encantos, teu amor!

“Já me vou lidar em guerras,
Vou-me a Índia ocidental;
Hei de ter novos amores...
De guerras... não temas al.”

Esta era a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava
Dizendo assim:

III

*O Conde deu o sinal da partida
— À caça! meus amigos.
— Burger*

“Quero, pajens, selado o ginete,
Quero em punho nebris e falcão,
Qu’ é promessa de grande caçada
Fresca aurora d’ amigo verão.

“Quero tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venab’lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

“E ai do gamo que eu vir na coutada,
Corça, onagro, que eu primo avistar!
Que o venab’lo nos ares voando
Lhe há de o salto no meio quebrar.

Eia, avante! — Dizia folgando
O fidalgo mancebo, loução:
— Eia, avante? — e já todos galopam
Trás do moço, soberbo infância.

E partem, qual do arco arranca e voa

Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plúmea seta da entesada corda.
Longe o eco reboa: — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares voa.
Dos cães dúbio o latir se escuta apenas,
Dos ginetes tropel, rinchar distante
Que em lufadas o vento traz por vezes.
Já som nenhum se escuta... Quê? — latido
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento
Na torre castelã batendo acaso,
Nas seteiras acaso sibilando
Do castelo feudal, deserto agora.

IV

*Vois, à l'horizon
Aucune maison?
— Aucune.
— V. Hugo*

Já o sol se escondeu; cobre a terra
Belo manto de frouxo luar;
E o ginete, que esporas atracam,
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas ínvias ramagens
Vai sozinho o mancebo infância;
Vai sozinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pajens, sem cão.

Companheiros da caça há perdido,
Há perdido no aceso caçar;
Há perdido, e não sente receio
De sozinho, nas sombras trotar.

Corno ebúrneo embocou muitas vezes,

Muitas vezes de si deu sinal;
Bebe atento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe; inda mal!

E o ginete que esporas atracam,
Nitre e corre sem nunca parar;
Já o sol se escondeu, cobre a terra
Belo manto de frouxo luar.

V

*De rosée
Arrosée.
La rose a moins de fraîcheur.
— Henrique IV*

Silêncio grato da noite
Quebram sons duma canção,
Que vai dos lábios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a letra mimosa
Saudades de muito amar;
E o infanção enleiado
Atento, pôs-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
Incentivo essa ternura,
Gerava delícias n'alma
Sonhar d'havê-la a ventura.

Queixosa cantava a esposa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dele não viu...

Parou!... escutando ao perto
Responder-lhe outra canção!...
Era terna a voz que ouvia,
Lisonjeira — do infância:

“Tenho castelo soberbo
Num monte, que beija um rio,
De terras tenho no Doiro
Jeiras cem de lavradio;

“Tenho lindas haqueneias,
Tenho pajens e matilha,
Tenho os melhores ginetes
Dos ginetes de Sevilha;

“Tenho punhal, tenho espada
D’alfageme alta feitura,
Tenho lança, tenho adaga,
Tenho completa armadura.

“Tenho fragatas que cingem
Dos mares a linfa clara,
Que vão preiando piratas
Pelas rochas de Megara.

“Dou-te o castelo soberbo
E as terras do fértil Doiro,
Dou-te ginetes e pajens
E a espada de pomo d’oiro.

“Dera a completa armadura
E os meus barcos d’alto-mar,
Que nas rochas de Megara
Vão piratas cativar.

“Fala de amores teu canto,

Fala de acesa paixão...
Ah! senhora, quem tivera
Dos agrados teus condão!

“Eu sou mancebo, sou Nobre,
Sou nobre moço infância;
Assim pudesse o meu canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção!”

Atenta escutava a esposa
Do guerreiro que partiu,
Largos anos são passados,
Missiva dele não viu;
Mas da letra que escutava
Delícias n’alma sentiu.

VI

*Si tu voulais, Madeleine,
Je te ferais châtelaine;
Je suis le comte Roger: -
Quitte pour moi ces chaumières,
A moins que tu me préfères
Que je me fasse berger.
— V. Hugo*

E noutra noite saudoso
Bem junto dela sentado,
Cantava brandas endechas
O gardingo namorado.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gota d’orvalho

Carece no prado a flor.

“Prazeres que eu nem sonhava
Teu amor me fez gozar;
Ah! que não queiras, senhora,
Minha dita rematar.

“O teu marido é já morto,
Notícia dele não soa;
Pois desta gente guerreira
Bastos ceifa a morte à toa.

“Ventura me fora ver-te
Nos lábios teus um sorriso,
Delícias me fora amar-te,
Gozar-te meu paraíso.

“Sinto aflição, quando choras;
Se te ris, sinto prazer;
Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morrer.

“Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como da gota d’orvalho
Carece no prado a flor.”

VII

*L'époux, dont nul ne se souvient,
Vient;
Il va punir ta vie infâme,
Femme!
— V. Hugo*

Era noite hibernal; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer: e fora a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo solto, indômito e terrível
Entre o negror do céu e o horror da terra.
Na geral confusão os céus e a terra
Horrenda simpatia alimentavam.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fora a tiritar, fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e torva:
Traz na destra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces palidez, nos olhos morte.
O infanção extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velha,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada: — À noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do esposo deslembado! — e a taça empunha,
Mas antes que o licor chegasse aos lábios,
Desmaiada e por terra jaz a esposa,
E a destra do infanção maneja o ferro,
Por que tão grande afronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injúria tanta.
Debalde o fez, que lhe golfeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da esposa o assassino surge
Co'o sangrento punhal na destra alçado.

A flor purpúrea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o cálix,

Perde aroma talvez; porém mais belo
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições daquele rosto
Assim foram tão bem; não foi do tempo
Fatal o perpassar às faces lindas.

Nota-lhe ele as feições, nota-lhe os lábios,
Os curtos lábios que lhe deram vida,
Longa vida de amor em longos beijos,
Qual jamais não provou; e as iras todas
Dos zelos vingadores descansaram
No peito de sofrer cansado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sobre ela.

Num relance fugiu, minaz no vulto:
Como o raio que luz um breve instante,
Sobre a terra baixou, deixando a morte.

Poesias diversas

A LEVIANA

*Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.*
— Francisco I

És engraçada e formosa
 Como a rosa,
Como a rosa em mês d'Abril;
És como a nuvem doirada
 Deslizada,
Deslizada em céus d'anil.

Tu és vária e melindrosa,
 Qual formosa
Borboleta num jardim,
Que as flores todas afaga,
 E divaga
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrela
 Doce e bela,
Que treme incerta no mar:
Mostras nos olhos tua alma
 Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,
 Tão airosas,
Formas da terra não são;
Pareces anjo formoso,
 Vaporoso,
Vindo da etérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
Contra o seio
Eu tremo de te apertar:
Pois me parece que um beijo
É sobejo
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és só minha!
Passa asinha
A vida, como a ventura;
Que te não vejam brincando,
E folgando
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
Bela aurora
De fulgores radiante;
Tal a vaga mariposa
Brinca e pausa
Dum cadáver no semblante.

A MINHA MUSA

Gratia, Musa, tibi; nam tu solattia praebes.
— Ovídio

Minha Musa não é como ninfa
Que se eleva das águas — gentil —
Co'um sorriso nos lábios mimosos,
Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouso nas faces redondas
Dos fagueiros anelos a cor;
Nesta terra não tem uma esp'rança,
Nesta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
Não habita um palácio encantado,
Quer em meio de matas sombrias,
Quer à beira do mar levantado.

Não tem ela uma senda florida,
De perfumes, de flores bem cheia,
Onde vague com passos incertos,
Quando o céu de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horácio a minha Musa;
Nos soberbos alpendres dos Senhores
 Não é que ela reside;
Ao banquete do grande em lauta mesa,
Onde gira o falerno em taças d'ouro,
 Não é que ela preside.

Ela ama a solidão, ama o silêncio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
E da rola o carpir.
Ela ama a viração da tarde amena,
O sussurro das águas, os acentos
De profundo sentir.

D'Anacreonte o gênio prazenteiro,
Que de flores cingia a fronte calva
Em brilhante festim,
Tomando inspirações à doce amada,
Que leda lh'enflorava a ebúrnea lira;
De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousam
Da lira de marfim.
Correm meus dias, lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras asas
Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'órfã singela;
E triste como o som que a brisa espalha,
Que ciciza nas folhas do arvoredado
Por noite bela.

É triste como o som que o sino ao longe
Vai perder na extensão d'amenos prado
Da tarde no cair,
Quando nasce o silêncio envolto em trevas,
Quando os astros derramam sobre a terra
Merencório luzir.

Ela então, sem destino, erra por vales,
Erra por altos montes, onde a enxada
Fundo e fundo cavou;
E para; perto, jovial pastora
Cantando passa — e ela cisma ainda
Depois que esta passou.

Além — da choça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva às nuvens
Da noite entre os vapores;
Muge solto o rebanho; e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastores.

Outras vezes também, no cemitério,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida;
Roça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fez brotar por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito
Sobre as úmidas cordas da minha Harpa,
Que não ressoam;
Não choro os mortos, não; choro os meus dias
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
Que em vão se escoam.

Nesse pobre cemitério
Quem já me dera um lugar!
Esta vida mal vivida
Quem já me dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastora invejo a vida,
Invejo o sono dos mortos

Sob a laje carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
O sopro da desventura
Vai bater potente à porta
De sumida sepultura:

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde urna prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que falem,
Já não têm que padecer;
No passar da vida à morte
Foi seu extremo sofrer.

Que lh'importa a desventura?
Ela passou, qual gemido
Da brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como eles!
Quem me dera descansar!
Nesse pobre cemitério
Quem me dera o meu lugar,
E co'os sons das Harpas d'anjos
Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO

E poi morir.
— Metastásio

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
Sequer por um instante, nesta vida
Amor igual ao meu!
Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
Que sinta o meu sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meu silêncio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem
Num êxtase de amor!

SEUS OLHOS

*Oh! rouvre tes grands yeux, dont la paupière tremble,
Tes yeux pleins de langueur;
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
Que tu fermes ton coeur.
— Turquety*

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrelas incertas, que as águas dormentes
Do mar vão ferir;

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Têm meiga expressão,
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; — causando tormento,
Com beijos nos pagam a dor de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,

Assim é que são;
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes falece,
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,
Desperta a chorar;
E mudo e sisudo, cismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
Às vezes do céu
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
Da pátria melhor;
Eu amo seus olhos que choram sem causa
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que falam de amores com tanta poesia.
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que falam de amores
Com tanta paixão.

INOCÊNCIA

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

— S. Beuve

Ó meu anjo, vem correndo,
Vem tremendo
Lançar-te nos braços meus;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim,
De carmim
Tinge um nada a cor mimosa;
É belo o pudor, mas choro,
E deploro
Que assim sejas medrosa.

Por inocente tens medo
De tão cedo,
De tão cedo ter amor;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura, como a flor.

Corre a vida pressurosa,
Como a rosa,
Como a rosa na corrente.
Amanhã terás amor?
Como a flor,
Como a flor fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzela
Pura e bela,
Cheia de meigo pudor;
Amanhã menos ardente
De repente
Talvez sintas meu amor.

PEDIDO

Ontem no baile
Não me atendias!
Não me atendias,
Quando eu falava.

De mim bem longe
Teu pensamento!!
Teu pensamento,
Bem longe errava.

Eu vi teus olhos
Sobre outros olhos!
Sobre outros olhos,
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso!
Com tal sorriso,
Que apunhalava.

Tu lhe falaste
Com voz tão doce!
Com voz tão doce,
Que me matava.

Oh! não lhe fales,
Não lhe sorrias,
Se então só qu'rias
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe fales,
Não lhe sorrias,

Não lhe sorrias,
Que era matar-me.

O DESENGANO

Já vigílias passei namorado,
Doces horas d'insônia passei,
Já meus olhos, d'amor fascinado,
Em ver só meu amor empreguei.

Meu amor era puro, extremoso,
Era amor que meu peito sentia,
Eram lavas de um fogo teimoso,
Eram notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
Era ver seu sorriso harmonia;
E os seus modos e gestos e ditos
Eram graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
Mais do que meigos sons de meiga lira?
Um dia o decifrou — não mais que um dia
Fingimento e mentira!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flor!
Por que tão cedo o talismã quebraste
Do nosso amor?

Por que num só instante assim partiste
Essa anosa cadeia?
De bom grado a sofreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza.
Qual em ondas de areia movediça,
Na mulher, — não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas asas
Doido e néscio cortei!

E tu vás caprichosa prosseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flores bem gentis;
Podes ir, que os meus olhos te não vejam;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'és feliz.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço,
Podes ir, que o teu nome nos meus lábios
Nunca mais soará!
Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Comigo morrerá!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flor!
Oh! que bem cedo o talismã quebraste
Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEUS AMORES

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!

— S. Beuve

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e galas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:
— Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce.
Quanto é bela esta vida assim vivida! —
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flor, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha
A beira-mar colhida!

Foi esta a infância minha; a juventude
Falou-me ao coração: — amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens
De rósea cor fagueira;
Aquele tinha um quê de anelos meigos
Artífice sublime;
Feiticeiro sorrir dos lábios dela
Prendeu-me o coração; — julguei-o ao menos.

Aquela outra sorria tristemente,
Como um anjo no exílio, ou como o cálix
De flor pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flor tão bela e tão cheirosa,
No seu deserto perfumando os ventos.
— Eu morrera feliz, dizia eu d'alma,
Se pudesse enxertar uma esperança
Naquela alma tão pura e tão formosa,

E um alegre sorrir nos lábios dela.

A fugaz borboleta as flores todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada:
Neste meu paraíso fui como ela,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perene e santo,
Não, nunca o senti; — somente o viço
Tão forte dos meus anos, por amores
Tão fáceis quanto indi'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deus! — Em vez do fruto
Sazonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colher, mordi no fruto
Pútrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glutão, que se não senta
À mesa de seus pais.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto dela,
Sua voz murmurou nos meus ouvidos,
— Eu te amo? — Ó anjo, que não possa eu crer-te!
Ela, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da desonra, em cujos lábios
Só mentira e traição eterno habitam.
Tem uma alma inocente, um rosto belo,
E amor nos olhos... — mas não posso crê-la.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo! —
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.
Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! — Eu que sou?
Meus olhos enxergam, em quanto duvida
Minha alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Mau grado meu, crer não posso,
Mau grado meu que assim é;
Queres ligar-te comigo
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai colar teu rosto,
Colar teu seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio dum finado.

Ou suplica a Deus comigo
Que me dê uma paixão;
Que me dê crença à minha alma,
E vida ao meu coração.

RECORDAÇÃO

Nessun maggior dolore...

— Dante

Quando em meu peito as aflições rebentam
Eivadas de sofrer acerbo e duro;
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em círculos de ferro, com tal força,
Que dele o sangue em borbotões golfeja;
Quando minha alma de sofrer cansada, .
Bem que afeita a sofrer, sequer não pode
Clamar: Senhor piedade; — e que os meus olhos
Rebeldes, uma lágrima não vertem
Do mar d'angústias que meu peito oprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós contigo, em prática serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, atentos
Sorvendo meus ouvidos, — nos teus olhos
Lendo os meus olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastara ainda
Porque de os ver me saciasse!... O pranto
Então dos olhos meus corre espontâneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martírios calar sinto em meu peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto sofre.

TRISTEZA

Que leda noite! — Este ar embalsamado,
Este silêncio harmônico da terra
Que sereno prazer n'alma cansada
Não espreme, não filtra, não difunde?
A brisa lá sussurra na folhagem
D'espessas matas, d'árvores robustas,
Que velam sempre e sós, que a Deus elevam
Misterioso coro, que do Bardo
A crença quase morta inda alimenta.
É esta a hora mágica de encantos,
Hora d'inspirações dos céus descidas,
Que em delírio de amor aos céus remontam.

Aqui da vida as lástimas infindas,
Do mirrado egoísmo a voz ruidosa
Não chegam; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,
Néscia de ruim futuro; ou queixa amarga
De decrépito velho, enfermo, exangue,
Nem do mancebo os ais doidos, preso
Ao leito do sofrer na flor da vida.

Aqui reina o silêncio, o religioso,
Morno sossego, que povoa as ruínas,
E o mausoléu soberbo, carcomido,
E o templo majestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'órgão solene.

Em puro céu a lua resplandece,

Melancólica e pura, semelhando
Gentil viúva que pranteia o extinto,
O belo esposo amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, mau grado a morte,
Ferventes orações chorar sobre ele.

Eu amo o céu assim, sem uma estrela,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
Num céu de nuvens, e o frescor da tarde,
E o silêncio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha.

Amo tudo o que dá no peito e n'alma
Tréguas ao recordar, tréguas ao pranto,
À v'emência da dor, à pertinácia
Tenaz e acerba de cruéis lembranças;
Amo estar só com Deus, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Sinal de compaixão achar entre eles.

Menti — um inda achei; mas este em ócio
Feliz descansa agora, enquanto aos ventos
E ao cru furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei; em céu diverso
Luzem com luz diversa estrelas d'ambos.
Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava
As duas uma só, — c'o mesmo brilho
Uma e outra nos céus meigas brilhavam!
Hoje cintila a dele, enquanto a minha
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
Meu Deus, foi bom assim! No imenso pego
Mais uma gota d'amargor que importa?
Que importa o fel na taça do absinto,
Ou uma dor de mais onde outras reinam?

O TROVADOR

*Ele cantava tudo o que merece de ser cantado;
o que há na terra de grande e de santo — o amor e a virtude.*

Numa terra antigamente
Existia um Trovador;
Na Lira sua inocente
Só cantava o seu amor.

Nenhum sarau se acabava
Sem a Lira de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzela, quer dona,
Que sentira comoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção;

De jasmins e de açucenas
A fronte sua adornou;
Mas só a rosa da amada
Na Lira amante poisou.

E o Trovador conheceu
Que era traído — por fim;
Pôs-se a andar, e só se ouvia
Nos seus lábios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo
A rosa de seu amor,
Que meia oculta se via
Na gorra do Trovador;

Como virgem bela, morta
Da idade na linda flor,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seu caminho
Gentil donzela encontrou:
Canta — disse; e as cordas d'ouro
Vibrando, o triste cantou.

“Teu rosto engraçado e belo
Tem a lindeza da flor;
Mas é risonho o teu rosto:
Não tens de sentir amor!

“Mas tão bem por esse dia
Que viverás, como a flor,
Mimosa, engraçada e bela,
Não tens de sentir amor!

“Oh! não queiras, por Deus, homem que tenha
Tingida a larga testa de palor;
Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
Não tens de sentir amor!

“Sorriso jovial te enfeita os lábios,
Nas faces de jasmim tens rósea cor;
Fundo amor não se ri, não é corado...
Não tens de sentir amor;

“Mas se queres amar, eu te aconselho,
Que não guerreiro, escolhe um trovador,
Que não tem um punhal, quando é traído,
Que vingue o seu amor.”

Do Trovador pelo rosto
Torva raiva se espalhou,
E a Lira sua, tremendo,
Sem cordas d'ouro ficou.

Mais além no seu caminho
Donzel garboso encontrou:
Canta — disse: e argênteas cordas
Pulsando, o triste cantou.

“Aos homens da mulher enganam sempre
O sorriso, o amor;
É este breve, como é breve aquele
Sorriso enganador.

“Teu peito por amor, Donzel, suspira,
Que é de jovens amar a formosura;
Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
Dos lindos lábios seus cospe a mentira!

“Já frenético amor cantei na lira,
Delícias já sorvi num seu sorriso,
Já venturas fruí do paraíso,
Em terna voz de amor, que era mentira!

“O amor é como a aragem que murmura
Da tarde no cair — pela folhagem;
Não volta o mesmo amor à formosura
Bem como nunca volta a mesma — aragem.

“Não queiras amar, não; pois que a'sperança
Se arroja além do amor por largo espaço.
Tens, brilhando ao sol, a forte lança,
Tens longa espada cintilante d'aço.

“Tens a fina armadura de Milão,
Tens luzente e brilhante capacete,
Tens adaga e punhal e bracelete
E, qual lúcido espelho, o morrião.
Tens fogoso corcel todo arreiado,
Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
Tens duelos, tens justas, tens torneios,
Que os fracos corações de medo cerro;
Tens pajens, tens valetes e escudeiros
E a marcha afoita, apercebida em guerra
Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

“Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
O gigante vulcão borbulha e ferve
E sulfúrea chama pelos ares lança,
Que após o seu cair torna-se fria;
Assim tu acharás petrificada,
Bem como a lava ardente do vulcão,
A lava que teu peito consumia
No peito da mulher — ou cinza o nada —
Não frio, mas gelado o coração!”

E o Trovador despeitoso
De prata as cordas quebrou,
E nas de chumbo seu fado
A lastimar começou.

“Que triste que é neste mundo
O fado dum Trovador!
Que triste que é! — bem que tenha,
Sua Lira e seu amor,

“Quando em festejos descanta,
Rasgado o peito com dor,
Mimoso tem de cantar
Na sua Lira — o amor!

“Como a um servo vil ordena
Um orgulhoso Senhor,
Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:
Quero descantes de amor!

“Diz-lhe o guerreiro, que apenas
Lidou em justas de amor:
— Minha dama quer ouvir-te,
Canta, truão trovador! —

“Manda a mulher que nos deixa
De beijos murchada flor:
— Canta, truão, quero ouvir-te,
Um terno canto de amor!

“Mas se a mulher, que ele adora
Atraíça o seu amor;
Embalde busca a seu lado
Um punhal — o Trovador!

“Se escuta palavras dela, —
Que a outros juram amor;
Embalde busca a seu lado
Um punhal — o Trovador!

“Se vê luzir de alguns lábios
Um sorriso mofador;
Embalde busca a seu lado
Um punhal — o Trovador!

“Que triste que é neste mundo
O fado dum Trovador!
Pesar lhe dá sua Lira,
Dá-lhe pesar seu amor!”

E o Trovador neste ponto
A corda extrema arrancou;

E num marco do caminho
A Lira sua quebrou:
Ninguém mais a voz sentida
Do Trovador escutou!

AMOR! DELÍRIO — ENGANO

*Y el llanto que en su cólera derrama,
La hoguera apaga del antiguo amor!*
— Zorrilla

Amor! delírio — engano... Sobre a terra
Amor tão bem fruí; a vida Inteira
Concentrei num só ponto — amá-la, e sempre.
Amei! — dedicação, ternura, extremos
Cismou meu coração, cismou minha alma,
— Minha alma que na taça da ventura
Vida breve d'amor sorveu gostosa.
Eu e ela, ambos nós, na terra ingrata
Oásis, paraíso, éden ou templo
Habitamos uma hora; e logo o tempo
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
Doce encanto que o amor nos fabricara.

E eu sempre a via!... quer nas nuvens d'ouro
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
Ou quer na branca nuvem que velava
O círculo da lua, — quer no manto
D'alvacenta neblina que baixava
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,
Da tarde no cair; nos céus, na terra,
A ela, a ela só, viam meus olhos.

Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;
Ouvia-os no gemer da parda rola,
No trépido correr da veia argêntea,
No respirar da brisa, no sussurro
Do arvoredado frondoso, na harmonia
Dos astros inefável; — o seu nome!

Nos fugitivos sons de alguma frauta,
Que da noite o silêncio realçavam,
Os ares e a amplidão divinizando,
Ouviam meus ouvidos; e de ouvi-lo
Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto dela
Não senti sua mão tremer na minha;
Não lhe escutei um lânguido suspiro,
Que vinha lá do peito à flor dos lábios
Deslizar-se e morrer?! Dos seus cabelos
A mágica fragrância respirando,
Escutando-lhe a voz doce e pausada,
Mil venturas colhi dos lábios dela,
Que instantes de prazer me futuravam.
Cada sorriso seu era uma esp'rança,
E cada esp'rança enlouquecer de amores.
E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
Saber que amor, à ingrata, havia eu dado;
Que afetos melindrosos, que em meu peito
Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
Oh! — não, — morra comigo o meu segredo;
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós comigo,
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
Da minha vida que farei, se acaso
Faltar-me o teu amor um só instante;
— Eu que só vivo por te amar, que apenas
O que sinto por ti a custo exprimo?
No mundo que farei, como estrangeiro
Pelas vagas cruéis à praia Inóspita
Exânime arrojado? — Eu, que isto disse,
Existo e penso — e não morri, — não morro
Do que outrora senti, do que ora sinto
De pensar nela, de a rever em sonhos,
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ela de mim jaz esquecida!
Esquecida talvez de amor tamanho,
Derramando talvez noutros ouvidos
Frases doces de amor, que dos seus lábios
Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes
Em êxtase divino aos céus me alçaram,
— Que dando à terra ingrata o que era terra
Minha alma além das nuvens transportaram.
Existo! como outrora, no meu peito
Férvido o coração pular sentindo,
Todo o fogo da vida derramando
Em queixas mulheris, em moles versos.

E ela!... ela talvez nos braços doutrem
Com sua vida alimenta uma outra vida,
Com o seu coração o de outro amante,
Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
Ela, que eu respeitei, que eu venerava
Como a relíquia santa! — a quem meus olhos,
Receando ofendê-la, tantas vezes
De castos e de humildes se abaixaram!
Ela, perante quem sentia eu presa
A voz nos lábios e a paixão no peito!
Ela, ídolo meu, a quem o orgulho,
A força d'homem, o sentir, vontade
Própria e minha dediquei, — sujeita
À voz de alguém que não sou eu, — desperta,
Talvez no instante em que de mim se lembra,
Por um ósculo frio, por carícias
Devidas dum esposo!...

Oh! não poder-te,
Abutre roedor, cruel ciúme,
Tua funda raiz e a imagem dela
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora,
Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe
Um quebrado suspiro do imo peito,
Que d'eras já passadas se recorda.
Hás de escutá-lo, e ver-lhe a cor do rosto
Enrubescer-se ao deparar contigo!
Presa serás também d'atros cuidados,
Terás ciúme, e sofrerás qual soffro:
Nem menor que o meu mal quero a vingança.

DELÍRIO

Quando dormimos o nosso espírito vela.
— Ésquilo

A noite quando durmo, esclarecendo
As trevas do meu sono,
Uma etérea visão vem assentar-se
Junto ao meu leito aflito!
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse
Um qual véu transparente,
Como que a alma pura ali se pinta
Ao través do semblante,
Eu a crera mulher... — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfrutaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, por que derramas
Sobre o meu rosto pálido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?
Por que teu coração exala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto, mas que vejo e sinto
Nos teus lábios morrer?
Por que esse gesto e mórbida postura
De macerado espírito,
Que vive entre aflições, que já nem sabe
Desfrutar um prazer?

Tu falas! tu que dizes? este acento,
Esta voz melindrosa,
Noutros tempos ouvi, porém mais leda;

Era um hino d'amor.
A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,
Que à noite vem nas asas do silêncio
Umedecer as faces
Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;
É acorde talvez d'harpa celeste,
Caído sobre a terra!

Balbucias uns sons, que eu mal percebo,
Doridos, compassados,
Fracos, mais fracos; — lágrimas despontam
Nos teus olhos brilhantes...
Choras! tu choras!... Para mim teus braços
Por força irresistível
Estendem-se, procuram-me; procuro-te
Em delírio afanoso.
Fatídico poder entre nós ambos
Ergueu alta barreira;
Ele te enlaça e prende... mal resistes...
Cedes enfim... acordo!

Acordo do meu sonho tormentoso,
E choro o meu sonhar!
E fecho os olhos, e de novo intento
O sonho reatar.
Embalde! porque a vida me tem preso;
E eu sou escravo seu!
Acordado ou dormindo, é triste a vida
Dês que o amor se perdeu.
Há contudo prazer em nos lembrarmos
Da passada ventura,
Como o que educa flores vicejantes
Em triste sepultura.

EPICÉDIO

Passa la bella donna e par che dorma.
— Tasso

Seu rosto pálido e belo
Já não tem vida nem cor!
Sobre ele a morte descansa,
Envolta em baço palor.

Cerraram-se olhos tão puros,
Que tinham tanto fulgor;
Coração que tanto amava
Já hoje não sente amor;

Que o anjo belo da morte
A par desse anjo baixou!
Trocaram brandas palavras,
Que Deus somente escutou.

Ventura, prazer, ledice
Duma outra vida contou;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra enjeitou.

Depois co'as asas candentes
O formoso anjo do céu
Roçou-lhe a face mimosa,
Cobriu-lhe o rosto co'um véu.

Depois o corpo engraçado
Deixou à terra sem vida,
De ténue palor coberto,
— Verniz de estátua esquecida.

E bela assim, como um lírio
Murcho da sesta ao ardor,
Teve a inocência dos anjos,
Tendo o viver duma flor.

Foi breve! — mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deus que a criara
Alma inda virgem levou.

Sai da larva a borboleta,
Sai da rocha o diamante,
De um cadáver mudo e frio
Sai uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos tais;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céu de mais.

SOFRIMENTO

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo
Que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E sofre até morrer!

A flor ao menos, nesse breve espaço
Do seu doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz consigo prazer;
E o homem nasce e vive um só instante:
E sofre até morrer!

Meu peito de gemer já está cansado,
Meus olhos de chorar;
E eu sofro ainda, e já não posso alívio
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dor,
Meus anos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que embalde procurei, na flor, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pálido espectro,
Que da campa fugiu;
Flor ceifada em botão; imagem triste
De um ente que existiu...

Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sobre a terra,
Quando me aflige a dor,
Minha alma aos céus se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flor.

E eu bendigo o teu nome eterno e santo,
Bendigo a minha dor,
Que vai além da terra aos céus infintos
Prender-me ao criador.

Bendigo o nome teu, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não há só trevas,
E nem há só penar.

VISÕES

I — Prodígio

Naquele instante em que vacila a mente
Do sono ao despertar, quando pejada
Vem doutros mundos de visões etéreas;
Quando sobre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos
Era a minha visão, real não era;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?
Foi capricho falaz da fantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sobre uma vasta capital! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
Às portas férreas, largas, vi sentados.
Melhor do que um pintor ou estatuário
A morte, que de súbito os colhera
No ardor, no afã da vida, conservou-lhes
A ação — partida em meio, com tal força,
Que a mente seu malgrado a completava.
Um tinha os lábios entreabertos; outro
Parecia sorrir; mais longe aquele
Derramava um segredo, baixo, a medo,
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda
Com rosto carregado e barba hirsuta,
Nas mãos calosas sopesava a lança.
Dos mercadores na comprida rua
Passavam muitos compradores; — este
Contava montes d'oiro; — à luz aquele
Expunha a seda do Indostão, de Tiro
A púrpura brilhante, a damasquina
Custosa tela entretecida d'oiro.
Cortês sorrindo, o mercador gabava
As cores vivas, o tecido, o corpo

Do estofo que vendia. Nos serralhos
Era o Eunuco imperfeito; das Mesquitas
Bradava à prece o Muezim...

— Num largo,
Fofa e vasto divã sentado, um velho
Os versos lia do Alcorão; — só ele
Dentre tanto punir ficara ileso.

II — A Cruz

Era um templo d'arábica estrutura,
Majestoso, elegante; — além das nuvens
Se entranhava nos céus subtil a agulha;
Sobre o zimbório retumbante e vasto
Ondas e ondas de vapor cresciam.
Dentro corriam três compridas naves
Sobre dois renques de colunas, onde
Baixos-relevos da sagrada história
Da base ao capitel se emaranhavam.
Ardia a luz na alâmpada sagrada;
No sagrado instrumento o som dormia.

Junto à cruz — da fachada egrégia pompa —
Muitos homens eu vi de torvo aspecto;
Muitos outros, servis, com mão armada
Profundos golpes entalhavam nela.
Um daqueles no entanto assim falava:

“Quando esta humilde cruz rojar por terra,
Levando a crença de Jesus consigo,
Nós outros, da verdade Sacerdotes,
Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros
Que desvendamos a impostura, o erro,
A mentira sagaz, a crença louca,
Entrada fácil da razão no templo
Teremos todos, e de então no trono,

Do néscio vulgo imparciais sob'ranos,
Santos juízes da verdade santa,
Pregaremos o justo, a paz, concórdia
E os seus deveres que dimanam fáceis
Do amor do lucro e do interesse; todos
— Vassalos da razão, nossos vassalos —
Um éden terreal farão do mundo.”

No entanto aos crebros golpes do machado
A cruz pendia oblíqua sobre a terra.
Criando novas forças com tal vista,
Os operários mais frequentes golpes
Repetem, vibram, continuam; — soa
Por toda a parte o eco, — o som, mais longe,
Retumba, morre — e novamente ecoa.
Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sobe
Uníssonos e geral!...

Como sois grande,
Senhor, Senhor meu Deus? — Eu vi, morrendo,
Os obreiros cair; e a cruz erguer-se,
Como aos raios do sol a flor mimosa
Que a raiva do tufão vergara insana.

III — Passamento

Era um quarto espaçoso; — ali se viam
Rojar no pavimento, há pouco, as sedas,
Ricos tapetes multicolor bordados,
E franjas complicadas dum céu d'ouro
Pendentes, — vastos rases narradores
De lenda pia ou de briosos feitos.
Mas de tanto luzir, de tanto ornato
Ora por mãos avaras depredado
O vasto d'área revelava aos olhos,
Tendo num canto escuro um leito apenas.
Do leito alguém rasgara o cortinado.
E da curva armação polida e bela
Aqui, ali, pendia a seda em fios,
Bem como tranças de mulher formosa

Por sobre o seio nu. — Ali no leito
Jazia um moribundo; em torno os olhos
Cheios de pasmo e de terror volvia,
Bebendo pelos sôfregos ouvidos
Mal sentido rumor doutro aposento.
Confusas vozes, altercar ruidoso,
E o tinir de metal ouvia apenas!
Então por vezes três no leito aflito
Erguer-se maquinou de raiva insano!
Por três vezes caiu, gemendo, sobre
O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios
Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso
Da vida o amor debate-se nas ânsias
Desse passo fatal...
— Eis nisto à porta
Um Padre assoma, — dentre as mãos erguidas
Da hóstia santa resplendor luzia;
E palavras de paz, de amor, divinas,
Que nos lábios do justo Deus entorna,
Abundantes soltava. Longos anos
De piedoso sofrer o corpo enfermo
Alquebraram por fim: as cãs nevadas
Raras tremiam sobre a testa, como
Tremia na garganta a voz cansada.

Dizia o bom do velho: — “Irmão, nas ânsias,
No extremo agonizar da morte amiga
Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha
Esse divino amor, que só lá morri,
Que filtra por nossa alma, que nos deixa
Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
Do que a terra sói dar...

Infames, tredos,
Bufarinheiros de palavras, corvos
De negro, feio agoiro, que esvoaçam

Com grito grasnador por sobre o campo,
Onde a peleja de reinar começa;
Dizes-me tu — a mim! a mim que ao foro
Caminho inda hoje entre alas de clientes,
Que só me visto de veludo e d’oiro,
Enquanto vives de burel coberto,
Co’os lábios sobre o pó mordendo a terra!
Dizes-me tu a mim!...”

Ergueu-se, o corpo
Caiu de fraco sobre o leito; o velho
No entanto humilde orava, que alma santa
Do mal cabido insulto não se ofende.

Jeová, que entre miríades
Vives de estrelas formosas,
Que das flores melindrosas
Da terra — os anjos formaste;
Jeová, que pela água
Lustrar quiseste o Messias,
Que ao beato, ao santo Elias
Nas chamas purificaste;
Jeová, que a mente apuras
No fogo do sofrimento,
Que divino alto portento
Deste fazer à Moisés,
Quando a negra rocha dura
Tocando co’a tênue vara,
Rebentou a linfa clara.
Lambendo-lhe mansa os pés:

Jeová, que eterno existes,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céu e a terra,
Que te chamas — o que é,
— Faz, Senhor d’altos prodígios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida

Sem sentir a santa fé.

E tu, Cristo, que sofreste
Martírios por nosso amor,
Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem és.
Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rochedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividiam
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Iam de rosto a rosto, fuzilando
Ameaças de morte.

No entanto o velho exânime e sem forças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inútil presa a terra
Com toda a força d'alma, — agora em ânsias
Sentia o hálito vital fugir-lhe,
E a terra abandoná-lo.

Estua-lhe a dor no peito aflito!...
Só não chorava, que do pranto a fonte
Jazia extinta; mas pensava triste:
— Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
Do extremo agonizar

E a mente, já medrosa, em feio quadro
lhe pintava os seus feitos: — A vingança,
Que tão grande prazer lhe tinha sido,
Ora em martírios se tornava; a chusma
Dos homicídios seus crescia torva,

E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
Prejuízos do vulgo; — assim dizendo
Os vãos fantasmas repelir buscava.
Mas a crença infantil, os prejuízos
Do néscio vulgo, ríspidos tornavam,
Como inseto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos.
Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,
Que as sombras nos ouvidos lhe falavam,
E mais distintas se pintavam n'alma
— Tão bem molesta, qual se pinta o corpo
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando
Narrava uma após outra, sobre o peito
Mostrando o golpe fúnebre e cruento;
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo
Parecia sorrir!... era qual louco
Que sofre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sobre o leito delirante; as sombras
Voam sobre ele, e em círculo se ordenam.
O moribundo a esta, a aquela, a todas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com ele
Fugir sentia; o pavimento, a casa
Rápido rodava; a terra e tudo,
Como aos soluços dum vulcão tremendo,
As forças lhe tolhiam.

E o orgulhoso que feliz vivera,
Movendo a seu bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto,
Ora mesquinho, solitário e louco,
Face a face, lutando com seus crimes,
Morria impenitente.

IV

*Era o vulto de um homem morto que afastando o sudário se ia erguer do túmulo
para revelar alguns dos temerosos mistérios, que encerra a aparente quietação
dos sepulcros.*
— O Presbítero

O negrume da noite avulta; e cresce
Mais feia a escuridão
À luz da sacra pira que derrama
Frouxo e túbio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;
Apenas fraco soa
Da torre o bronze, que a noturna brisa
De rumores povoa.

Mas eis que de um sepulcro a pedra fria
S'ergue e sobre outras cai.
Não se escuta rumor! — da campa livre
Medroso espectro sai.

O rosto ossificado em tomo volve,
Volve a suja caveira;
Do liso crânio os longos dedos varrem
A fúnebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lágrimas chorava
Do negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao órgão se assentou!
Já não dormem os sons, não dormem ecos...
— O triste assim cantou:

“Onde estás, meu amor, meus encantos,
Por quem só me pesava morrer,
Doce encanto que a vida me prendes,
Que inda em morto me fazes sofrer?

“Doce amor, minha vida no mundo,
Desse mundo em que parte serás;
Em que cismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meu amor, onde estás?

“Ah! debalde na campa gelada,
Fria morte me pôde deitar!
Foi debalde, — que eu sinto, que eu ardo;
Foi debalde, — que eu amo a penar.

“Ah! se eu triste no mundo pudesse
Como outrora viver, respirar...
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulcro não pode apagar.

“Onde estás? — Já da morte o bafejo
Por teu rosto divino roçou;
Já na campa descansas finada,

Que o teu corpo sem vida tragou?

“Mas a morte não pode impiedosa
Crua foice vibrar contra til
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu sofro
Crus ardores quais sempre sofri.

"E eu não posso o teu nome à noitinha
Entre as folhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas asas da brisa,
Nem teu sono de sonhos doirar.

“Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teu lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só ruidoso da vida que amei.

“Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meu peito varou,
Quando a fácil conversa de amores
Teu marido cioso quebrou?!

“Desde então hei penado sozinho,
Verte sangue meu peito — de então;
Pode a morte acabar-me a existência,
Mas delir-me não pode a paixão!

“Nosso adúltero afeto no mundo
Não se acaba; — assim quis o Senhor!
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado
Teus encantos gentis, teu amor.

“Por te amar outras fráguas sofrera,
Outros transes e dor e penar;
Oh! poder que eu pudesse outra vida
E outro inferno sofrer por te amar!”

Mas da aurora já raiava
 Macio e brando clarão;
Macia e branda a canção
 Do negro espectro soava.

E medroso se colava
 Ao órgão seu negro véu,
Que imiga não se ajuntava
 Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia
 O negro espectro; a canção
Pouco a pouco enfraquecia:
 Do dia ao ténue clarão,

Era o cantar um sóido
 Fraco, incerto e duvidoso;
Era o vulto pavoroso
 Duma sombra vão tremido.

V — A Morte

*Dans sa doileur elle se trouvail
malheurese d'être immortelle.*
— Fénelon

Da aurora vinha nascendo
O grato e belo clarão;
Eu sonhava! já mais brandos
Eram meus sonhos então.

Condensou-se o ar num ponto,
Cresceu o subtil vapor;
Vi formada uma beleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim;
Tinha um quê de cera junto
À nitidez do marfim.

— “Quem és tu, visão celeste,
Belo Arcanjo do Senhor?”
Respondeu-me: — “Sou a Morte,
Cru fantasma de terror?”

— Ah lhe tornei: És a morte,
Tão formosa e tão cruel!
— Correndo o mundo sozinha
No meu pálido corcel, —

Assim dizia — “Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meus deveres
Sem pesar, sem aflição?”

— Que inda em flor da vida arranco
Ao jovem, sem compaixão,
A donzela pudibunda
Ou ao longo tempo ancião?

— Oh! não, que eu sofro martírios
Do que faço ao mais sofrer,
Sofro dor de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dor me cura
Um pensamento, que é meu, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem p’ra o céu.

— Faço ao triste erguer os olhos

Para a celeste mansão;
Em lábios que nunca oraram
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura
Os vícios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dor;
Sou quem prendo aos céus a terra,

Sou quem ligo a criatura
Ao ser do seu Criador.
— Mas qu'importa? Sem descanso
É-me forçoso marchar,

Abater ímpias fronte,
Régias fronte decepar.
— Passar ao través dos homens,
Como um vento abrasador;

Como entre o feno maduro
A foice do segador.
— E prostrar uma após outra
Geração e geração,

Como peste que só reina
Em meio da solidão.” —
Desponta o sol radioso
Entre nuvens de carmim:

Cessa o canto pesaroso,
Como corda áurea de Lira,
Que se parte, que suspira
Dando um gemido sem fim.

O VATE
No Álbum de um Poeta

*Moi... j'aimerai la victoire;
Pour mon coeur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,
Et jamais le laurier qui pare d'autre têtes
Ne jeta d'ombre sur mon front.*
— V. Hugo

Vate! Vate! que és tu? — Nos seus extremos
Fadou-te Deus um coração de amores,
Fadou-te uma alma acesa borbulhando
Ardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

Vote! vote! que és tu? — Foste ao princípio
Sacerdote e profeta;
Eram nos céus teus cantos uma prece,
Na terra um vaticínio.
E ele cantava então: — Jeová me disse,
Majestoso e terrível.

“Vês tu Jerusalém como orgulhosa
Campeã entre as nações, como no Líbano
Um cedro a cuja sombra a hissope cresce?
Breve a minha ira transformada em raios
Sobre ela cairá;
Um fero vencedor dentro em seus muros
Tributária a fará;
E quando escravos seus filhos, sobre pedra
Pedra não ficará.”

E os réprobos de saco se vestiam,

Em pó, em cinza envoltos;
E colando co'a terra os torpes lábios,
E açoitando co'as mãos o peito imbele,
Senhor! Senhor! — clamavam.

E o vate entanto o pálido semblante
Meditabundo sobre as mãos firmara,
Suplicando ao Senhor do interno d'alma.
Foram santos então. — Homero o mundo
Criou segunda vez, — o inferno o Dante, —
Milton o paraíso, — foram grandes!

E hoje!... em nosso exílio erramos tristes,
Mimosa esp'rança ao infeliz legando.
Maldizendo a soberba, o crime, os vicio;
E o infeliz se consola, e o grande treme.
Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao mísero raquítico:
Somos hoje Cristãos.

À MORTE PREMATURA DA IL.MA SRA. D.
(no Álbum de seu Irmão Da. J. D. Lisboa Serra)

*On dirait que le ciel aux coeurs plus magnanimes
Measure plus de maux.*
— Lamartine

*Perfeita formosura em tenra idade
Qual flor, que antecipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.*
— Camões (Soneto)

Lá, bem longe daqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brasil os bosques brandamente
Faziam balançar, — e que espalhavam
No éter encantado odor, pureza -
Do que a rosa mais bela, — meiga e casta,
 Como as virgens do sol,
Que de vezes não foi ela pendente
Dos braços fraternais em meigo abraço;
Como mimosa flor presa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergôntea débil
 Lhe ampara docemente...

E o irmão que só nela se revia,
O irmão que a adorava, qual se adora
 Um mimo do Senhor;
Que a tinha por farol, conforto e guia,
Os seus dias contava por encantos;
E as virtudes co'os dias pleiteavam.

E ela morreu no viço de seus anos!...
E a laje fria e muda dos sepulcros
Se fechou sobre o ente esmorecido

Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças!...

Campa! campá! que de terror incutes!
Quanto esse teu silêncio me horroriza!
E quanto se assemelha a tua calma
À do cruel malvado que impassível
Contempla a sua vítima torcer-se
Em convulsões horríveis, desp'radas;
Cruas vascas da morte!...
Quem tão má fé te criou?
Tu que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças?!

O farol se apagou? a luz sumiu-se!
Como o fugaz clarão do meteoro,
Extinguiu-se a esperança; e o malfadado
Sobre a terra deserta em vão procura
Traços dessa que amou, que tanto o amara,
Da jovem companheira de seus brincos,
Pesares e alegrias.
Ele a procurai... o viajor pasmado
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do plano,
Destroços e ruínas encontrando,
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a troco de meu sangue
Poupar-te dessas lágrimas metade!
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso.
Que tanto me compraz ver-te nos lábios,
Inda uma vez brilhasse!
E essa existência,

Que tão cara me é, ta visse eu leda,
E feliz como a vida dos Arcanjos!
Infeliz é quem chora: ela finou-se,
Porque os anjos à terra não pertencem:
Mas lá dos imortais sobre os teus dias
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, cândidas rosas, açucenas,
 Vinde, roxas saudades;
Orvalhai, tristes lágrimas, as c'roas,
Que hão de a campa adornar por mim depostas
Em holocausto à vítima da morte.
Inocência, pudor, beleza e graça
Com ela nessa campa adormeceram.
Anjo no coração, anjo no rosto,
Devera o amor chorar sobre o teu seio,
Que não grinaldas fúnebres tecer-te;
Devera voz d'esposo acalentar-te
O sono da inocência, — não grosseira
Canção de trovador não conhecido.

Coimbra, junho de 1841.

A MENDIGA

*Donnez: —
Et quand vous paraîtrez devant juge austère
Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,
Je puis la demander aux cieux!*
— Turquety

I

Eu sonhei durante a noite...
Que triste foi meu sonhar!
Era uma noite medonha,
Sem estrelas, sem luar.

E ao través do manto escuro
Das trevas, meus olhos viam
Triste mendiga formosa,
Qu'infortúnios consumiam.

Era uma pobre mendiga,
Porém, cândida donzela;
Pudibunda, afável, doce,
Amorosa, e casta, e bela.

Vestia rotos andrajos,
Que o seu corpo mal cobriam;
Por vergonha os olhos dela
Sobre ela se não volviam.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sede, — e o pranto

Nos seus olhos borbilhava.

E qual vemos dos céus descendo rápido
Um fugaz meteoro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — Parou sobre ela,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Simpática, indizível pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enferma e chora. — Ela no peito
Menor sentiu a dor, e humilde orava.

II

De um vasto edifício nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, diziam,
Secreto concílio de sócios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só faziam.

Defronte um palácio soberbo se erguia,
E dele partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orquestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palácio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Eflúvios de incenso nos ares corriam
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga ali ‘stava ao relento,
Com fome, com frio, com sede e com dor;
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da glória o fulgor.

E à porta do vasto sombrio edifício

Um vulto chegou.
— Senhor, uma esmola! bradou-lhe a mendiga
E o vulto parou.

E rude no acento, no aspecto severo,
Lhe disse: — O teu nome?
Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,
Que eu morro de fome.

— Não, dizes teu nome? lhe torna o soberbo
— Sou órfã, sozinha;
Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
Se eu choro mesquinha!

— Em vis meretrizes não cabe esse orgulho,
Tornou-lhe o Senhor,
Que à noite, nas trevas, contratam no crime,
Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido à piedade
Com força batia;
Co'o peso do insulto acrescido à crueza,
A triste gemia.

III

Ouvi depois um rodar que a todo o instante
Mais distinto se ouvia; e logo um forte,
Fascinador clarão por toda a rua
Se derramou soberbo. — Infundos pajens
Ricas librés trajando, mil archotes
Nos ares revolviam; — fortes, rápidos,
Fumegantes corcéis, sorvendo a terra,
Tiravam rica sege melindrosa.
Sobre a terra saltou airosa e bela
A dona, em frente do festivo paço;

E a mendiga bradou: — Senhora minha,
Dai uma esmola, dai! — À voz dorida
Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
Não era o coração; — foi-lhe importuno,
Mais que importuno... da mesquinha o grito!
E da mendiga o protetor celeste
Parecia falar em favor dela;
E a rica dona o escutava, como
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
E eu dizia também — Ó bela Dona,
Dai-lhe uma esmola, daí; — de que vos serve
Um óbolo mesquinha, que não pode
Sequer um dixe sem valor comprar-vos?
Ah! bela como sois, que vos importam
Custosas flores, com que ornais a fronte?
Para a salvar do vórtice do crime,
O preço delas, uma só, da coisa,
Que sem valor julgardes, é bastante.
Sabeis? — Além da vida, além da morte,
Quando deixardes o oiropel na campa,
Quando subirdes do Senhor ao trono,
Sem andrajos sequer, também mendiga,
Ali tereis as lágrimas do pobre,
A bênção do afligido, a prece ardente
Do que sofrendo vos bendisse, — ó Dona.

.....
Fechou-se a porta festival sobre ela!
E a donzela se ergueu, corou de pejo,
Lançando os olhos pela rua escusa,
E segura no andar, e firme, à porta
Do palácio bateu — entrou — sumiu-se.

E o anjo, como aflito sob um peso,
Um gemido soltou; era uma nota
Melancólica e triste, — era um suspiro
Mavioso de virgem, — um sóido
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,

Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV

Dos muros ao través meus olhos viram
Soberba roda de convivas, — todos
Veludos, sedas, e custosas galas
Trajavam senhoris. — Reinava o jogo
Avaro e grave, leda e viva a dança
Em vórtices girava, a orquestra doce
Cantava oculta; condensados, bastos,
Em redor do banquete estavam muitos.
A mendiga ali estava, — não trajando
Sujos farrapos, mas delgadas telas.
Choviam brindes e canções e vivas
À Deusa airoso do banquete; todos
Um volver dos seus olhos, um sorriso,
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
Cobiçavam rivais; — e ali com ela,
Como um raio do sol por entre as nuvens
Lá na quadra hibernal penetra a custo
Quase sem vida, sem calor, sem força,
Menos brilhante vi seu anjo belo.
Nos curtos lábios da feliz mendiga
Passava rápido um sorriso às vezes;
Outras chorava, no volver do rosto,
Na taça do prazer sorvendo o pranto.
Encontradas paixões sentia o anjo:
Parecia chorar co'o seu sorriso,
Parecia sorrir co'o choro dela.

A ESCRAVA

*O bien qu'aucun bien ne peut rendre!
Patrie! doux nom que l'exil fait comprendre!*
— Marino Faliero

Oh! doce país de Congo
Doces terras d'além-mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia
De vasta, imensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração!

Onde a leda caravana
Rasga o caminho passando,
Onde bem longe se escuta
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista
O turbante muçulmano,
O Iatagã recurvado,
Preso à cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
Se espelha, como no mar;
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além-mar!

Quando a noite sobre a terra
Desenrolava o seu véu,
Quando sequer uma estrela

Não se pintava no céu;

Quando só se ouvia o sopro
De mansa brisa fagueira,
Eu o aguardava — sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
Dele à base uma corrente
Despenhada sobre pedras,
Murmurava docemente.

E ele às vezes me dizia:
— Minha Alsgá, não tenhas medo;
Vem comigo, vem sentar-te
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
— Irei contigo. onde fores! -
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meus amores.

Ele depois me tornava
Sobre o rochedo — sorrindo.
— As águas desta corrente
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá; depois morrer
Só nos resta!... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno voves

Espantados — Ah! também
Arfa o teu peito ansiado!...
Acaso temes alguém?

Não receies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente;
Minha voz mesmo se perde
No fragor desta corrente.

Minha Alsgá, porque estremecees?
Porque me foges assim?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me foge a mim!

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente?
Quem o ouviu? — o som perdeu-se
No fragor desta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar!
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além-mar!

Do ríspido senhor a voz irada
Rábida soa,
Sem o pranto enxugar a triste escrava
Pávida voa.

Mas era em mora por cismar na terra,
Onde nascera,
Onde vivera tão ditosa, e onde

Morrer devera!

Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento.
Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 agosto.

Mais um pungir de acérrima saudade,
Mais um canto de lágrimas ardentes,
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo: da minha alma
Foi uma lira outrora o instrumento;
Cantava nela amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexorável
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!
As lágrimas dos olhos me caíram,
E a minha lira emudeceu de mágoa!
Então aventei eu que a vida inteira
Do bardo, era um perene sacerdócio
De lágrimas e dor; — tomei uma Harpa:
Na corda da aflição gemeu minha alma,
Foi meu primeiro canto um epicédio!
Minha alma batizou-se em pranto amargo,
Na frágua do sofrer purificou-se!

Lancei depois meus olhos sobre o mundo,
Cantor do sofrimento e da amargura;
E vi que a dor aos homens circundava,
Como em roda da terra o mar se estreita;
Que apenas desfrutamos, — miserandos!
Desbotado prazer entre mil dores,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deus o meu esp'rito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:
— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou por que a tua voz onipotente
Não fez secar da minha vida a sebe,
Quando eu era principio e feto — apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:
— Ardam teus dias como o feno, — ou durem
Como o fogo de tocha resinosa,
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho.
Não deixes de cantar, ó triste bardo. -

E as cordas da minha harpa — da primeira
À extrema — da maior à mais pequena,
Nas asas do tufão — entre perfumes,
Um cântico de amores exaltaram
Ao trono do Senhor; — e eu disse às turbas:
— Ele nos faz gemer porque nos ama;
Vem o perdão nas lágrimas contritas,

Nas asas do sofrer desce a demência;
Sobre quem chora mais ele mais vela!
Seu amor divinal é como a lâmpada,
Na abóbada dum templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opacas trevas.

Eu o conheço: — o cântico do bardo
É bálsamo ao que morre, — é lenitivo,
Mas doloroso, mas funéreo e triste
A quem lhe carpe infausto a morte crua.
Mas quando a alma do justo, espedaçando
O invólucro de lodo, aos céus remonta,
Como estrada de luz correndo os astros,
Seguindo o som dos cânticos dos anjos

Que na presença do Senhor se elevam;
Choro... tão bem Jesus chorou a Lázaro!
Mas na excelsa visão que se me antolha
Bebo consolações, — minha alma anseia
A hora em que também há de asilar-se
No seio imenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo: porém quando sentires
O pranto nos teus olhos condensar-se,
Que já não pode mais banhar-te as faces,
Ergue os olhos ao céu, onde a luz mora,
Onde o orvalho se cria, onde parece
Que a tímida esperança nasce e habita.
E se eu — feliz! — puder inda algum dia
Ferir por teu respeito na minha harpa
A leda corda onde o prazer palpita,
A corda do prazer que ainda inteira,
Que virgem de emoção inda conservo,
Suspenderei minha harpa dalgum tronco
Em of'renda à fortuna; — ali sozinha,
Tangida pelo sopro só do vento,
Há de mistérios conversar co'a noite.
De acorde estreme perfumando as brisas:
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros
Que não há de cantar a desventura,
Tendo cantos gentis vibrado nela.

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
— Virgílio

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint
— Schiller

A aurora vem despontando,
Não tarda o sol a raiar:
Cantam aves, — a natura
Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
Onda queixosa murmura,
Bem mansa aragem fagueira
Entre a folhagem sussurra.

É hora cheia de encantos,
E hora cheia de amor;
A relva brilha enfeitada,
Mais fresca se mostra a flor.

Esbelta joga a fragata,
Como um corcel a nitrir;
Suspensa a amarra tem presa,
Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
Leve barco vem vogando;
Nele um velho cujas faces
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
Que chorava,
Por assim deixar seus lares,
Que deixava?

“Ancião, por que te ausentas?
Corres tu trás de ventura?
Louco! a morte já vem perto.
Tens aberta a sepultura.

“Louco velho, já não sentes
Bater frouxo o coração? .
Oh! que o sente! — É lei d'exílio
A que o leva em tal sação!

“Não ver mais a cara pátria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava!...

“Oh! que é má pena de morte,
A pena de proscricção;
Traz dores que martirizam,
Negra dor de coração!

“Pobre velho! — longe, longe
Vás sustento mendigar;
Tens de sofrer novas dores,
Novos males que penar.

“Não t'há de valer a idade,
Nem a dor tamanho e nobre;

Tens de tragar vis afrontas,
— Insultos que sofre o pobre!

“Nada acharás no degredo,
Que fale dos filhos teus;
Ninguém sente a dor do pobre...
Só te fica a mão de Deus.

“O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
Noutros climas, noutras terras
Não verás raiar assim.

“Não verás a rocha erguida,
Onde t’ias assentar;
Nem o som bem conhecido
Do teu sino hás de escutar.

“Há de cair sobre as ondas
O pranto do teu sofrer,
E nesse abismo salgado,
Salgado se há de perder.”

Já chegou junto à fragata,
Já na escada de apoiou,
Já com voz intercortada
Último adeus soluçou.

Canta o nauta, e solta as velas
Ao vento que o vai guiar;
E a fragata mui veleira
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silêncio
A calva testa dobrou,

E pranto mais abundante
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
Do navio, que partiu;
Mais além — inda se avista!
Mais além — já se sumiu!

O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
Terrível seu olhar;
E o cenho carregado pretendia
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
Fervia-lhe o rancor!
E aos demais homens, como um cedro à relva,
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,
Dentro do humilde lar,
Quisera, antes que os dele, ver um Tigre
Os olhos fuzilar:

Que a um filho seu talvez quisera o nobre
Para um Executor;
Ou para o leito infesto alguma filha
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
Algum pobre ancião
Já sobre o seu sepulcro, desejando
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorreram;
E eis que ele se sumiu!
E a laje dos sepulcros fria e muda
Sobre ele já caiu.

E o bárbaro tropel dos que o serviam

Exulta com seu fim!
E a turba aplaude; e ninguém chora a morte
De homem tão ruim.

O COMETA
Ao Sr. Francisco Sotero dos Reis

*Non est potestas, quae comparetur ei qui
factus est ut nullum timeret.*
— Job

Eis nos céus rutilando ígneo cometa!
A imensa cabeleira o espaço alastra,
E o núcleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacento luzir verte agoireiro
Sobre a pávida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos lábios removei a taça ingente,
Que em vossas festas gira; eis que rutila
O sanguíneo cometa em céus infindos!...
Pobres mortais, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;
Como indócil corcel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Onipotente.
Ao fim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em fúria,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, néscio de si, livre de ferros,
De encontro às duras rochas, — tal progride
O cometa incansável.

Se na marcha veloz encontra um mundo,

O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilham no espaço
A esmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto doutro mundo acaso passa,
Consigo o arrasta e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com ele, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviatã perturba os mares,
Ele perturba o espaço; — como a lava,
Ele marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,
— Às vezes o infinito.

Ele carece então da eternidade!
E aos homens diz — e majestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longe
Se entranha em céus sem fim, como se perde
Um barco no horizonte!

O OIRO

Oiro, — poder, encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que dás honra e valor, virtude e força,
Que tens ofertas, oblações e altares, —
Embora teu louvor cante na lira
Vendido Menestrel que pôde insano
Do grande à porta renegar seu gênio!
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sobre a terra, à noite,
Meu corpo lanço, descansando a fronte
Num tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meu dossel de nuvens
Que tem gravados cintilantes mundos!
Com a vista no céu percorro os astros.
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calam n'alma
D'amor ardente enlevos indizíveis;
Se tento às gentes redizer seu nome,
Queimadoras palavras se atropelam
Nos meus lábios; — profética harmonia
Meu peito anseia, e em borbotões se expande.
Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teus prodígios, teu poder imenso:
O pai ao filho o diz, um sec'lo a outro,
A terra ao céu, o tempo à eternidade!

Do mundo as ilusões, vaidade, engano.
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto -
Tudo esse nome arrasta, prostra e some;
Como aos raios do sol desfeito o gelo,

Que em ondas corre no pendor do monte,
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
Consigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO

Oferecida à exma. Sra. D. M. L. L. V.

I

Gentil, engraçado infante
Nos teus jogos inconstante,
Que tens tão belo semblante,
Que vives sempre a brincar,
— Dos teus brinquedos te esqueces
À noitinha, — e te entristeces
Como a bonina, — e adormeces,
Adormeces a sonhar!

II

Infante, serão as cores
De várias, viçosas flores,
Ou são da aurora os fulgores
Que vem teus sonhos doirar?
Foi de algum ente celeste,
Que de luzeiros se veste,
Ou da brisa é que aprendeste,
Que aprendeste a suspirar?

III

Tens no rosto afogueado
Um qual retrato acabado
De um sentir aventurado,
Que te ri no coração;
É talvez a voz mimosa
De uma fada caprichosa,
Que te promete amorosa,

Algum brilhante condão!

IV

Ou por ventura és contente,
Porque no sonho, que mente,
Fantasiaste inocente
Algum dos brinquedos teus!...
Senhor, tens bondade infinda!
Fizeste a aurora bem linda,
Criaste na vida ainda
Um'outra aurora dos céus.

V

O som da corrente pura,
A folhagem que sussurra,
Um acento de ternura,
De ternura divinal;
A indizível harmonia
Dos astros no fim do dia,
A voz que Mêmnon dizia,
Que dizia matinal;

VI

Nada disto tem o encanto,
Nada disto pode tanto
Como o risonho quebranto,
Divino — do seu dormir:
Que nada há como a Donzela
Pensativa, doce e bela,
E a comparar-se com ela...
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando
Despertas do sono brando

Assustado e soluçando...
Foi uma revelação!
Esta vida acerba e dura
Por um dia de ventura
Dá-nos anos de amargura
E fráguas do coração.

VIII

Só aquele que da morte
Sofreu o terrível corte,
Não tem dores que suporte,
Nem sonhos o acordarão:
Gentil infante, engraçado,
Que vives tão sem cuidado,
Serás homem — mal pecado!
Findará teu sonho então.

MISERRIMUS

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra
O robre secular espalha a coma,
Que o rábido tufão cortou de morte.
Despida e nua jaz a flor mimosa,
Agora hástea somente; e o sol brilhante
Despede a custo a luz que mal penetra
As nuvens trovejadas que o circundam.

Mas o inverno passou! — De novo assume
Virente rama o robre gigantesco,
A flor formosa e bela vem brotando,
E o sol, rei do horizonte, já rutila
Em céu de puro azul-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta
Que por desertos só valente reina,
Do quente coração arranca, esmaga
Esp'ranças, que o amor enfeitiçava,
Em vão a natureza ufana brilha,
Em vão de puro orvalho a flor se arreia,
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho.
E não mais viverá! — que a alma sentida
Conhece que o amor é só mentira,
Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia apareceu um recém-nado,
Como a concha que o mar à praia arroja,
Cresceu; — qual cresce a planta em terra inculta
Que ninguém educou; — a chuva apenas.
Infante — viu de roda sepulturas,
Em que não atentou; — sonhos mimosos,
Acordado ou dormindo, lhe doiravam
A infância leve, d'inocência rica.

Viu belo o ar, e terra, e céus, e mares,
Viu bela a natureza, como a noiva
Sorrindo em breve dia de noivado!
Então sentiu brotarem na sua alma
Sonhos de puro amor, sonhos de glória;
Sentiu no peito um mundo de esperanças,
Sentiu a força em si — patente o mundo.
Forte se levantou! correu fogueiro,
E qual águia que nas asas se equilibra,
Começou a trilhar da vida a senda.
Um monte além topou; mais vagaroso
Subiu, — vingou mais lento! — Inda mais outro
Colossal — descalvado — íngreme e liso,
Costeou, mas cansou, que era sozinho!
Sentou-se, e mudo, e fraco, é pensativo,
À borda do caminho; e sobre o peito
A cabeça inclinou, cruzando os braços.
Minha mãe! — soluçou; e um eco ao longe
Minha mãe! — respondeu. — Sentiu que a fome
Dolorosa as entranhas lhe apertava,
E sede intensa a ressequir-lhe as fauces;
Fome e sede curtiu como num sonho.
Do rosto nas maçãs descoloridas
— Filtro do coração — sentiu que o pranto
Ardente escorregava a tez queimando.
Muda era a sua dor, — d’homem que sofre,
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seu caminho,
Bela na sua dor, sozinha e fraca,
Figura virginal que ali jazia.
Esqueceu-se de si pensando nela;
Nova força criou, — novo incentivo,
Coragem nova o seu amor criou-lhe.
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito
Do frio a protegeu, — tomou nos braços
A carga tão mimosa! — E ela co’os olhos,

Que o amor vendava um pouco, agradecia.
E ela pôde viver; — disse que o amava,
Que era o seu coração dele — e só dele: -
Disse, e mais que uma vez, com peito e lábios
No peito e lábios dele; — era mentira!

E ele o conheceu! por precipícios
Descrido se arrojou, sentindo a morte,
Seu berço entre sepulcros procurando.

Aqui — ali — além — eram sepulcros;
E o nome de sua mãe, sequer não pode
Dos nomes conhecer de tantos mortos.

E só no seu morrer, qual só na vida,
Na terra se estendeu; nem dor, nem pranto
Tinha no coração que era já morto!

E alguém, que ali passou, vendo um cadáver
De sânie e podridão comido e sujo,
Co'o pé num fosso o revolveu; — e terra
Caída acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! — ilusão que os anos somem;
Amor! — um nome só, bem como o nada,
A dor no coração, delícias n'alma,
Nos lábios o prazer, nos olhos pranto
— Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.

O PIRATA (Episódio)

Nas asas breves do tempo
Um ano e outro passou,
E Lia sempre formosa
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,
De mimos cheia, lh'of'rece;
E bela, apesar de ingrata,
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe para,
Do que a amou, que pensa nela,
Pensando encontrar firmeza
Em Lia, que era tão bela!

Nesse palácio deserto
Já luzes se vêm luzir,
Que vem nas sedas, nos vidros
Cambiantes refletir.

Os ecos alegres soam,
Soa ruidosa harmonia,
Soam vozes de ternura,
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silêncio
A face do mar desflora,
À noite bela fragata
Chega ao porto, amaina, ancora.

Cai da popa e fere as ondas
Inquieta, esguia falua,
Que resvala sobre as águas
Na esteira que traça a lua.

Já na vácuca praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Pressago e torvo enfiou..

Malfadado! por que aportas
A este sítio fatal!
Queres o brilho aumentar
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados,
Não, que a cabeça referve
Em maus projetos danados!

Não, que os seus olhos bem dizem
O que diz seu coração;
Terríveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados
Vociferam seu rival;
Não, que a mão no peito aperta
Seu pontiagudo punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas
Não as sói deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciúmes!

Subiu! — e viu com seus olhos
Ela a rir-se que dançava,

Folgando, infame! nos braços
Porque assim o assassinava.

E ele avançou mais avante,
E viu... o leito fatal!
E viu... e cheio de raiva
Cravou no meio o punhal.

E avançou... e à janela
Sozinha a viu suspirar,
— Saudosa e bela encarando
A imensidade do mar.

Como se vira um espectro,
De repente ela fugiu!
Tal fuge a corça nos bosques
Se leve rumor sentiu.

Que foi? — Quem sabe dizê-lo?
Foram vislumbres de dor:
Coração, que tem remorsos,
Sente contínuo terror!

Ele à janela chegou-se,
Horível nada encontrou...
Somente, ao longe, nas sombras,
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
Nada mais de seu contava!
Nada mais que essa fragata!
Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava
De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
Água e céus e vento e mar.

Assim pensava, mas nisto
Descortina o seu rival,
Não visto; — a mão na cintura
Cingiu raivoso o punhal!

Mas pensou... — não, seja dela,
E tenha zelos como eu? —
Larga o punhal, e um retrato
Na destra mão estendeu.

Porém sentiu que inda tinha
Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
Foi culpa do fado meu!
Nada mais de pensar nela;
Finjamos que ela morreu.

Por entre a turba que alegre
No baile — a sorrir-se estava,
Mudo, triste, e pensativo
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o sarau
Apagava o seu rumor,
Chegava Lia a janela,
Mais formosa de palor.

Chegou-se; — e além -. — no horizonte

Uma vela inda avistou;
E co'a mão trêmula e fria
O telescópio buscou!

Um pavilhão viu na popa,
Que tinha um globo pintado;
E no mastro da mezena
Um negro vulto encostado.

Eram chorosos seus olhos,
Os olhos seus enxugou;
E o telescópio de novo
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
Parece reconheceu;
Mas a vela no horizonte
Para sempre se perdeu.

A VILA MALDITA, CIDADE DE DEUS
Ao seu querido e afetuoso amigo A. T. de Carvalho Leal

*Peccata peccavit Jerusalem, et propter
ea instabilis facta est; omnes qui
glorificabant eam, spreverunt illam, quia
viderunt ignominiam ejus; ipsa autem
gemens conversa est retrorsum.*
— Lament

I

O imenso aposento a luz alaga
Com soberbo clarão,
E as mesas do banquete se devolvem
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes soam
Frenética harmonia;
E o coro dos convivas se levanta
Pleno d'ébria alegria!

Ali se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Imundo pobre no seu manto involto

De misérias, torpeza e vilanias;
— A prostituta que alardeia os vícios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infâmia eivada.

E o livre ditirambo, a atroz blasfêmia,
Os cantos imorais, canções impudicas,
Gritos e orgia envolta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdiam;

E muito além, no meio d'alta noite,
Nos ecos, ruas, praças rebatiam.

II

Depois, ainda suja a boca, as faces,
D'imundo vomitar,
Com vacilante pé calcando a terra
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A noturna coorte;
Ouvia-se depois por toda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguém vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era dum valente o punhal nobre,
Que as leis ditava.

Outra vez a cair se emaranhavam
Da porta pelo umbral:
Tinham tintas de sangue a face, as vestes,
Em sangue tinto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira;
E a morte vária revelava a fúria
Da turba carniceira.

E o sacrílego padre só vendia
O túm'lo por dinheiro;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro!

Ou lá ficavam, como pasto aos corvos,

Por sobre a terra nua;
E ninguém de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
Maldisse aos homens dela,
Maldisse a cobardia dos escravos
Dessa terra tão bela.”

III

E a mortífera peste lutuosa
Do inferno rebentou,
E nas asas dos ventos pavorosa
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,
Doido sentiu quebrar-lhe as esperanças
Pedra de sepultura.

E a donzela tão linda que vivia
Confiada no amor,
Entre os braços da mãe provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o trêmulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fruto maduro destacado
D'árvore enfim,

Sentiu a morte esvoaçar-lhe em tomo,
Como um bulcão,
Que afronta o nauta quando avista a terra
Da salvação.

Era deserta a vila, a casa, o templo -
Ar de morte soprou!
Mas a casa dos vis nos seus delírios
Ébria continuou!

“E Deus maldisse a terra criminosa,
Maldisse os homens dela,
Maldisse a cobardia dos escravos
Dessa terra tão bela.”

IV

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fogo corcel o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestam guerreiros luzentes,
Já se enfreiam corcéis belicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a vitória briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces
O interno rancor podes ler;
Eia, avante! — clamaram os bravos,
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos
Na peleja o imigo bater;
Crua morte na espada levamos!
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
Do corcel belicoso o nitrido,
Eis o brônzeo canhão que rouqueja

E da morte represso o gemido.

V

E a selva vomitou homens sem conto
À voz do onipotente,
Como a neve hibernal que o sol derrete,
Engrossando a corrente.

E em redor dessa vila se estreitaram,
Cingidos d'armadura;
E a vila se doeu no íntimo seio
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradaram: — Eia, avante!
Prontos a batalhar;
Mas o braço e valor ante os inimigos
Se vieram quebrar.

E um ano inteiro sem cessar lutaram,
Cheios de bizzarria,
Como dois crocodilos que brigassem
Dum rio a primazia!

E renderam-se enfim, mas de famintos.
De sequiosos;
Valentes lidadores foram eles,
Se não briosos.

VI

E o exército contrário entra rugindo
Na vila, que as suas portas lhe franqueia:

Rasteiro corre o incêndio e surdamente
O custoso edifício ataca e mina.
Eis que a chama roaz amostra as fendas
Das portas que se abrasam; descortina
O torvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incêndio só, fora só trevas!
Urros de frenesi, de dor, de raiva
Escutam dos que, às súbitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremessam;
Dos que, perdido o tino, intentam loucos
Achar a salvação, e a morte encontram.
Lá dentro confusão, silêncio foral
São carrascos aqui, vítimas dentro,
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sobre horror, desaba o teto,
E o fumo enegrecido se enovela
Co'o vértice sublime os céus roçando.
Como o vulcão que a lava arroja às nuvens,
Como ígnea coluna que da terra
Hiante rebentasse, — tal se eleva,
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce
A labareda portentosa; e baixa,
E desce à terra, e o edifício enrola,
E o sorve inteiro, qual se foram vagas
Que a dura rocha do alicerce abalam,
Que a enlaçam, como a preá, — e ao fundo pego
Levam, deixando e mar branco d'espuma.
No horror da noite, sibilando os ventos,
Línguas piramidais do atroz incêndio.
Fumosas pelas ruas estalando,
Tingem da cor do inferno a cor da noite,
Tingem da cor do sangue a cor do inferno!
— O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII

E aqueles que inda são e imunes eram,
Os que a peste enjeitou,
Que fome e sede e privações sofreram...

A espada decepou.

E a donzela tremeu, da mãe nos braços
Não salva ainda,
Que incitava os prazeres do soldado
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bela
Sentiu prazer,
Sente martírios porque a vê formosa
No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas
Tudo destruição:
A coluna, o palácio, a casa, o templo,
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
Já rojam sobre o pó;
Mas o Deus, o Deus bom já está vingado.
Por ela já sente dó.

E a vila d'outrora mais ruidosa,
Lá ressurgiu cidade;
Porque o Deus da justiça, o das armadas,
O Deus é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA
Recordação e Desejo

Ao meu bom amigo o Dr. A. Rego

*Sol chi non lascia eredità d'affeti
Poca gioia ha dell'urna.
— Foscolo*

I

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam do sol brilhante,
E do negro véu da noite,
E da aurora cintilante.

Gostavam da branca nuvem
Em céu de azul espraçada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada.

Gostavam das vivas cores
De bela flor vicejante,
E da voz imensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o sussurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrelas, céus, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchiam.
Inteira a natureza parecia
Meus mais fundos, mais íntimos desejos
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso

Parecia enfeitar co'os seus encantos,
Com todo o seu amor compor, doirá-lo,
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
Nas folhas sussurrando, o som das águas,
Dos bosques o rugir; — se os desejava,
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante
Das águas murmurar prestes ouvia.
Se o sol doirava os céus, se a lua casta.
Se as tímidas estrelas cintilavam,
Se a flor desabrochava envolta em musgo,
— Era a flor que eu amava, — eram estrelas
Meus amores somente, o sol brilhante,
A lua merencória — os meus amores!
Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,
Acordo estreme de vontade e força,
Que atava minha vida à natureza!
Ela era para mim bem como a esposa
Recém-casada, pudica sorrindo;
Alma de noiva — coração de virgem,
Que a minha vida inteira abrilhantava!
Quando um desejo me brotava n'alma,
Ela o desejo meu satisfazia;
E o quer que ela fizesse ou me dissesse,
Esse era o meu desejo, essa a voz minha,
Esse era o meu sentir do fundo d'alma,
Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flor que m'importa,
Ou a brisa perfumada,
Ou o som d'amiga fonte
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa
Do bosque verde-frondoso,

Que m'importa a branca lua,
Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,
Quando se pinta no céu;
Que m'importa a feia noite,
Quando desdobra o seu véu?

Estas cenas, que amei, já me não causam
Nem dor e nem prazer! — Indiferente,
Minha alma um só desejo não concebe,
Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde
Do meu imaginar as puras asas
Cercear, desprender-lhe as níveas plumas,
Rojá-las sobre ó pó, calcá-las tristes?
Perante a criação tão vasta e bela
Minha alma é como a flor que pende murcha;
É qual profundo abismo: — embalde estrelas
Brilham no azul dos céus, embalde a noite
Estende sobre a terra o negro manto:
Não pode a luz chegar ao fundo abismo,
Nem pode a noite enegrecer-lhe a face;
Não pode a luz à flor prestar mais brilho
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meus olhos
Se extasiavam de ver
Ágil donzela formosa
Por entre flores correr.

Gostavam de um gesto brando,
Que revelasse pudor;
Gostavam de uns olhos negros,
Que rutilassem de amor.

E gostavam meus ouvidos
De uma voz — toda harmonia, —
Quer pesares exprimisse,
Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
Da vida a estreita senda desflorando
Com pé ligeiro e ânimo tranquilo;
Impróvida e brilhante parecendo
Seus dias desfolhar, uns após outros,
Como folhas de rosa; — e no futuro —
Ver luzir-lhe somente a luz d'aurora.
Era deleite e dor vê-la tão leda
Do mundo as aflições, angústias, prantos
Afrontar co'um sorriso; era um descanso
Interno e fundo, que sentia a mente,
Um quadro em que os meus olhos repousavam,
Ver tanta formosura e tal pureza
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

IV

Houve tempo em que os meus olhos
Gostavam de lindo infante,
Com a candura e sorriso
Que adorna infantil semblante.

Gostavam do grave aspecto
De majestoso ancião,
Tendo nos lábios conselhos,
Tendo amor no coração.

Um representa a inocência,
Outro a verdade sem véu;
Ambos tão puros, tão graves,

Ambos tão perto do céu!

Infante e velho! — princípio e fim da vida! —
Um entra neste mundo, outro sai dele,
Gozando ambos da aurora; — um sobre a terra,
E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,
Do pobre velho compensando as dores,
O chama para si; o Deus clemente
Sobre a inocência de continuo vela.
Amei do velho o majestoso aspecto,
Amei o infante que não tem segredos,
Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
Armei as doces vozes da inocência,
A ríspida franqueza amei do velho,
E as rígidas verdades mal sabidas,
Só por lábios senis pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possível
Eu julguei no mundo achar
Dois amigos extremosos,
Dois irmãos do meu pensar:

Amigos que compr'endessem
Meu prazer e minha dor,
Dos meus lábios o sorriso,
Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existência
Vivesse eu co'o meu viver:
Unidos sempre na vida,
Unidos — té no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —
Consórcio do querer, de força e d'alma —

Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais recíproco, o mais fundo!
Quem há que diga: Eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
Que sinta o seu prazer como ele o sente,
Que sofra a sua dor como ele a sofre?
Quando a ventura lhe sorri na vida,
Um a par doutro — ei-los lá vão felizes;
Quando um sente aflição, nos braços do outro
A aflição, que é só dum, carpindo juntos,
Encontra doce alívio o desditoso
No tesouro que encerra um peito amigo.
Cândido par de cisnes, vão roçando
A face azul do mar co'as níveas asas
Em deleite amoroso; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vesperina aragem bafejados,
É jogo o seu viver; — porém se o vento
No frondoso arvoredado ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as ermas praias,
Cruzadas vagas em novelo enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as níveas asas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meu Deus,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos belos anjos seus.

Em que eu a Deus só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,

Somente um dia... somente!
E depois dele morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!
Um ardente anelar, cautério vivo,
Posto no coração, a remordê-lo.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada a sua voz; não tinha cores
Formosas como as dela, — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ela esparzia
D'angélica pureza. — Meus ouvidos
O feiticeiro som dos meigos lábios
Ouviam com prazer; meus olhos vagos
De a ver não se cansavam; lábios d'homens
Não puderam dizer como eu a amava!
E achei que o amor mentia, e que o meu anjo
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
E aqueles, que eu amei co'o amor d'amigo,
A sorte, boa ou má, levou-mos longe,
Bem longe quando eu perto os carecia.
Concluí que a amizade era um fantasma,
Na velhice prudente — hábito apenas,
No jovem — doudejar; em mim lembrança;
Lembrança! — porém tal que a não trocara
Pelos gozos da terra, — meus prazeres
Foram só meus amigos, — meus amores
Hão de ser neste mundo eles somente.

VII

Houve tempo em que eu sentia
Grave e solene aflição,
Quando ouvia junto ao morto
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
Em sons pesados dobrar,

E os cantos do sacerdote
Erguidos junto do altar.

Quando via sobre um corpo
A fria lousa cair;
Silêncio debaixo dela,
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
Tépida talvez com o pranto amargo
Dos olhos da aflição; — se os mortos sentem,
Ou se almas tem amor aos seus despojos,
Certo dos pés do Eterno, entre a aleluia,
E o gozo lá dos céus, e os coros d'anjos,
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
Que choram sobre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lajem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teu descanso, ir asilar-me
Sob o teu santo horror, e nessas trevas
Do bulício do mundo ir esconder-me!
Oh! laje dos sepulcros! quem me desse
No teu silêncio fundo asilo eterno!
Ai não pulsa o coração, nem sente
Martírios de viver quem já não vive.

Hinos

*Singe dem Herrn mein Lied, und Du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!*
— Wieland

Mesquinho tributo de profunda amizade ao Dr. J. Lisboa Serra

O MAR

*Frappé de la grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche.
Océan, terrible océan!*
— Turquety

Oceano terrível, mar imenso
De vagas procelosas que se enrolam
Floridas rebentando em branca espuma
Num polo e noutro polo,
Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos
Na indômita cerviz trêmulos cravo,
E esse rugido teu sanhudo e forte
Enfim medroso escuto!

Donde houveste, ó pélago revoltado,
Esse rugido teu? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abismo
Chamando à superfície infindas vagas,
Que avaro encerras no teu seio undoso;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobressai teu rugido.
Em vão troveja horrísona tormenta;
Essa voz do trovão, que os céus abala,
Não cobre a tua voz. — Ah! donde a houveste,
Majestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz, de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas competiste.
E à noite, quando o céu é puro e limpo,
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm

Por sobre estrelas mil; turvam-se os olhos
Entre dois céus brilhantes.

Da voz de Jeová um eco incerto
Julgo ser teu rugir; mas só, perene,
Imagem do infinito, retratando
As feitura de Deus.
Por isto, a sós contigo, a mente livre
Se eleva, aos céus remonta ardente, altiva,
E deste lodo terreal se apura,
Bem como o bronze ao fogo.
Férvida a Musa, co'os teus sons casada,
Glorifica o Senhor de sobre os astros
Co'a fronte além dos céus, além das nuvens,
E co'os pés sobre ti.

O que há mais forte do que tu? Se eriças
A coma perigosa, a nau possante,
Extremo de artifício, em breve tempo
Se afunda e se aniquila.
És poderoso sem rival na terra;
Mas lá te vais quebrar num grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem força
Contra coisa tão fraca!

Mas nesse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teu sonoro rugido.
Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará num relance o circ'lo estreito
Do finito e dos céus!

Então, entre miríades de estrelas,
Cantando hinos d'amor nas harpas d'anjos,

Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencória virgem, quando a noite
Ocupa a terra, — e do que a mansa brisa,
Que entre flores suspira.

IDEIA DE DEUS

*Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gespann.*
— Kleist

I

À voz de Jeová infindos mundos
Se formaram do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi criada,

Luziu no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as esferas nos céus ergueram hinos
Ao Deus prodigioso.

Hino de amar a criação, que soa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruído
Do dia cintilante!

A morte, as aflições, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor?
Eterno, imenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
E o homem que não crê.

E ele que pode aniquilar os mundos,
Tão forte como ele é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o ímpio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro
O Nome seu maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o ímpio comanda, quando o justo
Sofre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra.
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,
Cheia de ingratidão,
Que há de ela mesma sujeitar seu colo
A justa punição.

Ou já terrível peste expande as asas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hóspede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra acesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, de tenor opresso,
Não sente o coração.

E o pai, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insetos vis que um pé gigante

Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente.
Como do podre e carunchoso tronco
Hástea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abismo aos céus, que susta as iras
Do pélago fremente,
A cujo sopro a máquina estrelada
Vacila nos seus eixos,
A cujo aceno os querubins se movem
Humildes, respeitosos,
Cujo poder, que é sem igual, excede
A hipérbole arrojada!
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,
O Senhor dos prodígios.

III

Ele mandou que o sol fosse princípio,
E razão de existência,
Que fosse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providência.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cansado
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,
Roubando aroma à flor;

Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deus que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre misérias,
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere
Na sua providência;
Que o justo durma, descansado e forte
Na sua consciência!

Que o assassino de contínuo vele,
Que trema de morrer;
Enquanto lá nos céus, o que foi morto,
Desfruta outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege
A máquina estrelada,
Que ao triste dá prazer; descanso e vida
À mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA

*Quand ta corde n'aurait qu'un son,
Harpe fidèle, chante encore
Le Dieu que ma jeunesse adore.
Car c'est un hymne que son nom.*
— Lamartine

Do vento o rijo sopro as mansas ondas
Varreu do imenso pego, — e o mar rugindo
As nuvens se elevou com fúria insana;
Enoveladas vagas se arrojaram
 Ao céu co'a branca espuma!
Raivando em vão se encontram soluçando
Na base d'erma rocha descalvada;
Em vão de fúrias crescem, que se quebra
A força enorme do impotente orgulho
Na rocha altiva ou na arenosa praia. _
Da tormenta o furor lhe acende os brios,
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
Que em teimosos gemidos se descerram,
Da quieta noite despertando os ecos
Além, no vale humilde, onde não chega
Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa sussurrando
 A face do céu varreu,
Tristes nuvens espalhando,
 Que a noite em ondas verteu.

Além, atrás da montanha,
 Branda luz se patenteia,
Que d'alma a dor afugenta,
 Se dentro sentida anseia.

Branda luz, que afaga a vista,
De que se ama o céu tingir,
Quando entre o azul transparente
Parece alegre sorrir;

Como és linda! — Como dobras
Da vida a força e do amor!
— Que tão bem luz dentro d'alma
Teu luzir encantador!

No teu ameno silêncio
A tormenta se perdeu,
E do mar a forte vida
Nos abismos se escondeu!

Porque assim de novo agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredor,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sopro de vento,
Começam de murmurar?

Sobre o tapiz d'alva relva,
— Rocio da madrugada —
Destila gotas de orvalho
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza
Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa
O cálix levanta a flor.

Por entre as ramas ocultas,
 Docemente a gorjear,
Acordam trinando as aves,
 Alegres, no seu trinar.

O arvoredado nessa língua
 Que diz, por que assim sussurra?
Que diz o cantar das aves?
 Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
 O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
 O nome do Criador.

Tão bem eu, Senhor, direi
 Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hino
 Ao hino da criação.

Quando a dor meu peito acanha,
 Quando me rala a aflição.
Quando nem tenho na terra
 Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano
 Livas meu peito arquejante,
Secas-me o pranto que os olhos
 Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,
 Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde

Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,
Tu és o ser criador,
Tu és o amor, és a vida,
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
— Tu és o Deus do universo,
O Deus que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi
Teu nome — do coração,
E ajuntarei o meu hino
Ao hino da criação.

A TARDE

*Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the spot where I so oft
Have felt that moment in its fullest power
Sink o'er the earth so beautiful and soft...*
— Byron

Ó tarde, oh bela tarde, oh meus amores,
Mãe da meditação, meu doce encanto!
Os rogos da minha alma enfim ouviste,
E grato refrigerio vens trazer-lhe
No teu remansar preenhe de enlevos!
Em quanto de te ver gostam meus olhos,
Enquanto sinto a minha voz nos lábios,
Enquanto a morte me não rouba à vida,
Um hino em teu louvor minha alma exale,
Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amores!

I

É bela a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrelas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silêncio
Que ela consigo traz, há um quê de horrível
Que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva há tanto amor, tal vida,
Há tantas cores, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que atrai, que a amar convida;
Não pode suportá-la homem que sofre,
Órfãos de coração não podem vê-la.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dor, o pranto e o riso,
Folgam de te avistar; — são teus, — és deles
Homem que sente dor folga contigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te!
Contigo simpatizam, porque és bela,
Qu'és mãe de merencórios pensamentos,
Entre os céus e a terra êxtasis doce,
Entre dor e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipilam docemente,
A estrela que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas águas sepultar-se
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro;
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
Estrelas, céus e mar, e sol e terra,
Tudo existe contigo, e tu és tudo.

III

Homem que vivo agro viver de corte,
Indiferente olhar derrama a custo
Sobre os fulgores teus; — homem do mundo
Mal pode o desbotado pensamento
Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!
Há de elevar-se a Deus, e nunca há de ele
Na abóbada celeste ir pendurar-se,
Como de rósea flor pendente abelha.
Homem da natureza, esse contemple
De púrpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no ocaso vacilantes!
Há de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inesgotável

Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol? — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem há que de te ver não sinta enlevos,
Quem há na terra que não sinta as fibras
Todas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando desse teu manto as pardas franjas
Soltas, roçando a habitação dos homens?
Há i prazer tamanho que embriaga,
Há i prazer tão puro, que parece
Haver anjos dos céus com seus acordes
A mísera existência acalentado!

IV

Sócia do forasteiro, tu, saudade,
Nesta hora os teus espinhos mais pungentes
Cravas no coração do que anda errante.
Só ele, o peregrino, onde acolher-se,
Não tem tugúrio seu, nem pai, nem 'spôsa,
Ninguém que o espere com sorrir nos lábios
E paz no coração, — ninguém que estranhe,
Que anseie aflito de o não ver consigo!
Cravas então, saudade, os teus espinhos;
E eles, tão pungentes, tão agudos,
Varando o coração de um lado a outro,
Nem trazem dor, nem desespero incitam;
Mas remanso de dor, mas um suave
Recordar do passado, — um quê de triste
Que ri ao coração, chamando aos olhos
Tão espontâneo, tão fagueiro pranto,
Que não fora prazer não derramá-lo.
E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
Sobre a terra não foi? Quem sempre há vista
Serenos e brandos deslizar-se o fumo
Sobre o teto dos seus; e sobre os cumes

Que os seus olhos hão visto à luz primeira
Crescer branca neblina que se enrola,
Como incenso que aos céus a terra envia?
Tão feliz! quando a morte envolta em pranto
Com gelado suor lh'enerva os membros,
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
E o extremo cintilar dos olhos baços,
De um ente amado procurando os olhos,
Sem prazer, mas sem dor, ali se apaga.
O exilado! esse não; tão só na vida,
Como no passamento ermo e sozinho,
Sente dores cruéis, torvos pesares
Do leito aflito esvoaçar-lhe em torno,
Roçar-lhe o frio, o pálido semblante,
E o instante derradeiro amargurar-lhe.
Porém, no meu passar da vida à morte,
Possa co'a extrema luz destes meus olhos
Trocar último adeus com os teus fulgores!
Ah! possa o teu alento perfumado,
Do que na terra estimo, docemente
Minha alma separar, e derramá-la
Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO

*...Jéhovah déploie autour de nos demeures
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
Tombe anneau par anneau.
— Turquety*

I

Estou só neste mudo santuário,
Eu só, com minha dor, com minhas penas!
E o pranto nos meus olhos represado,
Que nunca viu correr humana vista,
Livramento o derramo aos pés de Cristo,
Que tão bem suspirou, gemeu sozinho,
Que tão bem padeceu sem ter conforto,
Como eu padeço, e sofro, e gemo, e choro.
Remorso não me punge a consciência,
Vergonha não me tinge a cor do rosto,
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?
E direi eu por quê? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finais de um moribundo ouvisse!
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma toda amores!
Esperanças e amor, que é feito delas?
Um dia me roubava uma esperança,
E sozinho, uma e uma, me deixaram.
Morreram todas, como folhas verdes
Que em princípios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu senti-lo ao menos;
Quando eu via a desdita de bem perto
Co'um sorriso infernal no rosto esquelético,

Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta? — quando vinda
Minha honra já sentia, em que os meus lábios,
Tremendo de vergonha, soluçassem
Ao f’liz com que eu na rua deparasse,
De mãos erguidas: Meu Senhor, piedade!
Eis por que sofro assim, por que assim gemo,
Por que meu rosto pálido se encova,
Por que somente a dor me ri nos lábios,
Por que meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
No altar profano de beleza esquiva
Não queimo incenso vão; — tu só me ocupas
O coração, que eu fiz hóstia sagrada,
Apuro de elevados sentimentos,
Que o teu amor somente asilam, nutrem.
Quando ao sopé da cruz me chego aflito,
Sinto que o meu sofrer se vai minguando,
Sinto minha ama que de novo existe,
Sinto meu coração arder em chamas,
Arder meus lábios ao dizer teu nome.
Assim a cada aurora, a cada noite.
Virei consolações beber sedento
Aos pés do meu Senhor; — virei meu peito
Encher de religião, de amor, de fogo,
Que além de infindos céus minha alma exalte.

II

Quem me dera nas asas deste vento,
Que agora tão saudoso aqui murmura,
Agitando as cortinas, que me encobrem
Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,
Subir além dos sois, além das nuvens
Ao teu trono, ó meu Deus; ou quem me desse
Ser este incenso que se arroja em ondas

A subir, a crescer, em rolo, em fumo,
Até perder-se na amplidão dos ares!
Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
Surdez fingida a minha voz responde;
Não tenho voz de amor, que me console,
Corre o meu pranto sobre terra ingrata,
E dor mortal meu coração fragoa.
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto
Escutas minha voz que te suplica;
Só tu nutres minha alma de esperança;
Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
Torrentes de harmonia, que me abraçam.

Qual órgão, que ressoa mavioso,
Quando segura mão lhe oprime as teclas,
Assim minha alma, quando a ti se achega,
Hinos de ardente amor disfere grata:
E, quando mais serena, inda conserva
Eflúvios desse canto, que me guia
No caminho da vida áspero e duro.
Assim por muito tempo reboando
Vão no recinto do sagrado templo
Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM

*Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.*

Senhor Deus Sabaot, três vezes santo,
Imenso é o poder, tua força imensa,
Teus prodígios sem conta: — e os céus e a terra
Teu ser e nome e glória preconizam.
E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o coro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam
Senhor Deus Sabaot, três vezes santo.

Na inocência do infante és tu quem falas;
A beleza, o pudor — és tu que as gravas
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho
Prudência dás, — e o que verdade e força
Nos puros lábios, do que é justo, imprimes.

És tu quem dás rumor à quieta noite,
És tu quem dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu que do oceano à fúria insana
Pões limites e cobro, — és tu que a terra
No seu voo equilibras, — quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes, simultâneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa do teu Rei Profeta,
Quando ele em teu louvor hinos soltava,

Qu'iam, cheios de amor, beijar teu sólio.

Santo! Santo! Santo! — teus prodígios
São grandes, como os astros, — são imensos,
Como areia delgada, em quadra estiva.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o coro dos profetas, e dos mártires
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaot, três vezes grande.

ADEUS
Aos meus amigos do Maranhão

Meus amigos, Adeus! Já no horizonte
O fulgor da manhã se empurpurece:
É puro e branco o céu, — as ondas mansas,
— Favorável a brisa; — irei de novo
Sorver o ar puríssimo das ondas,
E na vasta amplidão dos céus e mares
De vago imaginar embriagar-me!
Meus Amigos, Adeus! — Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Desceram, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repouisa a morte;
Verei a tempestade quando alarga
As negras asas de bulhões, e as vagas
Soberbas encastela, esporeando
O curto bojo de ligeiro barco,
Que geme, e ruga, e empina-se insofrido
Galgando os escarcéus, — bem larga esteira
De fósforo e de luz trás si deixando:
Generoso corcel, que sente as cruzes
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeus! Curtos instantes
De inefável prazer — horas bem curtas
De ventura e de paz frui convosco:
Oásis que encontrei no meu deserto,
Tépido vale entre fragosas serras
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei convosco.
Aqui de quanto amei, do que hei sofrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera

Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força oculta,
Irresistível, me persegue e impele.
Qual folha instável em ventoso estio
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pegadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece, — cai, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas solidões de novo ei-lo se entranha.
Vestígios mal seguros sopra o vento,
Ou nivela-os a chuva, ou relva os cobre:
Talvez que folhas ásperas de arbusto
Mordam velos da túnica, e denotem
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro ali passasse.
E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de há muito exausta;
Há muito que os meus olhos não gotejam
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meu peito represado
Em cinza o coração me há convertido.
É assim que um vulcão se torna fonte
De linfa amarga e quente; e a fonte em ermo,
Onde não crescem perfumadas flores,
Nem tenras aves seus gorjeios soltam,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de aflições, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quando réprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio a sua dor só descobria
Do Arcanjo os candidíssimos vestidos,

E os lampejos da espada fulminante,
Que o Éden tão mimoso lhe vedava.
Porém quando algum dia o colorido
Das vivas ilusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer, — e as tão viçosas
Esp’ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos; — a desgraça
Do naufrágio da vida há de arrojarm-me
A praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

Gonçalves Dias

Segundos Cantos
(1848)

Poemas

CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

Como é belo à meia noite
O azul do céu transparente,
Quando a esfera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquilo e brando
Na areia chora fremente!

Como é belo este silêncio
Da terra toda harmonia,
Que aos céus a mente arrebatada
Cheia de meiga poesia!
Como é bela a luz que brilha
Do mar na viva ardentia!
Este pranto como é doce,
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas folhas sussurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
Quisera agora escutar,
Quisera mágoas pungentes
Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua
A doce luz refletida,
Nem o mar beijando a praia,
Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
Em silêncio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
Do coração despegado;
Não soro de fel, mas santo
Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dores,
Mas quase em prazer coado!

CANÇÃO

Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada
De madeira preciosa
Sobre o Líbano cortada.
Foi o Senhor quem me deu,
Se santas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavam trovas de amores.
Mas chegando a Santa Cruz,
De volta do meu desterro,
Cortei-lhe as cordas de ferro.
Cordas de prata lhe pus.

Tenho tão bem uma lira
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas rosas com que s'inflora,
Goteja o orvalho da aurora,
Ditame dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,
Só harpa, alaúde e lira;
Nem vejo sorte mais bela,
Nem coisa que prefira.

Votei assim ao meu Deus
A minha harpa religiosa,
A ti a lira mimosa,
O grave alaúde aos meus!

LIRA

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,
Ou já em mudas lágrimas banhado;
 Volve, impiedosa,
 Volve-me os olhos;
 Basta uma vez!

Se me queres do rojo sobre a terra,
Beijando a fímbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
 Dize-me, ingrata,
 Dize-me: eu quero!
 Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira
Louvor singelo dos amores meus,
Por que minha alma há tanto em vão suspira;
 Dize-me, ó bela,
 Dize-me: eu te amo!
 Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE

Ponham-me embora na crestada Líbia,
Ou lá nas zonas em que o gelo mora
Ali tua alma viverá comigo
Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só ceiam,
Nas altas serras que o condor habita;
Ali ainda viverá contigo
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.
Cortado o rosto de gelado vento,
Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas d'este amor sem termo,
Direi? Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
Férreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso ecúleo:
Agudos dentes de tenaz raivosa
Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio às gentes.
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu sofra mais agudas dores,
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinais carícias,
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,
Goza-te e vive!

E eu no entanto esforço-me com dores!
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,
Louco bravejo, mísero soluço...
Desejo e morro!

A VIRGEM

Linda virgem semelha a linda rosa,
Que se abre ao romper d'alva;
Encapelam-se as pétalas mimosas,
Lacreadas de pudor com rubro selo:
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
Onde só Deus habita;
Ali reina o mistério envolto em sombras,
E maga placidez envolta em cantos:
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de mármoreo leito
Sua alma ingênua e bela:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céus contemplam mudos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,
C'roada de beleza,
E a sombra da tristeza irresistível
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
Que as asas d'ouro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatá-me
Simpática atração!
Quisera doces carmes de ternura

Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: “Um canto ao menos
O acerbo exílio teu torne mais brando!”

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meus dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d’ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem eco!

ROSA NO MAR!

Por uma praia arenosa,
 Vagarosa
Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
 Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante
 Vem num instante,
Que noutro instante se alisa;
Mais veloz que a sua ideia
 Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
 Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura:
Doce rir dos céus encanto,
 Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário.
 — Seu fadário. —
De ver o mar se recreia;
De o ver, à tarde, dormente,
 Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
 Divagava
Em seu pensar embebida;

Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cai:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Boia a flor; a virgem bela,
Vai trás ela,
Rente, rente — à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flor também.
Se a onda foge, a donzela
Vai sobre ela!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela

A virgem bela
Recolhe e leva consigo;
Tão falaz em calmaria,
Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,
Flutuantes
Nadaram brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
A praia cansa
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia.
Toda a praia perlustraram,
Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

O AMOR

Amor! Enlevo d'alma, arroubo, encanto
Desta existência mísera, onde existes?
Fino sentir ou mágico transporte,
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quais não basta a natureza humana;)
Simpática atração d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E à terra fez baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontra! — em vão meus anos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cair precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, pó ti clamava; — e o meu deserto
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'ende e busca,
Em vão meus lábios sôfregos cubiçam
Libar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sorvo:
Prazer, doçura, — eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me impuseste,
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,

Feri-me aos teus ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanção, gratos eflúvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das asas auribranças dalgum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esfera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
És tudo, mais do qu'isto: — és luz e vida,
Perfume, e voo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essências trescalando!...
Tão bem passas veloz, — breve te apagas,
Como duma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando à flor de um lago!

SEMPRE ELA

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a palidez se pinta,
Como nos céus a matutina estrela!
A dor lhe há desbotado a cor das faces,
E o sorriso que lhe roça os lábios
Murcha ledó sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,
Tem expressões d'angélica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade santa,
E exala eflúvios dum odor suave
De aloés, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,
De dor oculta remordida, anseia
Desabrochar-se em confiança amiga,
“Neste mundo o que sou? — triste clamava;
“Pérsica envolta em pó, entre ruínas,
“Erma e sozinha a revolver-me em pranto!

“Flor desbotada em hástea já roída,
“De cujo tronco as outras amarelas
“Já rojam sobre o pó, já murchas pendem!
“É sentir e sofrer a minha vida!”
Merencória dizia, erguendo os olhos
Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mundo alcion por sobre os mares,
E próximo a seu fim desata o canto;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas águas do Jordão? E como a rosa,
Como o cisne, do mar entre os perfumes,
Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
Nas águas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado
Sobre as águas do mar, cantado a morte;
Eu também a segui — a rosa , o cisne,
Que lá se foi sumir pó clima estranho.

E depois que os meus olhos a perderam,
Como se perde a estrela em céus infindos,
Errei pó sobre as ondas do oceano,
Sentei-me a sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem dela,
Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos
Meu astro procurei entre os mais astros,
Qu'outrora amiga sina me fadara!
Com brilho embaciado e lua incerta
Nos ares se perdeu antes do ocaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

MIMOSA E BELA

I

Tão bela és, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa,
Que em serena madrugada
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céu;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que ali prendeu.

II

Quando um penar aflitivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma ocupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Com aquele imaginar;
Aumenta a tua beleza
Lânguido véu de tristeza,
Palor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva;
Assim perde o colorido
Por um toque irrefletido
Mal sentido:
Assim vai o nenúfar,

Como que sofre e tem mágoas,
Esconder-se em fundas águas,
Te que o sol torne a brilhar.

IV

Mas também a flor brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranquila corrente,
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixa-la em seu lugar.

V

Não consintas pois que as mágoas,
Como as águas,
Que das fragas
Furiosas vêm tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flor do teu coração!
Há na vida u' amor somente,
Um só amor inocente,
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flor, bem-fadada,
Suspirada,
Bafejada
Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora,
Que a colora:
À luz do sol se recreia.

E de noite se retrata
Da fonte na lisa prata,
Quando o céu de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS

Já vistes sobre a flor de manso lago
Duas aves brincando solitárias,
Já pousadas na lisa superfície,
Já levantando voo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,
Branças, orladas com listões de fogo,
A deslumbrante alvura cambiando
Ao pôr de sol esteve?

Já vistes duas lindas mariposas,
Abrindo ao romper d'alva as longas asas,
Onde reflete o sol, como em um prisma,
Belas, garridas cores?

Nem as pombas que vagam solitárias,
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejam livres
Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, belas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abrolhos
Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardam no peito,
Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,

Quanto há de belo — n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,
Seus olhos como um lago transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gota de orvalho ensopa as asas
Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,
Nem mais adejam borboletas vagas
Sobre o esmalte das flores.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as asas dos ventos que a bafejam,
A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza
No peito da mulher, que menos ame,
É como essência preciosa e grata,
Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem,
Leves emanações, gratos eflúvios
Há de eterno verter da mesma essência,
Talvez porém mais doces.

SONHO

Sonhava esta noite, Donzela formosa,
Já quando as estrelas tombavam no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
Divina e mimosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria
D'estrelas fulgentes de brilho sem par;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:
“Afetos que em outro não pude encontrar
“Por fim me renderam, — paixão lisa e pura —,
Que tanto sofreste...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

“Pois tanto sofreste, não devo impiedosa
“Fineza tão grande por fim mal pagar!”
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,
E uns lábios de rosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tépidos beijos de fervido amar!
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte!...

Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos lábios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,
Em quanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
E um cinto de amores com broche esmaltado
De meiga poesia!...
Quem tão bem fadado
Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meu bem minha amada,
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lira,
Na lira afinada!
O sonho é mentira;
Não quero sonhar!

SOLIDÃO

Se queres saber o meio
Por que as vezes me arrebatam
Nas asas do pensamento
A poesia tão grata;
Por que vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos seus:
 Vem comigo, ó doce amada,
 Que eu te direi os caminhos,
 Donde se enxergam anjinhos,
 Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,
Das cidades populosas,
Do vegetar entre as vagas
Destas cortes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Deste viver cortesão!
 Fujamos desta impureza,
 Só vêς cordura por fora;
 Mas nunca o vício que mora
 Nas dobras do coração!

Fujamos! Que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhos vã glória,
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, estes gritos,
Este viver a mentir?
 Fujamos, que em tais lugares
 Não há prazer inocente,
 Só alegria que mente,
 Só lábios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos ali sozinhos,
Sozinhos, mas descuidados
D'estes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhado
E eu só a reverme em ti!
Quando depois nos tornarmos
À terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'imenso a vista cansa;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular sem fim.
Mas nos rancos da procela,
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,
Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nênias sentidas
No seio da escuridão.
Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de cor sombria;
Como o sol, pintor mimoso,
Seus acidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!

Como ali sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura
Naquela eterna verdura,
Naquele eterno gozar!

Vem comigo, oh! Vem depressa,
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a inocência,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objetos.
Feituras da mão de Deus!

Vem comigo, ó doce amada,
Que são estes os caminhos,
Donde eu enxergo os anjinhos,
Que tu vês nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,
Vi novos vales, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim luzindo;
E eu só! E eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
Do mísero proscrito repetiram
Sentidos carmes.

Repetiu-mos o plácido Mondego;
Talvez em mais de um peito se gravaram,
Em mais de uns meigos lábios murmurados,
Talvez soaram.

Os filhos de Minerva, novos cisnes,
Que a fonte dos amores meigos cria,
E alguns de Lísia sonoros vates,
Sisudos mestres;

Ouvindo aquele canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga
Rugindo, como o vento na floresta,
Prenhe d'augúrios;

Benignos me olharam, e aos meus ensaios
Talvez sorriram; porém mais prendeu-me,
Quem sofrendo como eu, chorou comigo,
Quem me deu lágrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido

Só cantar e sofrer, não vejo em balde
Ao canto a dor unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: “Pobre Canário
Que fado mau cegou, por que soltasse
Mais doce canto;

Pobre Orfeu, nestes tempos mal nascido,
Atrás dum bem sonhado pelo mundo
A vagar com lira — um bem que os homens
Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dor te abrande:
A vida é breve, e o teu cantar semelha
Vagido fraco de menino enfermo,
Que Deus escuta.

PALINÓDIA

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apesar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seus andrajos,
Em tremedal de vícios;

S só por vós descri do que era nobre,
Por que envolto em torpeza imunda e feia,
As vestes da virtude imaculada
Rebolquei-as no Iodo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existência me consome,
E entre angústias cruéis minha alma anseia,
— Ludíbrio dos meus erros:

Consenti que a moral os seus direitos
Reivindique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infância
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus lábios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
— Mulher ou estátua!

Mentistes quando amor tínheis nos lábios.
Mentistes q compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...

Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ela não sente,
E o rosto of'rece a ósculos vendidos,
Ao sigilo da infâmia.

Quantas vezes, Senhora, não caístes
Humilhada, à meus pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choráveis? — a jurar-me...
Que juráveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cair gota a gota dos meus lábios
No que eu supunha cicatriz recente,
E que era úlcera funda;

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito aflito
Ao fel das vossas dores, que azedáveis
Co'o pranto refalsado,

Ouvi! — não éreis bela, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
— Um sublime ideal — amou somente;
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vícios mais que muito afeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
Amá-la eu, Senhora!

Deitar-me sob a copa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,

Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'ósculos comprados;
Crer no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de loureira!

Antes curvar o colo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos ofende,
Que nos cobre de opróbrio!

Antes, possesso d'imprudência estúpida,
Brincando remexer no açafate,
Onde por baixo de mimosas flores,
O áspide se esconde!

Mas eu, nos meus acessos de delírio,
Voz importuna de contínuo ouvia,
Cá dentro de mim, a rep'ender-me sempre
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idólatra se culpa,
Nos espasmos d'ascética virtude,
De não amar assaz o vão fantasma,
Se suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cospe afronta e desdém, e à chama entrega
O cepo vil, que não mereces altares,
Nem d'ofrendas é digno!

Releva-se a imprudência feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdoa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdoa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as asas de algum anjo orvalha
De lágrimas contritas.

Mas não a aquela, em cujo peito mora
Torpeza só, — onde o amor se cobre
De vícios — a nutrir-se d'impurezas,
Como vermes de Iodo.

Se porém te aproveita o meu conselho,
À quem, mais do que a mim, tens ofendido,
Que entre os risos do mundo, vê tua alma
E lê teus pensamentos;

Se não crês noutra vida além da morte,
Roga se quer a Deus, que te não rompa
À luz do sol divino da Justiça
A máscara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgável,
A dura opinião — te não entregue,
Sozinha, e nua, e d'irrisão coberta,
À popular vindicta!

OS SUSPIROS

Muitas vezes tenho ouvido,
Como lânguidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
Dentre uns lábios de coral:
 A fina tez lhes deslustram,
 Bem como o alento que passa
 Sobre o candor duma taça
 De transparente cristal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,
Sobre lábios desmaiados
Sussurrando esvoaçar!
 Como flor submarinha
 Da funda gleba arrancada,
 De vaga em vaga arrastada,
 Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
Em quanto a lua fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Feita seus olhos no céu:
 Notas de mundo longínquo
 Repasadas de harmonia,
 Diamante que alumia
 A tela de um fino véu!

Tu, virgem, por que suspiras?
Quando suspiras que cismas?
Em que reflexões te abismas,
— Do passado ou do porvir;

Mas não tens passado ainda,
Tudo é flores no presente,
Brilha o porvir docemente,
Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?
— Murmura trepida a fronte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
O ditoso tem sorrisos,
O desgraçado tem pranto,
A virgem tem mais encanto
No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
É da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
Vago, incerto, indefinido,
Tem um quê de inexplicável,
Como um desejo insondável,
Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor;
Mais do que a flor entre as vagas
Sem destino flutuando,
Folgo de os ver expirando
Em lábios de rubra cor.

Mais que a longínqua harmonia,

Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto,
Cintilando almo fulgor;
Folgo de ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor!

QUEIXUMES

I

Onde estás, meu senhor, meus amores?
A que terras — tão longes! — fugiste?
Onde agora teus dias se escoam?
Por que foi que de mim te partiste?

II

Não te lembras! Quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão asinha,
Prometeste-me breve se minha
Tua vida, que o mar me roubava.

III

Tão amigo do mar foste sempre,
Por que amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigam?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV

Vejo além o lugar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal sofrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

V

Da partida era o fúnebre instante,
Breve instante de aflitos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amores!

VI

Inda choro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teu amor me deixaste nos braços,
Nos teus braços levaste-me a vida!

VII

Oh! Cruel, que então foste comigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teu navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

VIII

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meu triste penar!

IX

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh! Bem cara! — se ledo sorrias,
Se pensavas sozinho e profundo,
Se agras dores contigo curtias;

X

Eu te amava, senhor! — Nem podia,
Dentro em mim, convencer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI

Mas o mar tem lindezas que encantam,
Tem lindezas, que o nauta namora,

Também dizem que vozes descantam
No silêncio pacato desta hora!

XII

São de ninfas os mares pejados,
Tão bem dizem que sabem magia,
Que suscitam cruel calmaria,
Só d'em torno dos seus namorados!

XIII

Alta noite, bem perto, aparece,
Como leiva juncada de flores,
Ilha fértil em fáceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece!

XIV

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim;

XV

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar majestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso;

XVI

Quando vires a mole Odalisca
De beleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arábia,
Em sericos tapizes deitada;

XVII

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunucos rodeia;

XVIII

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megara,
Em sua língua, tão doce, cantando
Seus amores que o Turco roubara;

XIX

Quando a vires no Carro de Homero,
Bela e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes melífluos do Himeto
A parelha de bois aguilhando;

XX

Não te esqueçam meus duros pesares,
Não te esqueças por elas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

XXI

Se eu fosse homem, tão bem desejara
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meus mastros fugida pousar,
E achar no convés abrigada,

Quando o vento começa a reinar!

XXIII

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Falaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao princípio ardente amava;
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANIVERSÁRIO DE UM CASAMENTO
A MRS. A. N. DA G.

A filha d' Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja às margens florescentes
Do rio hospitaleiro!

Qu' importa que te acene a Pátria ao longe,
Que vejas incessante
As memória, os templos, os palácios
Da Cidade gigante?

A pátria é conde quer que a vida temos
Sem penar e sem dor;
Onde rostos amigos nos rodeiam,
Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolam
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na erma sepultura;

A pátria é onde a vida temos presa:
Aqui também há sol!
Também a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol!

Aqui também a terra produz flores,
Também os céus têm cor;
Também murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros tem fulgor!

Aqui também se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz;
Nas asas do silêncio desce a noite
Também sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro;
Bem vinda seja às margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Compridos anos e folgados viva
Neste ditoso clima,
E veja à par dos filhos seus queridos
Crescer do esposo a estima!

Possa eu também do seu feliz consórcio
De novo em cada ano
Soltar um hino de amizade estreme,
Um canto mais que humano!

CANTO INAUGURAL
À memória do Cônego Januário da Cunha Barbosa

Onde essa voz ardente e sonora,
Essa voz que escutamos tantas vezes,
Polida como a lâmina dum gládio,
Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,
No púlpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um vulcão de ideias borbulhava
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde param também?

Novo Colombo audaz por novos marés,
A sonda em punho, os olhos nas estrelas,
Co'as brônzeas quilhas retalhado as vagas
Do inóspito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os troféus da liberdade sacra,
Os destinos da Pátria!

Noturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nevem de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces ressequidas
Parou sem força o coração no peito,
Quando somente um pé firmava a custo
Na terra prometida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe.
Inda a vejo pendente, sobre as páginas
Da pátria história, onde gravou seu nome
Tarjado em letras d'ouro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe afigurava
Eu a luta acerba do Titã brioso,
Última prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclismo horrendo,
Que ele — poeta — não achou nos combros
Da ignívoma Tessália!

Inveja... mas às formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróis famosos
Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutastes!
Dorme agora no gélido sudário;
Foi duro o afã, aspérrima a contenda,
Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sono eterno;
Mas sobre a lousa do sepulcro humilde,
Como na vida foi, surja o teu busto

Austero e glorioso.

Coluna inteira em combros derrocados,
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
 Dos naufrágios dum século;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão: — palmas em graça,
Ou pobre rama d'árvore funérea,
 Piramidal cipreste.

São flores que desfolha sobe um túmulo
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,
Piedosa mão de peregrino estranho,
 Que ali passou acaso!

TABIRA
Dedicatória aos pernambucanos

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
 Boiante sobre as águas!
Amigo gênio te formou na Europa,
Gênio melhor te despertou sorrindo
 À sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! São teus montes
Arrelvados, inúmeros teus vales,
 Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas várzeas férteis,
Onde reluz o fruto sazonado
 Entre o matiz das flores!

Outros, pátria d'heróis, teus feitos cantem,
E a bela história de colônia exaltem,
 E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
 Espraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flores dos mares de Colombo,
 Filhas do norte ardente!
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorriram d'inocência à própria imagem,
 Que luz em claro arroio.

Andei, por vós somente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flores na floresta,

Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, belas,
Enastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são versos
Efêmeros como elas; cor sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou tino fraco d'ave matutina,
Ou eco de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

TABIRA
(POESIA AMERICANA)

I

É Tabira guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado;
É caudilho de tribo potente,
— Tobajaras — o povo senhor!
Ninguém mais observa o tratado
Ninguém menos de p'rigos se aterra,
Ninguém corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

II

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrários a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha meter!
Levam noites com ele sonhado
Potiguares, que o viram de perto;
Potiguares, que asselam por certo
Que Tabira só sabe vencer!

III

Mil enganos lhe tem já tecido,
Mil ciladas lhe tem preparado;
Mas Tabira, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre o bravo fronteiro aparece,
Que os enganos cruéis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV

Já dos Lusos o troço apoucado,
Paz firmando com ele traidora,
Dorme ileso na fé do tratado,
Que Tabira é valente e leal.
Sem Tabira do Lusos que fora?
Sem Tabira que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outrora em seu mal!

V

Chefe stulto dum povo de bravos,
Mas que os piagas vitórias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Tais triunfos um dia chorar!
Caraíbas tais feitos aplaudem,
Mas sorrindo vos forjam cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão-de lançar!

VI

Chefe sólido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Míngua as forças da tribo potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acossados nas matas,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII

Vivem homens de pel' cor da noite
Neste solo, que a vida embeleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nênias tristes da pátria cantar!
Mas o índio que a vida só preza
Por amor dos combates, e festas

Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII

Ociosa. Indolente, vadio,
Ou ativo, incansável, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a glória, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instante,
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX

Eia, avante! Ó caudilho valente!
Potiguares lá vem denodados;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguém viu nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!
Restos são, mas são restos dum mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

X

Os seus velhos disseram consigo,
Discutindo os motivos da guerra:
“É Tabira — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupã!”
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite! Milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI

Vem soberbos, — o sol luz apenas!

Confiados, galhardos, lustrosos,
Vem bizarros nas armas, nas penas,
Atrevidos no acento e na voz!
Um dentre eles, dos mais orgulhosos,
Sobe à pressa nas aspas dum monte,
Dali brada, postado defronte
De Tabira — com jeito feroz:

XII

“Ó Tabira, Tabira! aqui somos
A provar nossas forças contigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Di0lo tu, não no diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmão de Tabira!
Propagastes solene mentira,
Que vencer não sabemos tão bem.

XIII

“Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Acorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa coorte:
Travaremos combate sangrento,
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós, se fui eu quem menti.”

XIV

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem falado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabira rugindo,
Ressentindo de ofensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,

Que não leva no sangue de alguém.

XV

Raso outeiro ali perto se of'rece:
Vinga-o prestes, ardido, açodado!...
Como leiva de pálida messe,
Já madura, tremendo no pé;
Todo o campo descobre ocupado
Por guerreiros, — no extremo horizonte
Não distingue nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia;
Diz consigo: “Um só golpe certo
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus!” — Já vozeia;
Logo os seus lhe respondem gritando,
Tais rugidos, tais roncossoltando
Que aos seus próprios deveram turbar!

XVII

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavam,
De pavor subitâneo tomadas,
Descaíam pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavam
Muitas outras, que o triste gemido
No conflito, abafado e sumido,
Talvez deram, — mas fraco, mas vão!

XVIII

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as setas aladas já voam,

Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De flechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a vitória inda está.
Todos movem tacapes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No imigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX

“Mas Tabira! Tabira! Que é dele?
“Onde agora se esconde o pujante?”
— Não no vedes?! — Tabira é aquele
— Que sangrento, impiedoso lá vai!
— Vê-lo-eis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Trás de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI

“Foge! Foge! Leal Tobajara;
“Quantos arcos que em ti fazem mira?!”
— Muitos são; porem medos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejam Tabira:
Belo quadro! — mas vê-lo era horrível!
Porco-espim que sangrado e terrível
Duras cerdas raivando espetou!

XXII

Tem um olho dum tiro flechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem
E do rosto, em seu sangue lavado,
Flecha e olho arrebatam sem dó!
E aos inimigos que o campo não cedem,
Olho e flecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais eram rugidos:
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII

E com fúria tão grande arremete,
Com desprego tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repete,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda à fera mais torva e bravia
Disputando guarida dum dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV

Potiguares, que a aurora risonha
Viu nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos dum povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas há quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

XV

“Este o conto que os Índios contavam,
“A desoras, na triste senzala;
“Outros homens ali descansavam,

“Negra pel1; mas escravos tão bem.
“Não choravam; somente na fala
“Era um quê da tristeza que mora
“Dentro d’alma do homem que chora
“O passado e o presente que tem!”

HINOS

A LUA

Salve, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar
Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D'estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tênue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites hórridas;
Qual sol que em linfa clara
Desponta os raios vívidos,
Em tarja multicolor;
És como a virgem pudica.
Que amor no peito encerra;
Mas só, mas solitária,
Vagando aqui na terra
Triplica o selo místico
Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua cândida,
No giro sonolento.

E o teu cortejo mádido
De estrelas, e do vento
O sopro merencório,
Que à noite dá frescor.
Por teus influxos mágicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos úmidos
Gotejam triste pranto,
Que orvalha a chaga tépido,
Que minguia a antiga dor!

Em gélido sudário
De neve alvinitente,
Por terras vi longínquas,
Durante a noite algente,
A tua luz benéfica
Luzir meiga do céu.
Nos mares solitários
Tão bem a vi! — nas vagas
Brincava o lume argênteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntário,
Cansado exílio seu!

Tão bem a vi na límpida
Corrente vagarosa;
Tão bem nas densas árvores
De selva majestosa,
Coando os raios lúbricos
No lôbrego palmar.
E eu só e melancólico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslizar-se tímida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tétrica
Da mata secular;

Em devaneio plácido
Velava, em quanto via

Ao longe — os altos píncaros
Da negra serrania,
— Disformes atalaias,
Que sempre ali serão!
No rório silêncio
Minha alma se exaltava;
E das visões fantásticas,
Que a lua desenhava,
Seguia os traços áureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledó, impróvido,
Até que de repente
Da minha vida mísera
Se me antolhava à mente
A quadra breve e rápida
Do malfadado amor.
Então fugia atônito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silêncio;
Bem como o cervo insonte,
Que às setas foge pávido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente.
Melhor que o lume trêmulo
D'estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pálida,
Vagando em noite bela,
Rompendo as nuvens túrbidas
Da ríspida procela;
Eu te amo até nas lágrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
 Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
 Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e queda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
 Do bosque murmurando:
Então, mau grado o véu que envolve a terra,
A vista, do que vela, enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
 Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e queda!
Então parece que da vida as fontes
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,
 Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
 Da música se espargem.

O peito aspira sôfrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flor noturna,
Que bebe orvalho, ele se embebe e ensopa

Em êxtasis de amor;
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
Para afagar-lhe o trono!

Assim é que no templo majestoso
Reboa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
Mudez do santuário;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capela que o resguarda,
E na chave da abóbada topando,
Como um dossel, se espraia.

Eu amo a noite solitária e muda;
Como formosa dona em régios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Majestosa e sentida;
Se no dó atentais, de que se enluta,
Certo sentis pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
De a ver tão bela e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,
E o porte, e o garfo senhoril e altivo,
E as falas poucas, e o olhar sob'rano,
E a fronte levantada:
No silêncio que a veste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ela é grande
Com voz humilde a saudareis rainha,
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando, bem como em salas de banquete

Mil tochas aromáticas ardendo;
Giram fúlgidos astros!
Eu amo o leve odor que ela difundo,
E o rorante frescor caindo em per'las,
E a mágica mudez que tanto fala,
E as sombras transparentes!

Oh! Quando sobre a terra ela se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flor dentre o seu musgo,
A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana soa,
E mais se acorda ao hino harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
E Deus gostoso escuta.

A TEMPESTADE

I

De cor azul brilhante o espaço imenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Cintila e fulge em lâminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pálido e breve:
Outro vem após ele, inda outro, muitos;
Sucedem-se frequentes, — mais frequentes,
Assumem cor mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horizontes co'o fulgir roxeiam.

Qual manca d'óleo em tela acetinada,
Que os fios todos lhe repassa e embebe;
Ou qual abutre do palácio aéreo
Tombando acinte, — no descer sem asas
Um ponto só, — até que em meia altura
Abrindo-as, paira majestoso e horrendo:
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cúpula dos céus de cor medonha
Tinge, e os céus alastra, e o espaço ocupa.
A abóbada de trevas fabricada
Descansa em capitéis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe

Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
E aos píncaros da rocha enegrecida
De iroso e mal sofrido a espuma arroja!
Raivoso turbilhão consigo arrasta
O argueiro, a folha em vórtice espantoso;
No vale arranca a flor, sacode os troncos,
No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a natureza os seus esforços
Primeiro que entre em luta; não lampeja
Ínvio fogo nos céus; não sopra o vento:
É tudo escuridão, silêncio e trevas!
Somente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensível, como que sem causa,
Imenso como o eco de mil vozes
No céu de extensa gruta repulsando.
Silêncio!perto vem a tempestade!
Grávidas nuvens de fatais coriscos,
Sem rumo, como nau em mar desfeito,
Eu muda escuridão negros fantasmas,
Indistintos, em forma, — ondulam, jogam.
Logo poder oculto impele as nuvens,
Atraem-se os castelos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após ribomba!

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as asas do tufão que enfreias,
Despega os elos do veloz corisco
E as nuvens rasga em rúbidas crateras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens

Do teu açoite aos látegos bramindo,
Ocupem de pavor os céus e a terra,
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
Que assim por teus influxos me comoves,
Que todo me eletrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
Por desertos, por sirtes arenosas
Jungido e preso e atônito levado;
Assim minha alma sobe e vai contigo,
E vinga os teus palácios mais subidos,
Contempla os teus horrores, e dos astros
No prazer, que lhe dás, toda embebida,
Mau trado teu horror, folga contigo!
Parece que ali tem a régia c'roa
Que o feliz condenado achou na Ucrânia.
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Enfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulções desfaz; os rios crescem,
De pérolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meu Deus, assim será no dia
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jericó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com rancos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com fúria brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, há de acender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,
No abismo hão de cair com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão-de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abismo as solidões hão-de acordar-se!
Flamívomos vapores condensados,
Te nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incêndio.

O ar há de acender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em frágua,
Coalhar-se o mar e em áspera secura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste caos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, à um só dizer do Onipotente,
O pó segunda vez há de animar-se,
E os mortos, mal sofrendo a luz da vida,
Atônitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tatear os membros,
Estranhos a existência já vivida,
Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de glória e majestade,
Em sôlio de luzeiros resplendente,
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça em fins do mundo
Acalmar a procela, e quando aos mortos
Disseres tu, quem és, — lembrar-nos-emos,
Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveu contigo,
Quem n'âncora da fé prendeu sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seus passos graduou nos teus caminhos;
Quem dia e noite revolveu consigo
Como aplacar-te.

Gonçalves Dias

Novos Cantos
(1857)

Poemas

O HOMEM FORTE

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sábios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradua firme os passos.

O brilho da sua lama não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a inveja o mérito subido;
Pode em seu dano conspirar-se o mundo
E renegá-lo a pátria!

Tão modesto no paço de Lóculo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da consciência o grito,
Não nega os seus princípios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co's pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbável.

Sofre mártir e expira! A pátria em torno
Do seu sepulcro o chora, onde a virtude,

Afeita ao luto e à dor, de novo carpe
Do justo a flébil morte!

DIES IRAE

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata
Frutos de maldição produz somente;
E em quanto os homens ao mercado afluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta,
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rotas pela mão do tempo,
De cânticos e preces deslembradas,
A voz de Deus já não reboa imensa!

Tudo porém conserva o mesmo aspecto:
O sol girando, e na aparência o mesmo,
Do ano as quadras compassado alterna;
E os astros, seus irmãos, gravitam sempre
D'abóbada celeste. A terra é a mesma;
As águas pelos vales se deslizam,
Ou d'alpestres montanhas se despenham
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas
Inda conversam nos soturnos bosques;
A mulher, a mais bela criatura,
Nas suas próprias perfeições compraz-se,
Como quando, no Eden, as pulcras formas
Pasmou de ver representadas n'água,
E de as ver se ufanou. Inda conserva
O mesmo orgulho e inteligência o homem,
O rei da criação, o deus criado,
De quando vinham, por pedir-lhe os nomes,
Cetáceos, aves e os répteis e aquelas
Criaturas-montanhas, que passaram
Entre Adão e Noé à flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
Esse mundo interior, esse outro templo,

Onde gravara o próprio Deus seu nome,
Como os templos de pedra, jaz em lume,
Jaz como o prédio a desfazer-se em ruínas.
Onde um guarda solícito não mora,
E entregue as aves más, que em chilros pregam,
Que ali, na ausência do senhor imperam.
Da divina bondade cheio o vaso
Já transborda de cólera i justiça
E o largo rio do perdão saudável,
Que mais não corra, empece: Santas águas
Por cuja causa os séculos já viram,
Sem justa punição, ofensas graves;
Que o Senhor consentisse persistirem
Os maus no mal, à espera d'emendá-los;
Que triunfasse a malvadeza; e o crime,
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deus, que fora outrora pai clemente,
Dando começo ao reino da justiça,
Eu austero juiz se há convertido.
Como um carro, que vai d'encontro ao abismo,
Perfaz o sol precipite o seu giro,
Indo a tocar a temerosa meta
Prevista dos profetas. Um arcanjo
Com mão robusta inda retém os elos
Da cadeia do tempo, em quanto a outra
Da vida o livro volumoso sela
Com sete brônzeos selos. Deus ofeso
Tira os olhos do mundo, e o mundo há sido!

Quem pudera pintar as discordâncias
Em que labora a natureza! Crescem
Da terra ígneos vapores, sufocando
O que respira, o que tem vida; os montes
Em crateras se rasgam, que vomitam
Rumo e lava incessante; o mar s'empola
E em fúria ardendo, arroja aos altos cimos

Cruzados vagalhões, qual se tentara
Sovertê-los; os ventos se contrastam!
Novos prodígios, novos monstros surgem!
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
O Universo em mansão d'aflitas fores,
O homem sofre, blasfema e desespera,
E vendo os mundos desabar precipiteis,
Um grito solta d'horroroso transe,
Como de nau, quem alto mar s'afunda
E rola os restos n'amplidão das águas.

Satisfêz-se o Senhor. Que resta? — O caos,
O horror, a confusão, o vulto enorme
Do tempo, que escurece o fundo abismo,
Onde por todo o sempre jaz cativo;
E da morte o cadáver gigantesco
Quase ocupando a superfície inteira
Dum mar de chumbo, escuro e sem rumores.
Da glória do Senhor um raio apenas,
Lá dos confins do espaço despedido,
Fere da morte o rosto macilento
De tudo quanto foi, e quanto existe!

ESPERA

Quem há no mundo que aflições não passe,
Que dores não suporte?
Mais ou menos d'angústias cabe a todos,
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
E de longo sofrer;
Semelha a noite; mas fagueiros sonhos
Podem de noite haver.

Por que então maldiremos este mundo
E a vida que vivemos,
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
Quanto mais dor sofremos?

Quantos cabelos temos, ele o sabe;
Ele pode contar
As folhas que há no bosque, os grãos d'areia
Que sustentam o mar.

Como pois não será ele conosco
No dia da aflição:
Como não há de computar as dores
Do nosso coração?

Como há de ver-nos, sem piedade, o rosto
Coberto d'amargura;
Ele, senhor e pai, conforto e guia
Da humana criatura?

Se o vento sopra, se se move a terra
Se iroso o mar flutua;

Se o sol rutila, se as estrelas brilha,
Se gira a branca lua;

Deus o quis, Deus que mede a intensidade
Da dor e da alegria,
Que cada ser comporta — num momento
D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura!
Além da terra há céus, e Deus protege
A toda criatura!

Viajor perdido na floresta à noite,
Assim vago na vida;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE

Saudade, ó bela flor, quando te faltem
Coração ou jardim, onde tu cresças;
Vem, vem ter comigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lágrimas, que te reguem,
Espaços, em que floresças.

Das pegadas da ausência tu despontas,
Entre as memórias cresces do passado,
Quando um objeto amado,
Quando um lugar distante,
Noite e dia,
Nos enluta e apoquenta a fantasia.
Vem, ó Saudade, vem
A mim também
Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais!
Oh! seja a punição dos insensíveis
Não te sentir jamais!

Propícia Deusa, e se não fosse a esperança,
Deusa melhor da vida; qu'insensato,
A quem mitigas túrbidos pesares
Haverá tão ingrato
Que te não queime incenso em teus altares?
O presente o que é? — Breve momento
D'incômodo ou desgraça
Ou de prazer, que passa
Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véu escuro,
Que nem sempre a ilusão nos adelgaça,
Nos encobre os caminhos do futuro.
O que nos resta pois? — Resta a saudade,
Que dos passados dias
De mágoas e alegrias
Bálsamo santo extrai consolador!
Resta a saudade, que alimenta a vida
À luz do facho que adormenta a dor!

Hera do coração, memória dele,
Ó Saudade, ó rainha do passado,
Semelhas a romântica donzela
De roupas alvejantes
Nas ruínas de castelo levantado:
Grinaldas flutuantes,
Que das fendas brotaram,
Movem-se do nordeste
Ao sopro agudo e frio;
Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,
De posses decaído,
D'invernos alquebrado,
Recorda triste os anos que passaram!

Em que plagas inóspitas e duras
Não me tens sido companheira e amiga?
Em que hora, em que instante
De folga ou de fadiga
Já deixei de sentir o penetrante
Espinho teu, a repassar-me todo
Dum prazer melancólico e suave?

Pois nasces nos desertos da tristeza,
Ó Saudade, ó rainha do passado!
Quando te falte gleba, onde tu cresças,
Vem, vem ter comigo;

Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lágrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças!

Entra em meu coração, ocupa-o todo,
Fibra por fibra enlaça-te com ele,
Desce com ele à sepultura; e quando
 Jazer eu na eternidade,
 Minha flor, minha saudade,
 Tu procura a aura celeste,
Rompe a terra, transforma-te em cipreste.
 Qu'enlute o meu jazigo;
E ao meneio das ramas funerárias,
 Meu derradeiro amigo,
Descanse morto quem viveu contigo.

NÃO ME DEIXES

Debruçada nas águas dum regato
A flor dizia em vão
A corrente, onde bela se mirava...
“Ai, não me deixes, não!”

Comigo fica ou leva-me contigo
Dos mares à amplidão,
Límpido ou turvo, te amarei constante
Mas não me deixes, não!”

E a corrente passava, novas águas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer curva na fonte:
“Ai, não me deixes, não!”

E das águas que fogem incessantes
À eterna sucessão
Dizia sempre a flor, e sempre embalde:
“Ai, não me deixes, não!”

Por fim desfalecida e a cor murchada,
Quase a lambear o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flor enleia,
Leva-a do seu torrão;
A afundar-se dizia a pobrezinha:
“Não me deixaste, não!”

ZULMIRA

Sonhara-te eu na veiga de Granada,
Tapetada de flores e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento giro
Volvem a linfa pura.

Ali te vejo em leda comitiva
Dos gentis cavaleiros do oriente,
Quando, deposta a malha do combate,
Vestem da paz a seda reluzente.

Ali te vejo num balcão sentada,
Grande preço da maura arquitetura,
Pejando as asas das noturnas brisas
Dum canto de ternura.

Ali te vejo, sim; mas mais me agrada
O que se m'afigura noutro instante,
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o séquito pomposo
D'eunucos a teu gesto vacilantes
Em cujas fontes negras se destacam
Alvíssimos turbantes.

E pergunto quem és? — Então me dizem
Ciosos de guardar o seu tesouro,
Nome tão doce aos lábios, que parece
Escrever-se em cetim com letras d'ouro.

A UMA POETISA

— Donde vens, viajor?
— De longe venho.
— Que viste?
— Muitas terras.
— E qual delas
Mais te soube agradar?
— São todas belas;
Fundas recordações de todas tenho.
— E admiraste o que?
— Ah! onde as flores
Cada vez a manhã tornam mais linda,
Onde gemeu Paraguaçu de amores
E os ecos falam de Moema ainda;

Ali, Safo cristã, vigem formosa,
A vida aos sons da lira dulcifica:
D'escutar a sereia harmoniosa
O de vê-la, a vontade presa fica!

ANGELINA

É gentil e linda e bela,
E eu sei que m'arrouba o vê-la
Tão divina:
A lira seus cantos cesse;
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

Outro louve os seus cabelos,
Cante a luz dos olhos belos
Que fascina;
E o leve sorrir donoso
Que irradia o rosto airoso
D'Angelina!

Os dotes diga que apura,
Quando em lânguida postura
Se reclina;
Que s'ergue, se acaso passa,
Sussurro que aplaude a graça
D'Angelina!

Que de amor quando suspira
O bardo quebrara a lira,
De mofina;
Que jamais puderam cantos
Pintar no vivo os encantos
D'Angelina!

Que da sua alma a pureza
Equipara-se à beleza
Peregrina;

Que amor seu trono tem posto
N'alma, no talhe e no rosto
D'Angelina!

Eu que não sei descrevê-la,
Só sei que me arrouba o vê-la
Tão divina;
A lira seus cantos cesse,
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

ROLA

Desque amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rola, que o esposo perdeu!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meu amante,
Tua sou e tu és meu!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meus desejos,
Vem faltar-me com teus beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anseio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meu!
Que, se amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rola, que o esposo perdeu.

AINDA UMA VEZ — ADEUS! —

I

Enfim te vejo! — enfim posso,
Curvado a teus pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pesar de quanto sofri.
Muito penei! Cruas ânsias,
Dos teus olhos afastado,
Houveram-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

II

Dum mundo a outro impelido,
Derramei os meus lamentos
Nas surdas asas dos ventos,
Do mar na crespia cerviz!
Baldão, ludíbrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condói do infeliz!

III

Louco, aflito, a saciar-me
D'gravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quase no passo extremo,
No último arcar da esp'rança,
Tu me vieste à lembrança:
Quis viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e falar-te outra vez;
Reverme em teu rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teus pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teu rosto?
Pois tanto pode o desgosto
Transformar o rosto meu?
Sei a aflição quanto pode,
Sei quanto ela desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nenhuma voz me diriges!...
Julgaste acaso ofendida?
Deste-me amor, e a vida
Que ma darias — bem sei;
Mas lembrem-te aqueles feros
Corações, que se meteram
Entre nós; e se venceram,
Mas sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!...mas devera
Exporte em pública praça,
Como um alvo à populaça,
Um alvo aos ditérios seus!
Devera, podia acaso
Tal sacrifício aceitar-te

Para no cabo pagar-te,
Meus dias unindo aos teus?

VIII

Devera, sim; mas pensava,
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavam; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deus me aceitaria
O meu quinhão de alegria
Pelo teu quinhão de dor!

IX

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miséria
Dum martírio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
“Ela é feliz (me dizia)
Seu descanso é obra minha.”
Negou-me a sorte mesquinha...
Perdoa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinham,

Tanta ilusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde para?
Onde a ilusão dos meus sonhos?
Tantos projetos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... — Horrendo caos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não pode voltar atrás!
Amarga irrisão! reflete:
Quando eu gozar-te pudera,
Mártir quis ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meu eras tu, não outro;
Estava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausência do mal

XIV

Pensar eu que o teu destino
Ligado ao meu, outro fora,
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz;
Pensar que a tua ventura
deus ab eterno a fizera,
No meu caminho a pusera...

E eu! eu fui que a não quis!

XV

És doutro agora, e p'ra sempre!
Eu a mísero desterro
Volto, chorando o meu erro,
Quase descrendo dos céus
Dói-te de mim, pois me encontras
Em tanta miséria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deus!

XVI

Dói-te de mim, qu t'imploro
Perdão, a teus pés curvado;
Perdão!... de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miséria,
Da dor que me rala o peito,
e se do mal que te hei feito,
Também do mal que me fiz!

XVII

Adeus qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meus;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz comovida
Soluçar um breve Adeus!

XVIII

Lerás porém algum dia
Meus versos, d'alma arrancados,

D'amargo pranto banhados,
Com sangue escritos; — e então
Confio que te comovas,
Que a minha dor te apiede,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

SONO

Nas horas da noite, se junto a meu leito
Houveres acaso, meu bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
Que toma o meu sonho,
Se o vens bafejar!

O anjo, que ao sono preside tranquilo,
Ao anjo da terra não ceda o lugar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meu leito,
Unir-me a seu peito,
D'amor ofegar.

As notas que exalam as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez também frua, se ao meu peito unida
T'encontro, ó querida,
No meu acordar!

SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido dum rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns lábios macios, que expiram amores
E abrandam as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar:
Constante a seu lado, seus sonhos divinos
Aos sons dos meus hinos — quisera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meus dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votara-lhe a vida — que Deus me quis dar.

A FLOR DO AMOR

Já lento o passo, no cair da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada areia,
Que o vento agita, porém não recreia,
Da caravana o condutor parou.
Armam-se à pressa tendas alvejante,
Rumina plácido o frugal camelo;
Porém a nuvem d'árabes errantes
Se achega à presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição noturna,
Junto a fogueira, que derrama vida,
Descansam todos da penosa lida
À voz canora, que o cantor alçou!
Confuso o ouvido um burburinho alcança,
As armas toma o árabe prudente;
Mas logo pensa, rejeitando a lança:
“Foi o grunhido que o chacal soltou.”

Ouvidos todo e curioso enlevo,
Torna de novo a retomar seu posto;
Pela fogueira alumiado o rosto,
Bebendo as vozes que o cantor soltou;
Semelha a terra, quando aberta em fendas
Da noite o orvalho sequiosa espera;
E o corcel árabe encostado às tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

“Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bela,
Por influxo e poder de maga estrela,

Mimosa, pura e delicada flor!
Jazendo em sítio escuso e solitário,
Esforços é mister p'ra conhecê-la,
Que diz a forte lei do seu fadário
Que a não descubra acaso o viajor.

“Alva do albor dos lírios odorosos,
Tem a modéstia da violeta esquiva,
E o pronto retrair da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor!
Assim, à luz da cambiante aurora,
Mudando um poço a resplendente alvura,
De uns toque de carmim s'esmalta e cora
A graciosa e pudibunda flor.

“Faz-me mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce; amenizam-se os lugares,
Tornam-se menos agros os pesares
E menos viva, e quase nula a dor;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmúrio as águas correm,
E o leve sopro do correr da brisa
Volúpia embebe em mágico frescor!

“Feliz aquele que a encontrou na vida,
Que onde ela nasce tímida e fagueira
Não s'enovela a mó d'atra poeira,
Tangida pelo simum abrasador!
Ali sorri-se oásis venturoso,
Qu'entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, aflito e sem repouso
Chama a descanso de comprido error!

“Feliz e mais que se, perdido, achara
Conforto e auxilio no catá, seu guia,

Que o leva a fonte perenal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Que por fanal noturno lhe acendesse
Maga estrela de límpido fulgor.

“Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis sedutor.
Essa flor descoberta por acerto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor!”

Assim cantava o trovador; e todos
Ouvem-no com prazer de dor travado,
Que mais do que um talvez terá deixado
Atrás de si a pudibunda flor!
No entanto a nuvem d’árabes errantes
Chega-se à presa, que avistou de longe;
E dos corcéis, que alentam ofegante,
Precede a marcha túrbido pavor!

E, nado o sol, aquele que passava
Pelos desertos d’abrasada areia,
Que o rubro sangue de cruor roxeia,
A um lado o rosto pálido, voltou!
Ninguém as mortes lastimáveis chora,
Ninguém recolhe os restos insepultos,
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
Sem borrifa-los, no areal ficou!

Quem saberá do seu destino agora?
Ninguém! Somente em climas apartados
Miseranda mulher lastima os fados

De filho ou esposo, que jamais tornou!
Talvez porém, trás de montões d'areia,
Nobre corcel sem cavaleiro assoma,
E alonga avista, de pesares cheia,
Te onde a vida seu senhor deixou!

A SUA VOZ

Ouvi-a! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n'alma.
Retratado o pudor tinha no rosto,
E um suave dizer, um timbre doce
De voz, uma piedade estreme e santa,
Que as mais profundas chagas amimava,
D'ambrosia e de mel lhe ungia os lábios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
Mais impressiva que o cantar das aves!
A aragem que entre flores se desliza
E mal remexe a tímida folhagem,
A veia de cristal que triste soa,
O saudoso arrulhar de mansas pombas,
As próprias notas dum cantar longínquo
Ou de instrumento a conversar co'a noite,
Menos que a sua voz impressionavam!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
Os dois mais puros sentimentos nossos
— A saudade e o amor, — as mais profundas
Das merencórias solidões da terra
— As florestas e o mar, — um cismar vago,
Um devaneio, um êxtasis sem termo
D'alma perdida por um cu de amores,
Tanto como a sua voz não arroubavam!

Tanto como a sua voz! — somente o foram
Dulces notas de místicos saltérios
Te nós de um astro em outro repetidas.
Foi isto o que senti, quando a escutava,
Fluente, harmoniosa, discorrendo

Em prática singela, sobre assuntos
Diversos, sobre flores, menos belas
Do que o seu rosto, e céus, com ela, puros.

Mas quem na ouvira conversar de amores,
Trouxera n1alma como uma harpa eólia,
Dia e noite vibrando,
Como um cantar dos anjos
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE MORRE DE AMOR

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surpreende
De ruidoso sarau entre os festejos;
Assomos de prazer nos raíam n1alma,
Que embelezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Simpáticas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flor entre os cabelos,
Um quê mal definido, acaso podem
Num engano d'amor arrebatá-los.
Mas isso amor não é; isso é delírio,
Devaneio, ilusão, que se esvaece
Ao som final da orquestra, ao derradeiro
Clarão, que as luzes no morrer despedem:
Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,
D1amor igual ninguém sucumbe à perda.

Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, te capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos campos,
D'ave, flores, murmúrios solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar se custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto

O ditoso, o misérrimo dos entes:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor poção da vida
Se concentra; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses tesouros
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora
Compr'ender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,
Ama-la, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afoga-la em mil abraços:
Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão enfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em recíproco afeto; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas — em puro céu d'êxtasis puros;
Se logo a mão do fado as torna estranhas,
Se os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos;

Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e escárnio?
Pode o raio num píncaro caindo,
Torna-lo dois, e o mar correr entre ambos;
Pode rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Sinais mostrando da aliança antiga;
Dois corações porem, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separam, morrem;

Ou se entre o próprio estrago inda vegetam,
Ânsias cruas resumem do proscrito,
Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive a própria ruína,
Ao seu viver do coração, — às gratas
Ilusões, quando em leito solitário,
Entre as sombras da noite, em larga insônia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a apetecida imagem;
Esse, que à dor tamanha não sucumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seus o desejado termo!

A MORTE É VÁRIA
(tradução)

A morte é vária e multiforme, e muda
De trajes e de máscaras mais vezes
Qu'uma cansada atriz;
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'irônico sorriso e brancos dentes,
E d'hórrido cariz.

Nem todos seus vassalos são poeira
No ressalto de pedra adormecidos
Por sob as arcarias;
A pálida libré nem todos vestem,
Nem sobre todos jaz murada a porta
Nas criptas sombrias!

Diversa a natureza é doutros mortos:
Nestes que a sânie e podridão consomem,
Vê-se o nada palpável;
Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,
Qual monstro insaciável!

Cabe a outros porém que se dor vemos
Passar, girar no turbilhão dos vivos,
De carne inda vestidos,
O nada inda encoberto; cabe a interna
Morte, que ninguém sabe, nem chora,
Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos ver nos cemitérios
As campas, ou ilustres ou sem nome,
De mármore ou torrão;
Ou tenhamos ali amiga pálpebra,
Ou não, — do teixo à sombra descansada,

Quer choremos, que não!

“Jazem” dizemos. Os nomes desaparecem
Sob a relva; o verme nesses olhos
Enreda a teia crua!
Por entre as pranchas do caixão despontam
Hirtos cabelos, e em pó funéreo envolta
Branqueja a ossada nua.

Os herdeiros não temem que mais volte;
Esqueceram-no já: seus cães se lembram,
Soltando uivos de dor!
Acama-se a poeira em seus retratos:
Já não tem mais rivais, não tem amigos,
Nem ódios, nem amor!

Da morte o anjo, em lágrimas de pedra
Vemos sozinho e mudo a pranteá-lo,
Estátua da aflição:
A cova toma o corpo, o olvido o nome
Tem pó lençóis seis pés d'úmida terra...
Mortos, bem mortos são!

E dos olhos talvez se voz deslize
O pranto sobre a relva, pelo orvalho
E chuva umedecida;
Que na triste mansão os regozije,
E por essa oblação enternecidos
Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chora,
Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:
“Seja o Senhor contigo.”
Curam do morto, lavam-lhe as feridas;
Mas a alma estala em que alguém se doa,
Nem mesmo o mais amigo!

Há contudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dores horrorosas
 Mais do que se não crê;
Almas há que tem cruz e passamento,
Sem auréola d'oiro e a mulher pálida
 E desgrenhada — ao pé.

Gonçalves Dias

**Sextilhas de Frei Antão
(1848)**

Poesia

LOA DA PRINCESA SANTA

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era cristão
Quando nas guerras de mouros
Era o rei nosso pendão,
Quando as donas consumiam
Seus teres em devação.

Dava o rei uma batalha
Deus lhe acudia do céu;
Quantas terras que ganhava,
Dava o Senhor que lhas deu,
E só em fazer mosteiros
Gastava muito do seu.

Se havia muitos Ifantes
Torneio não se fazia;
É esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia:
Para os armar cavaleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rei seus vassalos
E em cortes logo os reunia:
Vinha o povo atencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reino,
Gente de muita valia.

Quando o rei tinha-los juntos
Começava a discursar:
“Os Ifantes já são homens,
Vou-me às terras de além-mar
Armá-los lá cavaleiros;
Deus Senhor m' há de ajudar.”

Não concluía o pujante rei
Rei — de assi lhes propor,
Clamavam todos em grita
Com vozes de muito ardor:
“Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor!”

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavam,
Sem se pesar de ninguém;
E os Padres de Sam Domingos
Iam com eles também.

Iam, si, os bentos Padres:
E que assim fosse, é rezão,
Que o santo em guerras d’Igreja
Foi um bom santo cristão:
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava,
“Que terra temos por lá?”
Quem em Deus tanto confia,
Sempre Deus por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural:
“Temos Ceuta, Arzila ou Tângere,
Conquistas de Portugal!”
E todos, a voz em grita,
Clamavam : real! real!

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era cristão;
Os moços davão-se à guerra,
As moças à devação:
Aquele terra de mouros
Vivia em muita aflição.

Deu-nos Deus tantas vitórias,
E tanto pera louvar,
Que os padres de Sam Domingos
Já não sabiam rezar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeu!
Aqueles Padres coitados
Não tinham tempo de seu:
Levavam todo cantando
Louvores ao pai do céu.

Louvores ao pai do céu,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar;
Mas somente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanários subtis,
E a prata das sacristias,
Servidas em misteres vis,
E ante os leões de Castela
Dobrada a Lusa cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo que sou Português:
Arço de ver nossas coisas
Irem todas ao revés,
Arço de ver nossa gente
Andar conosco ao envés

Mercê de Deus! Minha vida
É vida de muito dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
Num canto de cela escura.

Do meu velho breviário
Só deixarei a leitura
Para escrever estes carmes,
Remédio à nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada é essa qu'i vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porém.

Dão sinais as fortalezas,
Respondem sinais de lá:
Vem el-rei vitorioso
Quem de gáudio se terá?
O mar é todo bonança,
O céu muito sereno está!

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordam alegres ecos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora muito depressa,
Senhores da capital!
Vinde ver Afonso quinto,
Rei, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reis foram outrora
Fragueiros de condição
Dormiam quase vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavam de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não cometiam
Sem primeiro comungar
Sem fazer voto a algum santo
De tenção particular;
Porém vitórias houveram,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da benção divinal,
Conheceraam os poderes
Da bênção celestial,
Se contarem os mosteiros
Das Terras de Portugal!

Nossas capelas que temos,
Nossos mosteiros custosos,
São obras santas de Santos,
Obras de rei mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que pregam feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que foram mal gastos
Os bens com eles gastados:
Eu creio (Deus me perdoe)
Que são incréus disfarçados!

E mais prasmam dos feitos
De pedra, que Mênfis tem,
Sem ter olhos para Mafra,
Pera Batalha ou Belém!
Oh! Se a estes conheceras,
Meu frei Gil de Santarém!

Naquela vila deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rei a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meu Santo, que fizeras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacam motejos
Às nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas,
Relevai-me esta tardança;

São achaques da velhice:
Vivemos de lembrança
E em longas falas fazemos
De tudo comemoração.”

Já el-rei Affonso quinto
Nas suas terras pojou:
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rei se mostrou;
Abriu-se em alas vistosas,
El-rei entre elas passou.

Vêm os músicos troando
Nos atabales guerreiros,
Tangem outros instrumentos
Desses climas forasteiros,
E trás ele vêm marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São eles mouros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminham a passos lentos,
Com sembrantes atrevidos.
Causa medo vê-los tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspecto,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seu nojento alcorão,
Que — vinho? Nem querem vê-lo,
Só por que o bebe um cristão!

Vêm as moiras depois deles,
Rostos cobertos com véus;
Bem que filhas d’Agarenos,

São também filhas de Deus;
Se foram cristãs ou freiras,
Seriam anjos dos céus.

Luziam os olhos delas,
Como pedras muito finas;
Deviam ser finas bruxas,
Inda qu'eram bem meninas,
Que essas moiras da mourama
Nascem já bruxas cadinas!

Uma delas que lá vinha
Olhou-me à través do véu!...
Foi aquilo obra do demo,
Quase, quase me rendeu!
Pensei nela muitas vezes,
Valeram-me anjos do céu!

Vi as largas pantalonas,
E o pezinho delicado...
Como pode pensar nisto
Um pobre frade cansado,
Um padre da Observância,
Que sempre come pescado?!

Enfim, dizer quanto vimos
Não cabe neste papel;
Vinhão muitas alimárias,
Como achadas a granel;
Vinha o ifante brioso,
Montado no seu corcel.

Vinhão pajens e varletes,
Vinhão muitos escudeiros,
Vinhão do sol abrasados

Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavaleiros!

A Princesa Dona Joana
Saiu dos Paços reais;
Era moça, e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'riam muito.
Estranhos e naturais!

Foi requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que dela tinham,
E por cópia de pintores,
Que muitos vinham de fora
Ao cheiro de seus louvores.

E diz-se dum rei de França,
Ludovico, creio eu:
Um pobre frade mesquinho
Só trata em coisas do céu;
Sabe ele que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeu.

Pois diz-se do rei de França,
O onzeno do nome seu,
Que vendo um retrato destes
Pera si logo entendeu,
Qu'era prodígio na terra
Quem tanto tinha de céu.

E logo sem mais tardança
Caiu, giolhos no chão,
No feltro traz arrelíquias,
Assi usa um rei cristão;

O seu feltro pôs diante,
E fez sua oração!

Saiu a real Princesa,
Saiu dos Paços reais
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava um mantéu vistoso
Sôbolas suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seus olhos valiam tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneio concertado,
Solto o cabelo em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadeixo de fios d'ouro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a régia Dona,
Vinha muito para ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ela santa às ocultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia à raiz das carnes
Duros cilício cosidos
E umas crinas mui agras,

Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratório a rezar,
Dormia depois na pedra
Sem ninguém o suspeitar:
Extremos tais em princesa
Quem nos há de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava seu Vedor
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dor,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a ocasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade
E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
Sabiam de tal saber,
E perguntavam, quem era
Aquela santa mulher?!
Maus pecados que ela tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foi quem
Isto depois revelou,
Quando aquela humanidade
E o Senhor descansou;
Dona Joana era já morta,
Ele porém mo contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabiam algo os estranhos
Por muitos certos sinais,
Que o ar é todo perfume,
Se a terra é toda rosais.

É coisa de maravilha
Que me faz cismar a mi,
Que as donas d'hoje pareçam
Uns camafeus d' alfini,
Nas donas de carne e osso;
As donas de outrora — si.

Hoje leigos de nonada
(É-lhes o demo caudel)
Praguejam a mesa escassa
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joana,
Regente de Portugal;
Trás sobre si muitas joias
Do tesouro paternal;
Deus lhe pôs graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rei se agiolha,
Disselhe el-rei: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
Não a meus pés, mas aqui!

“Sois um bom pai, Senhor rei.
Tornou-lhe a santa Princesa:
Eu que sou vassala vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquela,
Como esta peço fineza.”

Ficaram logo suspensos,
Todos os que eram ali,
Ficaram como enleados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princesa medrosa
Começa a propor assi.

El-rei não lhe respondera;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deus lhe dera.
Que lhe havia defender?
Sorriu-se, o bom rei quisera
Muito por ela fazer.

A Princesa disse entonces:
“De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rei,
Que, vencidos os imigos,
Tornavam, a Deus fazendo
Sacrifícios mui subidos.

“Viam as coisas melhores
Que dos seus reinos haviam,
E logo lhas ofertavam;
E mercês também faziam,
No dia de seu triunfo
A los que justas pediam.

“Deslembrar a usança antiga
Fora de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empresa,
De tanto lustre aos do reino,
De tal honra a vossa Alteza.

“Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a oferta ser tamanha
Quamanha foi a mercê,
Não do nobre rei pujante,
Mas do santo rei qual é.

“A oferta que vós fizerdes,
Será mercê paternal:
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

“Ao Deus que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada;
Dai-lhe a filha só que tendes
Em tantos mimos criada:
Será oferta bem quista
E do Senhor aceita.

“E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hóstia a Deus votada.”

Que santa que era a Princesa,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Viu-se, e não era razão,
Que a nenhum deles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco mudo,
El-rei por que muito a amava:
Aquele dizer da filha
Todo prazer lhe aguava,
Aquele pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao ombro dela
O pobre velho cansado,
Chorou o triunfo breve,
E o prazer mal rematado,
Não como rei valeroso,
Mas como pai anojado.

El-rei depois mais tranquilo
Rompeu o silêncio alfi';
E entre aflito e satisfeito
Disse à filha: Seja assi!...
Velhos guerreiros vi eu
Choraram também ali.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizeram,
Nem tam pouco se chorei;
Foi traça da providência:
Nisto comigo assentei.

Foi Jefté corajoso,

O forte rei de Judá;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual destes dois sacrifícios
Soube a Deus mais agradar?
Vai a Hebreia constrangida
Depor o colo no altar,
Vai a cristã jubilosa!
São ambas pera prasmarmos.

Depois num dia formoso,
Era no mês de janeiro,
Houve uma cena vistosa
Dentro de um pobre mosteiro;
Fundou-o Brites Leitoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Uma princesa jurada,
Sobrinha d'altos Infantes,
Filha de reis soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Ali humilde e curvada,
Pesar de todos os seus,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céus,
Ouvi — exígua mortalha
Pedir polo amor de Deus.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deus:
Os anjos digam o seu nome,
Rostos cobertos com véus;
Leiam-no os homens escrito
No liso campo dos céus.

Bom tempo foi o d'outrora
Quando o reino era cristão,
Quando as guerras mouriscas
Era o rei nosso pendão,
Quando as donas consumiam
Seus teres em devação.

GULNARÉ E MUSTAFÁ

Deus Senhor foi quem nos céus
Pendurou milhões de estrelas,
Foi quem matizou a terra
De froles várias e belas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deu por cancelas.

Mandou mais qu'árvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que dessem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles frutificassem.

Pois aquele anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas árvores pôs carcoma
Pôs na frol muita ruindade,
Pôs nos céus a nuvem negra,
Pôs no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Dana, e faz o mal o tedor,
A alma também por mil modos
Tenta com jeito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dor!

Mas não foi jamais que Deus
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem ele fora o mundo

Maldade só e sandice.

Mal que mal há i na terra
Que não venha para bem?
Os d'aqui desta amargura
Dão coita, e glória porém;
Dos outros que traz o demo
Deus o remédio lá tem.

Do mal que me foi comigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor dele
Muito má vida levei,
Que me dá coita mui grave
Do mal que me comortei.

Como já fiz penitência,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foi o escand'lo
De que fui ocasião:
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi lição.

Não é pera honra minha
Mas pera honra dos céus,
Que eu direi publicamente
Os feios pecados meus;
Toda a vergonha foi minha,
Toda a honra cabe a Deus.

É uso assim na milícia
Celeste, e mais na daqui:
Da batalha o cabo experto
Desses muitos que há per i;
Toda a presa aos seus concede,
Só loa quer pera si.

A Princesa Dona Joana
Já vive dentro d' Aveiro;
Consigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rei fragueiro
O que às terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vieram aqueles feios
Netos d' Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
À maneira oriental;
Larga fxa na cintura,
Na fxa largo punhal.

Era pasmo vê-los juntos
Polas ruas passear,
Passo à passo — graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na fronte,
Rugas de mau meditar.

Levar trás si tanta gente
Nunca a ninguém vi assi;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda após si,
Bodo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolati'.

Mas quem viu acaso as turbas
Correrem trás algum bem?
Vão todas após engodo,
Após maldades também;
Mas seguir a Deus por gosto
Nem as vi, nem viu ninguém.

Com estes mouros descritos
Vieram também aquelas
Moiras, filhas da Mourama,
Donas, creio, muito belas;

No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanelas.

Vinha também a menina
Aquele moira fatal,
Que nas ruas de Liboa
Vi no cortejo real:
Cortejo del-rei Afonso
Vi-o eu, só por meu mal!

Quantas coisas que trazia,
Nula rem lhe estava mal;
Diziam que tudo nela
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquele triste instrumento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era naquela feição.

Zagales porém da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cela,
Té das matinas fugi,
Mil vezes, durante a noite,
Aquele instrumento ouvi.

Mil vezes!... e não sei como
Isto foi, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava comigo que ouvia
Dilatar-se polos vales
Aquela doce harmonia.

Assim todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons cismares que cisme!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foi já não sei.

E se às vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomara,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei naquelas brenhas
Cheio d'estranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muita feia crimeza,
Contra mim e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Pólas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinos,
Rasgando os brancos vestidos
Naquelas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como

Todo eu não fiquei ali,
Como eu que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem sequer ensandeci.

Então ao senhor clamava:
“Cegueira, Senhor, me dás!
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem não me traz;
Trago cilícios mordentes,
Usando burel mordaz.

“Abro e vejo o livro santo,
E vejo que não sei ler!
Aqueles santos dictames
Já nos não sei compr’ender;
E nojo ocupa minha alma,
Hei pavor de me perder!”

Bem como o ferro na frágoa,
No sofrer a alma se apura,
Assi que disse eu comigo
Que a triaga também cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquela negra peçonha
Lavrando foi pouco e pouco;
Roia coita d’amores
Miolo cavado e oco,
Já era o mal dentro d’alma
E eu dele rendido e louco.

Diziam meus bentos Padres:
“Que é feito de Antão?
Negra dor o tem por certo,
Negra dor de coração:
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perfeição.

“Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança!
A tábua se achega apenas,
Não toma a sua pitaça;
Té nos ofícios divinos
Perdeu a sua trigança.

“Sai à noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardiã:
Sair à noite, à desoras,
Certo não é devoção:
Que faz de noite nas ruas
Um padre, ou frade ou cristão?”

Com tudo alguns dos mais velhos
Diziam: “Que há i de mal?”
O quer que é que o perturba,
Coisa não é natural:
Deve ser condão divino
Ou graça celestial!

“Pois um santo como aquele!
Quem é que o há de tentar?”
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde zoar
Que Frei Antão já mão sabe
No seu rosairo rezar!

E o caso foi que um noviço

Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fechado consigo
Por novena ou mês inteiro;
E eu doutro me não provera,
Sendo que tinha dinheiro!

Todo os meus defensores
Voltaram-se contra mi;
Diziam qu era mal feito
Um santo mentir assi:
Seja-me Deus testemunha,
Nem santo sou, nem menti.

Logo em Comunidade
Propôs-me o Provincial:
“Dizei-me *peccavi*, meu Padre, Que vos haveis tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial!”

Ouvido que foi por mi
Tão solene mandamento,
À mi, que primara sempre
Adentro do meu convento,
Não sei que pejo maldito
Acorreu-me ao pensamento.

Não era feio o pecado
Mas confessá-lo; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi:
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer;
Nem confessar meu pecado,
Nem ao menos responder:
Ficaram como suspensos
Os que eram ali a ver.

O grave Provincial
Rompe o silêncio, e “Azinha
Trazei, disse ele, o hissope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de padre
Coisa não é comezinha!”

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia;
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Rezava mil rezas suas,
Mil conjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hissope todo molhado
Dizendo sacerdotal:
“Fugide, partes adversas,
Demônio, espírito do mal.

“E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jesus
Sofreu martírio afrontoso,
E morte vil numa cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Espírito, que sempre luz!”

Ouvido aquele exorcismo,
Cego de toda a razão,
Larguei-me do refeitório,
Fugindo como um ladrão:
Clamaram todos em grita:
“Chantou-se nele a legião!”

Enfiei os claustros todos,
Passei pela portaria,
Achei-me em lugar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia:
Os sons do arrabel mourisco
Somente dali se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavam entre si,
Diziam dos esconjuros
Que mal cabiam em mi,
Que era grande sacrilégio
Usarem comigo assi.

Ai! sacrílego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o cristão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocara
O amor de seu Senhor
Por amor de uma donzela
Filha daquele impostor,
Mafoma, falso profeta,
Mafoma, judeu tedor!

A Princesa Dona Joana
Mandou ao nosso Convento:
Qu'eu prestes vá ter com ela
Manda por seu mandamento;
Não quer demora, nem falta,
Negócio diz de momento.

Qual seja o negócio urgente
Não me diz a mensageira:
Não sabe coisa de certo,
Não dirá coisa certa:

O hábito à pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada à grade,
Veio a Princesa real:
“Meu Padre, disse me entences,
É fora do natural
Qu’eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal.

“Ide vós porém chamá-los
Pera o rebanho cristão;
Casade-os vós muito embora,
Que bem daí haverão:
Eu lhes darei corpo livre,
Deus Senhor a salvação.”

Siquier uma só palavra
Não tive naquele ensejo,
Sustou-ma já na garganta
Não sei que mesquinho pejo;
Por confessar meu pecado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foi o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Último fruto colhido
Naqueles jardins do Éden;
O Demo o tocou primeiro:
Todo o seu mal daí vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre e aveludado;
Tal é aquela vergonha,

Que vem após o pecado.

Mas remexei nas raízes
Do limo que é tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso:
Ali com elas se abraça
O feio verme asqueroso!

Ali mil serpes ocultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhas;
Umas coisas de má sina,
Outras coisas mal fadadas.

É força falar a moira!
Disse comigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! Por que não morri?

Já daqueles outros mouros,
Tão feros, não se me dava
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando daquela menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foi o Santo Daniel,
Fui eu no covil lançado
Daquela gente infiel;
Era ele esperto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais dente vil,
Ardia doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi um lavrado gomil.

Tinha o quarto uma só porta
Que um reposteiro cobria,
E um pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais um denso tapete,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco cetim
Entreteladas parece
De coisa de bocachim,
E umas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia um jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fora um alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auribordada
A negra coima apertava;
Que doces anéis brincados
A negra coma formava,
Quando por vezes no colo
De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
Um pezinho delicado
Saía nuzinho e belo,

Mimoso e branco e nevado;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada um de seus dedinho
Trazia a moira um anel;
Meio deitada, à desleixo,
Tangia no arrabel;
Tangia-o com tanta graça
Nem que fora um menestrel.

A letra que cantava
Era de língua algemia;
Era qual trinar de aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coisa assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos
Ou filha do pai do mal.

Deus Senhor, entre luzeiros,
E o Demo em sua cegueira,
Fazem quase as mesmas coisas
Mas por diversa maneira;
O Demo como quem é,
Deus como luz verdadeira.

Pois este pôs a virtude
Entre aflições dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas

Pôs o Demo o seu pecado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quando o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquele moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia:
É hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O pássaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Último voo desprega
E um doce grito de amor;
Nas penas esconde o bico,
Nem teme o visgo redor.

As froles do sol viúvas
Definham, só de tristura;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silêncio que fala,
Bafeja a doce frescura.

“Viste vós meu bem-amado,
(Dizia a filha d’ Alá)
Vistes vós meu bem-amado,
O meu senhor Mustafá?
Se o vistes, dizei-me onde!
Por alma vossa, onde está?

A noite o deixou fechado
Portas a dentro do harém:
Sorvia aqueles perfumes,
Que lá d’ Arábia nos vêm;

Trajava os reais vestidos,
Que lhe caíam tão bem.

Já era sobremanhã
Quando de mi se apartou;
Seu negro corcel d'Arábia
Dum pulo só cavalgou,
E o sol que vinha raiando
Lá na montanha o topou.

Viu dali seus bons guerreiros,
Em alas prontos estão;
De frente mal enxergava
O troço do rei cristão;
Disse o crente musulmano:
Ale mos trouxe, meus são!

Alá! lhes grita o guerreiro,
Respondem-lhe os seus: Alá!
Gritam Cristãos: Sam Tiago!
E o meu senhor Mustafá
Desceu então da montanha,
Que nunca mais subirá.

Desceu ele da montanha
Qual rocha descomunal,
D'agudo cimo tombando,
Arrasando o pinheiral;
Mas a rocha em fundo vale
Faz-se pedaços, em mal!

Desceu ele ao fundo vale,
Como o tufão queimador;

Polos cristãos inimigos
Cortou sem pena e sem dor;
Raio d'esforço na guerra
Foi Mustafá, meu Senhor!

Mas o vento do deserto
Depois de medas formar
Das areias que aglomera,
Onde é que vai acabar?
Mafoma e Alá que mo digam,
Que eu não sei senão chorar!

Alá quebrou teu orgulho,
Meu bom senhor Mustafá!
Alá quebrou teu orgulho,
Mas quando se acabará
Vida que vives de escravo,
Vida que levas tam má?

Doces Huris do Profeta,
Lá do palácio de Alá,
Olhavam cá pera baixo
Só pera ver Mustafá!
Guerreiro não foi como ele,
Como ele ninguém será.

De ser ele meu amado,
Ai que já fui bem feliz!
De ser ele o meu amado
Tinham-me inveja as huris:
Ora não há quem m'inveja!
Foi Alá que assim o quis.

Ora não há quem m'inveja!
Tenho no peito aflição;
Escrava sou dum escravo,
Escravo dum vil cristão!
Mesquinha, que ainda o amo;
Trago-o aqui no coração!“

Então pera junto dela
Cheguei-me sem ser sentido;
Falei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido:
¿Por que assi amas o escravo?
Disse eu, do meu mal vencido.

Foi certo o espirito malvado
Quem pera ali me arrastou,
Quem nos meus castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre acurvou.

Era ele quem nos meus ombros
Pesava co'o peso seu,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueu:
Vendo-me ali de gíolhos,
Baixou de medrosa o véu.

O véu baixou de corrida,
Mas antes seus olhos vi;
Aqueles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi daqueles olhos!

Ora bem se me afigura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura:
Vi Diana, a caçadora,
Naquela hardida postura.

Mas a moira de repente
Um grito franzino dá!
De mim se parte voando,
¿Senhor Deus, o que será?
Volto prestes a cabeça...
Vejo o mouro Mustafá!

Em roda do seu pescoço
A moira os braços prendeu;
Arfa-lhe o peito açodado;
Pera trás roja o véu,
Of'rece o rosto mimoso
Aos beijos daquele incréu!

Era assi qual amorosa
Hera que um robre vingou;
Ligou-se estreita com ele,
Do tope se debruçou,
Folha meteu pelas folhas,
Vida com vida casou.

“Gulnare, disselhe o mouro,
Gulnare, meu doce amor,
Melhor que a rosa da Pérsia,
Que arábio incenso melhor,
Frol dos jardins do profeta,
Que dás mate a minha dor!”

Responde a moira mimosa:
“Dizes bem, meu Mustafá;

O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso eflúvios dará;
O sol cintila na rosa,
A rosa ressurgirá.”

Abelha, tornou-lhe o mouro,
Que sussurras de agastada;
Herva, que as folhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada?

Ela entonces de malquista
Deu-lhe d’olhos pera mi;
Santo Jesus! em que apertos
Naquele ensejo me vi,
Prendera-me força oculta,
Foi porém que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princesas,
É certo estranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seus iguais;

Deviam ser puro fogo,
Senão faíscas fatais
Daquele sol do deserto,
Que abrasa e funde areais.

Negros olhos de pantera,
Luzindo em feia spelunca;
Olhos, que o giro do sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça,
E dela não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
“Que viestes aqui fazer?”
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder:
“Senhor... em nome do céu!...”
Disse eu, que havia dizer?

“Em nome das três pessoas
Da trindade, em um só,
Eu vos rogo, senhor mouro,
Que siquer tenhades só
Da alma vossa arriscada,
Já não do corpo, que é pó.”

Naquele ensejo apertado
De santo ardil me vali;
Lembrou-me o exemplo sagrado
Da forte hebréia Judit!
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei dali.

Tornou-me o mouro descrido
“E a mi que m’importa mais
Que viver entre valentes,

Em gozos celestiais,
Entre jardins prazenteiros,
Entre fagueiros rosais?

Tu me falas dos teus deuses!
Há outros sem ser Alá?
Alá, que o voo dirige
Do benfazejo catá!
Cristão, dos teus falsos Deuses
Bem pouco a mi se me dá.

Digo-te eu, que eles não podem,
Mais que digas que são trinos,
Suster no ar do profeta
Os santos restos divinos,
Que a Meca chamam por ano
Milhares de peregrinos.”

Ouvindo aquelas blasfêmias,
Senti arrojo dos céus;
Ia falar, mas o mouro
Tornou-me: “Só Deus é Deus,
“E Mafoma o seu Profeta,
Em que pese isto aos incrêus!

O que penso, sem resguardo
Dir-to-ei, cristão, alfim;
Não usa como vós outros,
Maometano Muezim,
Não vai à casa dos crentes,
Na leva tenção ruim.

Não roja, não, de giolhos
Aos pés de cristã donzela;
Mas lá dentro da Mesquita

Vive sempre e sempre vela,
Ou do alto minarete
À prece aos crentes apela.

Portas à dentro do templo,
Imagem da crença pura:
Do alto do minarete,
A imagem d'Alá figura,
Bradando incessante e sempre
Aos homens, daquela altura.”

“É assi entre vós outros,
Tornei-lhe, que entre nós não.
Queremos em cada casa
Um templo de devação,
Em cada peito um sacrário,
Um padre em cada cristão.”

Sobresteve mudo e quedo,
E como que refletia
O moiro, que me parece
A graça já pressentia;
A graça que os céus nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquele ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz:
“O que Deus faz é bem feito:
Mouro nasci, não me fiz!

Deixemos pois tal assunto,

Dele não quero tratar;
Ou antes dizeis, bom Padre,
Qu'ides carreira tomar,
Adotando novo ensino,
Novo modo de pregar.

Andai por essas estradas
E dizeis à vossa gente:
A vós que mal nos hão feito
Os homens lá do oriente,
Que vos livraram dos godos,
E do servir inclemente?

As vossas artes que tendes
Cujas as haveis? — de quem?
Donde vêm às nossas terras
Campos de lavra que têm,
E as torres acasteladas,
E as mesquitas, conde vêm?

Quem nos vossos negros montes
As alcáçovas plantou,
Como cândido turbante,
Que na fronte se enrolou
De um homem da cor da noite,
Que a Núbia ardente engendrou?

Ou s'isto melhor te praz:
São obras de reis pujantes,
Tendas ricas e pomposas
No dorso dos elefantes;
C'roas de pedra lavrada
Na fronte d'altos gigantes.”

Estes mouros na verdade
Qu'esprito e graça te!
Quando vos dizem mentiras,

Sabem dizê-las tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andam tanto enfrascados
No seu maldito alcorão,
Que era de ser o primeiro
A sofrer condenação
Naquele santo concílio,
Honra do nome cristão.

Se algo me pesa a mi,
É só polos não ver mais;
Faziam pronta justiça
Deste e doutros que tais:
Ardiam com seus autores
Em bons aplausos gerais.

Se deles houvesse agora,
De que pó nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que ali, no fogo arderia,
Com pasmo de seus autores,
Que os têm por coisa mui pia.

E doutros que só por artes
Fruem da voga que têm,
Que não sei onde é seu preço,
Nem donde apreço lhe vem,
Senão por vias ocultas,
Que as não descobre ninguém!

Mas deixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovava

Por muito justa sentença
Trouxera-me coita grave,
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba falar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o sestro de pregar
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

“Mouro, naquela batalha,
Disse eu, ouvidos me dá,
Quando o reino teu perdeste,
Não chamaste por Alá?
Não te ouviu! — chama por Cristo,
E Cristo, Deus, te ouvirá.

Vás às terras da Moirama,
Ou fiques em Portugal,
Senhor serás do teu corpo,
Vida terás natural:
Vê se Gulnare formosa
O teu profeta não val!

A moira que não foi feita
Para servir a senhor,
Que de bela e de mimosa,
Parece que o mesmo amor
O corpo tem de quebrar-lhe
E de apagar-lhe o candor.

A moira doce nascida,

Doce creada; perol
Que só sabe apavonar-se
Da manhã polo arrenol,
Não nos jardins destas partes,
Mas onde mais queima o sol.

A moira bela e mimosa!
Avezinha pipitante,
Qu'ama ar puro, espaço livre,
E céu de cor deslumbrante,
Que o voo fugaz desprega,
Quando o sol é mais brilhante!

Ai! não guardes a avezinha
Dentro de estreita prisão,
Não mudes a frol mimosa,
Que bem está no seu torrão:
Vai às terras da Moirama;
Se queres ir, sê cristão.”

Uma lágrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da moça moira
Que o moço moiro cingia;
Em que nada lhe dissesse,
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas falas falava
O pranto que ela vertia:
Saudades eram da Pátria,
Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
Se ela pedia chorando;
Se o mal porque ela passava,
Também 'stava ele passando;
Se o mal porque ela passava,
Lhe estava dentro falando?

Mas quando os vi abraçados
E aquele amor entendi,
Do efeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi;
Cravei as unhas no peito,
Pesar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes um não revel,
E que então a moça moira,
E mais o mouro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seu fel.

Mas num coração sincero
Que poder que o pranto tem
Quando no peito o sentimos,
Quando de uns olhos nos vem,
Que fora morrer por ele
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeu;
De deixar o seu Mafoma
Logo desli prometeu,
Deixando a avença do Demo,
E os ritos do culto seu!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Antão manducou
Aquele fruto do éden;
Foi Eva quem lho ofertou,

Eva, mulher e sozinha,
A qu'ele primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seu proposto
Por mero condescender!
Se não é coisa do Demo,
Não sinto o que possa ser.

Mais fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido;
Quando por outro era amada,
Por outro dela querido.

Um pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem;
Ninguém que vele por ele,
Sobre quem vele — ninguém!

Curar da mai enfermada
Bem pode o homem segral;
Há sempre casta donzela,
Que se doa do seu mal:
O frade só, despojado
Vive do foro humanal.

Viveram aqueles mouros
Depois desta ocasião,
Muitos anos bem logrados,
Em amor e devação:
Louvor ao santo batismo!

Louvor ao nome cristão!

Mas quando foi que nos veio
Aquela peste primeira,
Seta que o alvo atingia
De bem talhada e certa,
Chegou ao cristão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita aflição,
Recolheu-se irmã noviça
No convento d' Azeitão,
Onde viveu muitos anos
Em aturada oração.

Madres d'aquela convento
Dizem que a viram rezar,
Em êxtasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aqueles extremos,
Comigo logo assentei
Que eu fora um pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Te qu'uma ovelha esgarrada,
Mercê de Deus, encontrei!

E a moira que eu tanto amara,
Desli se me figurou
Cândida lã d'ovelinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,

Ao vento se meneou.

E alguém que ali divagava,
Felpas de lã recolheu,
Bateu-as na fonte pura,
E em branca tela as teceu;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deus of'receu.

A mão de Deus poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto cristão:
Só ele um bom diamante
Pode fazer do carvão.

Mudar o vício em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só ele, que é Deus Senhor.

Louvor a Deus nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLAU DO SENHOR REI DOM JOÃO

Ora pois direi um feito
Do senhor rei Dom João,
Segundo que foi do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mas que nenhum rei cristão.

Nem sempre rezar no coro,
Nem sempre velar convém;
É mister algum descanso,
Alguma folga também,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remédio é mister:
E se a nenhum conhecemos,
Que mais nos há de valer
Que recordar o passado
E contos dele fazer?

É assi que no mar alto
O cansado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapelam,
Negra morte tem diante.

Quando naquele deserto
Lânguidos olhos estende,
Vê mar que ferve revoltado
E chuva que do céu pende:
Como deixou seu alvergue,

O triste não compreende!

Sembram-lhe então formidáveis
Os p'rigos que ele afrontou:
Figura risonhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foi passado
E mais do que vai passando,
Medonho e mau paralelo
Vai o mesquinho traçando;
Dor de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver é tormento,
Tormento que sempre dura,
É certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!
É aquela aventurada,
Se dizemos verdadeiros:
Houve um dia, uma hora, um nada,
Não do pesar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem póla calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cansado e triste quedou;
Ali tesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na semana santa,
Semana da devação!
Com jejuns e penitências
Apresta-se o bom cristão
Pera os mistérios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coisas que nos falam
Naquele passo sagrado
Daquele homem divino,
Daquele Deus humanado,
Que por amor de seus filhos,
Ingratos, foi maltratado!

Não foi por ódio ou vingança,
Mas por dinheiro traído!
Por um homem refalsado,
Por um discip'lo querido;
Traído por meio infame!...
Um falso beijo vendido!

Foi mister por mor tormento,
Que morresse polos seus!
Entregue por um eleito
Nas garras dos Fariseus,
Homem morreu polos homens,
Morreu judeu por judeus.

C'roou fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida,
Correram dados infames
Em tábua vil, denegrida;
Em hástea foi rematada
Túnica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mofa

Quem mais do qu'ele sofreu?
Quem mais comprido marteiro,
Quem mais afronta e labéu?
Tal foi que o homem divino
O rosto ao cálix torceu.

Tal foi que o Deus humanado
Disse ao Deus, que era seu pai:
“Senhor Deus, s'inda é possível,
Do vosso intento tornai;
Este cálix de amargura
Dos lábios meus afastai!”

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per i,
Que nem siquer se recordam
De quanto sofreu por si,
Um Deus na cruz afixado,
Mil dores, sofrendo ali!

Ante esta vítima augusta
Da mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem sofre,
Quanto sofre a humanidade,
Tormento não foi como ele!,
Não foi como ela impiedade.

E contudo alguns incréus
E refalsados ateus,
Guardam-nas êxtasis todas
E mais os transportes seus,
Pera Sócrates que morre,
Que não pela dor de um Deus!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda luz,

Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jesus,
E da masmorra ao calvário,
E da cicuta a uma cruz!

E aos efeitos da morte
Não atenderam também:
Se emparelhamos ideas
Às coisas que corpo tem;
Entre eles vai mor distância,
Que vai da Grécia à Belém.

Morre o Grego, e não dá frutos;
Morre Jesus por nos dar
A lei do céu pera a terra;
Lei que só pôde lavar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deuses no altar.

Vivem algozes daquele,
E uns homens apenas são;
Em quanto os algozes deste,
Em que povo de eleição,
Sumiram-se, como argueiro
Nas asas dum furacão.

Era na santa semana,
Semana de devação:
Consigo mesmo propunha
O senhor rei Dom João:
“Confessarei minhas culpas,
Que além de rei, sou cristão.

“Ao senhor, pai de nós todos,
Meus erros confessarei;
Que me dê força indomável
Pera guardar minha lei,
Pera punir os culpados;
Que além de cristão, sou rei.”

Asinha chamando um pajem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
“Ide aos Padres Domínicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-ei que sou lá prestes,
Que vou comungar ali.”

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Recado qu’el-rei lhe dera,
Dá ele ao Provincial.
“É certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal.”

Ao padre Thomás da Costa
Chama numa Ave-Maria;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu’el-rei lhe qu’ria;
De tam lisonjeiro acerto
Consigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza;
“Prazer aos Reis cá da terra,
Não é nenhuma vileza;
Praz a Deus que lhes prazamos,
Pois vem dele a realeza.”

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister:
Sabia o Padre Tomás
Encargos do seu dever;

“Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

“Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ajeita;
Mas onde existe essa força
Que um rudo tronco sujeita,
Se a força é balda no tronco,
Se o tronco a força rejeita?

“Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como um singelo zagal;
Cura pastor de pastores,
Não de pessoa real.

“É fácil o seu encargo,
Pejo, nem dor lhe não traz;
Não é assi nos palácios,
Onde só vejo disfraz:
Vêm logo as razões de estado,
Inventos de Satanás.

“Vem logo as leis cá da terra
Contrapor-se às leis dos céus:
Sede cristãos, reis senhores,
Ou então de todo incréus!
Leis dos homens não se casam,
Não seguem às leis de Deus.

“Não ligueis num só consórcio
Terra feia e céu luzente:
Leis da terra a terra buscam,
Como a raiz da semente;
Leis do céu os céus procuram,

Como flor que o sol pressente.”

Era ali na pedra rasa
O senhor rei Dom João;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas nem joias,
Mas peito d’ aço batido:
Era qual homem vivente
Em férrea prisão metido.

Curva-se um rei poderoso
Perante um homem de pé;
Perante um Padre coitado,
Que nada tem, nada é:
Lição profunda e subida,
Preceitos da nossa fé!

Portas à dentro do templo,
Onde Deus eterno habita,
Onde aquele amor sem zelos
Somente os peitos agita,
Nas diferenças do mundo
Fiel cristão não cogita.

Foi assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavam, senhor e servo,
Como se foram iguais;
Mas o que lá foi licença,
Aqui são leis divinais:

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aqueles que a vida fruem,
E aqueles que só têm dor;
Pobres, que almejam a morte,
Ricos, que à morte hão pavor.

Nem é por vil comezaina,
Que ali reunidos estão;
Mas sim, porque a Deus importa
Que não haja distinção
Entre irmãos, mo pátrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sobe assi aquela prece
Da multidão apinhada,
Qual lisonjeiro perfume
Das flores duma grinalda;
Tem uma odor, outra espinhos,
Outras te cor, outras nada.

Era ali na pedra rasa
O senhor rei Dom João;
Já disse as culpas que tinha,
Já fez a sua oração:
O Padre vai ministrar-lhe
A hóstia da comunhão.

Tem no rosto grave e sério
Expressão nobre e subida;
Maneiras e cheias de brio
Em postura comedida,
Parece que vão mostrando
Quanto vale o pão da vida.

Parece que mostra, quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguém;
Daí lhe vem ser humilde,
Nobreza daí lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento,
Principia el-rei — confiteor,
— Quando naquele momento
Surge ao pé dele um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia;
Pólas grades da viseira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero aparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rei brioso e forte,
Homem de muito valor
Mas olhos lançou à espada
A furto!...seja o que for,
Não creio que homens d'aqueles
Possam jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
“Em nome do Senhor Deus,
Meu Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rei não comungue,
Pois que não é justiceiro.”

A hóstia das mãos do Padre
Caiu do cálix no fundo;
El-rei carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Afrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memória
De um caso mau, miserando:
De noite se ergueu a força;
Mas quando o sol foi raiando,
Não viu ninguém mais a força,
Nem mais ao duque Fernando!

Contudo o bravo guerreiro
Sanhas do rei não quis ver;
Não há que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer:
“Senhor, sou Padre Tavares!”
Fita-o el-rei sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrara a fúria real):
“Em bem, meu bravo guerreiro!
Mas esse trem, de que val?
Somos em terras d’Espanha,
Ou somos em Portugal?

— “Senhor, não uso brocados:
Vedes-me assi, e é razão,
Que havedes os meus haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

“Fui ter ao vosso palácio,

Ninguém me não conheceu;
Quantos ali são convosco,
Eu vos direi, senhor meu:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

“Voltei d’ali, protestando
Jamais não voltar ali;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me a modo de guerra,
Vim ter convosco, — eis-me aqui!

“As minhas alcaidarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Por que ora mas não tornais?
Mal cabe em reis cubiça,
Senhor, se mas cubiçais.

“Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com ele,
Qual dono pouco leal,
Que o seu corcel de batalha
Despreza no almargeal.

“Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquilo que me é devido,
Só peço que se me dê! —”
Prouve ao rei aqueles ditos
E mais o jeito que vê.

Depois a mão estendendo
Ao seu leal lidador:
“Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for;
Tendes a nossa palavra,

Seja-vos ela penhor!”

Alegre o Padre Tomás
O seu mister rematou;
Hóstia tomada do cálix
Aos lábios do rei chegou,
El-rei dum copo doirado
Um gole d’água tomou.

Mimoso tempo d’outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sujeitos,
Um ao outro dando a lei:
No Paço o rei ao vassalo,
Na Igreja o vassalo ao rei!

SOLAU DE GONÇALO HERMIGUES

Não há mais daquele tempo,
Em que era tudo lhaneza!
Ações e vida e costumes
Desta gente portuguesa,
Por tal jeito se trocaram,
Que é hoje tudo impureza.

Não trato deste ou daquele,
Pois há em tudo exeições;
Mas trado da grande lepra
Que vejo i nos corações:
Desprezo do amor da glória
E apego às ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre usando cortesia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seus enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabelos primava.

Não corria seca e meca
Trás de mimosa donzela,
Que nas ruas lobrigava;

E por ver mais perto a bela,
Não ia ao templo sagrado,
Somente por amor dela.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelosias,
Desenfiando um rosairo
De trovas e ninharias.

Jamais não foi esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que esperto dedilhasse
Na lira do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguém no vira a desoras,
Como homem de tenção vil,
Como um ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto às sombras,
Nem ao silêncio mercê
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua apelidada
A casta não sei porquê.

Mas antes no anfiteatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,

Mais belas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amores.

Nomeio daquela chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Rei d'armas e circunstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Onda de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro
No cerco dos justadores!
De alguma dona sisuda
Na charpa trazia as cores,
Tinham amores às claras,
Porque eram nobres amores.

Silêncio! que soa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voam estilhas ao ar.

Levam logo mão da espada
Que feio golpes se dão!
Abolam-se capacetes,
Talham-se arneses; e a mão
Certeira ao través da malha,
Vai direta ao coração.

Lá soa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bela entre as belas
O seu troféu vem depor:

Ao mais valente a mais bela,
Ao mais gentil mais amor.

Era a lei, — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consórcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construi seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a lei! — mas eu creio
Que lhe descubro um senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como um vaso d' eleição?

Seria coisa de ver-se,
E coisa de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bela sem par,
À pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

É bela: e al na digais,
Sob pena dum fendente,
Que vem do céu, como um raio,
Provar ao vilão que mente,
Co'os dentes que tem na boca,

Como um perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
É certo que daí vem
As nossas donas de agora,
Aquele sestro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bela,
Ao menos de parecer?
Em quanto muitas... Deus meu.
Eu me sei compadecer,
Sofro o mal que os outros passam.
E morte da tentação.

Muitas há i, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meu Deus, por ocasião
De tédio e nojo ao pecado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namoram,
Dirão no confessional,
Jurando por Deus eterno
E póla vida eternal,
Que se falam dele e dela,
É puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzela,
Proclamada ao meio dia

Fermosa como uma estrela,
Sem que houvesse aí no mundo
Coisa melhor, nem mais bela!

Logo no fraco bestunto
Julgara, sem mais razão,
Que neste mundo mesquinho
É tudo engano e busão,
E te que a própria beleza
É coisa de convenção!

Era assi que noutras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
A ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alfonso Henriques,
Que foi nosso rei primeiro,
Havia na sua corte,
Corte de rei mui fragueiro,
Um tal Gonçalo Hermigues,
Destemido cavaleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada:
Fiava el-rei muito dele,
E a rainha Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lira afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nenhum rival
Em compor trocas mimosas;
E no campo e no arraial

Na no havia mais valente,
Mais forte, nem ais leal.

Quanta sanha que ele tinha,
Votara a gente infiel,
Porque o pai lhe haviam morto,
Era ele ainda novel;
Vê-los porém não podia,
Nem pintados no papel.

Era mesmo ver a um destes
E entrar em sanha tal,
Que era força ter mão dele,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fora um pardal.

Mas se tinham tento nele,
Era outro conto ruim!
Caía logo em desmaios,
Que era um desmaio sem fim!
Dó era ver tal sujeito
Prostrado e defunto assi.

Andava sempre ocupado
Em perpétua correria
Pólas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia:
Dava porém mor realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em um sarão folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros

Fazer-se afronta e lesão.

Cheia de belo hardimento,
Aquele nobre nobreza
Por amor de seus amores
Comete tam grande empresa,
Qual a de ir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seu ginete,
Qual a fita dependura
No colo nunca domado;
Qual a pesada armadura
Inverga, e aí se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a deus por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desli toma algum nome
Por grito de acometer,
Que nas lidas e pelejas
Saberás fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem viu a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por um presságio funesto,
Sendo ela coisa duma hora.

Aqueles bons cavaleiros
Asinha prontos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes além já lá vão!
Ninguém viu mais escolhido,
Nem mais luzido esquadrão.

Entre eles por mais robusto
Gonçalo Hermigues campeia;
Diz seu porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o colo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convém que se aprecatem
Daquele acometimento
Mouros que vivem na regra
Do seu alcorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
É viver dentro do harém,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho também,
Sem que lhe pese este mundo,
Sem que lhe pese ninguém!

É vegetar entre flores,
É viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em moleza efeminada,
Nem que fosse uma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Poseram todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó górdio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandam
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em férrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
Ó Tejo, quanto me é grata
Essa plácida corrente,
Quando a luta se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teu chão de lisa prata!

Que doce que é teu remanso,
Quando manso o vento gira,
Que nas folhas rumoreja,
E como que ali suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangidos na lira!

Que arroubos que infiltras nalma,
Quando vai ao som das águas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fráguas,
Que no peito a dor derrama,
Como uma enchente de mágoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Pelo seu muito sofrer:
Corra embora, qu'esse pranto
Dor não é, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
Onde viemos penar,
Por cada dia um marteiro
Por cada instante um pesar,
É bem feliz quem só passa
Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem sei o que seja prazer;
Nunca os senti nesta vida,
Nem nos posso conhecer;
Que não sou dos benfadados,
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
Não é quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos anos
Faz secar e emurcheçar;
É antes aquele pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão indo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enxergam Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo acendido na terra
Sobe em centelhas ao ar!

Daqueles fogos acesos
Em roda os velhos estão,
E as donzelas feiticeiras
Com sorriso folgazão,
Cantando cotas de amores,
Quites de cotas então.

É a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da mourama
Havido por glorioso:
Folgam nobres e senhores,
Folga o vilão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardam, não têm vagar:
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Um grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado duma flor,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Rorejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o cálice musgoso
De uma flor aveludada.

Vai assi, qual sói prender-se,
Em quem de amores não cura,

Doce peçonha de amores:
Donzela de vida pura,
Quando há temores de havê-lo,
É qu'ele já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver uma corrida,
Saíram portas a fora,
E mais pera colher flores,
Persuadidas da hora.

Logo saídas no prado
Foram, qual soem de ser
Mansas águas dum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seu caminho,
Cada qual a seu prazer!

Desli pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flor do jasmim;
Brincam brinquedos contentes,
Folgam folguedos sem fim!!

Oh! que festas! que alegrias!
Que arruído vai no prado!
Que bem cantado rimance,
Que solau tão bem cantado;
Não tem as aves atito,
Nem gorjeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
Que acentos encantadores

Naquele prazer duma hora!
As moças vão colher flores,
E os moços que vão com elas
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruído!
Rouca trompa abala o ar;
Logo assomam cavaleiros
Com figuras de espantar:
Alá nos valha, mofinas!
Dizem moiras a chorar.

Alá! repetem nos mouros,
Vendo o pendão português;
E do alfange recurvado
Levam mão sem pavidez!
Feios golpes se preparam,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talham-se cotas e arneses;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portugueses;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os reveses.

Lá chega o alarma à Cidade!
Lá vem mouros descansados
Em descansados ginetes:
Cavaleiros esforçados,
Que por Cristo Deus pelejam,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermigues, o cabo,
Avante! brada, e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que ali não acha rival,
Aquele cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seu pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titã gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquele semblante.

Ei-lo vai per entre os mouros,
Abre entre eles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficam moiras prisioneiras
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermigues, em tanto
Viu que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que um moço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre eles sem tardança:
Com quanto de arremessão
Mata-lo também podera;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bela
Morresse de sua mão.

Mais logo que foi como ele,
Dum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se viu!
E a moira tomando em braços,
Asinha dali fugiu!

Passou terrível com ela
Por meio da gente fera;
Quem no vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a través dos homens
Com a presa que fizera.

Eis nasce novo combate,
Nova peleja maior!
Muitos homens contra um homem,
Contra um forte lutador;
Mas um só que a todos vence
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Coo pejo daquela moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como uma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Um golpe e outro cruel:
E de encontro à este, à aquele,
Mandava o seu bom corcel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura é incerta,

Acerta em aventurar
Quem a empresa disputada
Tem desejos de acabar:
Só ele demora em terra,
Que os seus já sobre o mar!

Torce as rédeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co'o montante
Por entre os mouros se abria,
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seus avista;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto viu, torce o rosto,
Medonho como ninguém;
Temem-se mouros de o verem;
Param, como ele, também!

Vão assi feros monteiros
Trás dum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e volta agastado;
Param monteiros ao vê-lo
Raivoso e mal assombrado.

E a fera daquele pasmo,
Sabendo, em seu bem, valer-se,
Vai a passos descansados
Em densa mata esconder-se,
Sem temor da montaria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros

Salta dentro do baixel;
Na praia ficam pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foi jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldam velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos anos;
Quantos bastem, porque chorem
Seu desar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
“Das presas, que nos fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seu nome
Fátima em Turco se diz!”

Então aquele seu canto
Principiou a compor:
Cant’eu, por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cor,
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coisa pior.

Mas era o solau por certo
Aos tempos acomodado,
Que de outro cantar não acho
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
Pertenceu ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seu senhor,
Primeiro à força de espada,

Depois à força de amor.

Era assim aquele tempo
Coisa sabida e seguida,
Remanso depois da glória,
Descanso depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos atos todos da vida!

Vede vós quamanho é o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavaleiro,
Tornada a feita cristã;
É vida e sangue de um homem,
Não de infiéis barregã!

É como troféu ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometeu dependurá-lo
Dentro de templo cristão.

O canto aqui finalizo!
Não devo d'ir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre duram,
Prazer que dura um instante!

Foi o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre um covão aberto
Um homem posto a chorar,
Um homem de dó coberto,
A capir-se, a prantear!

Gonçalves Dias

Últimos Cantos
(1851)

Poemas

Ao meu caro e saudoso amigo
Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal oferecendo-lhe este
volume de poesias.

Eis os meus últimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os últimos harpejos de uma lira, cujas cordas foram estalando, muitas aos balanços ásperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espírito inferno, — fictícias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que a espírito, afeito a certa dose de sofrimento, se sobressaltasse de sentir menos pesada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de ocupações estéreis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estádio da minha vida literária. Desejar e sofrer — eis toda a minha vida neste período; e estes desejos imensos, indizíveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terríveis como a tempestade; — e estes sofrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacáveis, renascentes, — ligados a minha existência, reconcentrados em minha alma, devorados comigo, — umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pálidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um alívio, uma distração no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não foram inteiramente inúteis ao meu país; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisonjeira recompensa a que poderia aspirar, — de as ouvir estimadas pelos homens da arte, daqueles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimam, e repetidas por aquela classe do povo, que só de cor as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a compreendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentânea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martírio ignorado.

Melhor que ninguém o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciência, e não te será difícil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus últimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores anos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem benfazeja da tua

amizade solícita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua inteligência que me vivificava — ao prodígio de duas índoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gêmeas, que uma delas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos uníssonos de dois corações, que mutuamente se falavam, se interpretavam, se respondiam sem o auxílio de palavras. Duplicada a minha existência, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empresa; e agora que em parte a tenho concluído, é um dever de gratidão, um dever para que sou atraído por todas as potências da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o último que os meus lábios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-ia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectativa da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcela da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da glória; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas produções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memória tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira á praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entreí na luta, e por mais algum tempo continuarei nela, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o entusiasmo, o óleo e o pábulo da lâmpada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto; se pois ainda persisto nesta carreira é por teu respeito: continuarei — até que satisfeito dos meus esforços que digas: basta! — Então, já to hei dito, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devera ter saído, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triunfos pelas minhas feridas, voltando a habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infância.

Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Órgãos, envolta em neblina, balouçada em castelos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ela! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ela nos sítios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, a cajazeira coberta de cipós, e o pau d'arco coberto de flores amarelas. Ali sim, — ali está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo

que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Aí, outra vez remoçado e vivificado de todos os anos que desperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquilo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu afrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atrás de mim.

GONÇALVES DIAS

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

Poesias Americanas

I
O GIGANTE DE PEDRA

*O guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quele montagne est mon tombeau!*
— V. Hugo, *Le Géant*

I

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
Num leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios somente puderam fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devera cuidadoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E à aurora, que surge, não há de acordar!

Com os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céus a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultam imensos: só Deus poderá
Rebelde lançá-lo dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe está.

E o céu, e as estrelas e os astros fulgentes
São velas, são tochas, são vivos brandões,
E o branco sudário são névoas algentes,
E o crepe, que o cobre, são negros bulcões.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
Quis Deus que se erguesse, de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do sol no cruzeiro,
Deitada nos braços do eterno Moisés.

Perfumam-no odores que as flores exalam,
Bafejam-no carmes de um hino de amor
Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalam,
Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
Campeia o gigante, — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

II

Banha o sol os horizontes,
Trega os castelos dos céus,
Aclara serras e fontes,
Vigia os domínios seus:
Já descai pra o ocidente,
E em globo de fogo ardente
Vai-se no mar esconder;
E lá campeia o gigante,
Sem destorcer o semblante,
Imóvel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
Vem o silêncio, o frescor,
E a brisa leve e macia,
Que lhe suspira ao redor;

E da noite entre os negros,

Das estrelas os fulgores
Brilham na face do mar:
Brilha a lua cintilante,
E sempre mudo o gigante,
Imóvel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite também,
Outra lua que aos céus monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Imóvel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das águas a estação,
Após ela o quente estio;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingam flores,
Entre galas e verdores
Sazonam-se frutos mil;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulam-se os céus de anil!

Tornam prados a despir-se,
Tornam flores a murchar,
Tornam de novo a vestir-se,
Tornam depois a secar;
E como gota filtrada
De uma abóbada escavada
Sempre, incessante a cair,

Tombam as horas e os dias,
Como fantasmas, sombrias,
Nos abismos do porvir!

E no féretro de montes
Inconcusso, imóvel, fito,
Escurece os horizontes
O gigante de granito.
Com soberba indiferença
Sente extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropelam aos pés!

III

E lá na montanha deitado dormido
Campeia o gigante! — nem pode acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!...

IV

Viu primeiro os íncolas
Robustos, das florestas,
Batendo os arcos rígidos,
Traçando homéreas festas,
À luz dos fogos rútilos,
Aos sons do murmuré!
E em Guanabara esplêndida
As danças dos guerreiros,
E o Guau cadente e vário
Dos moços prazenteiros,
E os cantos da vitória
Tangidos no boré.

E das igaras côncavas
A frota aparelhada,

Vistosa e formosíssima
Cortando a undosa estrada,
Sabendo, mas que frágeis,
Os ventos contrastar:
E a caça leda e rápida

Por serras, por devesas,
E os cantos da janúbia
Junto às lenhas acesas,
Quando o tapuia mísero
Seus feitos vai narrar!

E o germe da discórdia
Crescendo em duras brigas,
Ceifando os brios rústicos
Das tribos sempre amigas,
— Tamoia raça antiga,
Feroz Tupinambá.
Lá vai a gente impróvida,
Nação vencida, imbele,
Buscando as matas ínvias,
Donde outra tribo a expele;
Jaz o pajé sem glória,
Sem glória o maracá.

Depois em naus flamívmomas
Um troço ardido e forte,
Cobrindo os campos úmidos
De fumo, e sangue, e morte,
Traz dos reparos hórridos
D'altíssimo pavês:
E do sangrento pélagos
Em míseras ruínas
Surgir galhardas, límpidas
As portuguesas quinas,
Murchos os lises cândidos
Do impróvido gaulês!

Mudaram-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastram o antigo paul;
Mas inda o gigante, que dorme na serra,
Se abraça ao imenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados,
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a pátria acabar,
Arroja-te às ondas, o duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!

II LEITO DE FOLHAS VERDES

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
A voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.

Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,
Não sentirão meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arasóia na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma;
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!

Não me escutas, Jatir; nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! Lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!

III I-JUCA-PIRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos — cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânímos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: — de um povo remoto
Descende por certo — dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras: — no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incubem do vaso das cores,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vários matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras,
Na fronte o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos feros.

“Eis-me aqui”, diz ao índio prisioneiro;
“Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
As nossas matas devassaste ousado,
Morrerás morte vil da mão de um forte.”

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
“Dize-me quem és, teus feitos canta,

Ou se mais te apraz, defende-te.” Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,

Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,

Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;

Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

— Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres, que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que somente por seu na voz conhece.

— És livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!

— Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!

— És livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,

E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípite. — Do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: — Ingrato! Ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio.
Espectro d’homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
— Que novos males
Nos resta de sofrer? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
— Mas tu tremes!

— Talvez do afã da caça....

— Oh filho caro!

Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão trêmula, incerta
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma ideia fatal ocorreu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — fuge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pálido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós o dissestes.

— Dos índios?
— Sim.
— De que nação?
— Timbiras.
— E a muçurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...
— Nada fiz... aqui estou.
— Nada! —
Emudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:
— Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!

— Nada fiz; mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia....
— E depois?...
— Eis-me aqui.
— Fica essa taba?
— Na direção do sol, quando transmonta.
— Longe?
— Não muito.
— Tens razão: partamos.
— E quereis ir?...
— Na direção do ocaso.

VII

“Por amor de um triste velho,
Que ao termo fatal já chega,
Vós, guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, — e mas foram
Senhores em gentileza.

“Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a muçurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!”

Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com torvo acento:

— Nada farei do que dizes:
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro

A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

“Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

“Possas tu, isolado na terra,
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

“Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

“Que a teus passos a relva se torre;

Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

“Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrado
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

“Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d’argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és.”

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. — Alarma! alarma! — O velho para!
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor. — Alarma! alarma!

— Esse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transe, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jato e por um só se aniquilasse.
— Basta! Clama o chefe dos Timbiras,
— Basta, guerreiro ilustre! assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças. —

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
“Este, sim, que é meu filho muito amado!
E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
Corram livres as lágrimas que choro,
Estas lágrimas, sim, que não desonram.”

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: — “Meninos, eu vi!

“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest’hora diante de mi.

“Eu disse comigo: Que infâmia d’escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”

IV MARABÁ

Eu vivo sozinha; ninguém me procura!

Acaso feitura

Não sou de Tupã?

Se algum dentre os homens de mim não se esconde,

— Tu és, me responde,

— Tu és Marabá!

— Meus olhos são garços, são cor das safiras,

— Têm luz das estrelas, têm meigo brilhar;

— Imitam as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitam das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge a meus passos:

“Teus olhos são garços,

Responde anojado; mas és:

Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

Uns olhos fulgentes,

Bem pretos, retintos, não cor d’anajá!”

— É alvo meu rosto da alvura dos lírios,

— Da cor das areias batidas do mar;

— As aves mais brancas, as conchas mais puras

— Não têm mais alvura, não têm mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delírios:

És alva de lírios,

Sorrindo responde; mas és Marabá:

“Quero antes um rosto de jambo corado,
Um rosto crestado
Do sol do deserto, não flor de cajá.”

— Meu colo de leve se encurva engraçado,
— Como haste pendente do cactos em flor;
— Mimosa, indolente, resvalo no prado,
— Como um soluçado suspiro de amor! —

“Eu amo a estatura flexível, ligeira,
Qual duma palmeira”,
Então me responde; “tu és Marabá:
“Quero antes o colo da ema orgulhosa,
Que pisa vaidosa,
Que as flóreas campinas governa, onde está.”

— Meus loiros cabelos em ondas se anelam,
— O oiro mais puro não tem seu fulgor;
— As brisas nos bosques de os ver se enamoram,
— De os ver tão formosos como um beija-flor!

Mas eles respondem: “Teus longos cabelos,
São loiros, são belos,
Mas são anelados; tu és Marabá:
Quero antes cabelos, bem lisos, corridos,
Cabelos compridos,
Não cor d’oiro fino, nem cor d’anajá.”

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
A quem nas direi?
O ramo d’acácia na frente de um homem
Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arasóia
Me desprenderá:
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,
Que sou Marabá!

V
CANÇÃO DO TAMOIO
(Natalícia)

I

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos
Só pode exaltar.

II

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves conselhos,
Curvadas as fronte,
Escutam-lhe a voz!

IV

Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!

V

E pois que és meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoio nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robusto, fragueiro,
Brasão dos tamoiros
Na guerra e na paz.

VI

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
De inimigos transidos
Por vil comoção;
E tremam de ouvi-lo
Pior que o sibilo
Das setas ligeiras,
Pior que o trovão.

VII

E a mão nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos criados
Na lei do terror;

Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dor!

VIII

Porém se a fortuna,
Traíndo teus passos,
Te arroja nos laços
Do inimigo falaz!
Na última hora
Teus feitos memora,
Tranquilo nos gestos,
Impávido, audaz.

IX

E cai como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte!
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

VI A MANGUEIRA

Já viste coisa mais bela
Do que uma bela mangueira,
E a doce fruta amarela,
Sorrindo entre as folhas dela,
E a leve copa altaneira?
Já viste coisa mais bela
Do que uma bela mangueira?

Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
À beira do casto ninho:
Nos seus alegres verdores
Se embalança o passarinho!

O cansado viandante
A sombra dela acha abrigo;
Traz-lhe a aragem sussurrante,
Que lhe passa no semblante,
Talvez o adeus dum amigo;
E o cansado viandante
À sombra dela acha abrigo -

A sombra que ela derrama
Todas as dores acalma;
Seja dor que o peito inflama,
Ou voraz, nociva chama
Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ela derrama
Todas as dores acalma.

O mancebo namorado
Para ela se encaminha;

Bate-lhe o peito açodado
Quando chega o prazo dado,
Quando ao tronco se avizinha,
E o mancebo namorado
Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
Mil suspiros se entrelaçam,
E duma hora aventureosa
Guarda a prova a casca anosa
Nas cifras que ali se abraçam:
Sob a copa venturosa
Mil suspiros se entrelaçam.

Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem,
Deixa-me ouvir teus cantores,
Admirar teus verdores;
Presta-me abrigo também,
Grata estação dos amores,
Abrigo dos que o não tem.

VII A MÃE D'ÁGUA

“Minha mãe, olha aqui dentro,
Olha a bela criatura,
Que dentro d'água se vê!
São d'ouro os longos cabelos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'água
Que bela moça não é!

“Minha mãe, no fundo d'água
Vê essa mulher tão bela?
O sorrir dos lábios dela,
Inda mais doce que o teu,
É como a nuvem rosada
Que no romper da alvorada
Passa risonha no céu.

“Olha, mãe, olha depressa!
Inclina a leve cabeça
E nas mãozinhas resume
A fina trança mimosa,
E com pente de marfim!...

Olha agora que me avista
A bela moça formosa,
Como se fez toda rosa,
Toda candura e jasmim!
Dize, mãe, dize: tu julgas
Que ela se ri para mim!

“São seus lábios entreabertos

Semelhantes a romã;
Tem ares duma princesa,
E, no entanto ó tão medrosa!...
Inda mais que minha irmã.
Olha mãe, sabes quem é
A bela moça formosa,
Que dentro d'água se vê!”

— Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embeleza
É mais do que uma princesa,
É menos do que é a gente.

— Oh! Quantas mães desgraçadas
Choram seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes por quê?
Foi porque deram ouvidos
À leve sombra enganosa,
Que dentro d'água se vê!

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquilo que eu valho,
Nem o que vale tua irmã:
É como a nuvem sem corpo
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'água traidora,
Que ilude os fáceis meninos,
Quando eles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrível tentação. —

Junto ao rio cristalino
Brincava o ledão menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'água vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o conselho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada,
Mas uma bruxa malvada,
E coisa má.

Ela é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'água
Da causa tanta magoa,
Remexe os pés.

Turba a fonte num instante,
Já não vê o belo infante
A sombra vã,
E as brancas mãos delicadas
E as longas tranças douradas
Da sua irmã.

O menino arrependido
Diz consigo entristecido:
— “Que mal fiz eu!
Minha mãe bem que indulgente,
Só por não me ver contente,
Me repreendeu. —

Era figura tão bela!
E que expressão tão singela,
Que riso o seu!
Oh! Minha mãe certamente
Só por não me não ver contente,
Me repreendeu!

Espreita, sim, mas duvida
Que a bela imagem querida
Torne a volver;
E na fonte cristalina
Para ver todo se inclina
Se a pode ver!

Acha-se ainda turbada,
E a bela moça agastada
Não quer voltar;
Sacode leve a cabeça,
Em quanto o pranto começa
A borbulhar.

E de triste e arrependido
Diz consigo entristecido:
— Que mal fiz eu!...
— Leda ao ver-me parecia,
— Era boa, e me sorria...
— Que riso o seu!”

As águas no entanto de novo se aplacam,
A lisa corrente se espelha outra vez,
E a imagem querida no fundo aparece
Com mil peixes vários brincando a seus pés.

Do colo uma charpa trazia pendente,
Cortando-lhe o seio de brancos jasmins,
Um íris nas cores, e as franjas bordadas
De prata luzente, de vivos rubis.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente
Gemendo queixosa da leve pressão,
Como harpas etéreas, que as brisas conversam,
Achando-as perdidas em mesta solidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
E o belo menino sentado a chorar
Perdoa, dizia-lhe, o mal que te hei feito;
Por minha vontade não hei tornar!

A harpa dourada de súbito vibra,
A charpa se agita do seio ao revés;
Das franjas garbosas as pedras refletem
Infintos luzeiros nos úmidos pés.

Os peixes pasmados de súbito param
No fundo luzente de puro cristal;
Fantásticos seres assomam às grutas
Do nítido âmbar, do vivo coral!

Entanto o menino se curva e se inclina
Por ver mais de perto a donosa visão;
A mãe, longe dele, dizia: — “Meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação.”

“Vem meu amigo, dizia
A bela fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada:
— Sou boa, não faço mal,
Vem ver meu belos palácios,

Meus domínios dilatados,
Meus tesouros encantados
No meu reino de cristal.

“Vem, te chamo: vê a linfa
Como é bela e cristalina;
Vê esta areia tão fina,
Que mais que a neve seduz!
Vem, verás como aqui dentro
Brincam mil leves amores,
Como em listas multicores
Do sol se desfaz a luz.

“Se não achas borboletas,
Nem as vagas mariposas,
Que brincam por entre as rosas
Do teu ameno jardim;
Tens mil peixinhos brilhantes,
Mais luzentes e mais belos
Que o oiro dos meus cabelos,
Que a nitidez do cetim.”

Entanto o menino se curva e se inclina
Por ver demais perto a donosa visão;
E a mãe longe dele, dizia: meu filho,
Não oiças, não vejas, que é má tentação.

“Vem, meu amigo”, tornava
A bela fada engraçada,
“Vem ver a minha morada,
O meu reino de cristal:
Não se sente a tempestade
Na minha espaçosa gruta,
Nem voz do trovão se escuta,

Nem rancos do vendaval.

“Aqui, ao findar do dia,
Tudo rápido se acende,
E o meu palácio resplende
De vivo, etéreo clarão.
Mil figuras aparecem,
Mil donzelas encantadas
Com angélicas toadas
De ameigar o coração.

“Quando passo, as brandas águas
Por me ver passar se afastam,
E mil estrelas se engastam
Nas paredes do cristal.
Surgem luzes multicores,
Como desses pirilampos,
Que tu vês andar nos campos,
Sem contudo fazer mal.

“Quando passo, mil sereias,
Deixando as grutas limosas,
Formam ledas, pressurosas
O meu séquito real:
Vem! Dar-te-ei meus palácios,
Meus domínios dilatados,
Meus tesouros encantados
E o meu reino de cristal.”

Entanto o menino se curva e se inclina
Para a visão
E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
Que é tentação.

E o belo menino dizendo consigo —
Que bem fiz eu!
Por ver o tesouro gentil, engraçado,
Que já é seu;

Atira-se às águas: num grito medonho
A mãe lastimável — Meu filho! — bradou:
Respondem-lhe os ecos, porém voz humana
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

Poesias Diversas

NÊNIA

À morte sentidíssima do sereníssimo Príncipe Imperial o Senhor D. Pedro.

À Sua Majestade o Imperador.

I

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não viu murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Enquanto às faces não roreja o pranto!

Bem como a flor inda com botão ceifada,
Em quanto aromas recendia pura;
Bem como a onda, quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Em quanto os céus de rosicler matiza;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa esperança do Brasil, batendo
Às férreas portas da existência, viste
O mundo aflito e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dor sofrendo!

Cheio de compaixão atrás voltaste
Do horrífico espetáculo, tapando
Com as asas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asilaste.

Morreste! Como aurora sem poente,
Como flor, que perfume inda exalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! Como a folha verde e bela
Num tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada à sanha da procela,
Mas leve solta aos beijos da manhã.

Morreste! Como lâmpada brilhante,
Inda virgem, sem dar mística luz;
Ou turíbulo de incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! E os anjos da eternal morada
Levaram entre palmas e capelas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Aquele, cujo trono é sobre estrelas,

Morreste! Como aurora sem poente,
Como flor que perfume inda exalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Em quanto no horizonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-se;
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II

Não ouviste, oh belo anjinho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento

Do berço teu ao redor,
Dos teus irmãos a falange
Com opas de luz brilhante,
Nas harpas de diamante
Cantar Hosana ao Senhor?

Teu espírito inocente,
Tocado da luz divina,
Que a fraca mente ilumina
Dos resplendores de Deus,
Não anteviu outros gozos,
Não correu nos frouxos ares,
Não foi roçar nos palmares,
Nas rosas puras dos céus?

Viste-os, sim; porém voltando
Outra vez à vida escassa,
Tua alma triste esvoaça
Sobre os teus restos mortais;
E entre os rostos que divisas,
Que a tua vida pranteiam,
Entre quantos te rodeiam,
Tu não enxergas teus pais!

Corres então a trazer-lhes
Nas meigas asas brilhantes
Dos teus últimos instantes
O teu alento final;
E em redor deles choraste
De não ter deixado a vida,
Por extrema despedida,
Num amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, voa,
Deixa a terra ingrata e rude,
Vai onde mora a virtude,

E premio a inocência tem;
Mas nos divinos prazeres,
Mas no celeste cortejo,
Terás o materno beijo,
Não serás órfão também?

III

Despreza tuas asas de cores suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flores, o canto das aves,
O que ha de mais puro se entranha nos céus.
Oh! Foge da terra! Bem como a neblina
Que em rolos de neve, que espuma figura,
Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
Na grávida concha dos nossos pecados
Sumir-se no abismo — dos raios divinos
Os golpes apara nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemência
No povo, que soube teu berço guardar;
Ampara-o nas asas da lua inocência,
Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas asas de cores suaves,
Adeja no espaço, procura o teu Deus:
O aroma das flores, e o canto das aves
E o que ha de mais puro se perde nos céus.

IV

Senhor, se na aflição que te consome,
Na dor imensa, que teu peito acanha,

Pode erguer-se do bardo a voz sentida
E aos teus soluços misturar seu pranto;
Se a dor do pai não absorva inteiro
O peito augusto do Monarca excelso,
Enxuga as tristes lágrimas que vertes!

Melhor, talvez, que o trono é ver chorando
Um povo inteiro em torno de um sepulcro,
Um vácuo berço de seu pranto enchendo!
À sorte, pois te curva, e à lei d'aquele
(Envolta em seus recônditos desígnios)
A quem aprouve nivelar, cortando
Com o mesmo golpe as esperanças de ambos,
— A dor de um pai e as aflições de um povo! —

OLHOS VERDES

*Eles verdes são:
E tem por usança,
A cor esperança,
E nas obras não.
CAM. Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;
 Que ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Tem luz mais branda e mais forte,
Diz uma — vida, outra — morte;
Uma — loucura, outra — amor.
 Mas ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
 Mas ai de mim!

Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem também brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da cor do prado,
Mas verdes da cor do mar.

Mas ai de mim
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como se lê num espelho
Pude ler nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também refletem os céus;

Mas ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós, oh meus amigos,
Se vos perguntam por mim,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos cor de esperança,
De uns olhos verdes que vi!

Que ai de mim!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Dizei vós; Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar:
Eram verdes sem esperança,

Davam amor sem amar!
Dizei-o vós, meus amigos,
Que ai de mim!
Não pertenço mais a vida
Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO
Feito às Sras. de Itapacorá,
que abrilhantaram a festa do Ilmo. Sr. António José Rodrigues Torres.

Porto das Caixas — 25 de agosto de 1850.

Se ao mísero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor, à graça tanta
Será mudo o cantor, nem há de aos ecos
A cítara incivil falar de amores?
Mandais, que sois, senhoras, minhas musas;
Quando a senhora manda o escravo cumpre
E às súplicas da musa o vate cede!
Afinada por vós a lira humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandam,
À nova esfera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos anos,
E as que vos ornam, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumá-las,
Ditar-lhe os fáceis, inspirados carmes.

A estrela, que fulge no céu anilado,
Com plácido brilho de noite se inflama;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocío
As aves descantam à luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos ecos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flor matutina,

Que à luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve se inclina.

A flor que trescala perfumes suaves,
A estrela que brilha no céu anilado.
E o canto das aves,
Que soa no bosque virente e copado;

Se cantam, perfumam, despedem fulgores,
É tal o seu fado: — vós sois como elas,
Sois como as estrelas,
Na graça e no canto, sois aves, sois flores.

Como elas, pagai-vos de ver quão fugaces
Encurtam-se as horas do nosso viver,
De ver como as faces,
Que tendes em torno, ressumbram prazer.

Estes versos na mente sussurravam
Do vate, cuja lira merencória
Foi por vós de festões engrinaldada;
Por vós, cujo sorriso mavioso
Melhor perfume exala, do que as notas
Concertadas com arte; dai um riso
Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
Aos alegres convivas; e um reflexo
Do vosso meigo olhar e brando riso
Venha morrer na lira do poeta,
Como do astro-rei quando no ocaso
Doura no campo as folhas mais humildes.

LIRA QUEBRADA

*Ah! ya agostada
Siento mi juventud, mi faz marchita,
Y la profunda pena que mi agita
Ruga mi frente de dolor nublada.
— Heredia*

Pede cantos aos ledos passarinhos,
Pede clarão ao sol, perfume as flores,
Às brisas suspirar, murmúrio aos ventos,
Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flor, a brisa, os ventos
E as fontes que murmuram docemente,
Na festa da tua alma hão-de seguir-te,
Como um som pelos ecos repetido.

Mas não peças à lira abandonada
Um alegre cantar, — Já murchas pendem
As grinaldas gentis, de que a tocaram
Donzéis louções, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
Que amargo pranto destendeu sem custo;
Quem há que se não dói de ouvir cantados
Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hino ao triste bardo!
Verde ramo duma arvore gigante
O raio no passar queimou-lhe o viço,
Deixando-o por escárnio entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
Um querer sem motivo, um tédio à vida
Sem motivo também, — caprichos loucos,
Anelo d'outro mundo e d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos.
Correr após um bem logo esquecido,
Sentir amor e só topar frieza,
Cismar venturas e encontrar só dores;

Fizeram-me o que vês: não canto, soffro!
Lira quebrada, coração sem forças
De poético manto os vou cobrindo,
Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer à luz da aurora,
Se te ameiga fitar longos instantes,
Sentada à beira mar, na paz de um ermo,
Uma flor, uma estrela, os céus e as nuvens:

Pede cantos aos ledos passarinhos,
À brisa, ao vento, à fonte que murmura;
Mas não peças canções ao triste bardo,
A quem até para um ai já falta o alento.

A PASTORA

Foram as trevas fugindo,
 E luzindo
Nasce o sol sobre o horizonte;
Quando a pastora formosa
 E mimosa
Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,
 Orvalhada,
Que de noite despontou,
Se levanta melindrosa,
 Mais viçosa
Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantam, trinando
 E saltando,
As aves seu casto amor;
Aqui, ali, cintilante
 E brilhante
Desabrocha a linda flor.

E a pastorinha engraçada,
 Bem fadada,
Na fresca manhã de abril,
Vai cantando maviosa,
 E saudosa
Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
 Toca a rês
Toca a rês, gentil pastora;

Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora.

Vai, pastora, vai depressa,
Já começa
O sol no vale a brilhar;
Vai, que as tuas companheiras,
Galhofeiras,
Lá estão com ele a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
Vão rumores
De que tens uma rival,
Nessa Alteia, a tua antiga,
Doce amiga,
Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
São traidores,
Que o homem não sabe amar;
E que diz: Esta é mais bela;
Mas aquela
É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,
Que tem meios
De prender um coração.
É viva, bela, engraçada,
Festejada
Nos cantares do serão.

Como a neve em seus labores,
Nos amores
Que caprichosa não é!

Zomba dele quando o topa,
E o provoca
De mil maneiras, à fé!

Até dizem — será mentira —
Que lhe atira
Seus motetes muita vez;
Dizem mais, que há prendas dadas
E trocadas
Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fora,
Oh pastora,
Triste de ti sem amor!
Foras alvo dos festejos,
Dos motejos,
E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
Ao folguedo
Do domingo festival,
Não irias, oh formosa,
Vergonhosa
Dos olhos duma rival!

Para as serras do Gerez
Toca a rês,
Toca a rês, gentil pastora;
Lá te aguarda o bom pastor,
Teu amor,
Que te chama encantadora!

Gerez...

A INFÂNCIA

I

Belo raio do sol da existência,
Meninice fagueira e gentil,
Doce riso de pura inocência
Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anjinho inocente,
Quem se apresse em teus passos guiar,
E uma voz que o teu sono acalente,
E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jocundos
Voz etérea te venha falar,
E visão d'outros céus, d'outros mundos,
Venha amiga tua alma encantar.

Leda infância gentil! e quem não te ama?
Quem tão de pedra o coração não sente
Aos teus encantos meigos mais tranquilo?
Quem não sente memórias d'outras eras
Travarem-lhe da mente ao recordar-se
Aquele gozo puro e suavíssimo
De vida, que jamais não tem logrado?
Recordações de um mundo adormecido
Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
Como arpejos de música longínqua!
E a mente nos seus quadros embebida,
Por mágica ilusão enfeitiçada,
Como outrora, talvez somente veja
Na terra — um chão de flores estrelado,
E nos céus — outro chão de flores vivas!

II

Afagada e bem vinda e querida
Travessuras cismando infantis,
Nos caminhos floridos da vida
Vai mimosa, imprudente e feliz!

É sua vida um contínuo festejo,
Sonhos d'ouro só sabe sonhar,
Toda ela um afã, um desejo
D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
Logo pranto começa a verter,
E depois outro riso lhe torna,
E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura,
Da fonte do prazer! — porém tão doces
Essas lágrimas são! — tão abundantes,
Tão sem causa e simpáticas gotejam
Numa tez de carmim, num rosto belo!
Quem as vê, que sorrindo as não enxuga?
Mas não todo consumas o tesouro
Único e triste, que ao infeliz sobeja
Nas horas do sofrer; no tempo amargo,
No qual o rosto pálido se enruga,
E os olhos secos, áridos chamejam,
Será talvez bem grato refrigério
Uma lágrima só, em que arrancada
A força da aflição dos seios d'alma.
Mas tu, feliz, sorri, enquanto a vida,
Como um rio entre flores, se desliza

Macio, puro, recendendo aromas.

III

Belo raio do sol da existência,
Flor da vida, mimosa e gentil,
Fonte pura de meiga inocência,
Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
Quando vê sobre a veiga formosa
A menina travessa e ruidosa,
Borboleta que alegre doudeja?

A menina é uma flor de poesia,
Um composto de rosa e jasmim,
Um sorriso que Deus alumia,
Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existência,
Borboleta gentil! a flor dos vales,
Da noite à viração abrindo o calix,
O puro orvalho da manhã te guarda;
Inda perfumes dá, que te embriagam,
Inda o sol quando aquece os vivos raios,
Nas asas multicores cintilando,
Com terno amor de pai, em torno esparge
Pó sutil de rubis e de safiras.
Folga e ri no começo da existência,
Humano serafim, que esse perfume
São das asas do anjo, que se impregnam
Dos aromas do céu, quando atear-se,
Roaz fogo de vida começando,
Quanto havemos de Deus consome e apaga.

IV

Porém tu, afagada e querida,
Com requebros donosos, gentis,
Vai contente caminho da vida,
Belo anjinho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
Quando a possas um dia escutar,
Há de ser como rota grinalda,
Que perfumes deixou de exalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
E este peito talvez sem calor,
E memória apagada e sumida,
Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO

*Move incessante as asas incansáveis
O tempo fugitivo;
Atrás não volta!
— A. de Gusmão.*

Urge o tempo, os anos vão correndo,
Mudança eterna os seres afadiga!
O tronco, o arbusto, a folha, a flor, o espinho,
Quem vive, o que vegeta, vai tomando
Aspectos novos, nova forma, enquanto
Gira no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma,
O espírito, porém, como centelha,
Que vai lavrando solapada e oculta,
Até que enfim se torna incêndio e chamas,
Quando rompe os andrajos morredouros,
Mais claro brilha, e aos céus consigo arrasta
Quanto sentiu, quanto sofreu na terra.

Tudo se muda aqui! somente o afeto,
Que se gera e se nutre em almas grandes,
Não acaba, nem muda; vai crescendo,
Com o tempo avulta, mais aumenta em forças,
E a própria morte o purifica e alinda.
Semelha estátua erguida entre ruínas,
Firme na base, intacta, inda mais bela
Depois que o tempo a rodeou de estragos.

MENINA E MOÇA

Ma bienvenue au jour ma rit dans tous lesyeux!

— Chenier

É leda a flor que desponta
Sobre o talo melindroso,
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz;
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz!

É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos,
Com seus virgens pensamentos,
Com seus mimos infantis;
Como quanto enceta a vida,
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor:
De cada gota de orvalho
Extrai celeste perfume,
E do sol no raio assume
Cada vez mais viva cor.

Assim à virgem mimosa,

Pouco e pouco, noite e dia,
Mais viva flor de poesia
Do rosto lhe tinge a cor;
E um anjo nos meigos sonhos,
Do seu peito na dormência
Derrama o odor da inocência,
Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor;
Tem mais amor, tem mais vida,
Como celeste feitura,
Que sai melindrosa e pura
Dentre as mãos do criador.

COMO EU TE AMO

Como se ama o silêncio, a luz, o aroma,
O orvalho numa flor, nos céus a estrela,
No largo mar a sombra de uma vela,
Que lá na extrema do horizonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
Da noite na mudez os sons da flauta,
As canções saudosíssimas do nauta,
Quando em mole vaivém a nau flutua;

Como se ama das aves o gemido,
Da noite as sombras e do dia as cores,
Um céu com luzes, um jardim com flores,
Um canto quase em lágrimas sumido;

Como se ama o crepúsculo da aurora,
A mansa viração que o bosque ondeia,
O sussurro da fonte que serpeia,
Uma imagem risonha e sedutora;

Como se ama o calor e a luz querida,
A harmonia, o frescor, os sons, os ecos,
O silêncio, as cores, o perfume, a vida,
Aos pais e à pátria e à virtude e a Deus.

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
Dizer-te os lábios meus, — mais do que vale

Cantar a voz do trovador cansada:
O que é belo, o que é justo, santo e grande
Amo em ti. — Por tudo quanto sofro,
Por quanto já sofri, por quanto ainda
Me resta de sofrer, por tudo eu te amo.
O que espero, cobiço, almejo, ou temo
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!
Esta oculta paixão, que mal suspeitas,
Que não vês, não supões, nem te eu revelo,
Só pode no silêncio achar consolo,
Na dor aumento, intérprete nas lágrimas.

De mim não saberás como te adoro;
Não te direi jamais,
Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
Esta paixão voraz!

Se andas, sou o eco dos teus passos;
Da tua voz, se falas;
O murmúrio saudoso que responde
Ao suspiro que exalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
Tuas pegadas sigo;
Velo teus dias, te acompanho sempre,
E não me vês contigo!

Oculto, ignorado me desvelo
Por ti, que me não vês;
Aliso o teu caminho, esparjo as flores,
Onde pisam teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
— Não pensa em mim, dirás:
Imagina-o, si o podes, que os meus lábios
Não te dirão jamais!

Sim, eu te amo; porém nunca
Saberás do meu amor;
A minha canção singela
Traíçoeira não revela
O prêmio santo que anela
O sofrer do trovador!

Sim, eu te amo; porém nunca
Dos lábios meus saberás,
Que é fundo como a desgraça,
Que o pranto não adelgaça,
Leve, qual sombra que passa,
Ou como um sonho fugaz!

Aos meus lábios, aos meus olhos
Do silêncio imponho a lei;
Mas lá onde a dor se esquece,
Onde a luz nunca falece,
Onde o prazer sempre cresce,
Lá saberás se te amei!

E então dirás: «Objeto
Fui de santo e puro amor,
A sua canção singela,
Tudo agora me revela;
Já sei o prêmio que anela
O sofrer do trovador.

“Amou-me como se ama a luz querida,
Como se ama o silêncio, os sons, os céus,

Como se ama as cores, o perfume, a vida,
Os pais e a pátria, e a virtude e a Deus!”

AS DUAS COROAS

*Hermosa, eu tu linda frente
El laurel sienta mejor,
Que con su regio esplendor
Corona de rey potente
— G. y S.*

Há duas coroas na terra,
Uma d'ouro cintilante
Com esmalte de diamante,
Na fronte do que é senhor;
Outra modesta e singela,
Coroa de meiga poesia,
Que a fronte ao vate alumia
Com a luz dum resplendor.

Ante a primeira se curvam
Os potentados da terra:
No bojo, que a morte encerra,
Sobre a líquida extensão,
Levam naus os seus ditames
Da peleja entre os horrores;
Vis escravos, crus senhores,
Preito e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
Sobre esta terra maldita,
Ninguém a voz lhe acredita,
Mas riem dos cantos seus:
Os anjos, não; porque sabem
Que essa voz é verdadeira,
Que é dos homens a primeira,
Enquanto a outra é de Deus!

Se eu fora rei, não te dera
Quinhão na régia amargura;
Nem te queria, virgem pura,
Sentada sob o dossel,
Onde a dor tão viva anseia,
Tão cruel, tão funda late,
Como no peito, que bate
Sob as dobras do burel.

Não te quisera no trono,
Onde a máscara do rosto,
Cobrindo o interno desgosto,
Ser alegre tem por lei;
Manda Deus, sim, que o rei chore
Mas que chore ocultamente,
Porque, se o soubera a gente,
Ninguém quisera ser rei!

Mas o vate, quando sofre,
Modula em meigos acentos,
Seus doridos pensamentos,
A sua interna aflição;
E das lágrimas choradas
Extraí um balsamo santo,
Que vale estancar o pranto
Nos olhos do seu irmão.

Se eu fora rei, não quisera
Roubar-te a senda florida,
Onde corre doce a vida
No matutino arrebol;
Gozas o sopro das brisas
E o leve aroma das flores,
E as nuvens, que mudam cores
No nascer, no pôr do sol.

Gozam disto as que repousam
Em tábuas de vis grabatos;
Não quem vive entre os ornatos
Dum trono d'ouro e marfim!
No solo triste, sentada,
Não viras um rosto amigo,
Nem mais viveras contigo,
Foras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
Mimosa e gentil donzela,
Dentre todas a mais bela,
Flor de candura e de amor!
Coroa melhor eu te ofereço,
De ouro não, mas de poesia,
Coroa que a fronte alumia
Com divino resplendor!

HARPEJOS

Sweetest music!...
— Shakespeare

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós comigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatá-me
De vaga fantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silêncio harmônico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que emana
De cava, úmida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dor que n'alma sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na solidão!

Atendo! ao longe escuto
Duma harpa os sons queixosos,
Atendo! e logo sinto

Minha alma se alegrar!
Atendo! são suspiros
De seres vaporosos,
Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bela
Dum tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flores?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Enquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mim!
Unido às notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem,
Da noite à viração,
Ainda escuto os ecos
Duma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prossegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A mágoa adormecer;
Prossegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo aparecer!

Ai, foram como a virgem
Que em sítio solitário
Acaso um dia vimos
Sozinha a divagar!
Memória benfazeja,
Que o gélido sudário,
Que a morte em nós estende,
Não vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR

*E ela era esbelta e bem proporcionada:
sua alma era como a sensitiva, e suas palavras
eram doces e tinham um perfume, que
se não pode comparar.
(Duas noites de luar.)*

E ela era como a rosa matutina
Formosa e bela,
E como a estrela que à noite ao mar se inclina,
Saudosa era ela.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
Era delícias vê-los;
E com a alvura do rosto contrastava
A cor dos seus cabelos.

Quando alguém lhe falava, então falava
Com voz macia,
Que triste dentro d'alma nos filtrava
Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
Do coração,
Como sons que a mudez da noite quebram
Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
No rosto ameno;
Nuvenzinha da tarde, que se enxerga
Em céu sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
O trovador:
Feliz, disse ele, quem gozara os mimos
Do seu amor!

E ela deu-lhe do seio uma saudade
Murcha, porém bela,
E ele um culto votou, cismando extremos,
À pálida donzela.

Como fosse, porém, breve a sua vida
Como uma flor,
Em breves dias era mudo e triste
O trovador.

Se alguma vez cantava, — só dizia
Ao seu anjo do céu, que lá morava,
Que de ter junto dele só pedia
A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE

*Eu levo à sepultura, uns após outros,
A donzela gentil, o velho enfermo
E o mancebo que folga descansado
À sombra da ventura.*

“Minha filha, mais depressa,
Mais depressa um pouco andemos,
E da aurora que desponta
Saudável frescor gozemos!

“Senta-me em baixo do chorão, que dobra
A verde rama sobre a campa nua
De um ser de peito bom, de rosto belo,
Que foi minha mulher, que foi mãe tua!

“O sol, nascendo apenas, vem primeiro
Seus raios nessa campa dardejar,
E a cansada velhice é bem fagueiro
Esses restos da vida desfrutar.”

Um cego e triste velho que tremia
À força dos invernos que passaram,
À filha nova e bela, assim dizia,
À filha que os amores cobiçaram.

E tinha o velho pai nos ombros dela
A mão crestada e morta e já rugosa,
E ela ao pai, solícita, extremosa,
Guiava como um anjo e alva e bela.

“Nem sempre o que ora vês teu pai tem sido,
Oh filha da minha alma, oh meu tesouro,
Também um tempo foi que, entretecido,
Tive o fio vital de seda e d’oiro!

“Também meus olhos se espraíram longe,
Pela vasta extensão destas campinas;
Também segui a tortuosa veia
Desta linda corrente que se perde
 Além, por entre penhas;
E a esmeraldina cor, de que se arreia
A relva destes prados, destas brenhas,
Meus olhos juvenis encheu de gozo,
Que agora os olhos teus também recreia!

“E que prazer tão grande! O sol nascia
 Num mar de luz brilhante!
Levantava-se mais, brilhava, ardia,
 No prado verdejante,
 Na fonte e na devesa;
 E o mundo e a natureza
 De puro amor enchia!
Destoucavam-se os montes de neblina,
 Que meiga e adelgada
Pendia como um véu de gaza fina
 Da celeste morada,
Quando num mar formoso o sol nascia!

“O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de cores adornada,
E na imensa extensão d’água salgada
Via a esteira de luz do sol luzido!

“Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui neste lugar, ledo escutando

Tão amável tua mãe, tão carinhosa,
Que instantes curtos me teceu falando!

“Hoje existo somente porque existes,
Desfruto outro viver que não vivia,
Quando escutam tua voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.”

Oh fala, fala sempre. “É doce ao velho
Som d’argentina voz, que as fibras todas
Do semivivo coração abalam,
 Como duma harpa antiga
 As deslembradas cordas,
 Que à mão experta e amiga
Do trovador, num canto alegre estalam.

“É doce ao solitário a voz de um anjo
 Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
 Que fala ao coração.

“É doce, qual perfume matutino,
 Que a flor exala,
Que pelo peito da mulher amante
 S’interna e cala;

“É doce, como a luz que se derrama
 Pela face do mar,
Quando brando luar, da noite amigo,
 Vem nela se espelhar.

“Fala, bem sei que amarga é tua vida,
 Que amargo é teu penar;
No silêncio da noite tenho ouvido
 Teu peito a soluçar!

“Oh fala, tu bem vês que se a tormenta
Tétrica voa,
Ao ninho de seus pais o passarinho
Rápido voa.”

— Oh meu pai, como eu quisera
Meus pesares te esconder,
Mas tua filha, coitada,
Em breve tem de morrer!

— Sinto que o alento me falta,
Que longe foge de mim;
Sinto minha alma rasgar-se
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi, em sonhos,
A chamar-me um serafim;
Tinha alegria no rosto,
Mas chorava sobre mim;
Meu bom pai, como está breve
Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sozinho,
E tu cá ficas sem mim!
Oh que n’alma só me pesa
Por te deixar só assim;
Meu bom pai, que é já chegado
Da tua filha o triste fim! —

E o velho, baixo falando,
Tristemente assim dizia;
“Já fui feliz, já fui novo,
Já fui cheio de alegria!

“Eu tive pais extremosos,
Irmãos que me idolatraram,
Eu tive castos amores,
Que antes de mim se acabaram!

“Eu tive tantos no mundo
Quanto se pode chorar;
Perdi todos, tudo; ai, triste,
Só eu não pude acabar!

“Ao sopro da desventura
Só eu me não abalei,
Que a todos — novos e velhos —
À campa todos levei!

“Minha filha me restava!
Eu já fantasma impotente,
Sobre os torrões tropeçava
Da cova aberta recente!

“Anjo de amor e bondade
Porque me deixaste assim!
Tu morta, e na sepultura
Que eu tinha aberto pra mim!

“Deus, Senhor, quanto foi longo
O vaso em que fel traguei,
Findo o julguei; restam fezes,
As fezes esgotarei.”

E sobre a rósea face, ora amarela,
A aurora sempre bela radiava,
E o pai, ancião, que a dor rasgava,
Cingia ao corpo seu o corpo dela.

Nem pranto nos seus olhos borbilhava,
E nem nos lábios seus a dor gemia,
E sua alma, qual vaso em calmaria,
Entre vida e morrer imota arfava!

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
Na filha, que prazeres só lhe dera;
E filha e pensamento — alguém dissera
Ter juntos sepultado a mesma campa!

Nos céus não tens, Senhor, bastantes anjos,
Por que os venhas assim buscar à terra?
Brilhe a virtude, quando reina o crime,
O crime impune e vil, que às tontas erra.

AS FLORES

Ao Snr. José Praxedes Pereira Pacheco, incansável Botânico-florista, a quem devemos a introdução no país das mais belas e curiosas espécies de flores, que jamais aqui se viram.

*Simples tributs du coeur, vos dons sont chaque jour
Offerts par l'amitie, hasardés par l'amour.
Les Jardins. — Delille.*

Tu que com tanto afã, com tanto custo,
Estudando, inquirindo, e meditando,
De estranhos climas transplantaste aos nossos
As flores várias no matiz, nas formas,
Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos!
Recebe-o: também eu gosto das flores,
Folgo também de as ver num campo estreito
De estranhas terras revelando os mimos
E as galas d'outros céus: — aqui perfumam
Nossos jardins de peregrina essência!
Melhoram-se talvez, que as não contristam
Raios túbios do sol, nem turvos ares,
Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?
Em vós inspirações o bardo encontra,
Devaneios de amor a ingênua virgem,
À abelha o mel, a humanidade encantos,
Odores, nutrição, bálsamo e cores.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
No meio das vivaces companheiras,
Em forma de capela as vai tecendo
Para cingir com ela a fronte e a coma,

Que os anos no passar não enrugaram,
Nem as cans da velhice embranqueceram.
Resplendor de inocência, onde casados
A açucena, e os jasmims aos brancos lírios
Um só perfume grato aos céus envia;
Meiga coroa de angélica pureza,
Ornamento da vida — que se rompe
Ou quando os membros delicados vestem
O grosseiro burel da penitencia,
Ou do noivado as galas! — lá se acaba,
Por fim aos pés do tálamo ou num tumulto!
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
A falaz sensação dum peito ingrato
Não julgamos eterna, imensa, infinda!
Ali nossos anelos se concentram,
Nossa vida ali jaz: — cifra-se inteira
Num brando volver d'olhos, num acento,
Que a ternura repassa, inspira, exala!
Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
Valem tronos e mais, — o mundo e a vida!
Mas esvai-se a paixão!... que fica? Apenas
Um saudoso lembrar de eras passadas,
De cismadas venturas não fruídas,
Às vezes uma flor!... — Flor dos amores,
Quando extinta a paixão, porque inda existes?
Espinhos de uma rosa emurchecida
Porque sobreviveis às folhas dela?
Mais firme, mais leal, mais vivedoura
Que a volúvel paixão, a flor mimosa
Talvez irrita a dor, talvez a acalma.
Emblemas do prazer, do sofrimento,
Mensajeiras do amor ou da saudade,
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
Importuna presença a voz lhe tolhe
Do não piedoso eunuco; — a estátua negra
Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
Chora a gusla mourisca ao som dos ferros,
Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
E a humana flor definha entre outras flores;
Mil ouvidos a voz lhe escutam sempre,
E cingidos de ferro, crus soldados
De entorno ao mesto harém velam sanhudos!
Ruge, fero soldam! — treplica os bronzes
Da masmorra cruel: — a planta humilde,
A escrava que recatas tão cioso,
Zomba dos feros teus! Muda e singela
Através das prisões, dos teus soldados,
Passa a modesta flor! Vai n'outro peito,
Mistérios não sabidos relatando,
Contar do infausto amor as provas duras,
Os martírios da ausência, as tristes lágrimas
Que chora — ao reiterar protestos novos!
Bem-fadadas do sol, do amor benquista,
O orvalho as cria, as lágrimas as murcham:
Meigas flores gentis quem vos não ama?

Quem tem o coração a amar propenso,
Quem sente a interna voz que dentro fala,
Delicado sentir dum brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharam,
Quem sofre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, esse vos ama:
Encantos da existência em quanto vivos,
Do revés, do triunfo companheiras,
No berço, no dossel, no mudo esquite,
Sempre amigas fiéis vos encontramos.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos

Este só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bela,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra
A flor modesta, produção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

O QUE MAIS DÓI NA VIDA

*I canot but remember such things were,
And were most dear to me.
— Shakespeare*

O que mais dói na vida não é ver-se
Mal pago um benefício,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!

Não! o que mais dói não é do mundo
A sangrenta calúnia,
Nem ver como se infama a ação mais nobre,
Os motivos mais justos,
Nem como se deslustra o melhor feito,
A mais alta façanha!

Não! o que mais dói não é sentir-se
As mãos dum ente amado
Nos espasmos da morte resfriadas,
E os olhos que se turvam
E os membros que entorpecem pouco e pouco,
E um rosto que descora!

Não! não é ouvir daqueles lábios,
Doces, tristes, compassivas,
Sobre o funéreo leito soluçadas
As palavras amigas,
Que tanto custa ouvir, que lembram tanto,
Que não se esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
No triunfar da morte,
Que, se se apaga a luz da vida escassa,
Mais viva a luz rutila;
Luz da fé que não morre, luz que espanca
As trevas do sepulcro.

O que dói, mas de dor que não tem cura,
O que aflige, o que mata,
Mas de aflição cruel, de morte dura,
É morrermos em vida
No peito da mulher que idolatramos,
No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se enastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

A mais ligeira ondulação dos mares
Ao mais ligeiro sopro
Da viração — destrançam-se as grinaldas,
O baixel se afasta.
Veleja, fuge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permite Deus que tão depressa
Estes laços se rompam,
Por que nos pese o mundo, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
Que jaz solta na terra!

FLOR DE BELEZA

*Não vejas!... se a vires... — Eu sei porque o digo:
Tu morres de amor.
— Macedo*

Se fosse rainha aquela
Em cuja fronte singela,
Como em tela delicada
Luz da beleza o condão,
Foras rainha adorada;
Mas rainha sedutora,
Que exige preitos numa hora,
E na outra hora adoração.

Foras rainha! e ditosos
Teus vassalos extremosos,
Que ao renderem-te seus preitos
Beijaram-te a nívea mão.
Pedes amor e respeitos!
Quem não ama a formosura,
Quem não respeita a candura
De um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a beleza que vemos,
Tua angélica bondade
Conquista a nossa afeição:
Não és mulher, mas deidade,
Uma fada sedutora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,

Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nívea mão;
Dizem uns: quanto é formosa!
Eu porém, sei que és mais bela
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rápida a beleza,
Como flor que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou num agreste torrão:
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exala essência divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA

*Respira tanta doçura
O teu canto, que por certo
Abranda a penha mais dura.*
— Bocage

Revela tanto amor, tão branda soa
A tua doce voz canora e pura,
Que o homem de a escutar sente no peito
Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
O mundo, a vida, o sofrimento esquece,
E embalada num éter deleitoso,
Como Alcion nas águas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
A quem sozinho e taciturno vela,
Quando, perdido n'outros mundos, nota
A meiga luz de fugitiva estrela.

Sensações menos doces, menos vagas,
Desperta o barco leve, que se avista
Ao por do sol, na extrema do horizonte,
Quando num mar de luz nos foge à vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
É menos triste a fonte que serpeia,
Menos queixoso o mar, que enternecido,
Beija na praia a cintilante areia.

Vagas na terra, suspiroso arcanjo,
Derramando torrentes de harmonia
Sobre as chagas mortais, — bálsamo santo
Que as mais profundas magoam alivia.

Vagas na terra, merencória e bela;
Mas quando deste mundo ao céu tornares,
Juntarás teus terníssimos acentos
Aos puros sons dos místicos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
Encostados, nas harpas diamantinas,
Folgarão de te ouvir celestes carmes
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca às plagas do infinito
Subiu mais terna voz, mais fresca e pura!
Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

A HISTÓRIA

The flow and ebb of each recurring age.
— Byron

Triste lição da experiência deixam
Os evos no passar, e os mesmos atos
Renovados sem fim por muitos povos
Sob nomes diversos se encadeiam:
Aqui, além, agora ou no passado,
Amor, dedicação, virtude e glória,
Baixeza, crime, infâmia se repetem,
Quer gravados no soco de uma estátua,
Quer em vil pelourinho memorados.
Eis a história! — rainha veneranda,
Trajando agora sedas e veludos,
Depois vestindo um saco desprezível,
D'imunda cinza, apolvilhada a fronte.
Se as virtudes do pobre não tem preço,
Também dos vícios seus a nódoa exígua
Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,
Que trilham senda errada, a cujo termo
Se levanta a barreira do sepulcro,
Onde se quebra a adulação sem força.
Se virtuoso, as gerações passando
As cinzas lhe beijaram; se malvado
Cospem-lhe afrontas na vaidosa campa,
Jamais de amigas lágrimas molhada.
E qual do Egito nos festins funéreos,
Maldizem bons e maus sua memória,
Lançando à face da real múmia
Dos crimes seus a lacrimosa história.
Talvez, porém, um infortúnio grande,
Um exemplo sublime de virtude
Cobre dourada página, que aos olhos

Pranto consolador do peito arranca.

Eis a história! — um espelho do passado,
Folhas do livro eterno desdobradas
Aos olhos dos mortais; — aqui, sem mancha,
Além golfeja sangue e sua crimes.
Tal foi, tal é: retrato desbotado,
Onde se mira a geração que passa,
Sem cor, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
Que há de ser nova cópia à gente nova,
Como os anos aos anos se sucedem.
Ondas de mar sereno ou tormentoso,
As mesmas na aparência, que se quebram
Sobre as da areia flutuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM

Linda concha que passava
Boiando por sobre o mar
Junto a uma rocha, onde estava
Triste donzela a pensar;

Perguntou-lhe: — Virgem bela,
Que fazes no teu cismar?
— E tu, pergunta a donzela,
Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada
Por estas águas do mar,
Sou pelas águas levada,
Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
Que estava triste a pensar:
— Eu também vago na vida,
Como tu vagas no mar!

— Vais duma a outra das vagas,
Eu dum a outro cismar;
Tu indolente divagas,
Eu sofro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
Eu, onde me leva Deus:
Buscas a vida, — eu a morte;
Buscas a terra, — eu os céus!

SEI AMAR

Amor amore
(Provérbio.)

Sei amar com paixão ardente e fida,
Como o nauta ama a terra, como o cego
A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do imenso pego
Duma existência mísera e cansada,
Quero uma hora, um instante de sossego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
A um peito de mulher que me entendesse,
Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porém que fosse minha! e que eu soubesse
Que os lábios que beijei são meus,
Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de pronto derramar demente
N'outros ouvidos a palavra, o acento,
Que em êxtase de amor criei fervente.

Nem corre o seu volátil pensamento,
Quando falo, a pensar n'outros amores,
N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
Não me queixo, bem vês, mas despedaço
A prisão vil, embora oculta em flores.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
Como senhor campeia — ao mais querido
Cedo o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
Um só amor que a dois pertence, — um peito,
Que bate por dois homens, fermentido.

Se eu único não sou, — vil, não aceito
Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
Vale um trono; — partido, é dom tão pobre,
Que eu pobre, como sou, de altivo enjeito.

AMANHÃ

Amanhã! — é o sol que desponta,
É a aurora de róseo fulgor,
É a pomba que passa e que estampa
Leve sombra de um lago na flor.

Amanhã! — é a folha orvalhada,
É a rola a carpir-se com dor,
E da brisa o suspiro, — é das aves
Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;
O queixume, o prazer, o amor,
O triunfo que a vida nos doura,
Ou a morte de baço palor.

Amanhã! — é o vento que ruga,
A procela de horrendo fragor,
É a vida no peito mirrada,
Mal soltando um alento de dor.

Amanhã! — é a folha pendida,
E' a fonte sem meigo frescor,
São as aves sem canto, são bosques
Já sem folhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!
É a vida no seu amargor,

Amanhã! — o triunfo, ou a morte;
Amanhã! — o prazer, ou a dor!

Amanhã! — que te importa se existes?
Folga e ri de prazer e de amor;
Hoje o dia nos cabe e nos toca,
De amanhã Deus somente é Senhor!

POR UM AI

Se me queres ver rendido,
De joelhos, a teus pés,
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
Rugindo como um vulcão,
Estourar, arder em chamas,
Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
Curvado e preso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos,
Meu coração a teus pés;
Por um olhar que me lances,
Por um só ai que me dê:

Veja eu sobre os teus lábios
Esta só palavra — amor! —
Estrela cortando os ares,
Abelha sobre uma flor.

Então veras dos meus olhos,
Que o pesar me não cegou,
Rebentarem de alegria
Prantos, que a dor estancou;

Então verás o meu peito
Como outra vez se incendia;
Era a folha verde e fresca,
Onde o sol se refletia!

Murcha e triste pende agora;
Caiu, jaz solta, está só:
Exposta ao fogo, arde em chamas,
— Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
Outra vez meu coração
Escutarei palpitando
De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça
Tal fui, tal me vez agora!
Mas venha o orvalho celeste,
Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
Dar-lhe às raízes calor;
Revive de novo, e brota
Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
Outra vez se dependuram
Mil flores, — ali mil aves
Nos seus gorjeios se apuram.

Não quero palavras falsas,
Não quero um olhar que minta,
Nem um suspiro fingido,
Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno
Uma só prova, — e verás
Minha alma, presa em teus lábios,
Como de amor se desfaz!

Ver-me-ás rendido e sujeito,
Cativo e preso à tua lei,
Mais humilde que um escravo,
Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO
Imitação de uma poesia javanesa

Ainda quando os homens te odiassem,
E anátema contra ti gritasse o mundo,
Por ti sentira amor, te amara sempre,
Te amara eternamente.

Este afeto jamais há de alterar-se;
Embora gêmeos sóis ardam no espaço,
Ou gêmeas noites, em cegueira eterna,
Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
Passa através do fogo, irei contigo;
Aos céus remonta, hei de seguir-te sempre,
Ver-me-ás sempre a teu lado.

De ti não pode a força desprender-me,
Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
E quem dos dias teus souber o termo,
Que a vida me deixou também conheça.

Quando nas asas da esperança corro,
Onde me acenas, onde amor me aguarda,
Parece-me que voo aos ledos campos,
Onde a esperança mora.

Não há que possa comparar-se aos êxtases,
Que tanto ao vivo meu amor revelam;

Um gesto, um som dos lábios teus mimosos
Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
Quer do teu seio irosa me repilas,
Teu rosto na minha alma se retraia,
E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descanse, ou vele ou sofra,
Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
Risonha tua imagem me aparece,
E eu julgo sempre que te falo e escuto.

Seja eu longe da pátria infindas léguas,
A distância de um mundo entre nós corra,
Enquanto além divago, preso fica
Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findam,
Não creias que o destino inexorável
Mos corta — antes me tem, antes me julga
Morto por ti de amores!

FADÁRIO

Procura o ímã sempre
Do polo a firme estrela,
De viva luz o inseto
Se deixa embelezar;
E a nave contrastada
Dos rancos da procela,
Procura amigo porto,
No qual possa ancorar.

O ímã sou constante,
A nave combatida,
O inseto encandeado
Com fulgido clarão;
E tu — a minha estrela,
A luz da minha vida,
O porto que me acena
Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
Severa no semblante,
No olhar, na voz — debalde
Me oprime o teu rigor;
Se fujo dos teus olhos,
Se mostro-me inconstante,
Na ausência e no desterro
Me vai crescendo o amor!

Assim o inseto volta
À luz que o já queimara,
E o ímã na tormenta
Procura o norte seu;
Assim a nave rota,

Que o vento contrastara,
Entrando o porto, esquece
Que males já sofreu.

Debalde, pois, tua alma,
Que a minha dor enxerga,
Se mostra áspera e dura
A voz do meu penar;
Aquele verde ramo,
Que facilmente verga,
Resiste ao peso, enquanto
Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cansa
De o ver revel contigo,
Do tronco seu virente
Separa-o de uma vez:
Mais que ele venturoso
Me julgo, se consigo
Morrer vendo os teus olhos,
Cair junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
Se finda o meu tormento,
Que nem lembrança minha
Terás de conservar:
A nave, que não toca
No porto a salvamento,
Talvez os rotos mastros
Atira à beira-mar.

Assim, quando jazendo
Me achar na campa fria,
Talvez tenhas remorsos
Da tua ingratidão;
Talvez que por mim sintas

Alguma simpatia,
Que em lágrimas desfeita
Me dês amor então.

O ASSASSINO

*Pero una sola lágrima, um gemido
Sobre sus restos a ofrecer no van
Que es sudário d'infames el olvido...
Bien con su nombre en su sepulcro están!*
— Zorrilla

Ei-lo! seu rosto pálido se encova;
Incerto, mais que os voos dum morcego,
Seu andar, ora lento, ora apressado,
Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
Semelha luz de tocha mortuária
A luz que os olhos seus despedem torvos.
Momentos há em que o seu rosto fero
De tal arte se enruga e se transtorna,
Que os seus próprios amigos o fugiram
E temeu sua mãe de o unir ao seio.
Quando os lábios descerra, só murmura
Frases, cujo sentido não se alcança,
Ou blasfêmias a Deus, que o sofre em vida!
O que amou n'outro tempo, agora odeia;
Despreza o que estimou, evita, fuge
Quanto afanoso procurava outrora:
Receia a luz do sol, o véu da noite,
A voz do crime, o grito da inocência!

A cólera de Deus caiu tremenda
Sobre o seu peito, e o coração lhe oprime,
De cuja interna chaga em jorros salta
O sangue e a podridão: horrendo e fero.
A vítima das fúrias do remorso,
Terrível e cobarde, e ao mesmo tempo

Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
Enquanto a Deus maldiz, blasfema, irrita,
Duma voz, duma sombra se acobarda.

Não pode suportar seus pensamentos
A sós consigo, e aborrecendo os homens
De os ver e de os não ver sofre martírios.
Na cidade suspeita esposa, amigos,
A mãe e os filhos; — um terror, um pasmo,
Cuja causa recôndita se ignora,
Na voz, no rosto e gesto o denunciam
Como escravo do crime ou da miséria.

No ermo a própria voz o sobressalta!
O som dos passos, do seu corpo a sombra,
Das fontes o correr por entre as pedras,
Da brisa o suspirar por entre as folhas,
Quanto vê, quanto escuta o intimida.
Minaz lhe brada a natureza inteira,
Soluça um nome que lhe erriça a coma
E o frio do terror lhe imerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolam,
Batidas pelo açoite da procela
Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no
Quando passam, cuspiendo-lhe o semblante;
E Deus, o próprio Deus no espaço o grava
Nos fuzis que os relâmpagos centelham.
Tem medo, quando sonha e quando vela.
Deixando o leito em seu suor banhado,
No silêncio da noite — a horas mortas,
Levanta-se medonho; range os dentes,
Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lâmina buída e os olhos torvos
Agoureiro clarão despedem juntos.
Soltando roucos sons com voz sumida,

Apalpa cauteloso as densas trevas,
E vai... caminha... atende... de repente
Apunhala um fantasma! — solta um grito,
Larga o punhal convulso e arrepiado!
Num ferrete de sangue lê seu fado,
Um ferrete, que a dor não desfaz nunca,
Nem lava o pranto, nem consome o tempo.
Miserável, provando o fel da morte,
Ante o passo medonho se horroriza,
Odeia o mundo que fugir não pode,
Rejeita a religião que o não consola,
Odeia e teme a Deus, — teme a justiça
De quem na fronte vil do fraticida
Nódoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANOS

14 — *Janeiro*

No segredo da larva delicada
A borboleta mora,
Antes que veja a luz, que estenda as asas,
Que surja fora!

A flor, antes de abrir-se, se recata;
No botão se resume,
Antes que mostre o colorido esmalte,
Que espalhe o seu perfume.

E a flor e a borboleta, após a aurora
Breve — da curta vida,
Encontram as manhãs da primavera
E a luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
Da vida no verdor,
Semelha à borboleta melindrosa,
Semelha à linda flor.

Tudo se alegra e ri em torno dela,
Tudo respira amor;
Que é a virgem formosa semelhante
À borboleta e à flor.

Para estas o sol breve se esconde,
Passam prestes os dias;
Enquanto em cada aurora, em cada ano
Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS

*And dost thou ask, what secret woe
I bear, corroding joy and youth?
And wilt thou vainly seek to know
A pang e'en thou must fail to soothe?*
— Byron.

I

Quando nas horas que contigo passo,
Do amor mais casto, do mais doce enlevo,
Sentindo um raio de esperança amiga,
Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sobre os meus se fitam,
Sorvo o perfume que tua alma exala,
Gozo o sorriso que os teus lábios vertem
E as doces notas que o prazer me entranham;

Tu me perguntas por que um riso amargo,
Fúnebre e triste me descora os lábios;
Por que uma nuvem de pesares grávida
Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angústia,
Um ai do peito, que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra
Num breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
Ou sol que bates num profundo abismo,

E a verde-negra superfície tinges
De cor chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superfície amiga,
E à luz que espalhas aclarar-se o abismo,
Sol benfazejo, que te importa as fezes,
Que lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez, se a viras, encobrindo os olhos,
De horror fugindo ao temeroso aspecto,
Os brandos lumes, d'onde amor destilas,
Breve apagarás.

Não me perguntes por que sofro triste,
Por que da morte o negro espectro invoco,
Por que, cansado desta vida, almejo
A paz dos túmulos.

Nem ver procures a cratera hiante
Do peito meu, que inda fumega em cinzas,
Do peito meu, onde cruéis travaram
Pleitos, não crimes, mas paixões que abraçam.

Dá que nas horas que contigo passo
Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
Durma o passado e do porvir me esqueça,
E o meu presente de te amar se ameigue.

II

Se algum suspiro de abafada angústia,
Se um ai do peito que exalar não ousa,
O meigo encanto dos teus sonhos quebra,
Tu me perdoa.

Cansado e triste de viver sofrendo,
Da morte amiga o negro espectro invoco,
Afiz-me as dores, e só torva imagem
Me apraz agora.

Talvez na pedra dum sepulcro frio
Melhor folgara de me ver deitado,
Sentir nos olhos estancado o pranto
E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgara minha sombra triste,
Vagando em torno duma campa lisa,
De verte as formas, de escutar teus passos,
E de entender tua oração piedosa.

Talvez folgara, quando pranto amargo
Dos olhos teus me rorejassem a campa,
Dos meigos lábios, onde amor temperas,
Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgara de sentir a brisa,
Correndo em torno ao momento meu,
E tu sozinha no sepulcro humilde,
Guardando os tristes deslumbrados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
Onde os teus restos junto aos meus descanse;
E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
Juntos nos vejam.

E quando o anjo espedaçar as campas
Ao som da trompa de fragor horrendo,
Que há de o letargo despertar dos mortos

Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
Hei de alegrar-me de te ver comigo,
E as nossas almas subirão reunidas
À eterna face do juiz supremo.

E deste amor por que ambos nós passamos,
O galardão lhe pediremos ambos,
De unidos na mansão viver dos justos,
Ou nos tormentos da eterna Geena!

III

No entanto a vida suportar já devo,
Sofrer o peso da existência inglória,
E revolvendo o coração chagado,
Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
Um eco surdo, que entre as fragas dorme,
Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
Ou como a folha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
Não sepultados, — uma flor que murcha,
Duma harpa a corda, que por fim rebenta,
Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar a lua
Pálida e bela na solidão do espaço;
Nem vivos astros, nem perfumes gratos
Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos rancos

Do mar, que bate as soltarias praias;
Nem nos gemidos da frondosa selva,
Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto dum festim, que odeio,
As próprias galas que vaidosa ostenta
A natureza — não se ri minha alma,
Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
Mudo cadáver dos festins do Egito,
Se ver pudesse, contemplando o nada
Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;
Pois que os teus lábios para mim se abriram,
Teus meigos lábios;

Já que o perfume da tua alma de anjo
Embalsamou-me o coração de aromas;
Já que os prazeres da eternal morada
De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida suportar, já devo
Sofrer o peso da existência inútil;
Já do passado e do porvir me esqueço,
E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRATAÇÃO

*Son reso, non mi difendo;
Puniscimi, se vuoi!*
— Metastásio

Perdoa as duras frases que me ouviste:
Vê que inda sangra o coração ferido,
Vê que inda luta moribundo em ânsias
Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
Sofrear minhas iras vingativas,
Deixar que as minhas lágrimas corressem
Dentro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus lábios,
Morde-los até que o sangue espadanasse,
Afogar na garganta a ultriz sentença,
Apagá-la em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito
Conter meu coração, que não pulsasse,
Apagado vulcão, que inda fumea,
Que faz, que jorra cinzas?

Que me importava a mim teu fingimento,
Se uma hora fui feliz quando te amava,
Se ideei breve sonho de venturas
Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor que te apagaste,
Ou gota pura de cristal luzente
Filtrando os poros de uma rocha a custo,
Caída em negro abismo!

Devera pois meu pranto borrifar-te
Amigo e benfazejo, como aljôfar
De branco orvalho em pérolas tornado
Num cálice de flor;

Não converter-se em pedras de saraiva,
Em chuva de granizo fulminante,
Que em chão de morte as pétalas viçosas
Desfolhasse entreabertas.

Feliz o doce poeta,
Cuja lira sonora
Ressoa como a queixosa
Trépida fonte a correr;
Que só tem palavras meigas,
Brandos ais, brandos acentos,
Cuja dor, cujos tormentos
Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta
Que não andou em procura
De terrena formosura,
Nem as graças lhe notou!
Que lhe não deu sua lira,
Que lhe não deu seus cantares,
Que lhe não deu seus pesares,
Nem junto dela quedou!

Antes na mente escaldada
Forma um composto divino

De algum ente peregrino
De algum dos filhos dos céus;
 E ante essa imagem criada
Que vê sempre noite e dia,
Dobra as leis da fantasia,
Acurva os desejos seus.

É dela quando se carpe,
 É dela quando suspira,
 É dela quando na lira
Entoa um canto feliz:
 Dela acordado ou dormido,
Dela na vida ou na morte,
Tenha alegre ou triste sorte,
Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
 A cismada fantasia
Há de o poeta algum dia
Junto de Deus encontrar;
 E que havendo-a produzido
Antes do mundo formado
Dê-lhe um sonhar acordado
Por um viver a sonhar!

ANELO

No lago interior dum peito virgem,
Que os ventos das paixões não agitaram,
Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
Onde as nuvens do céu desenhavam cores.

Nos meigos olhos, que embeleza o mundo,
De corrosivas lágrimas enxutos,
Meu pensamento gravarei num beijo,
Onde as luzes do céu refletem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
Noite e dia seus cânticos afina,
Hei de a vida entornar em doces carmes,
Onde imagens do céu somente brilham.

Que outra coroa melhor, que outra mais pura,
Que uma coroa d'amor em fronte virgem?!
Não pesa sobre a fronte, não esmaga,
Não punge o coração, — é toda amores!

Que outra coroa melhor, que outra mais bela
Que a auréola que Deus concede aos vates?
Com sorriso de amor, talvez chorando,
Cede-a o vate à mulher, que mais o inspira!

Eu ta cedo, eu ta dou! Coroou-te imagem
Resplendente e sagrada entre as mulheres;
Um beijo só de amor tu me concedas,
Um suspiro sequer do peito exales.

QUE ME PEDES

Tu pedes-me um canto na lira de amores,
Um canto singelo de meigo trovar?!
Um canto fagueiro já — triste — não pode
Na lira do triste fazer-se escutar.

Outrora, coberto meu leito de flores,
Um canto singelo já soube trovar;
Mas hoje na lira, que o pranto umedece,
As notas de outrora não posso encontrar!

Outrora os ardores que eu tinha no peito
Em cantos singelos podia trovar;
Mas hoje, sofrendo, como Hei de sorrir-me,
Mas hoje, traído, como hei de cantar?

Não pecas ao bardo, que aflito suspira,
Uns cantos alegres de meigo trovar;
À lira quebrada só restam gemidos,
Ao bardo traído só resta chorar.

O CIÚME

Oh! quanta graça e formosura adorna
Teu rosto eloquente e vivo!
Se a sombra de um sorrir te afrouxa os lábios,
Prestes outro sorrir dos meus rebenta;

Se vejo os olhos teus, que chorar tentam,
Debalde o pranto meu represo engulo;
Se do teu rosto as rosas se esvaecem,
Eu sinto de temor bater meu peito;
E quando os olhos teus nos meus se fitam,
Nem pesares, nem dores predominam;
Mas sinto que o meu peito se enternece,
Sinto o meu coração bater mais livre,
Sinto o sorriso, que me ri nos lábios,
Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
Sinto delícias n'alma!

Quanta beleza tens! — quer dessas graças,
Que o amor inveja — num sarau brilhante
No meio de belezas, que suplantas,
Prazer e galas de as mostrar ressubres;
Quer estejas sozinha e pensativa,
Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou num corcel em páramos desertos,
Correndo afoita e louca, e o pé mimoso
Da carreira no afã por sob as vestes
Transparecer deixando;

Ou balançada num ligeiro barco,

Que de um lago tranquilo as águas frisa,
Soltando a voz às brisas namoradas,
Que de te ouvir suspiram;

Ou numa bronca penha descalvada
O mar e os céus contemples pensativa,
E a rédeas soltas do pensar divagues
Nos campos do infinito;

És sempre bela: já teus olhos brilhem
Luz que fascina, ou mórbidos reflexos,
Teus lábios entreabertos sempre exalam
Calor, que incêndio ateia.

Oh! que bela tu és, quando assentada
No teu balcão, ao refulgir da lua,
Manso te apoias em coxins de seda
E o belo azul dos céus triste encarando
Pensas em Deus, — talvez no teu futuro,
Talvez nos teus pesares, — que na fonte
De limpa pura, cristalina e fresca
Aquática serpente usa ocultar-se.

Mas como és bela assim! com a mão sem força
Tirando sons perdidos, sons que encantam,
Sons que infundem prazer, sons de harpa tristes!
Mas como és bela assim! — quando o teu peito
Entre a gaza sutil de leve ondeia!

Como a onda do mar pausada e fraca
Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
À doce praia onde os seus ais se quebram,
Assim teu peito bate, e nos teus lábios
Do extremo palpitar morre um suspiro.
Como d'harpa afinada a corda soa
Mal desfere seus sons outro instrumento;
Assim também minha alma se entristece,
Assim também meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
Porque sou teu escravo, — bem que saiba
Que se a tua alma a beleza
Tem de um anjo a formosura,
Não tens de um anjo a candura,
Nem tens dele a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
Do inferno crus tormentos;
Porque dos zelos o fel mancha minha alma
De infames pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
Eu quero sentir dor;
Quero lábios que entornem nos meus lábios
Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
Quero beijos só teus, carícias tuas,
Que dão morrer!

Que importa ao edifício que cintila,
De roaz fogo tomado,
Ser por um raio abrasado
Ou por ignóbil favela?

É sempre ardor, sempre fogo,
Sempre de incêndio o clarão,
Sempre o amor que estua e ferve
Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA
(*Num álbum*)

A nuvem doirada se espraia no ocaso,
Roçando com as franjas o trono de Deus;
A águia arrojada seus voos levanta,
Traçando caminhos nos campos dos céus!

Exala perfumes a flor do deserto,
Embora dos ventos o sopro fatal
Embrace-lhe as cores, — e o mar orgulhoso
Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
Imitam as nuvens no incerto vagar:
Exalam perfumes, — vão sós como as águias,
Suspiram queixumes das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
Cantar-lhe das líras a lira melhor;
Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantam
Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM
A D. A. C. G. A.

I

Que sonha a donzela,
Tão vaga, tão linda,
Benquista e bem vinda
Na terra e no céu?
Que cisma? que pensa?
Que faz? que medita,
Que o seio lhe agita
Tão bravo escarcéu?

Que faz a donzela,
Se lágrimas quentes
Das faces ardentes
Lhe queimam a tez?
Que sonha a donzela,
Se um riso fagueiro,
Donoso e ligeiro
Nos lábios lhe vês?

Que faz a donzela,
Que cisma, ou medita?
Talvez lá cogita
Fruir algum bem;
Então porque chora?
Se curte agras dores
De ingratos amores,
O riso a que vem?

Semelha à donzela,

Que ri-se e que chora,
À límpida aurora,
Que orvalha dos céus;
Não luz mais brilhante,
Não chora mais prantos,
Não tem mais encantos,
Que um riso dos seus.

II

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus angélicos desejos,
Saber de quantas ledas fantasias,
De quantos melindrosos pensamentos
Um suspiro se nutre, um ai se gera.
Virgem, virgem de amor, que vais boiando
ã flor da vida, como rósea folha,
Que aragem branda sacudiu nas águas;
Que gênio bom a mágica vergasta
Em troco de um sorriso te concede?
Que poderosa fada te embalsama
A vida e os sonhos? — que celeste arcanjo
Embala, agita as criações que ideias,
Como em raio do sol dourados átomos,
Com que invisível ser brincar parece!
Virgem, virgem de amor, quais são teus sonhos?

III

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
Na líquida extensão do mar salgado
Correr com mansas brisas
Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de cetim brancas de neve
Rutilam dentre as flâmulas e cores,
E o barco airoso e leve
Nos remos voga de gentis amores.

Não formam rijos sons celeuma dura,
Nem a companha entre bulções desmaia;
 Aragem fresca e pura
Doces carmes de amor conduz à praia.

Sonhas talvez nas orlas do ocidente,
De um regato sentada a branda margem,
 Ver surgir de repente
De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construções fantasiando,
Vês agulhas sutis cortando os céus,
 E a luz do sol doirando
Rútilos tetos, altos coruchéus.

Sonhas talvez palácios encantados.
Espaçosos jardins fontes de prata,
 Vergéis de sombra grata,
Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas inocente Armida,
Passar a fácil quadra dos amores,
 Tendo em laço de flores
Preso de quem mais amas peito e vida!

IV

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus mais íntimos desejos,
E ser o gênio bom que tos cumprisse!

V

Nem só prazeres medita,
Nem só pensa em belas flores;
Muitas há que almejam dores,
Como outras buscam amor:
É que as punge atra amargura,
Que o peito anseia e fatiga;
É sede que só mitiga
Talvez aflição maior.

Quase gozam, quando sofrem
Um pranto cansado e lento;
Quando um comprido tormento
Lhes derrete o coração:
Não é martírio de sangue,
Como nas eras passadas;
Mas ha lágrimas choradas,
Que também martírio são.

Há dores que melhor ralam
Que provas d'água ou de fogo,
Que ver apinhado o povo
Num banquete canibal;
Que sentir no anfiteatro
As vivas carnes rasgadas,
Pelas unhas afiadas
De um fero lobo cervical.

VI

Quem me dera saber quais são teus sonhos,
Aventar teus mais fundos pensamentos,
E ser o gênio bom que tos cumprisse,
Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

VII

Mas donde emana essa fonte
De inexplicável ternura,

Que os golpes da desventura
Não podem jamais cansar;
Essa vida toda extremos,
Esse ardor de todo o instante,
Esse amor sempre constante,
Que nunca se vê minguar?

Quisera virgem donosa
Saber a origem divina
Dessa fonte peregrina
De tanta luz e calor;
Então pudera em meus cantos,
Tratar dos teus meigos sonhos,
Formar uns quadros risonhos
De quanto sentes de amor.

Roubando as cores do íris,
Das estrelas os fulgores,
O aroma que tem as flores,
O vago que tem o mar;
Talvez pudera os mistérios,
As douradas fantasias,
As singelas alegrias
Dum peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA

*Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore sonleve
Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.*
— Musset

Meu anjo, escuta: quando junto à noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu,
Como suspiro que um menino exala;
Na voz da brisa quem murmura e fala
Brando queixume, que tão triste cala
 No peito teu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes lutuosa imagem
De aflito pranto com sombrio véu,
Rasgado o peito por acerbos dores;
Quem murcha as flores
Dobrando sonho? — Quem te pinta amores
 Dum puro céu?
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te acorda do celeste arroubo,
Na amenidade do silêncio teu,
Quando tua alma n'outros mundos erra,
 Se alguém descerra
 Ao lado teu
Fracos suspiro que no peito encerra;
Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se aflige de te ver chorosa,

Se alguém se alegra com um sorriso teu,
Se alguém suspira de te ver formosa
O mar e a terra a enamorar e o céu;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS

Amo uns suspiros quebrados
Sobre uns lábios nacarados
A gemer, a soluçar;
Como a onda bonançosa,
Que numa praia arenosa
Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
Uns acentos de ternura,
Que trazem vida e calor;
Que se derramam a medo,
Como temendo o segredo
Revelar do oculto amor!

Amo a lágrima que chora
Terna virgem que descora,
Presa de interna aflição;
Amo um riso, um gesto vivo,
Um olhar honesto, esquivo,
Que alumia o coração.

Porém mais que o olhar honesto,
Mais que o riso e brando gesto,
Mais do que o pranto a correr,
Mais que a voz quando amor jura,
Que um suspiro de ternura,
Que vem aos lábios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
Quando rompe o véu do pejo,
Mal sentido a murmurar:

É viva flor de esperança,
Que nos promete bonança,
Como a flor do nenúfar.

Mente o olhar da donzela,
Mente a voz que amor assela,
Mente o riso, mente a dor;
Mente o cansado desejo.
Só não mente o som de um beijo,
Primícias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
São duas almas unidas,
Que o mesmo fogo consome:
São laços estreito de amores;
Porque são os lábios flores
De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
Selo breve, laço estreito
Dum cansado bem querer;
Saibo dos gozos divinos,
Que nos lábios femininos
Quis Deus bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
Triste de mim! se eu pudera
Dizer o que os beijos são:
Sei que inspiram luz e calma,
Sei que dão remanso à alma,
Que trazem fogo a paixão.

Sei que são flores de esperança,
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenúfar:
Quem fruiu um ledo beijo,
Ter não pode outro desejo,
Nada já pode gozar.

Sei que deles não se esquece
Triste velho, que esmorece
À minguia de coração:
Viva estrela em noite escura,
Viva brasa em cinza pura,
Em neve algente um vulcão

Sei que fruí-los uma hora
De ventura sedutora,
É subir em vida aos céus,
É fugir da vida escassa,
Roubar ao tempo que passa
Um dos momentos de Deus.

Sei que são flores de esperança,
Que nos prometem bonança,
Como a flor do nenúfar!
Quem os fruiu o que espera?
Já gozou, já não tem era,
Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA

*Antes d'espírar el día,
Vi morir a mi esperanza.
— Zárte*

Que m'importa do mundo a inclemência
E esta vida cruel, amargada?
Desde que os olhos abri à existência
Um vislumbre de amor não achei!
Nem uma hora tranquila e fadada,
Nem um gozo me foi lenitivo;
Mas no mundo maldito em que vivo
Quantas ânsias, meu Deus, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
Quando outrora corri descuidoso
Atrás de um bem, não real, mas sonhado,
Transbordava de sonhos gentis:
Eu julgava que a um peito brioso
Ou que a uma alma que fácil se inflama
Por virtudes, por glória, ou por fama,
Era fácil aqui ser feliz.

Via o mundo através dos meus prantos
A sorrir-se pra mim caroável,
Refletindo celestes encantos,
Que era visto dum prisma através:
Hoje trevas em manto palpável
Me circundam, — nem já por acerto
Vejo triste nos prantos que verto
Luz do céu refletida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flores

Afagadas do sopro da brisa,
Disputando do sol os fulgores,
Balançadas no débil hastil!
Estas fontes de prata, que frisa
Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
Estas selvas sem fim, sussurrantes,
Estes céus do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
Que jaz morta qual flor ressequida,
Só me resta a querida lembrança
Que o martírio se acaba nos céus:
Foge pois, ó minha alma, da vida;
Foge, fuge da vida mesquinha,
Leva a tímida esperança, caminha,
Até parar na presença de Deus.

Que estes gozos de etéreos prazeres,
Que esta fonte de luz que ilumina,
Que estes vagos fantasmas de seres,
Que cismando só posso enxergar;
Que os amores de essência divina,
Que eu concebo e procuro e não vejo,
Que este fundo e cansado desejo,
Deus somente tos pode faltar.

Vai assim a medrosa donzela,
Pura e casta na ingênua beleza,
Buscar luz à remota capela,
Branca cera na pálida mão:
Tudo é sombra, silêncio e tristeza!
Mas ao toque do fogo sagrado,
Arde em chamas o círio apagado,
Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE

*Sur mon front, où peut-eire s'acheve
Un songe noir qui trop long temps dura,
Que ton regard come un astre se leve,
Soudain mon reve
Rayonnerá.
— V. Hugo*

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
Conheça alegrias, desfrute prazeres,
Que nunca provei;
Que ao menos nas asas de um sonho mentido
Perdido — arroubado, também diga: amei!

Tu queres que eu sonhe!—não sabes que a vida
Me corre penosa, — que amarga por vezes
A própria ilusão!
No pálido riso duma alma afligida,
Qu'invida — ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cansados inflama,
Nos olhos de estranhos simpático brilha,
Mais agro penar
Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chama — revela, que almeja ocultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, áreas fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cansada, — não vejo longínquo farol!

E queres que eu sonhe! — Nas águas revoltas
O nauta, ludibrio da horrenda procela,

Se pode dormir,
As vagas cruzadas, em sustos envoltas,
Às soltas — percebe raivosas bramar.

Talvez porém sonha que as ondas mendaces
O levam domadas à terra querida,
Que entrou em seus lares!...
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atiram dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça — que frua prazeres
De um plácido amor;
Vem tu como estrela da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então sossegado,
Cismando prazeres, que n'alma se entranham,
Dum riso dos teus
Coberto o meu rosto, — fugira o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céus.

Vem junto ao meu leito, quando eu for dormido,
Que eu sinta os perfumes que exalas passando;
Não soffro — direi:
E ao menos nas asas de um sonho mentido
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O BAILE

*Sonemos gozando
Fortuna tan vana,
Y el sol de manana
Que vea al salir
Que al son de la orquesta
Danzando en la fiesta,
No es carga funesta
La vida feliz.
— Zorrilla*

As salas vão-se enchendo, as luzes brilham
Nos prismas de cristal repercutidas,
 Enquanto as flores
Dos bufetes nas jarras coloridas
 Acres odores
Soltam; ao mar de luzes misturando
D'inocente perfume outro mar brando
Com requebros e amor gentis donzelas,
 Em riso e festa,
 Medindo os passos
 Aos sons da orquestra;
 Pendem dos braços
Do namorado, lépido galã!
Esta risonha, aquela pensativa,
 Outra menos esquiva,
Atenta às vozes, que o prazer lhe entranham,
 E à frase cortês,
Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
 Vão descuidosas,
 Nos lábios risos,
 Nas faces rosas,
Dando fé a protestos fementidos.

Triunfo às belas! o prazer começa:
Correm da taça vinhos espumosos,
 Gratos licores;
Tangida pela mão dos Trovadores
Desfaz-se a lira em sons melodiosos,
 Em cântico de amores.
Soltam mais viva luz as brancas velas,
 Melhor perfume as flores.
Ativa-se o prazer; triunfo às belas!

Aqui, ali, além, mil rostos belos,
Da valsa ao giro rápido se mostram,
De gemas enastrados os cabelos;
 E o peito que anelante
 Palpita intumescido
Nas ondas do prazer ebrifestante,
 Dum leve colorido
 Banha o semblante,
Que mais e mais com a noite se enrubesce:
Triunfo às belas, — o prazer recresce!

Perdido entanto neste mar de luzes,
Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
 Contemplo indiferente
 Quanto em redor diviso;
E entre tanto ruído e tanta gente,
 Nem um sorriso
 Verdadeiro, inocente!
Nem um sincero raio de alegria,
Nem um peito contente
Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquela,
 Que tem melhores cores,
 Que mais leda se mostra,

Que mais feliz no gesto se revela,
Sente mais finas dores;
O íntimo desgosto,
A febre que a devora
Lhe dá calor ao rosto,
E no silêncio chora,
Presas de uma aflição devoradora.

Uma tristeza funda, inexprimível
O coração me anseia;
E triste e solitário num recanto,
Nunca mais solitário, nem mais triste
Do que entre a multidão que me rodeia,
Não encontro maior, mais doce encanto
Que deixar-me arrastar por uma ideia,
Que me avassala a mente.
Que me importa esta gente,
Estes rostos que vejo e não conheço,
E o riso a que mil outros dão apreço?
Esta fingida alegria,
Esta ventura que mente,
Que será delas ao romper do dia?
Destas virgens louças as mais mimosas
Mortas serão talvez antes que murchem
Do branco seio as encarnadas rosas!
Grinaldas festivas, que a morte espalha
No lúgubre terreiro;
O pó as enxovalha,
Murchas aos pés do esqualido coveiro!

DESALENTO

Without a hope in life!
— Crabbe

Nascer, lutar, sofrer — eis toda a vida:
De esperança e de amor um raio breve
Se mistura e confunde
Às cruas dores dum viver cansado,
Como raio fugaz que luz nas trevas
Para as tornar mais feias!

Da verde infância os sonhos melindrosos,
Nobres aspirações da juventude,
Amor de glória stulto,
Com que mais alto a mente se extasia;
São vãos fantasmas que produz a febre,
São ilusões que mentem!

São as folhas virentes arrancadas
Dum arbusto viçoso, antes que brotem
Da primavera as flores;
A penugem que nasce antes das asas,
Um estéril botão que não dá flores,
Ou flor que não dá frutos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
Como áreas de um páramo deserto,
Ressequido, abrasado,
Provoca o teu sofrer, teu pranto espia,
Sedento almeja as lágrimas, que entornas
Nos areais da vida.

Se inda tens coração, hão de esmagar-te;
As setas da calúnia irão cravar-te
Na parte mais sensível:
Se tens alma, se elétrico palpitas
De pátria e de virtude aos nomes santos,
Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, num acesso doloroso,
Às mãos ambas ferindo o peito crédulo
Exclamar delirante:
“Minha pátria onde está? — Onde estes homens,
Que a par de meus irmãos amar devera,
Da mesma pátria filhos?

E a virtude também, onde hei de achá-la?
Se é mais que nome vão, onde é que existe?
Onde é que se pratica?
Se os modernos Catões a graça esmolam
Do rei — ou, cortesãos da populaça,
Rojam por terra ignóbeis!

Se a mão do poderoso, a mão dourada
Do crime impune — esbofeteia as faces
Do homem vil, que a beija!
Oh! meus irmãos não são, não são os filhos
Desta pátria, que eu amo, — torce o rosto
De os ver a humanidade.”

Despe-se a vida então dos seus encantos,
E o homem na lembrança revivendo
O percorrido estádio,
Tem por marcos de estrada os monumentos,
Com que os mais fortes laços se desatam,

— A pirâmide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as cores,
Sem ilusões, sem fé — nublado, escuro
O presente e o porvir,
No crepe de abortados pensamentos
Se envolve — e os olhos tesos no sepulcro
A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
Pela face da terra! — amigo lume
Não me convida ao longe;
E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
Digo: — longe serei antes do ocaso! —
E a divagar prossigo.

Mal aceito conviva me despeço!...
As calúnias que passo, a dor que sofro,
Não me ferem profundas;
Bem como a rola, que das matas desce,
E nas asas recebe o pó da estrada,
Que voando sacode.

Minha hora derradeira soe em breve,
A só esperança que aos mortais não falha!
Morrerei tranquilo;
Bem como a ave, ao por do sol, deitando
Debaixo da asa a tímida cabeça,
Da noite o sono aguarda.

A QUEDA DE SATANÁS

(tradução)

Eis que tomba da abóbada celeste
O arcanjo audaz, o serafim manchado.
Desenrolando o corpo volumoso,
Despenhado precipite, — qual mundo
Dos eixos arrancado, — como um vivo
Dos céus fragmento enorme ele caía!
Caía lá daqueles céus brilhantes,
Donde inda os seus iguais lançavam raios;
Caía! — e a cerviz no espaço ardendo
As esferas dos sóis de cor de sangue,
 Passando, avermelhava.
Ei-lo, o maldito, o arcanjo da blasfêmia,
Rival do credor! — te o imo peito
Pelas frechas da anátema varado,
Como num turbilhão, desce rodando;
Ondas dum mar de fogo o vem cercando,
 E ele oculta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavam — longe — os mundos com voz forte:
“Que insensato! onde vai? Nesse arrojado,
Frenético voar, que vento o impele,
Que de astro em astro vai, dum céu em outro?
 Vede como é sombrio!
Oh! quão outro que está daquele arcanjo
 De tão belo semblante,
 Lúcifer radiante,
Cujo sopro era como o romper d'alva,
Que as portas da manhã nos céus abria,
 Trazendo consigo a aurora,
 Que o seu alento acendia!

Acaso o reconheceste?
Era ontem brilhante, novo e belo;
E hoje é feio e nu e descalvado,
Nas asas da tormenta balouçado,
Nas asas dos bulcões;
E os seus olhos fulminados
Já sem pupilas fumegam
Quais crateras de vulcões!”

O arcanjo os escutava, ameaçando-os
Com o olhar fulminante;
Que cheio de ímpio orgulho já sentia
Uma coroa de rei cingir-lhe a fronte.
Todos os astros que no espaço giram
Seus olhos de irritados fascinavam;
E os astros todos de terror tremiam,
Saudando a coruscante realeza.
E já os céus sem fim, estrelas, mundos
Atrás dele se perderam;
E nas profundas solidões do espaço
O arcanjo abandonado apenas via
A noite, e sempre a noite!
Tem medo, olha, procura... — Um astro! um astro

Transviado nos céus! — O arcanjo o avista!
Estende a mão convulsa arrepelando-o;
Segura, arrasta-o, e dum só pulo ardido
Trá-lo potente ao limiar do inferno,
Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
Ao tetro boqueirão levou consigo,
E duas vezes, como um negro abutre,
Lutando corpo a corpo, de cansaço
Sentiu-se esmorecer.

Duas vezes também o astro vítima,

Suplicando medroso, as ígneas asas
Bateu, sublime grito aos céus mandando.
O nome do Senhor por duas vezes
O rebelde venceu, — ele sozinho
Caiu no fundo abismo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL
(tradução)

Maria, porque me foges,
Porque me foges, donzela?
Minha voz! o que tem ela,
Que te faz estremecer;
Tão temível sou acaso?
Sei amar, cantar, sofrer.

E quando através dos troncos
Descubro de altos coqueiros
Junto às margens dos ribeiros
A sombra tua a vagar;
Julgo ver passar um anjo
Que os meus olhos faz cegar.

E dos lábios teus se escuto
Deslizar-se a voz, Maria,
Cheio de estranha harmonia
Pulsa o peito meu queixoso,
Que mistura aos teus acentos,
Tênuo suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-te
Mais do que as aves cantando,
Que vem da terra voando,
Onde eu a vida provei;
Da terra onde eu era livre,
Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realeza,
Hei de perder da lembrança;
Família, dever, vingança...
Até a vingança me esquece,
Fruto amargo e deleitoso,

Que tão tarde amadurece!

És, Maria, qual palmeira,
Altiva, esbelta, engraçada,
No tronco seu balançada
Por leve brisa fagueira,
No teu amante a reverte,
Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
A tempestade valente
Corre às vezes de repente
Por acabar apressada
Com seu hálito de fogo
A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, e contrair-se
A palma sua ao redor,
Que de cabelos dava ares,
De coroa tendo o esplendor!

De espanhola ó branca filha,
Teme por teu coração;
Teme a força do vulcão
Que vai breve rebentar,
E depois amplo deserto
Só poderás contemplar.

Talvez que então te arrependas
De me haveres desdenhado
Porque houveras encontrado,
Salvação no meu amor;
Como o catá leva à fonte

O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas
Não, Maria, não o sei
Que dentre as fronte humanas,
Entre as fronte soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu és branca;
Mas que importa? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora também,
Que mais luzentes belezas,
Mais doces do que eles tem.

HAGAR NO DESERTO
(tradução)

Pálido o rosto e queimado
Pelo sol do Egito ardente,
Saía a escrava inocente
Com o filho inocente ao lado
Da tenda patriarcal.
A pobrezinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'água
E um peito cheio de magoa!...
Vê, contempla, oh triste escrava,
Teu sepulcro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o solicita
Piedade santa, — de aflita
Sem queixar-se, lhe obedece
A triste escrava do amor,
Quisera talvez detê-la...
Porém que? — Sarai lhe implora,
Deus lhe ordena: — vai-te embora,
Vai-te escrava; e a tua estrela
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia
Sobre as tendas alvejantes,
E n'outros pontos distantes
Combros de areia feria,
Outrora leito dum mar;
Esse caminho procura,
Que nas ondas do deserto
Talvez ache por acerto
Pátria, abrigo, amor, ventura
A prole infausta de Hagar.

Vai, caminha; mas ao passo
Que no deserto se entranha,
Arde o sol com fúria estranha,
Racha a areia o pé descalço,
Cresta o vento os lábios seus;
E ao lado o filho inocente
Soltava tristes gemidos,
Com os olhos umedecidos
Fitando a mãe ternamente,
Que os olhos tinha nos céus!

Procura terras do Egito;
Porém debalde as procura:
Vai a triste, sem ventura,
Lento o passo, o rosto aflito,
Pela inculta Bersabé.
Seu Ismael desfalece;
No deserto imenso, adusto,
Não enxerga um só arbusto:
Jeová deles se esquece!
Cresce a dor, e minguia a fé.

Pede sombra o triste infante:
Não há sombra, — água suplica;
Exaurido o vaso fica,
Pede mais de instante a instante...
Pobre escrava, oh! quanto dó!
Pudesses rasgar as veias,
Tornar águas inocentes
Tuas lágrimas ardentes;
Mas só vês dum lado areias,
D'outro lado areias só.

Pois não há quem o proteja,
Diz a escrava lá consigo,

Vendo o fado seu inimigo,
Meu filho morrer não veja,
Bem que eu tenha de morrer.

A um tiro de arco distante
Se arrasta com lento passo,
Tomba o corpo enfermo e lasso,
E amargo pranto abundante
Deixa dos olhos correr.

Deus porém ouvia a prece
Da escrava, da mãe coitada,
E da celeste morada
Librado um arcanjo desce
Nas asas da compaixão.

Expira em torno ar de vida,
Um aroma deleitoso,
E num sonho aventuroso
Hagar seus males olvida,
Olvida a sua aflição.

Dorme e sonha, oh! triste escrava,
Deus senhor sobre ti vela!
Dorme e sonha: — a tua estrela
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos de Ismael.

Esquece a sorte mesquinha,
Que te vexa, — esquece tudo;
Deus senhor é teu escudo,
Já não és serva, és rainha
De outro reino de Israel.

Como quando elevados nas alturas
Descobrimos incógnitas paisagens,
Densas florestas, áridas planuras
E de rios caudais virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebat,
Rasgando o véu do tempo e do infinito,
E uma cena vistosa te retrata,
Que vai da Arábia ao portentoso Egito.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
Nos praios do deserto eleva as tendas,
E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
Provoca e trama aspérrimas contendias.

São doze os filhos — doze reis potentes —
Com eles Ismael tudo avassala;
É sua espada a lei das outras gentes,
Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus desígnios favoneia,
Segue seus passos a benção divina,
Povoa-se Faran, surge da areia
De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominam: largo reino ingente
Mesquinha habitação presta a seus netos,
Convertida em nação a grei potente,
Que oprime a cerviz móbil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
Superior dos heróis à grande altura,
Na sinistra o alcorão, na destra a espada,
A efígie torva de Maomé fulgura.

Curva-se a Arábia entanto, a Palestina
À sua lei, da Pérsia o reino antigo;

Escutam Ásia e África a doutrina
Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
Aquele que iludido o mundo adora;
Hagar é mãe, — pela vergôntea cara,
Entre orgulhosa e triste, a Deus implora.

Pecou; porém da glória que o circunda
A roxa luz, que o meteoro imita,
De viva resplendor a fronte inunda,
Comove o peito a mísera proscrita.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
Ainda a Europa inveja o Ismaelita;
E em frente à cruz, o pálido crescente
Aparece nas torres da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!
Que de prantos e lágrimas vertidas!
Entre irmãos o combate é porfiado,
A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
Embora no porvir todo escondido,
A escrava tenta orar; porém no sonho
Resume a prece em lânguido gemido.

Geme de ver em fúria carniceira
A esposa de Maomé desrespeitada,
E do seu genro a dinastia inteira
Por duro azar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omíades valentes;
Do seu ultimo rei, oh dor! se coalha
O sangue na mesquita: entre essas gentes
Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
Chegando à boca a taça corrompida,
Experimenta os tristíssimos revezes,
De quem sobre os troféus exala a vida!

Tudo é silêncio e luto: — um só evita
O negro olvido, — ao templo da memória
Voa Al-Resxid, — unindo à glória avita
O louro da ciência e o da vitória.

Com seu vizir à noite pelas ruas
Escuta dos estranhos mercadores
A glória d'outros reis menor que as suas,
E espregueita do seu povo as agras dores!

Se ouviu a narração duma desgraça,
Se o pobre vê curvado a prepotência,
Se o convidam a entrar, quando ele passa,
No abrigo do infortúnio e da inocência,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino
Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
Passa o rei, como orvalho cristalino,
E, por onde passou, rescendem flores.

Mudado o sonho a fugitiva escrava
Estranhos povos nota, estranhas terras,
Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
Abriu d'Espanha aos mouros;
Que pôs os verdes louros,
Dos reis godos conquista,
Às plantas do infiel?
De tantos males causa
Tu foste, oh rei Rodrigo,
Tornando infesto, inimigo,
O nobre conde, outrora
Vassalo teu fiel.

Debalde o afeto encobres
Do refalsado peito,
Se vais furtivo ao leito
Da virgem, que se mostra
Rebelde ao teu amor:
Que és godo e rei te esqueces
E o nobre ressentido
Da ofensa que há sofrido
No teu exemplo aprende
A ser também traidor.

Enquanto pois devassas
Com torpes pensamentos
Os régios aposentos
Da nobre moça, — a coroa
Te cai da fronte ao chão;
E o pai, que a afronta punge,
Turbado, ardendo em ira,
Aos pés do mouro a atira,
Que o rei, que planta o crime,
Recolhe vil traição.

Sus, oh rei, às armas!
Empunha a larga espada,
E a fronte sombreada
Com o negro elmo — deixa

Tingir-se em nobre pó:
De encontro as alas densas
Do bárbaro inimigo
Debalde, oh! rei Rodrigo,
Te arrojas! — vence à força,
Foges vencido e só!

Vai só; mas ocultando
No manto dum soldado
O rosto demudado,
Enquanto passa o campo,
Escasso leito aos seus:
Ai! triste rei caído!
Na solitária ermida,
Que abriga a inútil vida,
No pó colada a fronte,
Lembra-te enfim de Deus.

Lembrem-te os muitos erros
E o crime grave, enquanto
As mães godas em pranto
O nome teu maldizem,
E ao céu clamando estão.
Enquanto pela Ibéria
O árabe audaz e forte,
Espalha o susto, a morte,
Por onde quer que solta
Ao vento o seu pendão.

Passam avante, calcam
Dos Pirineus as serras,
Levando cruas guerras
Ao dilatado império
Do intrépido gaulês.
Debalde o grande Carlos
Opõe-se-lhes, — que a história
Nos trás inda à memória
Dos tristes Roncesvales
O mísero revés.

Porém do largo império
De Córdoba e Granada
A coroa cai pesada
Na fronte amolecida
Do moço Boabdil.

O fraco teme os ecos
Ouvir da acesa guerra,
E perde a nobre terra
Ganhada em mil batalhas
Com pranto feminil.

Depois inda outros quadros
Enxerga no futuro;
Mas é um ponto escuro,
São formas vagas, postas
Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
Tropel de vária gente,
Que parte do ocidente,
Em cujos peitos brilha
De Cristo a roxa cruz.

Hagar enfim acorda!
Sustendo o filho caro
Pelo deserto avaro
Se entranha novamente,
Mais solto o coração.

Parece que já sente
No rosto ao belo infante
A glória radiante,
Que espera os descendentes
Da forte geração.

E como Deus lhe há dito,
Seus filhos são guerreiros,

Que a seus irmãos fronteiros
Cruentos prélios movem:
Temidos são; porém
 As filhas desses bravos
Da vida sequestradas
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordam-se no Harém.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deus Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrela
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos de Ismael.
 Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo
Deus Senhor é teu escudo:
— Já não és serva, és rainha
D'outro reino Israel.

HINOS

O MEU SEPULCRO

*Éleve-toi, mon ame, au dessus de toi même,
Voici l'épreuve de ta foi!
Que l'impie, assistant à ton heure supreme,
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi!
Lamartine—Harmonies*

Quando os olhos cerrando à luz da vida
O extremo adeus soltar às esperanças,
Que na terra nos guiam, nos confortam
E espaçam do porvir a senda estreita;
Quando, isento de míseros cuidados,
Disser adeus às ilusões douradas,
Mas com elas também as dores cruas
Da existência — aos espinhos pontiagudos,
Com que a verdade o coração nos roça;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das cores, das magias,
Que a natureza pródiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
À terra, nossa mãe, pedindo abrigo
Dos sepulcros no vale em paz descansa,
Hei de ser mais feliz porque me cobre
Pomposo mausoléu, em vez da pedra
Sem nome, — em vez do túmulo de céspedes,
Que se ergue junto à estrada, e ao viandante,
Ao que ali passa uma oração suplica?
Não! — ao encalmado é grata a sombra;
Grato descanso aos membros fatigados
Presta igualmente a relva das campinas
E os torrões pelo sol endurecidos.
Como o trabalhador que a sesta aguarda,
O meu termo fatal sem medo espero!
Eu então pedirei silêncio à morte,

E fresca sombra à sepultura humilde,
Que me receba, — e a cuja superfície
Morram sem eco da existência as vagas.

Humilde seja embora! Que me importa
Que a mão de hábil artista me não talhe
Mentiroso epitáfio em preto mármore!
O momento faustoso, que se erige,
Arranco da vaidade, sobre a campa
De um corpo transitório, acaso só empece
Aos que ali pascem, vermes esfaimados
De roerem-lhe as vísceras?! — Solenes
São da campa os mistérios; mas terrível
É da morte a rasoura, que nivela
O rico ao pobre, e os berços diferentes
Torna um féretro, um leito de Procusto,
Capaz de quanta dor os homens sofrem:
Tão depressa o cadáver se corrompe
Nas amplas dobras do veludo envolto,
Como embrulhado na mortalha exígua,
Que a religiosa caridade amiga,
O pudor dos sepulcros venerando,
Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo acobardados
Ante a imagem da morte, que os assalta,
Temem deixar a terra, onde tranquila,
Quase livre de dor, entre delícias,
Como um rio caudal lhes corre a vida.
Horrorizam-se tímidos, — suplicam
À cruel, que os não leve, que os não roube
À senda matizada, onde os seus passos
Deslizam-se macios — às carícias
Dum seio que lhes presta brando encosto.
O fio da esperança os liga forte
A um corpo que declina, como os lios
De enredilha tenaz prendida à copa
Duma árvore comida: amedrontados,
Como das faces negras dum abismo,

Do pavoroso tûmulo recuam.

Mas eu que vago solto, como a folha,
Como o fumo sutil, que não limito
Nos térmios da terra os meus desejos,
Folgo de ver os renques dos sepulcros
No chão da morte largamente esparsos!
Quase me alegra vê-los. Tal no exílio
Contempla à beira-mar o degradado
Devolverem-se as vagas, — e saudoso
Da pátria sua tão distante — as conta;
Uma por uma as interroga, e pensa
Qual daquelas será que o leve e atire,
Náufrago embora e semimorto, às praias;
Porque choram seus olhos. — No desterro
Me contemplo também,—como ele, choro
A pátria, o ímã dos meus sonhos gratos.
Abra-se funda a cova ante os meus passos:
Um só deles da morte me separe!...

E esse passo andarei, como quem pisa,
Depois de viajar remotos climas,
O pátrio solo, e as auras perfumadas
Do bosque, amigo seu na leda infância,
Bebe de novo, e de as gozar se aplaude.

Hora do passamento! és da existência
O momento mais santo, o mais solene:
Assim o rubro sol, quando no ocaso
Em turbilhões de púrpura se afunda,
Nos morredouros, despontados raios
Saudoso, extremo adeus à terra envia.
Tal o esposo se aparta suspiroso
E nas asas da brisa manda um beijo
À esposa, que de o ver partir se enluta,
Rola que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancólica incerteza,
Dir-te-ei: bem vinda! — ó morte, quando os olhos
Voltar atrás na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O cárcere medonho, onde engastada
Nas escarnas da dor gemeu sua alma
Largos anos de antigo sofrimento.
Esse câncer que inda as lágrimas lhe verte
Das úmidas paredes, cujos ecos
Inda parecem na solidão da noite
Repetir seus tristíssimos acentos.

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate as portas do infinito,
Encostado aos umbrais da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já mirrada, a pedra solta,
A flor agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céu, as ledas aves
De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrela, o sol, o mar, o céu, a terra,
A planta, os animais, tudo então vive,
Tudo conosco simpatiza, — tudo,
Como orquestra afinada por nossa alma,
Acorde aos nossos sentimentos vibra,
Revelando ao que morre os fins da vida.
Dali melhor compreende-se a existência,
Mais vasta perspectiva se desdobra
Ante os olhos, que a extrema vez lampejam:
E as cenas que a ilusão junca de flores,
Que o desejo nos mostra, que nos pinta
Cobiçoso, irisante, — que a esperança
Fugaz de vários modos nos matiza;
Glória ambição, prazer, falaz ventura,
Tudo se olvida e apaga — semelhante
À fugitiva estrela ou clarão breve

Dum relâmpago estivo, que una momento
Se mostra e fulge, logo imerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só coroa
Um mirrado laurel, uma só folha,
Que às novas gerações diga o meu nome
E solicite as atenções futuras?
Sou como o passarinho, quando passa
A flor de um lago e a sombra vacilante
No líquido cristal debalde estampa.
Ou semelhante ao viajor que bate
Da vida a estrada pulvurenta, e nota
Como os seus rastos mal impressos cobre
O pó que de seus passos se levanta.
Ah! que dos louros me não dói a ausência!
Mas de lágrimas, sim, que me orvalhassem
A sepultura humilde, — a cujas gotas
Meus ossos de prazer estremecidos
De as sentir se alegrassem... — mas em troco
Dessa pia oblação, que tantas vezes
Mente ao finado, que as espera eterno,
As lágrimas terei da noite fria,
O fresco humor da chuva, que me eduquem
A agreste flor, que a natureza obriga
A despontar na solitária campa.

Ninguém virá com titubeantes passos
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo; e em falta de epitáfio,
«Ele aqui jaz!» o coração lhe diga,
E ali se curve então, fundos suspiros
Dando aos ecos do fúnebre recinto,
Envoltos na oração que alegra os mortos.
Certo, ninguém virá; porém tão pouco
Ouvirei maldições, onde escondido,
Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
Se deixo sobre a terra alguma ofensa,
Se alguma vida exacerbei, se acaso
Alguma simples flor trilhei passando;

Essas, depois d'eu morto, convertidos
Os ódios em piedade. — “Em paz descansa”
Dirão ante o meu túmulo, e voltando
A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
Compassiva uma lágrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deus, tu me recebe
Na tua saneia glória: alarga as asas
Do teu santo perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama,
Que o pé do viajor sem custo abate.
A ti volvo, oh! Senhor, — bem como o filho
Que ao sopro das paixões soltando as velas
Da juventude ardente, foge ao teto
E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
Consumido o tesouro da inocência,
Com rubor dos andrajos da pobreza,
Que o vexa, — para ver do pai o rosto,
Para escutar-lhe a voz, embora tenha
Sobre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES

À minha irmã J. A. de M.

I

Eras criança ainda; mas teu rosto
De ver-me ao lado teu se espanejava
À luz fugaz de um infantil sorriso!
Eras criança ainda; mas teus olhos
De uma brandura angélica, indizível,
De simpáticas lágrimas turbavam-se
Ao ver-me o aspecto merencório e triste,
E amigo refrigerio me sopravam,
Una bálsamo divino sobre as chagas,
Do coração, que a dor me espedaçava!
A luz de uma razão que desabrocha,
As leves graças, que a inocência adornam,

Os infantis requebros, as meiguices
De uma alma ingênua e pura — em ti brilhavam.
Eu, gasto pela dor antes de tempo,
Conhecendo por ti o que era a infância,
Remoçava de ver teu rosto belo.
Pouco era vê-lo! — em ti me transformava;
Bebendo a tua vida em longos tragos,
Todo o teu ser em mim se transfundia:
Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
Tua inocência, tuas graças minhas:
Não, não era ditoso em tais momentos,
Mas de que era infeliz me deslembrava!

Tinhas sobre mim poder imenso,
Indizível condão, e o não sabias!
Assim da tarde a brisa corre à terra,
Embalsamando o ar e o céu de aromas;
Enreda-se entre flores suspirosa,
Geme entre as flores que o luar prateia,
E não sabe, e não vê, quantos queixumes
Apaga — quantas mágoas alivia!
Assim durante a noite o passarinho
Em moita de jasmims derrama oculto
Merencórias canções nos mansos ares;
E não sabe, o feliz, de quantos olhos
Tristes, mas doces lágrimas, arranca!

II

Perderam-te os meus olhos um momento!
E na volta o meu rosto transtornado,
As vestes ltuosas, que eu trajava,
O mudo, amargo pranto que eu vertia,
Anúncio triste foi de uma desdita,
Qual jamais sentirás: teus tenros anos
Pouparam-te essa dor, que não tem nome.
De quando sobre as bordas de um sepulcro
Anseia um filho, — e nas feições queridas

Dum pai, dum conselheiro, dum amigo
O selo eterno vai gravando a morte!
Escutei suas últimas palavras,
Repassado de dor! — junto ao seu leito,
De joelhos, em lágrimas banhado,
Recebi os seus últimos suspiros.
E a luz funérea e triste que lançaram
Seus olhos turvos ao partir da vida
De pálido clarão cobriu meu rosto,
No meu amargo pranto refletindo
O cansado porvir que me aguardava

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
Flor que sorrias ao nascer da aurora
No denso musgo dos teus verdes anos,
A procela iminente pressentiste,
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
Da noite o puro aljôfar derramaste.

III

O encanto se quebrara! — duros fados
Inda outra vez de ti me separavam.
Assim dois ramos verdes juntos crescem
Num mesmo tronco; mas se o raio os toca,
Lascado o mais robusto cai sem graça
De roxo sobre o chão, enquanto o outro
Da primavera as galas pavoneia!
Já não há quem de novo uni-os possa,
Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus à minha infância,
Aos sítios que eu amei, aos rostos caros,
Que eu já no berço conheci, — àqueles
De quem mal grado, a ausência, o tempo, a morte
E a incerteza cruel do meu destino
Não me posso lembrar sem ter saudades,

Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.
Parti! sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancólicas da tarde,
Volvendo atrás o coração e o rosto,
Onde o sol, onde a esperança me ficava,
Misturei meus tristíssimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxárcias!

Revolvido e cavado o negro abismo,
Rugia indômito a meus pés: sorvia
No fragor da procela os meus soluços;
Vago triste e sozinho sobre os mares,
— Dizia eu entre mim, — na companhia
De crestados, de rípidos marujos,
Mais duros que o seu côncavo madeiro!
Ave educada nas floridas selvas,
Vim da praia beijar a fina areia.
Subitâneo tufão arrebatou-me,
Perdi a verde relva, o brando ninho,
Nem jamais casarei doces gorjeios
Ao saudoso rugir dos meus palmares;
Porém a branca angélica mimosa.
Com seu candor enamorando as águas,
Floresce às margens do meu pátrio rio.

IV

Largo espaço de terras estrangeiras
E de climas inóspitos e duros
Interpôs-se entre nós! — Ao ver nublado
Um céu de inverno e as árvores sem folhas,
De neve as altas serras branqueadas,
E entre esta natureza fria e morta
A espaços derramados pelos vales
Triste oliveira, ou fúnebre cipreste,
O coração se me apertou no peito.
Arrasados de lágrimas os olhos,
Segui no pensamento as andorinhas,

Invejando-lhe os voos! — procuravam,
Como eu também nos sonhos que mentiam,
A terra que um sol cáldo vigora,
E em frouxa languidez estende os nervos.
Pátria da luz, das flores! — nunca eu veja
O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
Nestes da Europa revoltosos mares;
Nem tibia lua envolta em nuvens densas,
Luzindo mortuária sobre os campos
De frios seus queimados. — Ai! dizia,
Ai daquele que um fado aventureiro,
Qual destroço de mísero naufrágio,
A longínqua e remota plaga arroja!
Ai daquele que em terras estrangeiras
Corta nas asas do desejo o espaço,
Enquanto a realidade o vexe entorno
E opresso o coração de dor estala!
Onde a pedra, onde o seio em que descansa?
Que arbusto há de prestar-lhe grata sombra
E olentes flores derramar com a brisa
Na fronte encandecida? Peregrino,
Fere o peito de encontro aos espinheiros!
Insensível a dor, na sua marcha,
Não, não atende ao termo da jornada;
Mas volta atrás o rosto, — e entre as sombras
Confusas do horizonte — enxerga apenas
O débil fio da esperança teso,
E da ingrata distância adelgado!

E todavia amei! pude um momento
Ver perto a doce imagem debruçada
Nas águas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
Suspiro do imo peito, mais ameno,
Mais saudoso que as auras encantadas,
Que entre os seus salgueirais moram loquazes!
Foi um momento só! — talvez agora
Nas mesmas águas se repete imagem
Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,

Nas folhas dos salgueiros murmurando,
Meu nome junto ao seu repete aos ecos,
Que eu triste e longe dela escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
Meu sangue requeimado ao sol dos trópicos
Em vivas labaredas conflagrou-se.
Feliz naquele incêndio ardeu minha alma,
Um ano, talvez mais! Qual foi primeiro
A soltar, a romper tão doces laços
Não pudera dizê-lo, em que o quisesse.
Tão louco estava então, — dores tão cruas,
Mágoas tantas depois me acabrunharam,
Que desse meu passado extinta a ideia,
Deixou-me apenas um sofrer confuso,
Como quem de um mau sonho se recorda!
Assim depois de arder um denso bosque
Dos ventos a mercê revoa a cinza
Num páramo deserto! Nada resta;
Nem se quer a vereda solitária,
A cuja extremidade o amor velava!

V

Rotos na infância os laços de família,
Os fados me vedavam reatá-los,
Ter a meu lado uma consorte amada,
Reverme na afeição dos filhos caros,
Viver neles, curar do seu futuro
E neste empenho consumir meus dias;
Mas ao menos, — pensava, — ser-me-á dado
Amimar e suster nos meus joelhos
Da minha irmã querida a tenra prole,
incliná-la a piedade, — e ao relatar-lhe
Os sucessos da minha vida errante,
Inocular-lhe o dom fatal das lágrimas!
Essa mesma esperança não me ilude;
Ave educada nas floridas selvas,

Um tufão me expeliu do pátrio ninho.
As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado à porta
Do abrigo de meus pais, — nem longe dele,
Verei tranquilo aproximar-se o inverno,
E por do sol dos meus cansados anos.

Gonçalves Dias

**Os Timbiras
(1857)**

Poesia

INTRODUÇÃO

Os ritos semibárbaros dos Piagas,
Cultores de Tupã, a terra virgem
Donde como dum trono, enfim se abriram
Da cruz de Cristo os piedosos braços;
As festas, e batalhas mal sangradas
Do povo Americano, agora extinto,
Hei de cantar na lira.— Evoco a sombra
Do selvagem guerreiro!... Torvo o aspecto,
Severo e quase mudo, a lentos passos,
Caminha incerto, — o bipartido arco
Nas mãos sustenta, e dos despidos ombros
Pende-lhe a rota aljava... as entornadas,
Agora inúteis setas, vão mostrando
A marcha triste e os passos mal seguros
De quem, na terra de seus pais, embalde
Procura asilo, e foge o humano trato.

Quem poderá, guerreiro, nos seus cantos
A voz dos piagas teus um só momento
Repetir; essa voz que nas montanhas
Valente retumbava, e dentro d'alma
Vos ia derramando arrojo e brios,
Melhor que taças de cauim fortíssimo?!
Outra vez a chapada e o bosque ouviram
Dos filhos de Tupã a voz e os feitos
Dentro do circo, onde o fatal delito
Expia o malfadado prisioneiro,
Qu'enxerga a maça e sente a muçurana
Cingir-lhe os rins a enodoar-lhe o corpo:
E sós de os escutar mais forte acento
Haveriam de achar nos seus refolhos
O monte e a selva e novamente os ecos.

Como os sons do boré, soa o meu canto
Sagrado ao rudo povo americano:
Quem quer que a natureza estima e preza
E gosta ouvir as empoladas vagas
Bater gemendo as cavas penedias,
E o negro bosque sussurrando ao longe —
Escute-me. — Cantor modesto e humilde,
A fronte não cingi de mirto e louro,
Antes de verde rama engrinaldei-a,
D'agrestes flores enfeitando a lira;
Não me assentei nos cimos do Parnaso,
Nem vi correr a linfa da Castália.
Cantor das selvas, entre bravas matas
Áspero tronco da palmeira escolho.
Unido a ele soltarei meu canto,
Em quanto o vento nos palmares zune,
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:
As lágrimas do orvalho por ventura
Da minha lira distendendo as cordas,
Hão de em parte ameigar e embrandecê-las.
Talvez o lenhador quando acomete
O tranco d'alto cedro corpulento,
Vem-lhe tingido o fio da segure
De puto mel, que abelhas fabricaram;
Talvez tão bem nas folhas qu'engrinaldo,
A acácia branca o seu candor derrame
E a flor do sassafraz se estrele amiga.

CANTO PRIMEIRO

Sentado em sítio escuso descansava
Dos Timbiras o chefe em trono anoso,
Itajuba, o valente, o destemido
Acoçador das feras, o guerreiro
Fabricador das incansáveis lutas.
Seu pai, chefe também, também Timbira,
Chamava-se o Jaguar: dele era fama
Que os musculosos membros repeliam
A flecha sibilante, e que o seu crânio
Da maça aos tesos golpes não cedia.
Cria-se... e em que não crê o povo stulto?
Que um velho piaga na espelunca horrenda
Aquele encanto, inútil num cadáver,
Tirara ao pai defunto, e ao filho vivo
Inteiro o transmitira: é certo ao menos
Que durante uma noite juntos foram
O moço e o velho e o pálido cadáver.

Mas acertando um dia estar oculto
Num denso tabocal, onde perdera
Traços de fera, que rever cuidava,
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.
Mão d'imigo traidor a disparara,
Ou fora algum dos seus, que receoso
Do mal causado, emudeceu prudente.

Relata o caso, irrefletido, o chefe.
Mal crido foi! — por abonar seu dito,
Redobra d'imprudência, — mostra aos olhos
A traiçoeira flecha, o braço e o sangue.
A fama voa, as tribos inimigas
Adunam-se, amotinam-se os guerreiros
E as bocas dizem: o Timbira é morto!

Outras emendam: Mal ferido sangra!
Do nome do Itajuba se despega
O medo, — um só desastre venha, e logo
Esse encanto vai prestes converter-se
Em riso e farsa das nações vizinhas!
Os manitós, que moram pendurados
Nas tabas d'Itajuba, que as protejam:
O terror do seu nome já não vale,
Já defesa não é dos seus guerreiros!

Dos Gamelas um chefe destemido,
Cioso d'alcançar renome e glória,
Vencendo a fama, que os sertões enchia,
Saiu primeiro a campo, armado e forte
Guedelha e ronco dos sertões imensos,
Guerreiros mil e mil vinham trás ele,
Cobrindo os montes e juncando as matas,
Com pejado carcaz de ervadas setas
Tingidas d'urucu, segundo a usança
Bárbara e fera, desgarrados gritos
Davam no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado
O rei das selvas a propor combate
Dos Timbiras ao chefe. — “A nós só caiba,
(Disse ele) a honra e a glória; entre nós ambos
Decida-se a questão do esforço e brios.
Estes, que vês, impávidos guerreiros
São meus, que me obedecem; se me vences,
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:
Aceita ou foge, que a vitória é minha.”

“Não fugirei”, respondeu-lhe Itajuba,
“Que os homens, meus iguais, encaram fito
O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.”

“Serás, pois que me afrontas”, torna o bárbaro
“Do meu valor troféu, — e da vitória,
Qu’hei de certo alcançar, despojo opimo.
Nas tabas em que habito ora as mulheres
Tecem da sapucaia as longas cordas,
Que os pulsos teus hão de arrochar-te em breve;
E tu vil, e tu preso, e tu coberto
D’escárnio de d’irrisão! — Cheio de glória,
Além dos Andes voará meu nome!”

O filho de Jaguar sorriu-se a furto:
Assim o pai sorri ao filho imberbe,
Que, desprezado o arco seu pequeno,
Talhado para aquelas mãos sem forças,
Tenta doutro maior curvar as pontas,
Que vezes três o mede em toda altura!

Travaram luta fera os dois guerreiros,
Primeiro ambos de longe as setas vibram,
Amigos manitôs, que ambos protegem,
Nos ares as desgarram, Do Gamela
Entrou a fecha trêmula num tronco
E só parou no cerne, a do Timbira,
Cicando veloz, fugiu mais longe,
Roçando apenas os frondosos cimos
Encontraram-se valentes: braço a braço,
Alentando açodados, peito a peito,
Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe
Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Cena vistosa! quadro aparatoso!
Guerreiros velhos, à vitória afeitos,
Tamanhos campeões vendo n’arena,
E a luta horrível e o combate aceso,
Mudos quedaram de terror transidos.

Qual daqueles heróis há de primeiro
Sentir o egrégio esforço abandona-lo
Perguntam; mas não há quem lhes responda.

São ambos fortes: o Timbira ardido,
Esbelto como o tronco da palmeira,
Flexível como a flecha bem talhada,
Ostenta-se robusto o rei das selvas;
Seu corpo musculoso, imenso e forte
È como rocha enorme, que desaba
De serra altiva, e cai no vale inteira
Não vale humana força desprende-la
Dali, onde ela está: fugaz corisco
Bate-lhe a calva fronte sem parti-la.

Separam-se os guerreiros um do outro,
Foi dum o pensamento, — a ação foi d'ambos.
Ambos arquejam, descoberto o peito
Arfa, estua, eleva-se, comprime-se
E o ar em ondas sôfregos respiram
Cada qual, mais pasmado que medroso
Se estranha a força que no outro encontra,
A mal cuidada resistência o irrita.
Itajuba! Itajuba! — os seus exclamam
Guerreiro, tal como ele, se descora
Um só momento, é dar-se por vencido
O filho de Jaguar voltou-se rápido
Donde essa voz partiu? quem no aguilhoa?
Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto
E os olhos cor de sangue irados pulam

“A tua vida a minha glória insulta!
Grita ao rival, e já de mais viveste.”
Disse, e como o condor, descendo a prumo
Dos astros, sobre o lhama descuidoso
Pávido o prende nas torcidas garras,

E sobe audaz onde não chega o raio...
Voa Itajuba sobre o rei das selvas,
Cinge-o nos braços, contra si o aperta
Com força incrível: o colosso verga,
Inclina-se, desaba, cai de chofre,
E o pó levanta e atroa forte os ecos.
Assim cai na floresta um tronco anoso,
E o som da queda se propaga ao longe!
O fero vencedor um pé alçando,
Morre! — lhe brada — e o nome teu contigo!
O pé desceu, batendo a arca do peito
Do exânime vencido: os olhos turvos,
Levou, a extrema vez, o desditoso
Àqueles céus d'azul, àquelas matas,
Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esqualido cadáver
Sobre a cabeça, horripelantemente belo,
Aos seus o mostra ensanguentado e torpe;
Então por vezes três o horrendo grito
Do triunfo soltou; e os seus três vezes
O mesmo grito em coro repetiram
Aquela massa enfim cõa nos ares;
Porem na destra do feliz guerreiro
Dividem-se entre os dedos as melenas,
De cujo crânio marejava o sangue!

Transbordando ufanía do sucesso
Inda recente, recordava as fases
Orgulhos o guerreiro! Ainda escuta
A dura voz, inda a figura avista
Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo
Lhe cõa n'alma em fogo: longos olhos
Em quanto assim medita, vai levando
Por onde o rio, em tortuosos giros,
Queixoso lambe as empedradas margens.
Assim o jugo seu não escorjassem
Tredos Gamelas co'a noturna fuga!

Pérfidos! o herói jurou vingar-se!
Tremei! qu'há de o valente debelar-vos!
E em quanto segue o céu, e o rio, e as selvas,
Crescem-lhe brios, força, — alteia o colo,
Fita orgulhos a terra, onde não acha,
Nem crê achar quem lhe resista; eis nisto
Reconhece um dos seus, que pressuroso
Corre a encontra-lo, — rápido caminha;
Porém d'istante a instante, d'enfiado
Volta o pávido rosto, onde se pinta
O susto vil, que denuncia o fraco.
— Ó filho de Jaguar — de longe brada,
Neste aperto nos vale, — ei-los se avançam
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,
Como enredados troncos na floresta.

“Tu sempre tremes, Juruçei”, tornou-lhe
Com voz tranquila e majestosa o chefe.
“O mel, que em falas sem cessar distilas,
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:

Amigos são talvez, amigas tribos,
Algun chefe, que tem conosco as armas,
Em sinal d'aliança, espedaçado:
Vem talvez festejar o meu triunfo,
E os seus cantores celebrar meu nome.”

“Não! não! ouvi o som triste e sonoro
Das igaras, rompendo a custo as águas
Dos remos manejados a compasso,
E os sons guerreiros do boré, e os cantos
Do combate; parece, d'irritado,
Tão grande peso agora a flor lhe corta,
Que o rio vai sorver as altas margens”.

E são Gamelas? — perguntou-lhe o chefe.

“Vi-os, tornou-lhe Jurucei, são eles!”
O chefe dos Timbiras dentro d’alma
Sentiu ódio e vingança remorde-lo.
Rugiu a tempestade, mas lá dentro,
Cá fora retumbou, mas quase extinta.
Começa então com voz cavada e surda.

“Irás tu, Jurucei, por mim dizer-lhes:
Itajuba, o valente, o rei da guerra,
Fabricador das incansáveis lutas,
Em quanto a maça não sopesa em quanto
Dormem-lhe as setas no carcaz imóveis,
Of’rece-vos liança e paz; — não ama,
Tigre repleto, espedaçar mais presas,
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.
Três grandes Tabas, onde heróis pululam,
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,
Caídas a seus pés, a voz lhe escutam.
Vós outros, atendei, — cortai nas matas
Troncos robustos e frondosas palmas,
E construí cabanas, — onde o corpo
Caiu do rei das selvas, — onde o sangue
Daquele herói, vossa perfídia atesta.

Aquela briga enfim de dois, tamanhos,
Sinalai; por que estranho caminheiro,
Amigas vendo e juntas nossas tabas,
E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:
Vejo um povo de heróis e um grande chefe!”

Disse: e vingando o cimo d’alto monte,
Que em roda largo espaço dominava,
O atoador membi soprou com força.
O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,
Convertem-se em guerreiros.-- mais depressa,

Quando soa o clarim, núncio de guerra,
Não sopra, e escava a terra, e o ar divide
Co'as crinas flutuantes, o ginete,
Impávido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,
Galgando vales, combros, serranias,
Coalhando o ar e o céu de feios gritos.
E folga, por que os vê correr tão prestes
Aos sons do cavo búzio conhecido,
Já tantas vezes repetidos antes
Por vales e por serras; já não pode
Numera-los, de tantos que se apinham;
Mas vendo-os, reconhece o vulto e as armas
Dos seus: “Tupã sorri-se lá dos astros,
— Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos
Das folganças de Ibaque, heróis timbiras
Contemplam-me, das nuvens debruçados:
E por ventura de lhes ser eu filho
Enlevam-se, e repetem, não sem glória,
Os seus cantores d'Itajuba o nome.”

Vem primeiro Jucá de fero aspecto.
Duma onça bicolor cai-lhe na fronte
A pel' vistosa; sob as hirtas cerdas,
Como sorrindo, alvejam brancos dentes,
E nas vazias órbitas lampejam
Dois olhos, fulvos, maus. — No bosque, um dia,
A traiçoeira fera a cauda enrosca
E mira nele o pulo; do tacape
Jucá desprende o golpe, e furta o corpo;
Onde estavam seus pés, as duras garras
Encravavam-se enganadas, e onde as garras
Morderam, beija a terra a fera exangue
E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,
Ita-roca indomável, — Catucaba,
Primeiro sempre no combate, — o forte
Juçurana, — Poti ligeiro e destro,
O tardo Japeguá, — o sempre aflito
Piaíba, que espíritos perseguem:
Mojacá, Mopereba, irmãos nas armas,
Sempre unidos, ninguém não foi como eles!
Lagos de sangue derramaram juntos;
Filhos e pais e mães d'imigas tabas
Odeiam-nos chorando, e a glória d'ambos,
Assim chorada, mais e mais se exalta:
Samotim, Pirajá, e outros infindos,
Heróis também, aos quais faltou somente
Nação menor, menos guerreira tribo.

Japi, o atirador, quando escutava
Os sons guerreiros do membi troante,
Na tesa corda flecha embebe inteira,
E mira um javali que os alvos dentes,
Navalhados, remove: para,escuta...
Volvem-lhe os mesmos sons: Bate-lhe o peito
Os olhos pulam, — solta horrendo grito,
Arranca e roça a fera!... a fera atônita,
Aterrada, transida, treme, erriça
As duras cerdas; tiritante, pávida,
Esgazeando os olhos fascinados,
Recua: um tronco só lhe embarga os passos.
Por longo trato, de si mesma alheia,
Demora-se, lembrada: a custo o sangue
Volve de novo ao costumado giro,
Em quando o vulto horrendo se recorda!

“Mas onde está Jatir?” — pergunta o chefe,
Que debalde o procura entre os que o cercam:
“Jatir, dos olhos negros, que me luzem,
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;

Jatir, que aos chefes todos anteponho,
Cuja bravura e temerário arrojo
Folgo em reger e moderar nos prélios;
Esse, porque não vem, quando vos vindes?”
“Corre Jatir no bosque”, diz um chefe
“Bem sabes como: acinte se desgarrar
Dos nossos, — anda só, talvez sem armas,
Talvez bem longe: acordo nele é certo,
Creio, de nos tachar assim de fracos!” —
Pai de Jatir, Ogib, entrara em anos;
Grosseiro cedro mal lhe afirma os passos,
Os olhos pouco veem; mas de conselho
Valioso e prestante. Ali, mil vezes,
Havia com prudência temperado
O juvenil ardor dos seus, que o ouviam.
Alheio agora da prudência, escuta
A voz que o filho amado lhe crimina.
Sopra-lhe o dizer acre a cinza quente,
Viva, acesa, antes brasa, — o amor paterno:
Amor inda tão forte na velhice,
Como no dia venturoso, quando
Cendi, que os olhos seus só viram bela,
Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,
Carinhosa lho deu; quando na rede
Ouvia com prazer ass ledas vozes
Dos companheiros seus, — e quando absorto,
Olhos pregados no gentil menino,
Bem longas horas, sim, porém bem doces
Levou cismando aventuradas sinas.
Ali o tinha, ali meigo e risonho
Aqueles tenros braços levantava;
Aqueles olhos límpidos se abriam
À luz da vida: cândido sorriso,
Como o sorrir da flor no romper d'alva,
Radiava-lhe o rosto: quem julgara,
Quem poderá aventar, supor ao menos
Haverem de apertar-se aqueles braços
Tão mimosos, um dia, contra o peito
Arquejante e cansado, — e aqueles olhos

Verterem pranto amargo em soledade?
Incrível! — porém lágrimas cresceram-lhe
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.
Agora, Ogib, alheio da prudência,
Que ensina, imputações tão más ouvindo
Contra o filho querido, acre responde.

“São torpes os anuns que em bandos folgam,
São maus os caitetus, que em varas pascem,
Somente o sabiá geme sozinho,
E sozinho o Condor aos céus remonta.
Folga Jatir de só viver consigo:
Em bem, que tens agora que dizer-lhe?
Esmaga o seu tacape a quem vos prende,
A quem vos dana, afoga entre os seus braços,
E em quem vos acomete, emprega as setas.
Fracó! não temes já que te não falte
O primeiro entre vós, Jatir, meu filho?”

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome.
Embora o de Jatir, apregoadado
Melhor, maior que o seu, a testa enruga
E diz severo aos dois qu’inda argumentam

“Mais respeito, mancebo, ao sábio velho,
Qu’éramos nós crianças, manejava
A seta e o arco em defesa dos nossos.
Tu, velho, mais prudência. Entre nós todos
O primeiro sou eu: Jatir, teu filho,
E forte e bravo; porém novo. Eu mesmo
Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos
Novéis aplaudo: bem maneja o arco,
Vibra certa a flecha; mas...(sorrindo
Prossegue) afora dele inda há quem saiba
Mover tão bem as armas, e nos braços

Robustos, afogar fortes guerreiros.
Jatir virá, senão... serei convosco.
(Disse voltado para os seus, que o cercam)
E bem sabeis que vos não falto eu nunca.”

Altercam eles nas ruidosas tabas,
Em quanto Juruçei com pé ligeiro
Caminha: as aves docemente atitam,
De ramo em ramo — docemente o bosque
À medo rumoreja, — à medo o rio
Escoa-se e murmura: um borborinho,
Confuso se propaga, — um rio incerto
Dilata-se do sol doirando o ocaso.
Último som que morre, último raio
De luz, que treme incerta, quantos entes
Oh! hão de ver a luz de novo
E o romper d'alva, e os céus, e a natureza
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos
Ouvir das aves tímidas no bosque
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

CANTO SEGUNDO

Desdobra-se da noite o manto escuro:
Leve brisa subtil pela floresta
Enreda-se e murmura, — amplo silêncio
Reina por fim. Nem saberás tu como
Essa imagem da morte é triste e torva.
Se nunca, a sós contigo, a pressentisse
Longe deste zunir da turba inquieta.
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas...
Escuta o som final, o extremo alento,
Que exala em fins do dia a natureza!
O pensamento, que incessante voa,
Vai do som à mudez, da luz às sombras
E da terra sem flor, ao céu sem astro.
Semelha a graça luz, qu'inda vacila
Quando, em ledos sarau, o extremo acorde
No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Timbiras,
Sem conto seus guerreiros, três as tabas,
Opimas, — uma e uma derramadas
Em giro, como dança dos guerreiros.
Quem não folgara de as achar nas matas!
Três flores em três hastes diferentes
Num mesmo tronco, — três irmãs formosas
Por um laço de amor ali prendidas
No ermo; mas vivendo aventuradas?
Deu-lhes assento o herói entre dois montes,
Em chã copada de frondosos bosques.
Ali o cajazeiro as perfumava,,
O cajueiro, na estação das flores,
De vivo sangue marchetava as folhas?
As mangas, curvas à feição de um arco,

Beijavam-lhes o teto; a sapucaia
Lambia a terra , — em graciosos laços
Doces maracujás de espessas ramas
Sorriam-se pendentes; o pau-d'arco
Fabricava um dossel de cróceas flores,
E as parasitas de matiz brilhante
A úsnea das palmeiras estrelavam!

Quadro risonho e grande, em que não fosse
Em granito eu em mármore talhado!
Nem palácios, nem Tôrres avistaras,
Nem castelos que os anos vão comento,
Nem grimpas, nem zimbórios, nem feitura
Em pedra, que os humanos tanto exaltam!
Rudas palhoças só! que mais carece
Quem há de ter somente um sol de vida,
Jazendo negro pó antes do ocaso?
Que mais? Tão bem a dor há de sentar-se
E a morte revoar tão solta em gritos
Ali, como nos átrios dos senhores.
Tão bem a compaixão há de cobrir-se
De dó, limpando as lágrimas do aflito.
Incerteza voraz, tímida esp'rança,
Desejo, inquietação também lá moram;
Que sobra pois em nós, que falta neles?

De Itajuba separam-se os guerreiros;
Mudos, às portas das sombrias tabas,
Imóveis, nem que fossem duros troncos,
Pensativos meditam: Já da guerra
Nada receiam, que Itajuba os manda?
O encanto, os manitôs inda o protege,
Vela tupã sobre ele, e os santos piagas
Comprida série de floridas quadras
Ver lhe asseguram: nem de há pouco a luta,
Melhor dissertas de renome ensejo,
Os desmentiu, que nunca os piagas mentem.

Medo, certo, não têm; são todos bravos!
Por que meditam pois? Também não sabem!

Sai o piaga no entanto da caverna,
Que nunca humanos olhos penetraram
Com ligeiro cendal os rins aperta,
Cocar de escuras plumas se debruça
Da fronte, em que se enxerga em fundas rugas
O tenaz pensamento afigurado.
Cercam-lhe os pulsos cascavéis loquazes,
Respondem outros, no tripúdio sacro
Dos pés. Vem majestoso, e grave, e cheio
Do Deus, que o peito seu, tão fraco, habita.
E em quanto o fumo lhe volteia em torno,
Como neblina em torno ao sol que nasce,
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,
Solta do sacro rito os sons cadentes.

“Visita-nos Tupã, quando dormimos,
É só por seu querer que estão sonhamos,
Escute-me Tupã! Sobre vós outros,
Poder do maracá por mim tangido,
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce.
“O poder de Anhangá cresce co’a noite;
Sota de noite o mau seus maus ministros:
Caraibebes na floresta acendem
A falsa luz, que o caçador transvia.
Caraibebes enganosas formas
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,
De vós se partam; mas Tupã vos olhe,
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

“O sonho e a vida são dois galhos gêmeos;
São dois irmãos quer um laço amigo aperta:

A noite é o laço; mas Tupã é o troco
E a seve e o sagui que circula em ambos.
Vive melhor que da existência ignaro,
Na paz da noite, novas forças cria.
O louco vive com aferro, em quanto
N1alma lhe ondeiam do delírio as sombras,
De vida espúrias; Deus porém lhas rompe
E na loucura do porvir no fala!
Tupã vos olhe, e sobre vós do Ibaque
Os sonhos desçam, quando o orvalho desce!”

Assim cantava o piaga merencório,
Tangia o maracá, dançava em roda
Dos guerreiros: poderá ouvido atento
Os sons finais da lúgubre toada
Na plácida mudez da noite amiga
De longe, em coro ouvir? “Sobre nós outros
Os sonos desçam, quando o orvalho desce.”
Calou-se o piaga, já descansam todos!
Almo Tupã os comunique em sonhos,
E os que sabem tão bem vencer batalhas
Quando acordados malbaratam golpes
Saibam dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Timbiras?
Bosqueja por ventura ardis de guerra,
Fabrica e enreda as ásperas ciladas,
E a olhos nus do pensamento enxerga
Desfeita em sangue revolver-se em gritos
Morte pávida e má?! ou sente e avista,
Escandecida a mente, o Deus da guerra
Impávido Aresqui, sanhudo e forte,,
Calcar aos pés cadáveres sem conto,
Na destra ingente sacudindo a maça,
Donde certaíra como o raio, desce
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o ocupa!
Nem Aresqui,nem sangue se lhe antolha,
Nem resolve consigo ardis de guerra,
Nem combates, nem lágrimas medita:
Sentiu calar-lhe n'alma em sentimento
Gelado e mudo, como o véu da noite.
Jatir, dos olhos negros, onde para?
Que faz que lida: ou que fortuna corre?
Três sóis já são passados: quanto espaço,
Quanto azar não correu nos amplos bosques
O impróvido mancebo aventureiro?
Ali na relva a cascavel se esconde,
Ali, das ramas debruçado, o tigre
Aferra traiçoeiro a presa incauta!
Reserve-lhe Tupã mais fama e glória,
E voz amiga de cantor suave
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso
Tronco rudo-lavrado se recosta?
Não tem poder a noite em seus sentidos,
Que a mesma ideia de contínuo volvem.
Vela e treme nos tetos da cabana
A baça luz das resinosas tochas,
Acres perfumes recendendo; — alastram
De rubins cor de brasa a flor do rio!

“Ouvira com prazer um triste canto”,
Diz lá consigo; “um canto merencório.
Que este presságio fúnebre espancasse.
Bem sinto um não se que aferventar-se-me
Nos olhos, que vai prestes expandir-se:
Não sei chorar, bem sei; mas fora grato,
Talvez bem grato!à noite, e a sós comigo
Sentir macias lágrimas correndo.

O talo agreste de um cipó em graça
Verte compridas lágrimas cortado
O tronco do cajá desfaz-se em goma,
Suspira o vento, o passarinho canta,
O homem cora! eu só, mais desditoso,
Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,
E quem, feliz, de lágrimas se paga”

Longo espaço depois falou consigo,
Mudo e sombrio: “Sabiá das matas,
Croá (diz ele ao filho d’Iandiroba)
As mais canoras aves, as mais tristes
No bosque, a suspirar contigo aprendam.
Canta, pois que trocara de bom grado
Os altos feitos pelos doces carmes
Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.”

Emudeceu: na taba quase escura,
Com pé alterno a dança vagarosa,
Aos sons do maracá, traçava os passos.
“Flor de beleza, luz de amor, Coema,
Murmurava o cantor, onde te foste,
Tão doce e bela, quanto o sol raiava?
Coema, quanto amor que nos deixaste?
Eras tão meiga, teu sorrir tão brando,
Tão macios teus olhos! teus acentos
Cantar perene, tua voz gorjeios
Ruas palavras mel! O romper d’alva,
Se encantos punha a par dos teus encantos
Tentava embalde pleitear contigo!
Não tinha a ema porte mais soberbo,
Nem com mais graça recurvava o colo!
Coema, luz de amor, onde te foste?

“Amava-te o melhor, o mais guerreiro
Dentre nós? elegeu-te companheira,

A ti somente, que só tu achavas
Sorriso e graça na presença dele
Flor, que nasceste no musgoso cedro,
Cobravas páreas de abundante seiva,
Tinhas abrigo e proteção das ramas...
Que vendaval te despegou do tronco,
E ao longe, em pó, te esperdiçou no vale?
Coema, luz de amor, flor de beleza,
Onde te foste, quando o sol raiava?

“Anhangá rebocou estreita igara
Contra a corrente: Orapacém vem nela,
Orapacém, Tupinambá famoso
Conta prodígios duma raça estranha,
Tão alva como o dia, quando nasce,
Ou como a areia cândida e luzente,
Que as águas dum regato sempre lavam.
Raça, q quem os raios prontos servem,
E o trovão e o relâmpago acompanham
Já de Orapacém os mais guerreiros
Mordem o pó, e as tabas feitas cinza
Clamam vingança em vão contra os estranhos.
Talvez d’outros estranhos perseguidos,
Em punição talvez d’atroz delito.
Orapacém, fugindo, brada sempre:
Mair! Mair! Tupã! — Terror que mostra,
Brados que solta, e as derrocadas tabas,
Desde Tapuitapera alto proclamam
Do vencedor a indômita pujança.
Ai! não viesse nunca as nossas tabas
O tapuia mendaz, que os bravos feitos
Narrava do Mair; nunca os ouviras,
Flor de beleza, luz de amor, Coema!

“A cega desventura, nunca ouvida,
Nos move à compaixão: prestes corremos
Com ledô gasalhado a restaura-los

Da vil dureza do seu fado: dormem
Nas nossas redes diligentes vamos
Colher-lhes frutos, — descansados folgam
Nas nossas tabas? Itajuba mesmo
Of'rece abrigo ao palrador tapuia!
Hospedes são, nos diz; Tupã os manda:
Os filhos de Tupã serão bem vindos,
Onde Itajuba impera! — Ao que não eram,
Nem filhos de Tupã, nem gratos hóspedes
Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;
Antes dolosa resfriada serpe
Que ao nosso lar criou vida e peçonha.
Quem nunca os vira! porem tu, Coema,
Leda avezinha, que adejavas livre,
Asas da cor da prata ao sol abrindo,
A serpente cruel porque fitaste,
Se já do olhado mau sentias pejo?!

“Ouvimos, uma vez, da noite em meio,
Voz de aflita mulher pedir socorro
E em tom sumido lastimar-se ao longe.
Opacém! — bradou feroz três vezes
O filho de Jaguar: clamou debalde.
Somente acode o eco à voz irada,,
Quando ele o malfeitor no instinto enxerga.
Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,
E tenta com afã chegar ao termo,
Donde as querelas míseras partiam.
Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,
Assistimos ao súbito espetáculo!

“Queimam-se raros fogos nas desertas
Margens do rio, quase imerso em trevas:
Afadigados no labor noturno,
Os traiçoeiros hóspedes caminham,
Pejando à pressa as côncavas igaras.
Longe, Coema, a doce flor dos bosques,

Com voz de embrandecer duros penhascos,
Suplica e roja em vão aos pés do fero,
Caviloso tapuia! Não resiste
Ao fogo da paixão, que dentro lavra,
O bárbaro, que a viu, que a vê tão bela!

“Vai arrastá-la, — quando sente uns passos
Rápidos, breves, — volta-se: — Itajuba!
Grita; e os seus, medrosos, receando
A perigosa luz, os fogos matam.
Mas, no extremo clarão que eles soltaram,
Viu-se Itajuba com seu arco em punho,
Calculando a distância, a força e o tiro:
Era grande a distância, a força imensa...”

“E a raiva incrível, continua o chefe,
A antiga cicatriz sentindo abrir-se!
Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,
E a frecha vil caiu-me sãos pés sem força.”
E assim dizendo nos cerrados punhos
De novo pensativo a fronte oprime.

“Sim, tornava o Cantor, Imenso e forte
Devera o arco ser, que entre nós todos
Só um achou, que lhe vergasse as pontas,
Quando Jaguar morreu! — partiu-se o arco!
Depois ouviu-se um grito, após ruído,
Que as águas fazem no tombar de um corpo;
Depois — silêncio e trevas...

—“Nessas trevas,
Replicava Itajuba, — inteira a noite,
Louco vaguei, corri d’encontro as rochas,
Meu corpo lacerei nos espinheiros,
Mordi sem tino a terra já cansado:
Soluçavam porém meus frouxos lábios
O nome dela tão querido, e o nome...
Aos vis Tupinambás nunca os eu veja,

Ou morra, antes de mim, meu nome e glória
Se os não hei de punir ao recordar-me
A aurora infausta que me trouxe aos olhos
O cadáver...” Parou, que a estreita gorja
Recusa aos cavos sons prestar acento.

“Descansa agora o pálido cadáver,
Continua o cantor junto à corrente
Do regato, que volve areias d’ouro.
Ali agrestes flores lhe matizam
O modesto sepulcro, — aves canoras
Descantam tristes nênias so compasso
Das águas, que também nênia soluçam

“Suspirada Coema, em paz descansa
No teu florido e fúnebre jazigo;
Mas quando a noite dominar no espaço,
Quando a lua coar úmidos raios
Por entre as densas, buliçosas ramas,
Da cândida neblina veste as formas,
E vem no bosque suspirar co’a brisa:
Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,
E à virgem, que adormece, amor inspira.”

Calou-se o maracá rugiu de novo
A extrema vez, e jaz emudecido.
Mas no remanso do silêncio e trevas,
Como débil vagido, escutarias
Queixosa voz, que repetia em sonhos:
“Veste, Coema, as formas da neblina,
Ou vem nos raios trêmulos da lua
Cantar, viver e suspirar comigo.”

Ogib, o velho pai do aventureiro
Jatir, não dorme nos vazios tetos:
Do filho ausente prendem-no cuidados;

Vela cansado e triste o pai coitado,
Lembrando-se desastres que passaram
Impróvidos, no bosque pernoitando.
E vela, — e a mente aflita mais se enluta,
Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Já tarde, sente uns passos apressados,
Medindo a taba escura; o velho treme,
Estende a mão convulsa, e roça um corpo
Molhado e tiritante: a voz lhe falta...
Atende largo espaço, até que escuta
A voz do sempre aflito Piaíba,
Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

O louco Piaíba, a noite inteira,
Andou nas matas; miserando sofre;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre elas;
Como o verme na fruta, um Deus maligno
Lhe mora na cabeça, oh! quanto sofre!
“Em quanto o velho Ogib está dormindo,
Vou-me aquecer;
O fogo é bom, o fogo aquece muito;
Tira o sofrer.
Em quanto o velho dorme, não me expulsa
D’ao pé do lar;
Dou-lhe a mensagem, que me deu a morte,
Quando acordar!
Eu via a morte: vi-a bem de perto
Em hora má!
Vi’-a de perto, não me quis consigo,
Por ser tão má.
Só não tem coração, dizem os velhos,
E é bem de ver;
Que, se o tivera, me daria a morte,
Que é meu querer.

Não quis matar-me; mas é bem formosa;
Eu vi-a bem:
É como a virgem, que não tem amores,
Nem ódios tem..
O fogo é bom, o fogo aquece muito,
Quero-lhe bem!”

Remexe, assim dizendo, as frias cinzas
E mais e mais conchega-se o borralho.
O velho entanto, erguido a meio corpo
Na rede, escuta pálido, e tiritar
De frio e medo, — quase igual delírio
Castiga-lhe as ideias transtornadas.

“Já me não lembra o que me disse a morte!...
Ah! sim, já sei!
—Junto ao sepulcro da fiel Coema,
Ali serei:
Ogib emprazo, que a falar me venha
Ao anoitecer! —
O velho Ogib há-de ficar contente
Co’o meu dizer;
Talvez que o velho, que viveu já muito,
Queira morrer!”
Emudeceu: alfim tornou mais brando.
“Mas dizem que a morte procura mancebos,
Porém tal não é:
Que colhe as florinhas abertas de fresco
E os frutos no pé?!...
Não, não, que só ama sem folha as flores,
E sem perfeição;
E os frutos perdidos, que apanha gulosa,
Caídos no chão.
Também me não lembra que tempo hei vivido,
Nem por que razão
Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,
Tão sem compaixão.”

As ânsias não vencendo, que o soçobram
Salta da curva rede Ogib aflito;
Trêmulo as trevas apalpando, topa,
E roja miserando aos pés do louco.

— “Oh! dize-me, se a viste, e se em tua alma
Algum sentir humano inda se aninha,
Jatir, que é feito dele? Disse a morte
Haver-me cobiçado o moço imberbe,
A cara luz dos meus cansados olhos:
Oh dize-o! Assim o espírito inimigo
Folgados anos respirar te deixe!”
O louco ouviu nas trevas os soluços
Do velho, mas seus olhos nada alcançam:
Pasma, e de novo o seu cantar começa:
“Em quanto o velho dorme, não me expulsa
D’ao pé do lar.”

— “Mas expulsei-te eu nunca?
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,
Em ânsias de transido desespero.
Bem sei que um Deus te mora dentro d’alma;
E nunca houvera Ogib de espancar-te
Do lar, onde Tupã é venerado.
Mas fala! oh! fala, uma só vez repete-o:
Vagaste à noite nas sombrias matas...”

“Silêncio! brada o louco, não escutas:?!”
E para, como ouvindo uns sons longínquos.
Depois prossegue: “Piaíba o louco
Errou de noite nas sombrias matas;
O corpo tem aberto em fundas chagas,
E o orvalho gotejou fogo sobre elas.
Geme e sofre e sente fome e frio,
Nem há quem de seus males se condoa.
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,
Quero-lhe bem!”

— “Tupã, que tudo podes”,

Orava Ogib em lágrima desfeito,
“A vida inútil do cansado velho
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida
Meu filho, só depois me colha a morte!

CANTO TERCEIRO

Era a hora em que a flor balança o cálix
Aos doces beijos da serena brisa,
Quando a erva soberba alteia o colo,
Roçando apenas o matiz relvoso;
Quando o sol em doirando os altos montes,
E as ledas aves à porfia trinam,.
E a verde coma dos frondosos cerros
Quando a corrente meio oculta soa
De sob o denso véu da parda névoa;
Quando nos panos das mais brancas nuvens
Desenha a aurora melindrosos quadros
Gentis orlados com listões de fogo;
Quando o vivo carmim do esbelto cáctus
Refulge a medo abrilhantado esmalte,
Doce poeira da aljofradas gotas,
Ou pó sutil de pérolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,
Era o nascer do sol, libando as meigas,
Risonhas faces da luzente aurora!
Era o canto e o perfume, a luz e a vida,
Uma só coisa e muitas, — melhor face
Da sempre vária e bela natureza:
Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos com prazer vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,
Risonha aurora, — ama acordar contigo;
Ama espreitar nos céus a luz que nasce,
Ou rósea ou branca, já carmim, já fogo,
Já tímidos reflexos, já torrentes
De luz, que fere oblíqua os altos cimos.

Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impávidos guerreiros, quando as tabas
Imensas, que Jaguar fundou primeiro
Cresciam, como crescem gigantescos
Cedros nas matas, prolongando a sombra
Longes nos vales, — e na copa excelsa
Do sol esteve os abrasados raios
Parando em vasto leito de esmeraldas.
As três formosas tabas de Itajuba
Já foram como os cedros gigantescos
Da corrente empedrada: hoje acamados
Fósseis que dormem sob a térrea crusta,
Que os homens e as nações por fim sepultam
No bojo imenso! — Chame-lhe progresso
Quem do extermínio secular se ufana:
Eu modesto cantor do povo extinto
Chorarei nos vastíssimos sepulcros,
Que vão do mar ao Andes, e do Prata
Ao largo e doce mar das Amazonas.
Ali me sentarei meditabundo
Em sítio, onde não oiçam meus ouvidos
Os sons frequentes d' europeus machados
Por mãos de escravos Afros manejados:
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,
Donde chorando a preciosa goma,
Resina virtuosa e grato incenso
A nossa incúria grande eterno asselam:
Em sítio onde os meus olhos não descubram
Triste arremedo de longínquas terras.
Aos crimes das nações Deus não perdoa:
Do pai aos filhos e do filho aos netos,
Por que um deles de todo apague a culpa,
Virá correndo a maldição — contínua,
Como fuzis de uma cadeia eterna.
Virão nas nossas festas mais solenes
Miríade de sombras miserandas,
Escarnecendo, secar o nosso orgulho
De nação; mas nação que tem por base
Os frios ossos da nação senhora,

E por cimento a cinza profanada
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.
Não me deslumbra a luz da velha Europa;
Há-de apagar-se mas que a inunde agora;
E nós?... sucamos leite mau na infância,
Foi corrompido o ar que respiramos,
Havemos de acabar talvez primeiro.

América infeliz! — que bem sabia,
Quem te criou tão bela e tão sozinha,
Dos teus destinos maus! Grande e sublime
Corres de polo a polo entre os sois mares
Máximos de globo: anos da infância
Contavas tu por séculos! que vida
Não fora a tua na sazão das flores!
Que majestosos frutos, na velhice,
Não deras tu, filha melhor do Eterno?!
Velho tutor e avaro cobiçou-te,
Desvalida pupila, a herança pingue
Cedeste, fraca; e entrelaçaste os anos
Da mocidade em flor — às câs e à vida
Do velho, que já pende e já declina
Do leito conjugal imerecido
À campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro ilustre,
E os teus, de que então vós ocupáveis,
Quando nos vossos mares alinhadas
As naus de Holanda, os galeões de Espanha,
As fragatas de França, e as caravelas
E portuguesas naus se abalroavam,
Retalhado entre si vosso domínio,
Qual se vosso não fora? Ardia o prélio,
Fervia o mar em fogo a meia-noite,
Nuvem de espesso fumo condensado
Toldava astros e céus; e o mar e os montes

Acordavam rugindo aos sons troantes
Da insólita peleja! — Vós, guerreiros,
Vós, que fazíeis, quando a espavorida
Fera bravia procurava asilo
Nas fundas matas, e na praia o monstro
Marinho, a quem o mar, já não seguro
Reparo contra a força e indústria humana,
Lançava alheio e pávido na areia?
Agudas setas, válidos tacapes
Fabricavam talvez!... ai não... capelas,
Capelas enastravam para ornato
Do vencedor; — grinaldas penduravam
Dos alindados tetos, por que vissem
Os forasteiros, que os paternos ossos
Deixando atrás, sem manitôs vagavam,
Os filhos de Tupã como os hospedam
Na terra, a que Tupã não dera ferros!

Rompia a fresca aurora, rutilando
Sinais de um lia límpido e sereno.
Então vinham saindo os de Itajuba
Fortes guerreiros a contar os sonhos
Com que Tupã amigo os bafejara,
Quando as estrelas pálidas tombavam,
Já de clarão maior esmorecidas.
Vinham ledos ou tristes na aparência,
Timoratos ou cheios de ardimento,
Como o futuro evento se espelhava
Nos sonhos, bons ou maus; mas acordá-los
Disparatados, e o melhor de tantos
Coligir, era missão mais alta.
Não fosse o piaga intérprete divino,
Nem os seus olhos penetrantes vissem
O porvir, ao través do véu do tempo,
Como ao través do corpo a mente enxergam;
Não fosse, quem há que se afoutasse
Em campo de batalha a expor a vida,
A vida nossa tão querida, e tanto

Da flor a vida breve semelhando:
Roaz inseto a vai traçando em giro,
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupã seus gratos filhos,
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:
E Tupã, de benigno os influi sempre
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas
Descem, quando a terra humores pede,
Ou como, em sação própria, brotam flores.

Postam-se em forma de crescente os bravos:
Ávida turba mulheril no entanto
O rito sacro impaciente aguarde.
Brincam na relva os folgazões meninos,
Em quanto os mais crescidos, contemplando
O aparato elétrico das armas,
Enlevam-se; e, mordidos pela inveja,
Discorrem lá consigo: — Quando havemos,
Nós outros, d'empunhar daqueles arcos,
E quando levaremos de vencida
As hostes vis do pérfido Gamela!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,
Volvendo o maracá nas mãos mirradas,
Pergunta: — “Foi o espírito convosco,
O espírito da força, e os ledos sonhos,
Ministros de Tupã, núncios da glória?”
— Sim, foram, lhe respondem, ledos sonhos,
Correios de Tupã; mas o mais claro
É duro nó que o piaga só desata.
“Dizei-os pois, que vos escuta o piaga”
Disse, e maneja o maracá: das bocas
Do mistério divino, em puros flocos
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que, divagando em matas virgens,
Sentira a luz fugir-lhe de repente
Dos olhos, — se não foi que a natureza,
Por mágico feitiço transtornada,
Vestia por si mesma novas galas
E aspectos novos, — nem as elegantes,
Viçosas trepadeiras, nem as redes
Agrestes do cipó já divisava.
Em lugar da floresta, uma clareira
Relvosa descobria, em vez da árvores
Tão altas, de que havia pouco o bosque
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Ali sozinho o tronco agigantado
Luxuriava em folhas verde-negras,
Em flores cor de sangue, e na abundância
Dos frutos, como nunca os viu nas matas;
Tão alvos como a flor do mamãozeiro,
De macia penugem debruados.

“Extático de os ver ali tão belos
Tais frutos, que eu algures nunca vira,
O bárbaro dizia, fui colhendo
O melhor, por que o visse de mais perto.
Pesar de não saber se era salubre,
Ansiava gostá-lo, e em fura lida
Lutava o meu desejo co’a prudência.
Venceu aquele! ai não vencesse nunca!
Nunca, ludibrio não dos meus desejos,
Mordessem-no meus lábios ressequidos.
Conta-lo me arrepiava! — Mal o toco,
Força-me a rejeitá-lo um quê oculto,
Que os nervos me estremece: a causa inquiri...
Eis que uma cobra, uma coral, de dentro
Desdobra o corpo lúbrico, e em três voltas,
Mas grata armila, me circunda o braço.

Da vista e do contato horrorizado,
Sacudo o estranho ornato; e vão me agito:
Com quanto mais afã tento livrar-me,
Mais apertado o sinto. — Nisto acordo,
Úmido o corpo e fatigado, e a mente
Molesta ainda do combate inglório.
O que é, não sei; tu sabes tudo, ó Piaga
Há e talvez razão que eu não alcanço,
Que certo isto não é sonhar batalhas.”

— “Haja sentido oculto no teu sonho,
(Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto
O véu do tempo, e aos mortais o mostro.
Dir-to-ei por certo; mas eu creio e tenho
Que algum gênio turbou-te a fantasia,
Talvez anguera de traidor Gamela;
Que os Gamelas são pérfidos em morte,
Como em vida.” — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,
Temíveis caitetus, pacas ligeiras,
Quatis e jabotins, — te onça e tigres,
Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos
Nada disto enxergou: porém cardumes
De peixes vários, que o timbó prestante
Trazia quase à mão, se não fechados
Em mondes espaçosos! — gáudio imenso!
De os ver ali raivando na estacada
Tão grandes serubins, trauíras tantas,
Ou boiando sem tino à flor da águas!

Outros não viram nem mondes, nem peixes,
Nem aves, nem quadrúpedes: mas grandes
Samotins transbordando argêntea espuma
Do fervente cauim; e por três noites

Girar em roda a taça do banquete,
Em quanto cada qual memora em cantos
Os feitos próprios: reina o guau, que passa
Destes àqueles com cadência alterna.
“O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos
Do herói Timbira (clama entusiasta)
Leda vitória! Nunca em nossas tabas
Haverá de correr melhor folgança,
Nem ganhareis jamais honra tamanha.
Bem sabeis como é de uso entre os que vencem
Festejar o triunfo: o canto e a dança
Marcham de par, — banquetes se preparam,
E a glória da nação mais alta brilha!
Oh! nunca sobre as tabas de Itajuba
Haverá de nascer mais grata aurora!”

Soam festivos gritos, e as pocemas
Dos guerreiros, que sôfregos escutam
Do piaga os ditos, e o feliz augúrio
Da próxima vitória. Não dissera
Quem quer que fosse estranho aos usos deles
Senão que por aquela densa pinha
De vulgo, se espalhara a fausta nova
De gloriosa ação já consumada,
Que os seus, validos da vitória, obraram.

Entanto Japeguá, posto de parte,
Em quanto lavra em todos o contágio
Da glória e do prazer, — bem claro mostra
No rosto descontente o que medita.
“Prazer que em altos gritos se propala,
Discorre lá consigo o Americano,
“É como a chama rápida correndo
Nas folhas da pindoba: é falso e breve!”

Atenta nele o chefe dos Timbiras,

Como que interno, igual pressentimento
Rejeita, seu mau grado, a voz do piaga.
“Que pensa Japeguá? Acaso em sonhos
Tremendo e torvo se lhe antolha o êxito
Da batalha? ou seja, ou não conosco,
Que tarda em nos dizer seu pensamento?”

“Eu, vi”, diz Japeguá (e assim dizendo,
Sacode vezes três a fronte adusta,
Onde gravara da prudência o selo
Contínuo meditar). “Vi altos combros
De mortos já polutos, — via lagoas
Brutas de sangue impuro e negrejante;
Vi setas e carcaz espedaçados,
Tacapes adentados, ou partidos
Ou já sem fio! — vi...” Eis Catucaba
Mal sofrido intervém, interrompendo
A narração do sonhador de males.
Bravo e ardido como é, nunca a prudência
Lhe foi virtude, nem por tal a aceita.
Nunca o membi guerreiro em seus ouvidos
Troou medonho, inóspito combate,
Que às armas não corresse o valeroso,
Intrépido soldado; mais que tudo
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,
Convulsos arrepios, altos gritos
Do vencedor, imprecações sumidas
Do que, vencido, jaz no pó sem glória.
Sim, ama e que o tráfego das armas
Talvez melhor que a si; nem mais risonha
Imagem se lhe antolha, nem há cousa
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.
O p’rigo que aventasse era feitiço,
Que em delírio de febre o transtornava.
Fanático de si, ébrio de glória,
Lá se arrojava intrépido e brioso,
Onde pior, onde mais negro o via.

Não eram dois na esquadra de Itajuba
De gênios em mais pontos encontrados:
Por isso em luta sempre. Catucaba,
Fragueiro, inquieto, sempre aventureiro,
Em cata de mais glória e mais renome,
Sempre à mira de encontros arriscados,
Sempre o arco na mão, sempre embebida
Na corda tesa e frecha equilibrada.
Ninguém mais solto em vozes, mais galhardo
No guerreiro desplante, ou que mostrasse
Atrevido e soberbo e forte em campo
Quer pujança maior, que mais orgulho.

Japeguá, corajoso, mas prudente,
Evitava o conflito, via o risco,
Media o seu poder e as posses dele
E o azar da luta e descansava em ócio.
Sua própria indolência revelava
Ânimo grande e não vulgar coragem.
Se fosse lá nos paramos da Líbia,
Deitado à sombra da árvore gigante,
O leão da Numídia bem poderá
Trilhar por junto dele os movediços
Combros da areia, — amedrontando os ares
Com aquele bramir agreste e rudo,
Que as feras sem terror ouvir não sabem.
O índio ouvira impávido o rugido,
Sem que o terror lhe distinguisse as faces;
E ao rei dos animais voltando o rosto,
Somente porque mais à jeito o visse,
Viras ambos, sombrios, majestosos,
Contemplarem-se á espaço, destemidos;
D'estraneza o leão os seus rugidos
Na gorja sufocar, e a nobre cauda,
Entre medos e assomos de ardimento,
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz fácil prendida
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra
E que em breve amortece: outro — faísca,
Que surda, pouco a pouco vai lavrando
Não vista e não sentida te que surge
Dum jato só, tornada incêndio e fumo.

“Que viste?” diz-lhe o êmulo brioso,
“Só coalheiras de sangue inficionado,
Só tacapes e setas bipartidas,
E corpos já corruptos?! Eia, ó fraco,
Embora em ócio ignavo aqui descanses,
E nos misteres feminis te adestres!
Ninguém te cama à vida dos combates,
Não te almeja ninguém por companheiro,
Nem há-de o sonho teu acobardar-nos.
É certo que haverá mortos sem conto,
Mas não seremos nós; — setas partidas,,
As nossas, não; tacapes amolgados...
Mas os nossos verás mais bem talhantes,
Quando houverem partido imigos crânios.

“Herói, não em façanhas, mas nos ditos
Lidador que a vileza d’alma encobres
Com frases descorteses, — já te viram,
Pendentes braço e armas, contemplando
Os feitos meus, pesar que sou cobarde.
Essa infame tarefa que me incumbes
É minha, sim; mas por diverso modo:
Não ministro cauim às vossas festas;
Mas na refrega o meu trabalho é vosso.
Da batalha no campo achais defuntos,
Vossa glória e brasão, corpos sem conto,
Cujas feridas largas e profundas,
De largas e profundas, denunciam
A mão que as sói fazer com tanto efeito.

Não tenho espaço, onde recolha os ossos,
Não tenho cinto, onde pendure os crânios,
Nem colar onde caibam tantos dentes,
De quantos venci já; por isso inteiros
Lá vo-los deixo, heróis; e vós lá ides,
Em que me não queirais por companheiro,
Rivais dos urubus, fortes guerreiros,
Fácil triunfo conquistar nas trevas,
Aos vorazes tatus roubando a presa.”

Calou-se... e o vulgo rosna em torno d’ambos,
Deste ou daquele herói tomando as partes.
Pois quê?... há-de ficar tamanha afronta
Impune, e não haveis levar das armas,
Por que o sangue a desbote e apague inteira?

Diziam, — e a tais ditos mais fermente
A raiva em ambos; fazem-lhes terreiro,
Já verga o arco, já se entesa a corda,
Já batem pés no solo pulvurento:
Correra o sangue de um, talvez o de ambos,
Que sobre os dois a morte, abrisse as asas!
Silêncio! brada o chefe dos Timbiras,
Interposto severo em meio da ambos;
De um lado e outro a turba circunfusa
Emudece, — divide-as largo espaço,
De cujo centro gira os torvos olhos
O herói, e só de olhar lhe estende as raias.
Assim de altivo píncaro descamba
Enorme rocha, obstruindo o leito
De um rio caudaloso: as fundas águas
Latindo em vão na rocha volumosa
Separam-se, cavando novos leitos,
Em quanto o antigo se resseca e abras.

Silêncio!disse; e em torno os olhos gira,

Fúlgidos, negros: orgulhosas fronte,
Que aos golpes do tacape não se dobram
Em torno sobre o peito vão caindo
Uma após outra: altivo um só apenas
Rebelde arrosta o olhar! — rápido golpe,
Rápido e forte, como o raio, o prostra
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,
Se cai no meio de preás medrosos,
Talvez no primo impulso algum aferra;
Vulgacho imbele! — ao mísero que prende
E torce ainda nas compridas garras,
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o herói. Por longo trato mudo
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,
Quedou sem mais dizer; o rio ao longe
As águas, como sempre, majestosas
Na gorja das montanhas derramava,
Caudal, imenso. Trás daqueles montes,
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?
Afronta e nome vil haja o guerreiro,
Que ousa lutar ferir, travar discórdias,
Quando o imigo boré tão perto soa.”

Acorre o piaga em meio do conflito:
“Prudência, ó filho de Jaguar, exclama;
Nem mais sangue timbira se derrame,
Que já não basta por pagar-nos deste,
Que derramaste, quando houver nas veias
Dos pérfidos Gamelas. O que ouviste,
Que o forte Japeguá diz ter sonhado,
Assela o que tupã me está dizendo
Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,
Depois que os funestou propínquo sangue.”

“Devoto piaga (Mojacá prossegue)

Que vida austera e penitente vives
Dos rochedos na lapa venerada,
Tu, dos gênios do Ibaque bem fadado,
Tu face a face com Tupã praticas
E vês nos sonos meus melhor qu'eu mesmo.
Escuta, e dize, ó venerando piaga
(Benévolo Tupã teus ditos oiça)
Anguera mau turbou-te a fantasia,
Aflito Mojacá, teu sonho mente.”

Palavras tais no índio circunspecto,
Cujos lábios em vão nunca se abriram;
Guerreiro, cujos sonhos nunca foram,
Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;
No vulgo frio horror vão trescalando,
Que entre a crença do piaga, e a deferência
Devida a tanto herói flutua incerta.
“Eu vi, diz ele, vi em baba imiga
Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!
A corda estreita do cruento rito
Os rins lhe aperta? a dura tangapema
Sobre-está-lhe fatal; — cantos se entoam
E a tuba dançatriz em torno gira.
Sono não foi, que o vi, como vos vejo;
Mas não vos direi já quem fosse o triste!
Se vísseis, como eu vi, a fronte altiva,
O olhar soberbo, — aquela força grande,
Aquele riso desdenhoso e fundo...
Talvez um só, nenhum talvez se encontre,
eu seja para estar no passo horrendo
Tão seguro de si, tão descansado!”

Acaso um tronco volumoso e tosco
De escamas fortes entre si travadas
Ali perto jazia. Ogib, o velho,
Pai do errante Jatir, ali sentou-se.
Ali triste pensava, até que o sonho

Do aflito Mojacá veio acorda-lo.
“Tupã! que mal te fiz, que assim me colha
Do teu furor a seta envenenada?
Com voz chorosa e trêmula clamava.
“Escuto os gabos que só cabem nele,
Vejo e conheço o costumado ornato
Do filho meu querido! isto que fora,
A quem tão infeliz como eu não fosse,
Ventura grande, me constringe o peito!
Conheço o filho meu no que disseste,
Guerreiro, como a flor pelo perfume,
Como o esposo conhece a grata esposa
Pelas usadas plumas da aração,
Que entre as folhas do bosque a espaços brilha,
Ai! nunca brilhe a flor, se hão de roê-la
Insetos; nunca vague a linda esposa
No bosque, se há de as feras devorá-la!”

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,
Nas vozes por soluços atalhadas,
Nas lágrimas que chora, os move a todos
A triste compaixão; mas mais àquele,
Que, antes do pobre pai, já todo angústias,
Da própria narração se enternecia.
Às querelas de Ogib volta o rosto
O fatal sonhador, — que, seu mau grado,
As setas da aflição tendo cravado
Nas entranhas de um pai, quer logo o suco,
Fresco e saudável, do louvor, na chaga
Verter-lhe, donde o sangue em jorros salta.

“Tal era, tão impávido (prossegue,
Fitando o velho Ogib o seu desprazo,
Qual foi o de Jatir naquele dia,
Quando, novel nas artes do guerreiro,
Circundado se viu à nossa vista

D'imiga multidão: todos o vimos;
Todos da clara estirpe deslembados,
Clamamos tristes, pávidos: "É morto!"
Ele porém que o arco usar não pode,
O válido tacape desprendendo,
Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata
A este, àquele; e em volumosos feixes
Acerva a turba vil, lucrando um nome.

Tapir, caudilho seu, que não suporta
Que um homem só e quase inerme, o cubra
De tamanho labéu, altivo brada:
"Cede-me, estulto, cede ao meu tacape
Que nunca ameaçou ninguém debalde."
E assim dizendo vibra crebros golpes,
Co a bruta folha retalhando os ares!
Um coiro de tapir, em vez de escudo,
Rijo e piloso lhe guardava os membros.
Jatir, do arco seu curvando as pontas,
Sacode a seta fina e sibilante,
Que vara o couro e o corpo surge for.
Tomba de chofre o índio, e o som da queda
Remata o som que a voz não rematara.
Vista a pel' do tapir, que o resguardava,
Japi, mesmo Japi lhe inveja o tiro."

Todo o campo se aflige, todos clamam:
"Jatir! Jatir! o forte entre os mais fortes."
Ordem não há; mulheres e meninos
Baralham-se em tropel: o pranto, os gritos
Confundem-se: do velho Ogib entanto
Mal se percebe a voz "Jatir" gritando.

Itajuba por fim silêncio impondo
À turba mulheril, e à dos guerreiros
Nesta batalha: "Consultemos, disse,
Consultemos o piaga: às vezes pode

O santo velho, serenando o ibaque,
Amigo bom tornar o Deus malquisto.”

Mas ora não! — responde o piaga iroso.
“Só quando ruge a negra tempestade,
Só quando a fúria d’Anhangá fuzila
Raios do escuro céu na terra aflita
Do piaga vos lembrais?Tanta lembrança,
Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes
Não fui, em mesmo, nos terreiros vossos
Fincar o santo maracá? Debalde,
Debalde o fui, que à noite o achava sempre
Sem oferta, que aos Deuses tanto prazem!
Nu e despido o vi, como ora o vedes.
(E assim dizendo mostra o sacrossanto
Mistério, que de irado pareceu-lhes
Soltar mais rouco som no seu rugido)
Quem de vós se lembrou que o santo Piaga
Na lapa dos rochedos se mirrava
Apura míngua? Só Tupã, que ao velho
Deu não sentir os dentes aguçados
Da fome, que por dentro o remordia,
E mais cruel, passada entre os seus filhos!”

“Cegou-nos Anhangá”, diz Itajuba,
“Fincando o maracá nos meus terreiros,
Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!
Que o vira, bom piaga... oh!não se diga
Que um homem só, dos meus, perece à míngua,
(Quem quer que seja, quanto mais um Piaga_
Quando campeiam tantos homens d’arco
Nas tabas de Itajuba, — tantas donas
Na cultura dos campos adestradas.
hoje mesmo farei que ao antro escuro
Caminhem tantos dons, tantas ofertas,
Que o teu santo mistério há de por força,

Quer queiras, quer não, dormir sobre elas!
Talvez a rica of'renda aplaca os Deuses,
E saudável conselho a noite inspira!”
Disse e sem ais dizer se acolhe à gruta.

“À caça, ó meus guerreiros, brada o chefe;
Ledas donzelas ao cauim se apliquem,
Os meninos à pesca, à roça as donas,
Eia!” — Ferve o labor, reina o tumulto,
Que quase tanto val como a alegria,
Ou antes, só prazer que o povo gosta.

Já deslembados do que ausente choram
Favor das turbas que tão leve passas!
Ledos no peito, ledos na aparência
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no prazer, prazer que moras
Dentro de tanto afã! festa que nasce
Sob auspícios tão maus, possa algum gênio,
Possa Tupã sorrir-te carinhoso,
E das alturas condoer-se amigo
Do triste, órfão de amor, e pai sem filho!

CANTO QUARTO

Bem-vindo seja o fausto mensageiro,
O melífluo Timbira, cujos lábios
Destilam sons mais doces do que os favos
Que errado caçador na brenha inculta
Por ventura topou! Hóspede amigo,
Ledo núncio de paz, que o território
Pisou de imigas hostes, quando a aurora
Despontava nos céus — bem vindo seja!
Não luz mas brando e grato o romper d'alva
Que o teu sereno aspecto; nem mais doce
A fresca brisa da manhã cicia
Pela selvosa encosta, que a mensagem
Que o chefe imigo e fero anseia ouvir-te.
Melífluo Jurecei, bem vindo sejas
Dos Gamelas ao chefe, Gurupema,
Senhor dos arcos, quebrador das setas,
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim consigo as hostes do Gamela:
Consigo só, que a usada gravidade
Já na garganta, a voz lhes retardava.
Não veio Jurucei? Posto de frente,
Arco e flecha na mão feito pedaços,
Certo sinal do respeitoso encargo,
Por terra não lançou? — Que pois augura
Tal vinda, a não ser que o audaz Timbira
Melhor conselho toma: e por ventura
De Gurupema receando as forcas,
Amiga paz lhe oferece, e em sinal dela
Do vencido Gamela o corpo entrega?!
Em bem! que a torva sombra vagarosa
Do outrora chefe seu há-de aplacar-se,

Ouvindo a mesma voz das carpideiras,
E vendo no sarcófago depostas
As armas, que no ibaque hão-de servi-lhe,
E junto ao corpo, que foi seu, as plumas,
Em quanto vivo, insígnias do mando.
Embora ostente o chefe dos Timbiras
O ganhado troféu; embora à cinta
Ufano prenda o gadelhudo crânio,
Aberto em croa, do infeliz Gamela.
Embora; mas porém amigas quedem
Do Timbira e Gamela as grandes tabas;
E largo em roda na floresta imperem,
Que o mundo em peso, unidas, afrontaram!

Nascia a aurora: do Gamela s hostes
Em pé, na praia, mensageiro aguardam
Sisudos, graves, Um caudal regato,
Cujo branco areal a prata imita,
Serenos ali volvia as mansas águas,
Como que triste de as levar ao rio,
Que ao mar conduz a rápida torrente
Por entre a selva umbrosa e brocas penhas.
Esta a praia! — em redor troncos gigantes,
Que a folhagem no rio debruçavam,
Onde beber frescor os galhos vinham,
Luxuriando em viço! — penduradas
Trepadeiras gentis da coma excelsa,
Estrelando do bosque o verde manto
Aqui, ali, de flores cintilantes,
Meneavam-se ao vento, como fitas,
De que se enastra a coma a virgem bela.
Era um prado, uma várzea, um tabuleiro
Com mimoso tapiz de várias flores,
Agrestes, sim, mas belas, Gênio amigo
Chegou-lhe só a mágica vergasta!
Ei-las a prumo ao logo da corrente
Com requebros louções a enamorá-la!

A nós de embira aos troncos amarradas

Quase igaras em conto figuravam
Ousada ponte no correr das águas
Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurecei, notando
O imigo poderio, e seu mau grado
Vai lá consigo mesmo discorrendo:
“Muitos, certo e as nossas tabas forte,
Itajuba invencível; mas da guerra
É sempre incerto o azar e sempre vário!
E... quem sabe? — talvez... mas nunca, oh! nunca!
Itajuba! Itajuba! — onde há no mundo
Posses que valham contrastar seu nome?
Onde a seta que valha derriba-lo,
E a tribo ou povo que os Timbiras vençam?!”

Entre as hostes que a si tinha fronteiras
Penetra! — tão galhardo era o seu gesto,
Que os Gamelas em si tão bem disseram:
“— Missão de paz o traga, que se os outros
São tão feros assim, Tupã nos valha,
Sim, Tupã; que o não pode o rei das selvas!”

Hospedagem sincera entanto of'recem
A quem talvez não tardará busca-los
Com fina seta no leal combate.
Às igaras o levam pressurosos,
Servem-lhe o piraquém na guerra usado,
E os loiros sons do colmeal agreste;
Servem-lhe amigos sucumento pasto
Em banquete frugal; servem-lhe taças
(A ver se mais que a fome o instiga a sede)
Do espumoso cauim, — taças pesadas
Na funda noz da sapucaia abertas.
Sem temor o timbira vai provando
O mel, o piraquém, as iguarias;
Mas dos vinhos coíbe-se prudente.
Em remoto lugar forma conselho
O rei das selvas, Gurupema, em quanto

Restaura o mensageiro os lassos membros.
Chama primeiro Caba-oçu valente;
As ríspidas melenas corredias
Cortam-lhe o rosto, — Pendem-lhe nas costas,
Hirtas e lesas, como o junco em feixes
Acamados no leito ressequido
D'invernosa corrente, O rosto feio
Aqui, ali negreja manchas negras
Como da bananeira a larga folha,
Colhida ao romper d'alva, qu'uma virgem
Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!
Como senta fera almeja sangue
E de malvada ação cruel se paga.
Apressou em combate um seu contrário,
Que mais imigo tinha entre os imigos:
Da guerra os duros vínculos lançou-lhe
E à terreiro o chamou, como é de usança
Para o triunfo bélico adornado.
Fizeram-lhe terreiro os mais d'entorno:
Ele do sacrifício empunha a maça,
Impropérios assaca, vibra o golpe,
E antes que tombe o corpo, aferra os dentes
No crânio fulminado: jorra o sangue
No rosto, e em gorgolhões se expande o cérebro,
Que a fera humana rábida mastiga!
E em quanto limpa à desgrenhada coma
Do sevo pasto o esquálido sobejo,
Bárbaras hostes do Gamela torcem,
À tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,
Taiatu, Taiatinga, Nupançaba,
Tucura o ágil, Cravatá sombrio,
Andira, o sonhador de agouros tristes,

Que ele é primeiro a desmentir co'as armas,
Pirera que jamais não foi vencido,
Itapeba, rival de Gurupema,
Oquena, que por si vale mil arcos,
Escudo e defesa dos seus que ampara;
E outros, e muitos outros, cuja morte
Não foi sem glória no cantar dos bardos.
Guerreiros! Gurupema assim começa,
“Antes de ouvir o mensageiro estranho,
Consultar-vos me é força; a nós incumbe
Vingar do rei da selva a morte indigna.
Do que morreu, em que lhe seja eu filho,
E a todos nós da gloriosa herança
Compete o desagravo. Se nos busca
O filho de Jaguar, é que nos teme;
A nossa fúria por ventura intenta
Voltar a mais amigo sentimento.
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas
Com larga pompa nos envia agora:
Basta-vos isto?”

“Guerra! guerra!” exclamam.

Notai porém quanto é pujante o chefe,
Que os Timbiras dirige. Sempre o segue
Fácil vitória, e mesmo antes da luta
As galas triunfais dispõe seguro.
Embora, dizem uns; outros murmuram,
Que de tão grande herói, qualquer que seja
A oferta expiatória, em bem, se aceite.
Vacilam no conselho. A injúria é grande,
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

“Se o orgulho desce a ponto no Timbira,
Que pazes nos propõe”, diz Itapeba
Com dura voz e cavernoso acento,
“Já está vencido! — Alguém pensa o contrário”

(E com despeito a Gurupema encara)
“Alguém, não eu! Se havemos de barato
Dar-lhe a vitória, humildes aceitando
O triste câmbio (a ideia só me irrita)
De um morto por um arco tão valente,
Aqui as armas vis faço pedaços
Em breve trato, e vou-me a ter com esse,
Que sabe leis ditar, mesmo vencido!”
Como tormenta, que rouqueja ao longe
E som confuso espalha em surdos ecos;
Como rápida flecha corta os ares,
Já perto soa, já mais perto brame,
Já sobranceira enfim roncando estala;
Nasce fraco rumor que logo cresce,
Avulta, ruge, horrísono ribomba.
“Oquena! Oquena!” o herói nunca vencido,
Com voz troante e procelosa exclama,
Dominando o rumor, que longe ecoa:

“Fujam tímidas aves aos lampejos
Do raio abrasador, — medrosas fujam!
Mas não será que o herói se acanhe ao vê-los!
Itapeba, só nós somos guerreiros;
Só nos, que a olhos nus fitando o raio,
Da glória a senda estreita à par trilhamos.
Tens em mim quanto sou e quanto valho,
Armas e braço enfim!”

Eis rompe a densa
Turba que d’entorno d’Itapeba
Formidável barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,
Serenos o aspecto, plácido o semblante,
À fúria popular se apresentavam
De constância e valor somente armados.
Eram escolhos gêmeos, empinados,

Que a fúria de um vulcão ergueu nos mares.
Eterno ali serão co'os pés no abismo,
Com os negros cimos devassando as nuvens,
Se outra força maior os não afunda.
Ruge embalde o tufão, embalde as vagas
Do fundo pego à flor do mar borbulham!

Estranha a turba, e pasma o desusado
Arrojo, que jamais assim não viram!
Mas mais que todos Caba-oçu valente
Enleva-se da ação que o maravilha;
E de nobre furor tomado e cheio,
Clama altivo: “Eu também serei convosco,
Eu também, que a só mercê vos peço
De haver às mãos o pérfido Timbira.
Seja, o que mais lhe apraz invulnerável,
Que d’armas não careço por vencê-lo.
Aqui o tenho, — aqui comigo o aperto,
Estreitamente o aperto nestes braços,
(E os braços mostra e os peitos musculosos)
Há-de medir a terra já vencido,
E orgulho e vida perderá co’o sangue,
Arrã soprada, que um menino espoca!”

E bate o chão, e o pé na areia enterra,
Orgulhoso e robusto: o vulgo aplaude,
De prazer rancor soltando gritos
Tão altos, tais, como se ali tivera
Aos pés, rendido e morto o herói Timbira.

Por entre os alvos dentes que branquejam,
Ri-se o prazer nos lábios do Gamela.
Aos rosto a cor lhe sobe, aos olhos chega
Fugaz clarão da raiva que aos Timbiras
Votou de há muito, e mais que tudo ao chefe,
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silêncio impondo
Alegre aos três a mão calosa of'rece,
Rompendo nestas vozes: “Desde quando
Cabe ao soldado pleitear combates
E ao chefe em ócio viver seguro?
Guerreiros sois, que os atos bem no provam;
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,
Guerreiro tão bem sou, e onde se ajuntam
Guerreiros, hão-de haver lugar os bravos!
Serei convosco”, disse. — E aos três se passa.

Soam batidos arcos, rompem gritos
Do festivo prazer, sobe de ponto
O ruidoso aplaudir, Só Itapeba,
Que ao seu rival deu azo de triunfo,
Mal satisfeito e quase irado rosna.

Um Tapuia, guerreiro adventício,
Filhado acaso à tribo dos Gamelas,
Pede atenção, — prestam-lhe ouvidos todos.
Estranho é certo; porém longa vida
A velhice robusta lhe autoriza.
Muito há visto, sofreu muitos reveses,
Longas terras correu, aprendeu muito;
Mas quem é, donde vem, qual é seu nome?
Ninguém o sabe: ele não o disse nunca.
Que vida teve, a que nação pertence,
Que azar o trouxe à tribo dos Gamelas?
Ignora-se também. Nem mesmo o chefe
Perguntar-lhe se atreve. É forte, é sábio,
É velho e experiente, o mais que importa?
Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.
Se à caça os aconselha, a caça abunda;
Se à pesca, os rios cobrem-se de peixes;
Se à guerra, ai da nação que ele indigita!
Valem seus ditos mais que valem sonhos,

E acerta mais que os piagas nos conselhos.

“Mancebo (assim diz ele a Gurupema)
Já vi o que por vós não será visto,
Imensas tabas, bárbaros imigos,
como nunca os vereis; andei já tanto,
Que o não fareis, andando a vida inteira!
Estranhos casos vi, chefes pujantes!
Tabira, o rei dos bravos Tobajaras,
Alquíndar, que talvez já não exista,
Iperu, Jepipó de Mambucaba,
E Coniã, rei dos festins guerreiros;
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,
Ação, que eu saiba, de tão grandes Cabos,
Como a vossa não foi, — nem tal façanha
Fizeram nunca, e sei que foram grandes!
Itapeba entre os seus não encontraras,
Que não pagasse com seu sangue o arrojo
Se tanto as claras pôr-se-lhes contrário.
Mas quem do humano sangue derramado
Por ventura se peja? — em que lugares
A glória da peleja horror infunde?
Ninguém, nenhures, ou somente aonde,
Ou só aquele que já viu infunde
Cruas vagas de sangue; e os turvos rios
Mortos por tributo ao mar volvendo.
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista
do humano sangue saciou-me a sede.
Ouvi-me, Gurupema, ouvi-me todos:
Da sua tentativa o rei das selvas
Teve por prêmio o lacrimoso evento:
E era chefe brioso e bom soldado!
Só não pode sofrer que alguém dissesse
Haver outro maior tão perto dele!
A vaidade o cegou! ardida empresa
Cometeu, mas por si: de fora, e longe
Os seus o viram deslindas seu pleito.

Vencido foi... a vossa lei de guerra,
Bárbara, sim, mas lei, — dava ao Timbira
Usar, com ele usou, do seu triunfo.
A que pois fabricar novos combates?
Por que empreende-los nós, quando mais justos
Os Timbiras talvez mover puderam?
Que vos importa a vós vencer batalhas?
Tendes rios piscosos, fundas matas,
Inúmeros guerreiros, tabas fortes;
Que mais vos é mister? Tupã é grande:
De um lado o mar se estende sem limites,
Pingues florestas d'outro lado correm
Sem limites também. Quantas igaras
Quantos arcos houermos, nas florestas,
No mar, nos rios caberão às largas:
Por que então batalhar? por que insensatos,
Buscando o inútil, necessário aos outros,
Sangue e vida arriscar em néscias lutas?
Se o filho de Jaguar trazer-nos manda
Do chefe desdidoto e frio corpo,
Aceite-se... se não... voltemos sempre,
Ou com ele, ou sem ele, às nossas tabas,
Às nossas tabas mudas, lacrimosas,
Que hão-de certo enlutar nossos guerreiros,
Quer vencedores voltem quer vencidos.”

Do forasteiro, que tão solto fala
E tão livre argumenta, Gurupema
Pesa a prudente voz, e alfim responde:
“Tupã decidirá.” — “Oh! não decide,
(Como consigo diz o forasteiro)
Não decide Tupã humanos casos,
Quando imprudente e cego o homem corre
D'encontro ao fado seu: não valem sonhos,
Nem da prudência meditado aviso
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!”

O chefe dos Gamelas não responde:
Vai pensativo demandando a praia,
Onde o Timbira mensageiro o aguarda.

Reina o silêncio, sentam-se na arena,
Juruçei, Gurupema e os mais com eles.
Amiga recepção, — ali não viras
Nem pompa oriental, nem galas ricas,
Nem armados salões, nem corte egrégia,
Nem régios passos, nem caçoilas fundas,
Onde a cheirosa goma se derrete.
Era tudo singelo, simples tudo,
Na carência do ornato — o grande, o belo.
Na própria singeleza a majestade
Era a terra o palácio, as nuvens teto,
Colunatas os troncos gigantescos,
Balcões os montes, pavimento a relva,
Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descansados.
Como festiva taça num banquete,
O cachimbo de paz, correndo em roda,
Se fumo adelgaçado cobre os ares.
Almejam, sim, ouvir o mensageiro,
E mudos são contudo: não dissera,
Quem quer que os visse ali tão descuidoso,
Que ardor inquieto e fundo os ansiava.

O forte Gurupema alfim começa
Após cômico silêncio, em voz pausada:
Saúde ao núncio do Timbira! disse.
Tornou-lhe Juruçei: “Paz aos Gamelas,
Renome e glória ao chefe seu preclaro!
— A que vens pois? Nós te escutamos: fala
“Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,
À mercê da corrente, o arco e as setas

Feitas pedaços, por mim mesmo inúteis.”

“E de to ver folguei; mas quero eu mesmo
Ouvir dos lábios teus quanto imagino.
Acata-me Itajuba, e de medroso
Tenta poupar aos seus tristeza e luto?
A flor das Tabas suas, talvez manda
Trazer-me o corpo e as armas do Gamela,
Vencido, em mal, no desleal combate!
Pois seja, que talvez não queira eu sangue,
E do justo furor quebrando as setas...
Mas dize-o tu primeiro... Nada temas,
È sagrado entre nós guerreiro inerme,
E mais sagrado o mensageiro estranho.”

Treme de pasmo e cólera o Timbira,
Ao ouvir tal discurso. — Mais surpreso
Não fica o pescador, que mariscando
Vai na maré vazante, quando avista
Envolto em Iodo um tubarão na praia,
Que reputa sem vida, passa rente,
E co’as malas da rede acaso o açoit
E a desleixo; — feroz o monstro acorda
E escancarando as fauces mostra nelas
Em sete filas alinhada a morte!
Tal ficou Jurecei, — não de receio,
Mas de surpresa atônito, — o contrário,
Que de o ver merencório não se agasta,
A que proponha o seu encargo o anima.

“Não ignavo temor a voz me embarga,
Emudeço de ver quão mal conheces
Do filho de Jaguar os altos brios!
Esta a mensagem que por mim vos manda:
Três grandes tabas, onde heróis pululam,
Tantos e mais que nós, tanto e mais bravos,

Caídas a seus pés a voz lhe escutam.
Não quer dos vossos derramar mais sangue:
Tigre cevado em carnes palpitante,
Rejeita a fácil presa; nem o tenta
De perjuros haver troféus sem glória.
Enquanto pois a maça não sopesa,
Enquanto no carcaz dormem-lhe as setas
Imóveis — atendei! — cortai no bosque
Troncos robustos e frondosas palmas
E novas tabas construí no campo,
Onde o corpo caiu do rei das sevas,
Onde empastado inda enrubece a terra
Sangue daquele herói que vos infama!
Aquela briga enfim de dois, tamanhos,
Sinalai; porque estranho caminheiro
Amigas vendo e juntas nossas tabas
E a fé que usais guardar, sabendo, exclame:
Vejo um povo de heróis, e um grande chefe!”
Em quanto escuta o mensageiro estranho,
Gurupema, talvez sem que o sentisse,
Vai pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.
A baça cor do rosto é sempre a mesma,
O mesmo o aspecto, — a válida postura
A quem de longe vê, somente indica
Vigor descomunal, e a gravidade
Que os próprios Índios por incrível notam.
Era uma estátua, exceto só nos olhos,
Que por entre as em vão caídas pálpebras
Clarão funéreo derramava entorno.

“Quero ver que valor mostras nas armas,
(Diz ao Timbira, que a resposta agrada)
Tu que arrogante, em frases descorteses,
Guerra declaras, quando paz of’reces.
Quebraste o arco teu quando chegaste,
O meu te of’reço! O quebrador dos arcos
Nos dons por certo liberal se mostra,

Quando o seu arco of'rece: julga e pasma!"

Do pejado carcaz tira uma seta,
Na corda a ajeita, — o arco entesa e curva,
Atira, — soa a corda, a flecha voa
Com silvos de serpente. Sobre a copa
Duma arvore frondosa descansava
Há pouco um senembi, — flechado agora
Despenha-se no rio, sopra iroso,
A cortante serrilha embora erriça,
Co'a dura cauda embora açoita as águas;
A corrente o conduz, e em breve trato
O hastil da flecha sobrenada a prumo.

Pudera Jurecei, alçando o braço,
Poupar ação tão baixa àqueles bosques,
Onde os guerreiros de Itajuba imperam.
Imóvel, mudo contemplou o rio
Se chofre o senembi cair flechado,
Lutar co'a morte, ensanguentando as águas,
Desaparecer, — a voz por fim levanta:

"Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:
Tu, que medroso em face d'Itajuba
Não ousaras tocar o pó que o vento
Nas folhas dos seus bosques deposita;
Senhor das selvas, que de longe o insultas,
Por que me vês aqui cozinho e fraco,
Fraco e sem armas, onde armado imperas;
Senhor das selvas (que antes flecha acesa
Sobre os tetos houvesse arrojado,
Onde as mulheres tens e os filhos caros),
Nunca miraste um alvo mais funesto
Nem tiro mais fatal vibraste nunca.
Com lágrimas de sangue hás de chora-lo,

Maldizendo o lugar, o ensejo, o dia,
O braço, a força, o ânimo, o conselho
Do delito infeliz que vai perder-te!
Eu, sozinho entre os teus que me rodeiam,
Sem armas, entre as armas que descubro,
Sem medo, entre os medrosos que me cercam,
Em tanta solidão seguro e ousado,
Rosto a rosto contigo, e no teu campo.
Digo-te, ó Gurupema, , ó rei das selvas,
Que és vil, qu'és fraco!

Sibilante flecha
Rompe da turva-multa e crava o braço
Do ousado Jurecei, qu'inda falava.

“É seguro entre vós guerreiro inerte,
E mais seguro o mensageiro estranho!”
Disse com riso mofador nos lábios.
“Aceito o arco, ó chefe, e a torda flecha,
Que vos hei-de tornar, ultriz da ofensa
Infame, que Aimorés nunca sonharam!
Ide , correi, quem cóis impede a marcha?
Vingai esta corrente, não mui longe
Os Timbiras estão! — Voltai da empresa
Com este feito heroico rematado;
Fugi, se vos apraz; fugi, cobarde!
Vida por gota pagareis meu sangue;
Por onde quer que fordes de fugida
Vai o fero Itajuba perseguir-vos
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei!...”

E como o raio em noite escura
Cegou, desapareceu! De timorato
Procura Gurupema o autor do crime,
E autor lhe não descobre; inquire... em balde!
Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram.

Gonçalves Dias

Outras Poesias (1869)

MORRO DO ALECRIM

I

Que monte além se eleva negrejante!
Na areia a base enterra, o dorso ingente
De rija pedra mosqueado amostra;
Estéril como ele é, dizer parece
Que a ira do Senhor ardendo em raios
A seve d'hartos troncos — de mil anos
Apagou — consumiu — num breve instante

Mas não; a rubra cor que aí se enxerga
É sangue que correu;
Que pedra que i jaz encerra a história
Dum bravo que morreu

E raios mil de guerra em morte envoltos
Já lá do cimo agreste da montanha
Sibilando e gemendo à funda base
Baixaram sussurrando.

É do povo o Sinai, que nobre sangue
Independente e forte — em lide acesa
Na arena derramou;
E o filho ainda lá vai cheio de orgulho,
Do pai beijando o sangue em largos traços
Que a pedra conservou.

II

E quando alva lua no céu vai brilhando
O disco formoso luzente mostrando,

Então quando as ondas mais vívidas crescem
E mais contra a praia a bramir se enfurecem

Descendo das nuvens ao monte orgulhoso
Infausta se amostra sinistra figura,
Mais negra que as trevas, que fora pasmoso
Ser esse fantasma de humana natura.

E quando é que se vê? — Quando os bosques
A flor mais puro seu perfume exala,
Quando nas folhas o sussurro morre,
Quando das aves o gorjeio para.

Quando imundo tatu na concha envolto
Vai de manso volver minha campa,
E a coruja sedenta a luz dos mortos
No fronteiro pano da muralha estampa.

Desde quando apareça? — ninguém sabe,
E talvez apareça sem ter fim;
Só um em cujo peito horror não coube
Já do fantasma a voz ouviu assim.

Manito — Manito — cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Manito — Manito — descobre o teu rosto,
Bastante nos pesa da tua vingança;
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,

Teus filhos que choram tão grande mudança.

O triste Anhangá de mui longo nos trouxe
Filhos de Tupã, essa raça danada,
Em vão deu-lhes of'rendas o Piaga divino
Tocando a maracá na dança sagrada.

Em vão neste monte lhe veio ofertar
A pel' maculada de tigre raivoso,
E frutos, e frutas — e a pel' cambiante
Da Boia vistosa de corpo pasmoso

Manito — Manito — cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bem que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,
No arbor da manhã quão fortes que os vi!
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça no arco tupi.

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer — abaixar...
Já restam bem poucos dos teus qu'inda possam
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,
Teus filhos enchiam as bordas do mar,
As ondas coalhavam de estreitas igaras
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas suas
A corsa ligeira — o trombudo quati.
A morte pousava nas plumas da frecha
No gume da maça — no arco tupi.

O Piaga nos disse que breve seria,
Manito, dos teus a cruel punição;
E os teus inda vagam por serras, por vales,
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Manito — Manito — descobre o teu rosto
Bastante nos pesa a tua vingança;
Já lágrimas triste choram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande tardança.

FANTASMAS

*There are more things in heaven and earth, Horatio
Than are dreamt of in your philosophy.
Shakespeare. — Hamlet.*

Ia a lua pelos ares
Docemente equilibrada,
Qual linda concha embalada
Pela corrente dos mares.

Era tudo amor; — dormente
Era a mesta solidão, —
Porém eis que de repente
Corre de vento um pegão.

Morrendo a luz feiticeira
Morre o brilhante do céu,
Que da lua a face inteira
Cobre denso, opaco véu.

Das trevas o véu rasgando
Fuzila breve clarão,
No escuro espaço rolando
Rouqueja horrível trovão.

Ruge ao longe o mar raivoso.
Perto — o vento no arvoredos;
No cemitério medroso

Surgem fantasmas de medo.

Passando através dos muros.

Que do mundo os separava,
Penetram no templo escuro:
Mudo e triste o templo eslava

Do templo nas paredes caminhavam
As mestas sombras dos que foram; outros,
Como que da vigília se pesassem,
Nos ossos mal seguros se arrastavam.

Como sobre as couceiras se revolvem
As portas emperradas, tal do templo
As frias pedras sepulcrais se dobrão.
Finados mil e mil das campas surgem,
Incertas sombras pelos ares voam,
Amalgama-se o pó formando nuvens,
E as nuvens pairam n' amplidão sagrada.
Só um sepulcro permanece inteiro,
E um espectro ao pé d'ele; os longos dedos
Correndo pela testa, tremebundo
Carrega sobre a turba o rosto irado.

“Não poder descansar!” — dizia o triste —
“Não poder descansar!” — Era este um grito
D' interno sofrimento amargo e duro.
“Ó Morte enganadora, — que eu julgava
A infinita visão, — além dos mundos
Outro mundo não via, além da vida
Minha alma apenas descobria... o nada —
De que nos serve o teu poder, traidora?
Se a vida tiras, mais penosa a tornas;

Se tiras o sofrer, mais delicado,
Mais apurado, mais subtil, mais fundo
Fazes, cruel, brotar do horror da campa.
Estólido que fui! — da terra filho,
Julguei-me preso à terra, preso ao nada;
Julguei-me sem porvir além da vida,
Sem acerbo penar na campa acerba!”

Como sentisse a sepultura intacta,
Raivoso empurra a pedra, que serena
Sobre outras pedras se desliza fácil,
Como o barco veloz cortando as ondas,
Que a mão calosa do barqueiro impele.

Ah! certo eu vi! — um pútrido cadáver,
Amarelento, ensanguentado e feio,
Pávido erguer-se no sudário envolto.
Volveu pasmado em torno os olhos turvos,
E as pupilas sem luz, que estranham, sentem
Agudíssima dor da luz mal vista
Da alâmpada veiada. — Nos ouvidos
Mesmo dos mortos o bulício incerto
Com hórrido fragor ribomba, estoura;

— Não julguei acordar! — disse afligido.
Mas do finado, que o chamara à vida,
Correu nos lábios mofador sorriso:
“Não julgaste acordar, insano?! — a mente
Perdida não sentiste além dos ares
Voar além dos céus, além das nuvens?”
Dizia o espectro: “Insano, tu cobriste-a
De lodo terreal, cortaste as asas
Desse amigo adejar, de prece amiga
Que vai, que sobe, perfumado incenso,
Beijar do eterno ser o trono excelso.”

Eis do recém-finado a voz rebrama
No recinto do templo; — estoura e ferve
No estreito espaço da garganta, como
Neve que o sol derrete, que nas orlas
Do raso leito de regato humilde
Rebenta em borbulhões de argêntea espuma.

“Nas trevas, Senhor Deus, direi teu nome,
Cantarei teus louvores do sepulcro,
Cantarei teu poder d’entre a gelada
Mortalha funeral, e sempre e eterno.
Senhor Deus, Senhor Deus, quando os meus lábios
Se ressequirem teu louvor cantando,
Quando rouco meu peito arfar cansado,
Minha alma, além dos soes voando afoita,
Írá, Senhor meu Deus, beijar-te as plantas,
Nutrir-se palpitante da tua glória
E à luz do teu fulgor, do teu conspecto
Derramar-se queixosa e aflita...”

— É tarde!
O espectro lhe bradou. — Misericórdia!
Clamava a triste sombra, que aterrada
Procurava juntar as mãos rebeldes.
Foi debalde o querer; debalde as forças
Concentra o miserando por juntá-las;
Debalde intenta orar! — a voz lhe falta;
Do mutilado tronco os braços fogem
Fogem do templo na amplidão perdidos.
Mútua força os atrai, mútua os repele,
Fatídico poder os leva a ambos,
E alonga o templo mais e mais com eles.
Dos ares a soidão quebrando irado
Da torre soa o sino; o som d’agoiros

Estoura — ruge — vibra — míngua e morre,

Rápida foge a multidão dos mestos,
Sem arruído, sem rumor, — qual fumo
Levíssimo e subtil que se desenha
Ao reflexo da luz nos brancos muros.

LÁGRIMAS SEM DOR — E DOR COM LÁGRIMAS

Sumiu-se além o sol envolto em raios,
E do lado fronteiro a branca lua
Levanta a fronte pálida entre montes,
E nas águas do límpido regato
Estampa a face inteira.

E eu irei sentar-me junto às margens
Do límpido regato;
Irei cismar sozinho, a sós co'a noite,
Nas minhas penas cruas.

Quero sentir da tarde o fresco orvalho
Nos meus cabelos;
Quero escutar nas folhas o sussurro
Da mansa brisa;

Quero escutar o som da linfa clara
Por sobre as pedras;
Quero escutar do pássaro o gemido
De sob as ramas;

Quero vê-la também, que há tempos ando
Cismando nela,
Que há tempos sempre a encontro triste e muda
Junto à ribeira.

Ei-la sentada ali entre os salgueiros,
Pálida a fronte,
Loiros cabelos sobre a testa ebúrneia
Cândida a veste.

Anjo — encanto — mulher, que és tu na terra?
Quem n'alma te gravou cismar tão triste?
Tão triste palidez quem te há gravado
No semblante formoso?

Oh! se minha alma aflita inda prazeres
Sentir pudesse — se inda amar pudesse,
Se os meus olhos pisados não vertessem
A fio agora corrente;

Anjo — encanto — mulher, foras meu nume,
Foras meu sangue, meu prazer, minha alma,
Minha estrela d'amor, meu anjo e vida,
Pensamento e querer.

Na flor da mocidade, quando a vida
Por entre flores, recendendo aromas,
Risonha e festival, sem medo corre
D'agoireiro futuro;

Por que em vez de nutrir brandos amores
Definhas sem brilhar em festa, em jogos,
Sem um meigo sorrir nos curtos lábios,
Sem cor nas alvas faces?

Anjo — encanto — mulher, por que o teu pranto
Corre agora espontâneo sobre as águas
Do límpido regato, como lágrimas
De náíade gentil?

Por que choras assim? — Traída amante,
Vens de enganado amor as penas cruas
Curtir na soledade?
Mas quem tão negro feito perpetrara?
Quem há que, se os teus olhos lhe sorrissem,
Não morrera de amores?

Não o fizera, não, — que tal façanha
Não a faz coração d’homem, que sente,
Que vê tais graças;
Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co’as estrelas do céu pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.

Morreu-te acaso a mãe? — Erma e sozinha,
Vens d’amor filial durante a noite
Pagar tributo amargo?
Mas ei-la que ali vem, terna, ansiada
Por te ver, por te ouvir, por esse pranto
Secar co’um doce beijo.

Ah! chora sempre e sempre; — corre o pranto
Espontâneo e fagueiro nessa idade,
Como orvalho da noite;
Enquanto o mau blasfema, o bom soluça,
Alma do céu, folga em chorar sozinha
Neste exílio da terra.

Ah! chora sempre e sempre, que esse pranto
No seio maternal hoje se entorna,
Que não em terra sáfara;
Doido por muito amar, por ser amado,
Gentil mancebo há de amanhã sorver-to
Num ósculo de amor.

Mas eu quando em silêncio as fontes abro
Deste meu coração, embalde os lábios
Donzela ou mãe soluçam;
Pelo meu rosto em fio se desliza
Meu triste pranto, e alvíssimo se expande
Na pedra dum sepulcro.

O DONZEL

Onde vais, ó cavaleiro?
— *Vêr quem de amor me matou.*
— *Vês este cadáver?* — *Vejo.*
— *E vais à entrevista?* — *Vou.*
Freire de Serpa.

I

Já tremula sobre o ocaso
Do sol o disco fulgente:
Já se ergueu a lua inteira
Lá das partes do oriente;
Ergueu-se a brisa fagueira,
Ergueu-se a voz da corrente.

Ergueu-se tênue e macio
Perfume de linda flor;
Ergueram as densas matas
O seu leve arfar de amor;
Ergueu a voz do oceano
O seu hino ao Criador.

II

Eis que donoso mancebo
Que brancas telas vestia,
Por senda patente e clara
Em seu ginete corria.
Não vê no trépido ocaso
Do sol o disco fulgente,
Nem da lua alvinitente
O deleitoso fulgor;

Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido.
Nem das vagas o rugido;
 Nem da tarde almo frescor
Sentir pode! — Corre a brisa,
Ouve-se estranha harmonia;
Mas na acesa fantasia
 Ferve inquieto, imenso amor!

III

Praticando noutros tempos
 Alguns velhos encontrou:
Louco! louco! — murmurarão.
 Sorriu-se o moço e passou.

Velhos que a vida viveram,
 Que já não sabem viver,
Que sobre a terra dos vivos
 Não têm de que ter prazer

Uns aos outros se perguntam,
 Quando em paz descansarão!
Já vivestes vossa vida,
 Já não tendes coração!

Tendes o corpo alquebrado,
 Tendes morto o coração,
Tendes a alma desmaiada,
 Nem sentis uma afeição.

Afeição, ledice, amores...
 Sobre as cãs não vinga o amor,

Como sobre e a rocha dura
Não cresce mimosa flor.

Mais além — gentis donzelas
Brincando se divertiam,
Embebidas nos folgares
Lúbricas danças teciam.

— Onde vais, gentil mancebo,
Nesse correr afanoso?
Onde vais? detém-te, espera,
Não nos fujas pressuroso!

“Vou-me longe inda esta noite,
Vou rever os meus amores;
Já de mais hei sopeado
Meu desejo e meus ardores.

A vossa vida é ventura,
Vosso sorriso inocência,
Vossa alma formosa e pura
Não sofre de crua ausência!

Vosso amor, e só desejo,
É o sorriso da aurora,
O arbusto, e a flor do prado,
E a corrente sonora.”

Disse e passou: eis renascem
Leves danças na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,

Leda cena feiticeira!

V

E não para, e prossegue, e devora
Toda a senda o fogoso corcel;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entrevê-se os vestidos luzentes,
Entrevê-se o corcel a fugir;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se a pluma da gorra luzir!

Que lh'importa que a noite o convide
A sereno e tranquilo pensar?
Que lh'importa o frondoso arvoredor,
Que lh'importa agoureiro piar?

Que lh'importa a beleza da terra,
Que lh'importam estrelas ou mar?
Que lh'importa? — o mancebo não pode
Mais que a ela no mundo enxergar.

Ela é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel;
Ela o ama, assim disse, ela o espera...
Ledo o moço esporeia o corcel!

— Temerário, onde vais pressuroso,
Por que buscas na terra prazer?
Insensato, prazer n'este mundo...

Só no triste que almeja morrer!

Porque afetos, ledice e ventura,
Porque extremos de acesa paixão.
São delírios que o tempo consome,
São caprichos de amarga ilusão!

É veneno de flor que não cheira,
Que a existência amargura cruel!...
— Esta vida é festejo de amores,
É de flores. — clamava o Donzel!

E não para, e prossegue, e devora,
Toda a senda, e se apeia, — inda mal!
Eis um vulto, ei-lo corre — já sente
Penetrar-lhe no peito um punhal!

Nesse instante de acerba agonia.
Nesse instante de louca paixão,
Nesse instante... pesou-se de extremos
Tão mal pagos, de tanta traição.

VI

Virgem! virgem! que o amor recompensas
Por tal arte, tão dura e cruel.
Nunca sintas amor em tua vida,
Nunca extremos de nobre Donzel.

Nunca escutes a meiga linguagem
De sincera, infinita paixão;
E nas vascas da morte impiedosa

Do que estimas te colha a traição!

HARMONIAS

PRIMEIRA VOZ.

Quando da noite o denso véu se estende,
E a lua pálida entre nuvens gira,
E dentre as folhas uma voz suspira
Que diz prazer e doce amor acende;

Ao par amante, que inocente vaga,
Sou eu quem prendo em derretido enleio:
— Secura ou fogo, ardente devaneio
Que dá morte à paixão, que sempre afaga.

Sou eu que às folhas dou verter frescura,
Que falo amores no correr da brisa,
Que deslustro a paixão sincera e lisa
Aos torpes beijos da lascívia impura.

SEGUNDA VOZ.

Eu porém no peito amante
Sou quem fomento a paixão,
Amor na virgem mimosa,
No jovem dedicação.

Quem lhes ponho risos n'alma,
Quem falo nos sonhos seus.

Prazeres envergonhados
— Tão puros, como nos céus.

Dou-lhes palavras sublimes
Nunca ouvidas por ninguém,
E gozos nunca fruídos,
E prantos que fazem bem.

Dou-lhes extremos e arrojados,
Talvez subida amargura,
Donde sabe o amor provado
À prova da desventura.

PRIMEIRA VOZ.

E eu dessa paixão nobre e singela,
Ao meigo jovem, que de amor doudeja,
Dou-lhe fastio, que nem mais deseja
Que apagar seu amor nos braços dela.

Eu os conduzo mais falaz que humano,
Ela adornada de beleza e flores,
Ele mal sufocando seus ardores,
Ao templo, onde os espera o desengano!

Satisfeita a paixão, vem logo o frio,
O gelo que lhes lavra em todo o peito;
Já se nota um defeito, e outro defeito.
Já cresce em ambos o pesar tardio!

SEGUNDA VOZ

Talvez ambos se arrependem,
Talvez se nota o defeito,
Tardo pesar que não dura
Talvez lavra em todo o peito;
Mas soando a desventura
Dar-lhes-hei nova paixão,
— Centelha viva, não cinza
Na frágua do coração.

Sou eu que o sono afugento
Quando vela a casta esposa
Junto ao leito, onde repousa
O esposo que mal padece;

Quisera ser em vez dele,
Quando a morte o ameaça;
Té de si mesma se esquece,
Té de quanto sofre e passa.

PRIMEIRA VOZ

Vela meigo — sorrindo a casta esposa,
Vela no leito onde a aflição descansa;
Mas talvez lhe sugiro uma lembrança
Triste, importuna que expulsar não ousa.

Se compõe um sorriso honesto e brando,
Se ameiga a voz, a doce coma esparsa,
Sorriso e voz fino punhal disfarça,
Que vai no peito incauto a furto entrando.

Ah! quantas vezes! quantas! não transuda

O leito conjugal banhado em sangue,
E ele ou ela, atraído, exangue,
Já quase morto, a traição vil desnuda?!

SEGUNDA VOZ

Talvez ciumenta esposa,
Talvez cioso marido.
Irado, o punhal buído
Levanta... mas n'esse instante
Mostro-lhe o meigo semblante
Do filho seu que descansa.
Como que o sono lhe traga
Sonhos que traz na lembrança.

A tal vista se entenece,
A suposta injúria esquece,
A coragem lhe falece,
E o punhal lhe cabe da mão;
E onde o ferro traíçoeiro
Devera d'entrar primeiro,
Beijando por derradeiro
Pede chorando o perdão.

O BARDO

*Must all the finer thoughts, the thrilling sense,
The electric blood with which their arteries run, Their body's self turned soul
with the intense
Feeling of that which is, and fancy of That which should be, to such a
recompense Conduct? shall their bright plumage on the rough
Storm be still scattered? Yes, and it must be!*
— Byron

Era uma sala real comprida e larga
De primores vestida. — Nos tapetes
Hábil artista desenhara a historia
Dos anos decorridos; — das janelas
Pendia a seda multicolor; — rojavam
No liso pavimento as franjas d'ouro
Do brilhante espaldar. — Sentado nela
O rei, já velho, em roda de ministros
N'um canto do salão retinha os olhos.
Segui-lhe a vista, e vi... Era um mancebo
Modesto e belo; tinha um quê nos olhos
De pudor virginal, de meigo encanto,
Que prendia a atenção. — Em pé, cruzadas
Sobre uma harpa singela as mãos nevadas
Em voz segura e baixa ao rei falava.
— “Por isto, senhor rei, vim ter convosco!...”

Isto apenas lhe ouvi; subtil sorriso
Do monarca passou nos roxos lábios,
Que hipócrita e sarcástico dizia:

— Que vos posso eu fazer? — Sois bardo! — Às vezes

Quando este encargo de reinar me deixa
Mais livre respirar, — sobre mil praças
Deste palácio meu lançando os olhos,
O doce canto da vossa harpa escuto,
E o longo aplauso palpitante, e os ecos
Do forte sussurrar de amor, de enlevos,
Que a turba eleva com prazer... Auxílios
Não vos posso prestar, que o erário tenho
Exausto e pobre! —

“Oh! nem de mim vos falo,
Nem por mim, rei senhor! — Que vos hei dito?
Que a moral, crença, e fé, e amor dos povos
São altos fustes, que tem mão do trono.
Sois deste o criador, porém d’aqueles
Incumbe o lustre a nós. Se a nossa vida
Nisto gastamos, se mais crente o povo
Depois de nós a nosso exemplo fica,
E justo, senhor rei, que o trono cure
De quem sobre ele de continuo vela.
Somos do mundo sem saber do mundo;
Aprouve ao Senhor Deus lançar-nos nele,
Sem vida para nós, com tanta vida,
Com tanta força de querer p’ra os outros.

Não sabemos ganhar! — Com fome ou frio,
Lemos o nome do Senhor nos astros;
Sonhamos ilusões, lançando os olhos
Sobre a terra florida, ou sobre o campo
Liso, imenso dos céus, — vagando sempre
Do passado ao futuro! — Somos loucos,
Bem loucos, senhor rei! — Enquanto a vida
Em proceloso mar corre sem termo,
Até que a morte um dia nos afunde,
Cantamos sempre; nem de auxilio estranho
Havemos de mister, que o melhor canto

De soluços e lagrimas se embebe! —
Mas se hospícios haveis para os que sofrem,
Nós sofremos também, — também mendigos,
Trocamos, como outrora o velho Homero,
Celestes carmes por um pão de azima!”

— Falais do mundo sem saber do mundo,
E do vosso mister sem saber dele;
Tornou-lhe o rei com rosto carregado.
— Sou injusto e cruel!... vós o dissestes!
Mas quem sois? — que fazeis? — Ao povo estulto
Co’a branda lira efeminais: no canto
Vil peçonha entornais em néscias mentes;
De perversa moral lições na cena
Dais em verso pomposo; loucos, cegos,
Profetas vos dizeis... — Meu trono acaso
Sustentas tu co’a lira? — Se o sustentas.
Retira o braço, quero-o ver por terra,
Quero crer na tua crença; e se és profeta,
Eu to suplico, do porvir me falia! —

Como de sob os pés vos fuge o bando
De sussurrantes passarinhos, quando
Pensativo calcais na densa mata
As secas folhas, rugidoras, soltas;
Como sobem confusas, pipilantes,
Ouvindo o estranho som que as amedronta;
Da Harpa as notas soam, vibram, fogem:
Lá se perdem nos ares, lá renascem,
Já de novo ressoam, como abelhas
Que sobre vivas flores descansadas;
Quase filhas do sol, se erguem ruidosas.

— Reis da terra, o que sois? Oh! quase um nada,
Em mãos de infantes caprichosos — brinco,

Autômatos de orgulho, atores tristes
Em público tablado:
Um em dia aziago entre os clamores
Da multidão falaz entrou no templo;
Era o templo adornado, — ali soldados,
Ali densos convivas.
Resplandecentes d'ouro, e seda, e joias;
Ali morno silêncio qual precede
Da batalha o fragor; — troava o sino,
E foi c'roadado... escravo!

Mas quando o Senhor um bardo cria,
Funde-lhe a mente de trovões, de raios.
De nobre fogo lh'incendeia o peito
De cólera e de amor!
E o manda sobre a terra ingrata e nua,
Que voe sobre os astros, que a sentença,
Que Baltasar temeu, grave nos muros
D'impudico festim!
Que suspire, que gema, que soluce,
Que se lembre dos céus cantando a terra,
Que um amigo não tenha, que a sua vida
É sofrer e cantar!

Mas ai do triste que não sente enlevos
De ouvir um doce canto ao som da lira:
Mas ai do rei, que não suspira aflito
De aflito suspirar!
Mas ai do triste rei! que nunca o bardo
Nos versos divinais dirá seus leitos,
Nem o seu nome se lerá na pedra
De gelado sepulcro.
Vai com ele a lisonja à sepultura,
Com ele o seu palácio irá por terra,
Não será pedra sobre pedra,
Inteira a mole cairá!”

Calou-se; mas cumpriu-se o vaticínio:
Morreu sem nome o rei, — a mole inteira
Por terra jaz — uma coluna atesta
Seu primeiro esplendor.

Que é do bardo porém? — Ninguém pergunta:
O modesto pastor que a dura calma
Passou à sombra da frondosa copa,
Quando sem graça a vê, pergunta acaso
Que impiedoso tufão levou-lhe as folhas!
A virgem que em passeios solitários
Respira o aroma de uma flor singela
Pergunta acaso no verão torrado
Se a melindrosa for ainda existe,
Ou existindo, em que lugar se esconde?
— Assim do bardo os feiticeiros versos!
Resoam, como nota harmoniosa,
Como suspiro d'inocente virgem
Na placidez da noite adormecida;
Resoam, mas também se extinguem prestes,
Como nota de uma harpa vaporosa,
Como o perfume que uma flor exala,
Como o suspiro que uma virgem solta!

À DESORDEM DE CAXIAS
(1839)

— *Le crime eet immortel I* —
— *Ainsi que le remordi.*
A. Barbieb.

Que feios sons de surda e rouca trompa!
Ecoa a brônzea tuba as duras vozes,
Que hão de os vales cobrir de miserandos,
Insepultos guerreiros!

Sobre as cordas da tua Harpa
Pousa, ó Musa, a nívea mão,
Que com tais sons se não casam
Os sons do teu coração!

Que triste soluçar, que triste pranto,
Que amargas queixas, que doridas preces!
Penosas vascas de sangrenta morte
No extremo agonizar!

Musa minha desditosa,
Dos cabelos despe o loiro,
Da tua Harpa malfadada
Despedaça as cordas d'oiro!

Ó! Musa, Musa minha! os sons que ouviste
Foi perpassar dos teus, — dos teus que amavas,

Agora sombras vãs, que inultas vagam
A desoras na terra!

Do misero cantor que eles amaram,
Talvez em vida, — possa agora ao menos
O triste canto, a suspirada nênia,
Simpático aplacá-las!

Foste até qui linfa pura
Que mansamente serpeia,
Entre flores e verdura,
Por sobre um leito d'areia.

E o sol do inverno derreteu-lhe a neve
Lá da nascente;
Eis o regato que já corre undoso,
Como a torrente!

Acorda, acorda, ó Musa! assaz cantaste
Teu doce amor,
Serena, em ócio, como ao pé da fonte
Descansa a flor.

II

Como, quando o vulcão prepara a lava
Nas entranhas da terra, e à noite lança.
Pela sangrenta rúbida cratera,
Mais viva chama em turbilhão de fumo,
Encadece-se o ar, cala-se a terra.
Nem gira a brisa, ou só tufão de vento
Com hórrido fragor sacode os troncos;
Assim também, quando abafadas rosnam

Sanhas do povo, antes que em fúrias rompam,
Propaga-se confuso burburinho.
Cresce a agitação n'aquela e neste,
E um quê de febre lhes transtorna o siso.
Tremules todos, homens e mulheres,
Infantes e anciãos — de mãos travadas,
Turvado o rosto, os olhos lacrimosos,
Lá vão terras do exílio demandando!
Um passo apenas dão, que os alumia
Do vulcão popular a lava ardente.
Sob os trépidos pés soluça a terra,
Sobre as cabeças pávidas volteia
Ou rocha em brasa, ou condensada nuvem
De pó desfeito, que reseca os ares.
E d'entre aquele fumo e aquelas chamas,
N'aquela horror e medo, estatuas vivas.
Sinistro lampejar d'armas descobrem:
Descobrem longe os tetos abrasados,
A pouco e pouco esmorecendo em cinzas;
Escutam gritos de uma voz querida,
De um ser que expira, e que em socorro os chama!
E ali pregados no terreno ingrato
Nem da morte impiedosa fugir sabem,
Nem força têm que lhes escude a vida.
São ali sem ação, sem voz, sem força
Como que má sezão lhes tolhe os membros,
Ou os sufoca horrível pesadelo.
Mudos, fracos, sem luta os colhe a morte;
E nus, sangrentos, insepultos jazem!

III

Túrbida reina a bacanal de sangue!
E rei do atroz festim, brinco do vulgo,
Um só campeia! um só, que mal se achega
À lauta mesa, onde se enfrasca o vulgo
De carniça e ralé, tocando apenas
O sangue e o vinho, que alimenta o bródio;
Derruba-o logo a popular vindita,

E folga ultriz em torno aos vis despojos,
Que nem de amigas lagrimas se molham,
Nem de talhadas lápidas se cobrem.

IV

Malditos sejais vós! malditos sempre
Na terra, inferno e céus! — No altar de Cristo
Outra vez a paixões sacrificado.
Ímpios sem crença e precisando tê-la,
Assentastes um ídolo doirado
Em pedestal de movediça areia;
Uma estatua incensastes — culto infame! —
Da política, sórdida manceba
Que aos vestidos, outrora reluzentes,
Os andrajos cerziu da vil miséria!
No antropófago altar, mádido, impuro
Em holocausto correu d'hóstia inocente
Humano sangue, fumegante e rubro.
Insensível à dor, ao pranto, às preces,
Insensível às cãs, à verde infância,
Tudo sorveu a rábida quadrilha!
A treda mente maquinou suplícios,
Torpe vingança! meditou cruenta
Nos requintes da dor ébria faltar-se,
E lascívia imoral dos lábios d'eles
Em fronte virginais cuspiu veneno.
Afrontas caíam sobre tanta infâmia
E se a vergonha vos não tinge o rosto,
Tinja o rosto do ancião, do infante
Que em qualquer parte vos roçar fugindo.
Da consciência a voz dentro vos punja.
Timorato pavor vos encha o peito,
E farpado punhal a cada instante
Sintais no coração fundo morder-vos.
Dos que matastes se vos mostre em sonhos
A chusma triste, suplicante, inerme...
Sereis clementes... mas que a mão rebelde
Brandindo mil punhais lhes corte a vida:

E que então vossos lábios confrangidos
Se descerrem sorrindo — cru sorriso
Entre dor e prazer, — qu'então vos prendam
A poste vergonhoso, e que a mentira
O vosso instante derradeiro infame!
Bradem: Não fomos nós! — e a turba exclame:
Covardes, fostes vós! — e no seu poste
De vaías e baldões cobertos morram.

V

Mas cantar tão cruel e tão feio,
Donde parte soando ruidoso?
Da minha Harpa nas cordas quem veio
Sons tão rudes, tão roucos tirar?
Pode acaso o cristão impiedoso
Do que sofre avivar o tormento,
Pode acaso dizer-lhe cruento:
Teu suplicio não quero acabar?

Pode acaso com torva alegria
Sobre os restos do triste finado
Levantar a cruel voz impia,
Homicida feroz, maldição?
Não tem ele sequer um pecado?
Como pois poderá penitente
Exclamar n'outra vida: Ó clemente
Senhor Deus, tem de mim compaixão?

Réu não sou da cruel impiedade,
Bem que o sangue por eles vertido
Fosse meu; bem que amarga saudade
Sinta eu desses, que a morte ceifou!
Não irei ao sepulcro esquecido
Insultar o mesquinho finado;
Miserando! foi duro o seu fado,

Que um amigo sequer não deixou!

Mas as vítimas tristes, cruentas,
Que hoje dormem na campa florida
Nas funéreas mortalhas sangrentas
Envolvidas, irei visitar:
Lindas flores na aurora da vida!
Murchas flores p'ra terra inclinadas!
Ah! por todas no pó desfolhadas
Ao Senhor compassivo hei de orar!

VI

E como aparecem num sonho ditoso
Fantásticas formas, composto formoso
Da noite que morre e do sol a raiar;
Eu vi muitas sombras, com ar magoado
Chorando e passando: eu estava acordado.
Ouvi; mas par'ceu-me que estava a sonhar

Passavam mostrando no peito a ferida;
Celeste ventura no rosto envolvida
Se lia da morte ao cruel padecer!
E desta e daquela, de quantas eu via
O nome, as feições e a voz conhecia!...
Meu peito arquejava co'o interno sofrer.

Com triste sorriso nos lábios pousado,
Chamavam-me todas ao túm'lo gelado,
E à paz dos sepulcros, e à vida do céu!
Ó anjos, sofrestes martírio anelado;
Ao céu remontastes, ficastes ao lado
Do mártir divino que à terra desceu;

Como hei de seguir-vos no etéreo caminho.
Se preso a esta vida, cansado e mesquinho.
Meu longo martírio não posso acabar?
Não posso seguir-vos; mas vós, meus amores,
Da noite nas sombras, do sol nos fulgores
Ah! vinde meus sonhos de flores juncar.

LENDA DE SAM GONÇALO

Agora de um grande Santo
Embora lhe cabe a vez;
Bom Santo foi Sam Gonçalo,
Pesar que foi Português,
Que santos ditos que disse!
Que saneias obras que fez!

Bom tempo foi o d'outrora!
Não lhe quero outra razão:
Criava a terra gigantes,
Havia santos então.
Havia paz e liança
Nos reis do reino cristão.

É coisa de maravilha
E de louvar o Senhor,
Ver na terra homens d'aqueles
De tanto esforço e valor,
Como Gonçalo da Maia
Ou Giraldes sem pavor!

Mas destes tratar não quero,
Que são mui perto de nós;
Doutros digo tam pujantes
E de aspecto tam feroz,
Que um santo mártir trincavam,
Como quem trinca uma noz.

Quando a fé ‘stava mais pura
Melhor se mostrava Deus;
Rezam disto as Escrituras,
Escusa pois ditos meus:
Começa do fim ditoso
Dos sete irmãos Macabeus.

Nada conta o livro santo
Do rei que se houve assi,
O corpo nos não descreve;
Mas eu tenho pera mi,
Que devia ser taludo.
Como uns cafres que já vi!

Que sete irmãos como aqueles,
Cada qual como um Sansão,
Não é coisa que por brinco
Se frite num canjirão,
Que se retalhe em latias
Delgadas, como de pão.

Mas Deus que lhes deparava
Em sua alta providencia
Tal fereza nos algozes,
Dava-lhes tal paciência,
Que haviam em pouco o trato,
Havendo o trato em clemência.

Hoje d’aquela virtude
Só a lição nos ficou;
O tempo nos foi comendo
O corpo, que assi leixou,
E té no espirito roído

De vez a fé desbotou.

Não pasmo disto, mas antes
De ver em povo d'incrêus,
Quem tema o fogo divino,
Quem torne à casa de Deus,
Quando o pasmoso cometa
Alarga as asas nos céus.

Cegos! se todos vós fosseis
Criados na escuridade,
Que faríeis lobrigando
Deste sol a claridade,
Deste sol que sempre luze,
E pera vos luze embalde?

Como insetos esmagados,
Alastrando longe o chão.
Tontos de pasmo e de medo
Ficaríeis vos então,
Os olhos do corpo cegos,
Mas dentro d'alma o clarão.

E ainda mais — que faríeis
Vendo aquele sol divino,
Que cega os olhos do espirito,
Como de corpo franzino,
Se vendo este, qu'inda é terra,
Ficades tontos, sem tino?

Antes, Senhor, que me esqueça
Quanto fizestes por mi,

Lavai-me dos meus pecados,
Que eu como galas vesti
Levai-me desta amargura,
Levai-me, Senhor, daqui!

Levai-me, si, que eu não veja,
Mal de mi! com tanta dor
Vossos preceitos divinos,
Vossa doutrina d'amor
Trocada em usos de feros,
Na religião do terror!

Mas se isto vos não mereço,
Já vos não peço, senão
Que eu veja da minha vida
Extinto e cego o clarão.
Antes que eu veja maldita
Esta mesma religião.

Antes que eu veja crianças
Pregarem às cãs nevadas,
A correr de noite as ruas
Com folias e toadas,
Por ver asas de cometa
Imensamente alongadas.

Cant'eu, de mi o confesso,
São veloces caminheiros,
Que por ordem lá de cima,
De más novas mensageiros,
Vão batendo d'astro em astro.
Como divinos romeiros.

Se contudo um Português
Al dos cometas sentir.
Se esta desgraça presente
Neles não viu reluzir,
Dir-lhe-ei que ele não sente
O dó de Alcácer-quibir.

Dir-lhe-ei... mas nada digo!
Eu alquebrado ancião
Hei mister santo descanso
Pera a minha devação:
Sei que ser Português hoje
He crime d'alta treição.

Agora torno ao meu Santo;
A lenda aqui principia:
Dai-me, ó Santo milagroso,
Ajuda em tenção tam pia.
Que um Santo, mesmo por ende,
Deve de usar cortezia.

Frei Sam Gonçalo era Abade
De Sam Pao na Abadia;
Era mancebo nos anos,
Mas como santo vivia;
Com toda a renda que tinha
Aos pobres seus acudia.

Era pingue o beneficio,
Bons benesses que ele tinha!
Bons portugueses antigos,
Boa prata comezinha!
Já disso não vejo ha muito...

Deve ser cegueira minha.

Cegueira, si; que se o reino
Era rico de pobreza,
Cavados tantos tesoiros
Em cada uma fortaleza.
Tanto arcaz de feição moura
Cheio de tanta riqueza;

Por que então não vejo agora
Senão grosseiros ceitis,
E esses mesmos não tantos
Que se meçam por candis,
Ou então pesos d'Espanha,
Só bem aceitos por vis?

Mas é tal nossa mofina
Que na minha sacristia,
Somados todos no cabo
Os frutos de cada dia,
Não dão pera o óleo santo,
Que a mai de Deus alumia

É certo miséria grande
E muito grande estranheza,
Que o povo deixe que os frades
Corram com toda a despesa,
Eles coitados que vivem
Em mais que parca estreiteza!

Mas Deus é o santo dos santos,
Ele nos ha de acudir;

Assi fora eu Sam Gonçalo,
Que logo faria vir
Brocados d'altos recames
Pera a Senhora vestir.

E uns paramentos ricos,
Como nunca os viu ninguém;
E lâmpada como aquela
Que em Benfica os Padres têm,
Uns castiçais de pé alto,
Umas galietas também.

Mas do Santo Sam Gonçalo
Era outra a devação;
Todolo prói dava aos pobres
Com tam largo coração,
Que não tomava um adarme
De quanto tinha na mão.

Vivia como se fora
Dos seus pobres dispenseiro,
Tudo com eles gastava,
Que não somente dinheiro;
Fiava que Deus iria
Compondo o seu mealheiro.

Trazia guerra travada
Co'o Demo, que o não deixava.
Os acicates da carne
Com jejuns os despontava;
E tinha tam santa vida,
Que Deus o comunicava.

Isto não é coisa nova,
Antes coisa mui provada,
Que Deus não quer ser vencido
Em cortesia extremada;
Seja a prova aqueles Monges
Do deserto da Tebaida:

Que se foram cometidos
Do inimigo malino,
Vestido em pel' d' alimária,
Como de um urso ferino
Também do céu, como orvalho,
Lhes vinha o favor divino.

Mas se um incréu me pergunta
Por que hoje disse não ha:
Pergunto: — por que o deserto
Flores, nem frutos não dá?
Por que não corre a corrente,
Se a fonte exaurida está?

O céu é sempre benino,
Água não deixa de haver;
Se a terra pois não produzo,
Se a fonte não quer correr,
É terra, é fonte danada:
Penso que ai não pode ser.

Ora uma noite que o Santo
Rezava as suas matinas,
OuvIU uns doces acordes
Como das harpas divinas,
Que os anjos tangem cantando

Louvor às pessoas trinas.

Daquele mar d'harmonia
Voz que não era daqui,
Despega-se, e diz ao Santo:
— Gonçalo, que fazes i?
“Oro, Senhor, lhe responde,
“Por todos e mais por mi!”

É muito, a voz lhe tornava,
He muito, mas tudo não;
Faze-te prestes romeiro,
Toma a vieira, o bordão,
Esmola polas estradas.
Caminho reto a Sião.

Pascem no monte Oliveto
As cabras do Galaá;
Retumba no templo augusto
A voz medonha de — Alá; —
Ferve ali muita aravia,
Muito homizio vai lá.

Se entre os meus um bom existe,
Poupa Deus a quantos são;
Porém carreira arre pia:
Caminho vai de Sião,
Na boca o nome divino,
Minguada esmola na mão.”

O bom santo alvoroçado
Apresta-se com trigança:

Cumpre divino preceito,
Só nele tem confiança,
Que vagar por longes terras
Prazer não é, mas provança.

É nada o trem dum romeiro;
O Santo se apresta asinha,
Chama um parente lidimo,
Portas a dentro o mantinha;
E entrega-lhe o seu rebanho
Com as ovelhas que tinha.

Dá-lhe a prebenda avultada,
E os mais benesses também,
Tudo com lermos polidos,
Ou só de um santo, ou de quem
Só quer da vida o marteiro
E os prêmios que Deus lá tem.

E mui leal lhe encomenda
Seus pobres por derradeiro:
Ora lá vai caminhando
Aquele santo romeiro,
Pedindo a Deus em sua alma
Que lhe depare o marteiro!

Que ação que trescala a graça!
Que façanha peregrina!
Deixar o esposo prelado
A sua esposa divina,
E andar caminho da vida,
Vivendo vida mofina!

Àqueles pobres, seus filhos.
Em vida seus bens legou!
Que mais fez aquele Padre,
Que o livro santo louvou,
Que ao filho dá bondadoso
De quanto, em bem, lhe ficou?

Quem há i que hoje se arrisque
A perfazer tal empresa?
Aquele ardor atrevido,
Aquele santa afoiteza
Foi timbre d'homens antigos,
Homens de lhana rudeza.

Não hoje, que o homem nasce
Franzino e fraco, inda mal!
Sem forças pera a virtude;
Só com valor infernal,
Pera as torpezas do crime
E pera o vicio carnal.

Não hoje, quando o pecado
Usa de tanto disfraz,
Que só por artes malinas
E manhas de Satanás,
Pode o homem fazer tanto,
Como hoje em dia se faz!

Já vi em casa de um rico
Tal mesa com tal guisado,
Com cheiro tão penetrante
E adubo tão concertado...
Eu creio que só da vista

Ficava o jejum quebrado.

E vi também umas camas...
Delias não quero tratar:
Caí na conta que o Demo
Foi só quem n'as pode armar;
Senti vertigens de sono,
Sem o poder dominar.

Fugi do engodo malino
Clamando por Deus Jesus,
Na boca o santo exorcismo,
Na fronte o sinal da cruz,
Braços cruzados no peito,
Fronte metida em capuz.

Então acabei comigo
De crer no que disse Deus
Ao bando dos seus descíp'los
E à turba dos fariseus.
Não ser azado que um rico
Possua o reino dos céus.

E entrando na minha cela,
Vista a penúria que eu vi,
Clamei que Deus fora grande
E muito bom pera mi;
Qu'esta pobreza em que vivo.
Certo, lha não mereci.

Partira pois Sam Gonçalo,
Partira, mas não sem dor:

No seu amado rebanho
Leixando, em vez de pastor,
Aquele falso parente.
Que foi um lobo tedor.

Olhos outrora do falso
Baixados humildemente;
Ditos e falias de santo,
Meneio e gesto consente,
Fizeram-no ter por santo:
Julgava assi toda a gente.

Aleive não ha que dure,
Sem que se descubra alfim;
Logo de posse do bolo
Mostrou-se o vilão ruim;
Mostrou-se, qual sempre fora,
Padre não já, mas chatim.

Intruso que não rezava
Nem siquer seu breviário;
Gastava dos bens dos pobres
Com boa sombra e doairo,
Pera si com mãos de rico,
Pera os outros — de usurairo.

Gastava em mulas possantes,
Em caça de altaneria,
Em ter matilha adestrada
E bem provida ucharia,
Em ter vestidos mui finos
Barrados de pedraria.

Trem real como ele tinha.
Por certo não viu ninguém:
Cavalos de boa raça,
Falcões, açores também,
Criados e mesa larga,
Como hoje aqui poucos têm!

Quando sabia a passeio
Todo garboso e lúido,
Ninguém diria ser Padre,
Senão duque esclarecido,
Ou senhor d'altos estados,
Ou infância destemido.

Que o seu ginete mandava
Com tal arte e bizzaria,
Que ao passar no povoado
Donas de muita valia,
Lindos olhos concertavam
Nas grades da gelosia.

E muitas vezes passando
Junto à mourisca seteira,
Morrer aos pés do ginete
Vinha a seta mui certa.
Com letra e primor de amores,
De amores mãos mensageira.

Assi vivia este abade,
Em tanto que o verdadeiro.
Sem lar, sem teto, sem mesa,
Como pobre forasteiro,
Vagava por longos terras,

Vivendo como um romeiro.

Muitos anos são passados,
(Diz catorze a tradição)
Quando o divino romeiro.
Feita a sua devação.
Torna do bento sepulcro,
Gasto e quebrado ancião.

Alva e rara cabeleira,
Como prata, reluzia;
Rosto de rugas cortado,
Barba que ao peito descia:
Homem de carne não era,
Senão pura notomia.

Dos anos e da moléstia
O corpo todo alquebrado,
Nos trajes pouco luzido,
Ou roto ou mal concertado;
A porta do novo abade
Batia o velho prelado.

Ergueu em voz já sumida
Hum triste e piedoso brado,
Pedindo magra pitaça
Com modesto gasalhado,
Que vem o pobre romeiro
Morto de fome e cansado.

Àquele pio reclamo
Acode medonho cão,

A cauda enrosca, e dum salto
Investe ao santo ancião;
Rompe-lhe os rolos andrajos,
E arranca-lhe o seu bordão.

Acode o dono soberbo
Dizendo: Vai-te, mendigo!
“Senhor, retrucava o Santo,
Primeiro ouvide o que digo:
Morro de fome e cansaço,
Não tenho lar, nem abrigo!”

— Não me praz ouvir-te agora,.
Tornava o abade indino,
Mais que depressa esquecido
Que a opa do peregrino
Ou que a murça do romeiro
Esconde um ente divino.

— Sei, dizia, que na capa
De piedoso romeiro,
Tem gente de feio trato
E muito vil calaceiro:
Bem é de crer, como eu creio,
Que és deles — por derradeiro.

— Desse teu rosto medonho,
Que boas novas não traz.
Digo que o vi nos milhanos
Das serras de Monsarraz;
És predador das estradas:
Juro por Sam Satanás! —

Ouvido que foi tal nome,
Como de santo cristão,
Ao saneio abade romeiro
Caiu-lhe o rosto no chão!
Dor que lh'entrara no peito,
Ficou-lhe no coração.

Que se ele era assi tratado,
Ele, vigairo e senhor,
Que não seria dos pobres.
Que em vez de terem pastor,
Tinham por guarda e vigia
Faminto lobo tredo.

O santo ficou penado
E cheio da contrição,
Que ao seu parente talvez
Foi meio de perdição,
E ao seu rebanho de mágoa,
E a si de muita aflição.

Alfim tornado do espanto,
Disse severo de si,
Com voz e tom d'agastado:
“Gonçalo sou, eis-me aqui!
Venho ora tomar-vos contas
Do que fizestes por mi!”

As frias mãos escarnadas
No seu bordão ajuntou:
Espera resposta dele,
Rosto nas mãos inclinou:
Prossegue; fundo suspiro

Do peito o velho arrancou:

“Certo que as vossas palavras
Mal dizem com o que dissestes,
Quando de vós me aparteí;
Co’o que vós me prometestes,
Co’as lições que vos eu dei,
Com a fé que me vós destes!

Dissestes: na tua ausência,
(Disseste-lo em hora má)
Qualquer das tuas ovelhas
Em mi abrigo achará;
Qualquer dos pobres que leixas
Aqui mantido será.

Ora eis-me aqui!... e a mim próprio
Negas um pouco de pão,
Que só é de ser negado
Ou a precito ou a cão;
Negas-me té gasalhado,
E o fogo do meu fogão!

Levar daqui! sou Gonçalo;
Dá-me pois o meu lugar,
“Dá-me as ovelhas coitadas,
Que eu não devera leixar,
Dá-me...” — Não pode o Santo,
Não pode, não, rematar!

Sobre a fronte, calva e nua
Viu descer grave pancada;

A testa de romania
Ficou em sangue lavada;
Aquele sangue bendito
Regou a terra danada.

Certo que os anjos no inferno
Sentirão muito prazer,
Vendo aquele mão prelado
Ação tão vil cometer,
E Santo tal afrontado.
Sem Deus lhe poder valer.

Mas o Saneio milagroso
Que pode tornar do pão,
Já não digo azima feia.
Senão massa de carvão,
Triste, negro e inficionado,
Que nem era pera cão;

Que moveu rochedo enorme
Junto à ponte d'Amarante,
Chegando-lhe um dedo apenas,
Como se fora gigante;
Rocha que esforços baldara
De muita gente possante:

Que fez ele?... oh! nada fez!
Disse: “Deus o quer assi;
Sou eu criatura sua,
Bem é que ele mande em mi;
Não seja feito o que eu quero,
Mas o seu talante — si.

É vossa a força que eu tenho.
Disse ele: em uso a não pus,
Que também sobre o calvário.
Vós, Senhor meu, bom Jesus,
Nem o calvário afundastes.
Nem sovertestes a cruz.

Porque se eu, filho do barro,
Ser mesquinho, ou verme, ou nada.
Tenho em mi força divina
É pera ser empregada
No que é mister, porque seja
A glória vossa exaltada.”

Assi discorria o Santo
No seu profundo juízo;
Ora descansa no meio
Das glórias do paraíso:
Louvor a Deus! — e com isto
A lenda aqui finalizo.

Conto as coisas como foram,
Não como deviam ser;
Hum Santo, mesmo porende,
Merece menos sofrer:
Julgo assi; digam-n’os sábios
Qual é o seu parecer.

Cant’eu — sabença da terra
Tenho por coisa ruim,
Que serve só pera glória,
Que é só vangloria; e assi
Que como é coisa de orgulho,

No fundo inferno tem fim!

O homem que for prudente
Só pelos frades se reja;
Creia no Papa e nas Bulias,
E na santa Madre Igreja:
O mais é coisa de fumo,
Não sei de que valor seja.

Que reze o santo rozaio,
Dou de conselho também;
Que assi viverá na glória,
E vive-se lá mui bem,
Cantando hosanas eternos
For tempos sem fim: *Amen*.

ANÁLIA
Poemeto

*A vida do homem com todos os seus
projetos se eleva como uma torre cuja
coroa é a morte.*
— S. Pierre

CANTO PRIMEIRO

Noite propícia aos tímidos amantes,
Consolação dos tristes que suspiram,
Que não podem sofrer do sol os raios,
Esse manto de estrelas não recolhas,
Que os olhos chama aos céus, e a Deus a mente
E em plácido remanso a dor abranda
De quem maior alívio não procura
Que sentir sempre aberta a chaga antiga.
Noite não era já, não era dia;
Porém a fresca, matutina brisa
Começava a correr, prenhe de aromas,
Por entre as verdes folhas dos olmeiros,
Como o suspiro que remata o sono
De uma virgem que dorme. D'entre as ramas
Em desafio as aves entornavam
As notas várias do seu hino eterno,
A cujos sons a natureza acorda
E o coração se alegra: da neblina
Os densos rolos — dos profundos vales
E dos cimos erguidos — procuravam,
Atraídos do sol, mais alta esfera!
Anália, oh bela filha dos amores,
Porque tremes assim? porque te encobres?
Porque essa palidez? esse agitado
Pulsar do seio, esses modestos olhos,
Perlustrando em redor até onde alcançam?
Ninguém te espreita ou vê; ninguém te segue

Sob o avito solar descansam todos,
Teu nobre e velho pai te crê dormida!
E tu do leito virginal te ergueste,
Quando a noturna lâmpada brilhava
Incerta, frouxa luz nas brancas telas,
Como nos brancos muros de um mosteiro
Estampa a lua os pálidos reflexos.

“Anália!” oculta voz entre suspiros
Duvidosa murmura: volta o rosto
A donzela gentil, descora, treme,
Vacila, cai nos braços de um mancebo,
Qual palha sobre o alambre, ou como fibra
De magnética força comovida!
Não tem voz, não tem cor, — pálida rosa
Semelha num jardim cortada a pouco!

Quem pudesse acabar entre os delíquios
De um puro e doce amor! — fazer pedaços
Desta vida misérrima as cadeias,
Morrer primeiro que se esgote a fonte
Duma ilusão doirada, — e entre suspiros,
Entre as notas de um ai mal rematado,
Chegar de Deus ao trono, como um canto,
Que a brisa leva ao céu entre perfumes!

Mal distintas palavras murmuraram:
Não voz, porém acentos mal formados,
Quase grito e rugidos, que passavam
De um peito a outro sem roçar nos lábios;
Frases do coração que ao destacar-se
Levavam após si o melhor dele.
Aquela tempestade enfim se amaina,
Já menos fortes sensações tão vivas
Podem termos achar com que se exprimam.

“Não sentes, doce bem, quanto é penoso

Lutar em vão com a sorte? — quanto punge
O prazer que fruir nos fora dado,
E não fruído se converte em penas!
Pensar que a minha vida, a sós contigo,
Decorrera feliz, tranquila e pura!
Sentir que este desejo assim nutrido
Há de esvair-se, e não mui tarde, um dia,
Como ao romper do sol se esvai a sombra!
É vida de martírios que enlouquecem,
De ansiedade, que mata! — Oh muito amada,
Luz desta alma, que a dor me vai gastando,
Como viver sem ti num ermo triste,
Sem que eu te escute a voz, sem que os teus olhos
Me falem da tua alma a cada instante?
Nunca te eu vira, nem me viras nunca,
Menos agra talvez nos fosse a vida.”

Com voz que os seios d’alma penetrava
Respondia a donzela . — O fado às vezes
Cansa de ser cruel! — Quem sabe? — Um dia
Este pesar será, que ora passamos,
Grato de ser lembrado: espera ainda. —
Espero, — oh! inda espero; mas a esperança
Ao passo que meus dias se devolvem,
De tanto se alongar me vai fugindo,
Rico e nobre é teu pai: seus feitos voam
De boca em boca — em longa série ilustre,
Não denegrida, não cortada: o orgulho
De rico e de infância, que tanto o exalta,
Ergueu alta barreira entre nós ambos.
Que importa! o nosso amor é mais valente:
Iremos ambos a seus pés lançar-nos,
Dizer que a nossa vida pende agora
Do nosso amor. — Há de escutar-me afável,
A mim que mais que a vida estima e preza,
Último alívio dos seus curtos dias.

Eis nisto sobrevêm o pai turbado,
A quem roaz suspeita rouba o sono;
Mal vê o arrojo do mancebo, e a filha,
Que mancha os seus braços, prorrompe irado:

“Mal haja o vil, o sedutor corrupto,
Que tantos anos de honradez deslustra,
Cobrando a virgem de vergonha; e ao velho
Do opróbrio e negra infâmia!” Assim dizendo,
Leva a trêmula mão da clara espada.
Lampeja o aço aos olhos do mancebo,
Que sobre o peito inerme cruza os braços,
E não descora, nem recua: a virgem,
Que um amável terror empalidece,
Cobrando com seu corpo o corpo dele,
Não teme a folha trêmula, que oscila
Na mão que os muitos anos já cansaram.
A vida oferece a quem lhe dera a vida,
Que a amava tanto! — seu amor confessa,
Finezas dele, que a vencera amando,
Extremos de ambos que viver não podem,
Não sabem desunidos. Rude o velho
Medita e cisma, e conhecer intenta
O amor do jovem; quer talvez prová-lo,
Talvez do estranho arrojo quer puni-lo.
Ergue-se perto um monte de granito
Altivo, colossal, — no cimo erguido,
Nenhuma flor brotou, nenhum arbusto
Prestou-lhe grata sombra, onde asilado,
Canoro rouxinol soltasse o canto.
Com gesto brusco e breve o mostra ao jovem,
E diz-lhe em voz, de onde o furor transpira!
— “Se deste monte o píncaro vingares,
Tendo nos braços a mulher que adoras,
Sem que descanses...” — “Se o vingar?...” — “É tua;
Mas ai de ti, ai dela, se esmoreces,
Se a oferta iludes, si tua alma fraca

Aos teus desejos inferior se mostra!...”

É tua! — Estas palavras no mancebo
Coaram grato enleio; — gota amiga
Do orvalho no Saara, clarão nas trevas,
Brando calor nos polos. — “Minha! minha!”
Como louco bradava, e nos seus braços
Tomou, correndo, a virgem delicada!

CANTO II

Oh! que ditoso par! os corpos de ambos,
Que o amor ligara, estreitamente unidos,
La vão, como um só vulto, indivisíveis.
Prende o mancebo nos nervosos braços
O leve corpo dela, doce, ebúrneo,
Elástico e tão meigo!... Oh! que não possa
Linguagem de homem retratar ao vivo
O arroubo estreme, os êxtases divinos,
De quando a vez primeira, entre delíquios,
Unimos contra o peito, arfando ardente,
Uns peitos que se elevam, que se abatem,
Que suspiram por nós! — Os olhos de ambos
Cintilavam de amor! hálito ardente
Crestava os lábios de ambos, derramando
Mais do que vida, do que amor, nas faces
Que em vivo fogo ardiam. Amorosa,
Por que mais leve se tornasse, a virgem,
Lançando ao colo dele os níveos braços,
Meia suspensa lhe dizia:

— “Amado,
Não tenhas nímio ardor; sê mais prudente,
Calcula os passos, mede-os; ouço as pedras
Rolar-te sob os pés: mais vagaroso
Caminha; — a queda é morte, o afã, a pressa
Quebra o arrojo, enfraquece: — alcantilado

É deste monte o cume, — falta muito,
E do rosto o suor te corre em fios.”

— “Não sabes! por te amar daria a vida
Até a gota extrema, que em meu peito,
Que inda em meu coração girar sentisse;
E quando a própria vida me faltara,
Minha alma, e o que me espera além da morte,
Daria por te amar. — É fraca a prova
De sofrer doce peso algumas horas
Por viver em delícias longos anos.”

Anima-se, prossegue mais brioso,
Sorvendo sob os pés a senda ingrata.
Imensa multidão, a quem tal caso
Ali reúne, e tem como suspense,
Aplauda entusiasta, brada, clama,
Da base da montanha... — infindos rogos
Eleva, exalta ao céu: — “Coragem!” grita;
“Gentil mancebo, alento!” — Fraca, incerta,
Chegava ao par amante a voz ruidosa.
O mancebo feliz todo se embebe
No futuro gozar dos seus amores.
Bagas e bagas de suor cresciam
Na fronte afogueada: o rosto aceso
Ao desejado fim dos seus trabalhos
Volvia: a casta virgem, desprendendo
A loura trança, avelutada e longa,
Tentou limpar-lhe o rosto: mal sentira
A fragrância, o contato, o sangue em ondas
Correu-lhe ao coração, — a cor das faces
Sumiu-se de relance. — “Sofres! sofres!”
Inquieta a virgem perguntava. O triste
Começou de correr com novo alento.
— “A trança, a loura trança me eletriza,
Requeima o sangue e a pele, inflama e cega!
Querida, amada, mais que tudo amada,

Luz da minha alma, norte meu, feitiço
Desta existência, que sem ti é morte,
Oh! não queiras, por Deus, tirar-me as forças!”

Bradava assim, correndo; já mais fraco,
Inda mais fraco sente-se, — caminha,
— “Ouves? a bela virgem lhe dizia:
Quando assentares que vencer não podes
Esta íngreme costeira, não me digas;
Porém ao fundo abismo negrejante,
Que a nossos pés terrífico se cava,
Leva-me, por Deus, presa em teus braços,
E esta vida contigo ali se acabe.”

— “Que falas em morrer, tão nova ainda!
Soluçava o mancebo! oh! não, mais dias
Nos restam, mais felizes,—outros anos,
Outros tempos de amor, que estes não sejam.”

Já se apressa, já corre! — O povo amigo
— “Coragem! com mais força lhe gritava.
Açodado correu por longo espaço,
Salvando da áspera senda as pedras soltas;
Porém, do afã, por fim, quase vencido,
Com voz, louca de amor, bradava o triste:
— “Oh! como é doce este romper da aurora!
A brisa da manhã, como é suave!
Seca-me as bagas de suor do rosto,
Umedece os lábios ressequidos,
E outra vida melhor me influi no peito.”
E após instantes, prosseguiu mais baixo:
— “Quebrou-me este lutar com a sorte ingrata,
Quase vencido arquejo, os membros lassos
Movo a custo arrastados; mas espero...
Oh! inda espero de chamar-te minha,
De haver-te em prêmio deste afã penoso!”

Volvendo ao cimo da montanha os olhos,
Murmurava a donzela: — “Oh! Deus, tão alta!”
— “Bem alta, sim, porém vingá-la é força:
O amor é forte e compassivo; os brios,
De que preciso, m’os dará; mas dize,
Dize-me tu que serás minha, tudo
Que eu perderei, que eu lucrarei contigo,
E certo vencerei; — dize-me as doces,
Meigas frases de amor com que eu sonha
Esquecer-me da vida agra e pesada,
Que hei passado sem ti; que em te escutando
Esta fadiga esquecerei, lembrado
Do que me resta de prazer, de enlevos,
D’almas venturas a fruir ditoso.
Assim, assim; crava nos meus teus olhos,
Teus lindos olhos de um azul tão puro,
Como a cerúlea cor do céu, das ondas,
Por noite estiva e bela. Da tua alma
Leio neles a tímida esperança,
E como eles espero. — Um beijo, um beijo!
Esse macio dos teus lábios causam
Frenesi que transporta, que enlouquece!
Guarda-os por ora, — eles sufocam, roubam
O alento, a razão, — como um cautério
De fogo, inflamam,— o ardor, a vida,
Que prestam — são delírio, raiva insana,
E nutrem como a febre.”

Eis que o mancebo
Os passos multiplica nessa estrada,
Que mais se estreita, empina e cresce.
Enfim desapareceu! não toda, resta
Curta distância, que vencer é fácil;
Fácil, mas a membros não cansados,
Não exauridos de vigor, em luta
Perigosa e vital. — “Meu Deus, não posso!”
Murmurava entre si, a medo, e quase
Reflexo interior do pensamento.

— “Um passo mais!” bradava-lhe a donzela,
Em ânsias de transido desespero.
“Hesitas! desfaleces! pois morramos!
Plácido asilo a campa nos oferece,
Da morte o estreito umbral passemos juntos.”

Frequentes sons, agudos, nos ouvidos
Sente o mancebo, — transtornado o rosto,
Mal firme sobre os pés, semelha o tronco
Nutante, cerceado, que procura
O cimo undoso equilibrar nos ares.
Nada ouviu, nada viu, — nem mesmo o pranto,
O adeus extremo soluçado à vida
Risonha e bela e súbito cortada,
Quase ao romper da aurora. O pranto ardente
Caiu no peito do mancebo: — “Choras! tu choras!
Tenho os olhos vendados, mas sentido
Hei sobre o peito um requeimar de fogo:
Choras, tu choras!”

Delirante o moço
De um pulo ardido vinga o resto infando
Da senda malfadada: “É minha! é minha!”
Clama em delírio, mas a morte o colhe,
E d’entre os braços da que amava, o arranca!
Caiu gemendo; a mísera donzela,
— “Oh! vinde! socorrei-me!” repetia,
“Oh! vinde, que ele expira!” A turba entanto
Enchia os ares de aplaudir ruidoso.
— “Socorrei-me!” bradava enlouquecida.
Bradava a turba: — “A noiva, a bela noiva!
Oh! como os cabelos esparzidos
Com o resplendor do sol pleiteiam brilho?!
É bela, ardido o noivo, ambos felizes!”

Lindas capelas de mimosas flores
Fabricavam no entanto — um padre chamam,
Porque em laço de amor juntasse a ambos;
Mas as capelas definharam tristes
Em lutuoso esquife, — a mesma campa

Sorveu — leito nefasto — os dois amantes!
Somente o velho pai do nobre orgulho
No enterro filial o arranco extremo
Soltar medita, transformado em pompa.
Não querendo feliz a filha em vida,
Ao menos quer no mármore brunido
Mostrar poder, nobreza, e o esquartelado
Lutuoso brasão em campo negro.

CAXIAS
Ao aniversário da sua Independência.
1 de agosto.

Caxias, bela flor, lírio dos vales,
Gentil senhora de mimosos campos,
Como por tantos anos foste escrava,
Como a indócil cerviz curvaste ao jugo?
Oh! como longos anos insofríveis,
Rainha altiva, destoucada e bela,
Rojaste aos pés de um regulo soberbo?
À mímica definhaste em negro câncer,
Onde um raio de sol não penetrava;
Em masmorra cruel, donde não vias
Cintilar o clarão d'amiga estrela...
Oh! não, que a luz da esperança tinhas n'alma,
E o sol da liberdade um dia viste,
De glória e de fulgor resplandecente,
Em céu sem nuvens no horizonte erguido.

Eis o som do tambor atoa os vales,
O clangor da trombeta, os sons das armas,
A terra abalam, despertando os ecos.
— Eia! oh bravos, erguei-vos, — à peleja,
À fome, à sede, às privações, — erguei-vos!
Tu, Caxias, acorda, — tu, rainha,
Lamina de aço puro, envolta em ferro,
Ao sol refulgirás; — flor que esmoreces,
À mímica de ar, em cárcere de vidro,
Em ar mais livre cobrarás alento,
Graça, vida e frescor da liberdade.

Antemural do lusitano arrojo,

Último abrigo seu, — feros soldados,
Veteranas cortes nos teus montes
Cavam bélicas tendas! — Um guerreiro,
O nobre Fidié, que a antiga espada
Do valor português empunha ardido,
No seu mando as retém: debalde, oh forte,
Expões teus dias! teu esforço inútil
Não susta o sol no rápido declive,
Que imerge aquém dos Andes orgulhosos
Da África e da Ásia os desbotados louros!

Eia! — o brônzeo canhão rouqueja, estoura,
Ribomba o férreo som dum eco em outro,
Nuvens de fumo e pó lá se condensam...
Correi, bravos, correi!... mas tu és livre,
És livre como o arbusto dos teus prados,
Livre como o condor que aos céus se arroja;
És livre! — mas na acesa fantasia
Debuxava-me o espírito exaltado
Fráguas cruas de morte, o horror da guerra
Descobrir, contemplar. — Oh! fora belo
Arriscar a existência em pró da pátria,
Regar de rubro sangue o pátrio solo,
E sangue e vida abandonar por ela.

Longe, delírios vãos, longe fantasmas
De ardor febricitante!
À glória deste dia comparar-se
Pode acaso visão, delírio, ou sonho?
Ao fausto aniversário
Da nossa independência?
Aclamações altíssonas
Corram nos ares da imortal Caxias:
Seja padrão de glória entre nós outros
Santificada aurora,
Que os vis grilhões de escravos viu partidos.

A HARMONIA

I

Os cantos cantados
Na eterna cidade
A só potestade
Da terra e dos céus;
São ledos concertos
De infinda alegria;
Mas essa harmonia
Dos filhos de Deus
— Quem ouve? — Os arcanjos,
Que ao rei dos senhores
Entoam louvores,
Que vivem de amar.

II

E o giro perene
Dos astros, dos mundos
Dos eixos profundos
No eterno volver;
Do caos medonho
A triste harmonia,
Da noite sombria
No eterno jazer,
— Quem ouve? — Os arcanjos
Que os astros regulam,
Que as notas modulam
Do eterno girar.

III

E as aves trinando,
E as feras rugindo,
E os ventos zunindo

Da noite no horror;
Também são concertos
Mas esses rugidos
E tristes gemidos
E incerto rumor;
— Quem ouve? — O poeta
Que imita e suspira
Nas cordas da lira
Mais doce cantar.

IV

E as iras medonhas
Do mar alterado,
Ou manso e quebrado
Sem rumo a vagar,
Também são concertos;
Mas essa harmonia
De tanta poesia,
Quem sabe escutar!
— Quem sabe? — O poeta
Que os tristes gemidos
Concerta aos rugidos
Das vagas do mar.

V

E os meigos acentos
Duma alma afinada
E a voz repassada
De interno chorar;
Também são concertos
Mas essa harmonia,
Que Deus nos envia
No alheio penar,
Quem sente? — Quem sofre,
Que a dor embriaga
Que triste se paga
De interno pesar.

VI

Se a meiga harmonia
Do céu vem à terra,
Um cântico encerra
De glória e de amor;
Mas quando remonta,
Dos homens, das aves,
Das brisas suaves,
Do mar em furor,
São tímidas queixas,
Que aflitas murmuram,
Que o trono procuram
Do seu criador.

A TEMPESTADE

*Quem porfiar contigo... ousara
Da glória o poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?
— A. Herculano*

Um raio
Fulgura
No espaço
Esperso,
De luz;
E trêmulo
E puro
Se aviva,
Se esquiva,
Rutila,
Seduz!

Vem a aurora
Pressurosa,
Cor de rosa,
Que se cora
De carmim;
A seus raios
As estrelas,
Que eram belas,
Tem desmaios,
Já por fim.

O sol desponta

La no horizonte,
Doirando a fonte,
E o prado e o monte
E o céu e o mar;
E um manto belo
De vivas cores
Adorna as flores,
Que entre verdores
Se vê brilhar.

Um ponto aparece,
Que o dia entristece,
O céu, onde cresce,
De negro a tingir;
Oh! vede a procela
Infrene, mas bela,
No ar se encapela
Já pronta a rugir!

Não solta a voz canora
No bosque o vate alado,
Que um canto de inspirado
Tem sempre a cada aurora;
É mudo quanto habita
Da terra na amplidão.
A coma então luzente
Se agita do arvoredor,
E o vate um canto a medo
Desfere lentamente,
Sentindo opresso o peito
De tanta inspiração.

Fogem do vento que ruge
As nuvens aurinevadas,
Como ovelhas assustadas

Dum fero lobo cerval;
Estilham-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emaranha, — salgadas
As ondas se estancam, pesadas
Batendo no frouxo arcal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas,
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!

E no túrgido ocaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentâneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio cintila e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rápido instante
Se converte de incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e oco
Rouqueja, e na amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — dum ponto a outro corre:
Devorador incêndio alastra os ares,
Enquanto a noite pesa sobre os mares.

Nos últimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, tolda, baqueia também;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas asas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E enquanto à luz do raio o sol roxeia,
Onde parece à terra estar colado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,

O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruínas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,
Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco num rápido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
Mas se à terra desceu, mirra o tronco.
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,

Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastígios sem dó;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palácio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupara,
Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobres regatos se empolam,
E nas turvas ondas rolam
Grossos troncos a boiar!
O córrego, que inda há pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravia,
Que da praia arreda o mar.

Mas ah! do desditoso,
Que viu crescer a enchente
E desce descuidoso
Ao vale, quando sente
Crescer dum lado e d'outro
O mar da aluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tetos arrasados,
Inteiros, flutuantes,
Dão antes crua morte,
Que asilo e proteção!

Porém no ocidente
Se ergueu de repente
O arco luzente,
De Deus o farol;
Sucedem-se as cores,

Que imitam as flores,
Que lembram primores
Dum novo arrebol.

Nas águas pousa;
E a base viva
De luz esquiva,
E a curva altiva
Sublima ao céu;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado
Quase apagado,
Como embotado
De tênue véu.

Tal a chuva
Transparece,
Quando desce
E ainda vê-se
O sol luzir;
Como a virgem,
Que numa hora
Ri-se e cora,
Depois chora
E torna a rir.

A folha
Luzente
Do orvalho
Nitente
A gota
Retrai:
Vacila,
Palpita;
Mais grossa,

Hesita,
E treme
E cai.

Gonçalves Dias

**Poesia Póstuma
(1844-1864)**

A ESMERALDA

Vede a soberba divinal criatura
Na *Corte dos Milagres* milagrosa!
A caterva brutal estrepitosa
Estranha e pasma tão gentil figura.

Encobre a peregrina formosura,
Tão estranha de si — tão graciosa,
A mente inda mais bela e mais formosa,
E inda mais pura do que a neve pura.

Ao ver a cortesã face mentida
Desse que te salvou, que tanto amaste,
Perdeste o coração — perdeste a vida.

Não quebrou teu amor cruel tortura,
Com ele inda no cárcere cismaste,
Foi dele o teu pensar na morte escura.

A CLÁUDIO FROLLO

Na mente renegando o altar sagrado
Por sequires do século a demência,
Quiseste consumir tua existência
Em busca do segredo em vão buscado.

Já hoje tens o rosto descorado
Nas vigílias da acesa inteligência,
Que intentaste, rival da Providência,
Do saber divinal fazer achado.

Esse raio do sol, tua obra d'oiro,
O sábio — já o vês — produz o amor —
O amor, coisa melhor que o teu tesouro,

O amor — a só ventura dos humanos,
Prazer celestial — ardente flor,
Que não pousa nas cãs dos tardos anos.

AO QUASIMODO

A disforme cabeça lhe descia
Entre dois ocos montes; na achatada
Fronte por fulva coma sombreada
Um olho de ciclope aparecia.

Um tetraedro por nariz trazia,
E da nojenta boca desdentada
Por entre a dentadura feia e usada
Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calosos,
Era todo seu corpo um calo inteiro,
Um composto de calos monstruosos!

E dele se dizia: É vesgo infame,
Corcunda — torto e coxo e feiticeiro,
Sineiro atroador de *Notre-Dame*.

A NOTRE-DAME DE V. HUGO

Satanás passeando — veio um dia
Ao mundo sublunar e viu criada
A formosa Esmeralda — doce fada,
Vivo sonho de viva fantasia.

Ora o diabo tem queda p'ra ironia.
— Hei de pregar, disse ele, caçoada
No padre eterno, que não sabe nada,
Se não sabe o que é bom em poesia.

Falou desta maneira o Sr. Diabo,
Escoucinhando no ar, como um jumento,
Coçando a fula orelha e alçando o rabo.

E foi o resultado deste evento
Parir ao Quasimodo — que no cabo
C'o anjo do Senhor fez casamento.

EPÍSTOLA
Descrição de Pitões

Ao Pinheiro imortal — ao doce filho
Da cândida Minerva, que de loiros
Tem um ramo abichado pequenino
Neste ano — lodo em férias engrolado.
Envio meu saudar — meu canto envio.

Queres vir-te sepultar
Numa terra malfadada
Onde não ha que gozar
A não ser triste queijada
Que é pior que o rosaltar?

Quem disto se agradaará?
Deste aborto da natura,
E do que se faz por cá
Vou-te fazer a pintura,
E se te agrada, vem já.

Em sinal de religião,
Conquanto com grande mágoa
Este bom Povo Cristão
Resolveu não chegar água
Nem aos pés — nem ao carão.

Da língua lusa coitada
E do imundo galego
Fazem tal moxinifada
De que tu terias medo
Sem poderes pescar nada.

Pelas ruas mansamente

Passeia o novilho, a vaca,
E durante a noite algente
Pela serra o lobo ataca
A um cristão civilmente.

Que erro tão saliente
Da extraviada natura!
Que a gente fuja da gente,
E que o lobo mais prudente
Ame tanto a criatura!

E aqui o vinho é tal,
Quando o há, que é alcatrão,
E Baco dá-se tão mal
Que aos da sua devoção
Faz ter jejum natural.

E a Deusa da Poesia
De tiszada rubra tez
Levanta a cabeça fria
Dentre as caldas do Gerez,
Que é do povo a simpatia.

O Deus Apolo é baldado,
Não têm seus raios calor,
Não há'qui verão torrado,
Porém o inverno gelado
Domina como senhor.

E chove tanta geada
Durante a fria estação,
Que se não pode ver nada,
Nem se pode ter entrada
Em qualquer habitação.

Cobre a terra a neve dura,
Corre o ar frio que estala,
E do colmo à dependura
Cabida neve — figura
Imensa gruta de Staffa!

Não reinam *fados* também Neste Pitões — tão amigo,
Que amigo não tem ninguém,
Não me lembra mais — que digo,
E se isto te agrada vem.

Estás aqui — estás na Galiza,
Isto vai — em note bem:
E quem de carne precisa
Come enfumado presunto
Ou mata em casa e foz bem.

Pitões — Setembro de 1844.

EPIGRAMA

A uma acadêmico da Escola Médico-Cirúrgica do Porto

Olha, doutor, a poesia
É donzela melindrosa
Que aborrece a malcheirosa
— A nojenta anatomia

Porto — 1 de outubro de 1844.

NO ÁLBUM
DE MEU AMIGO JOSÉ HERMENEGILDO XAVIER DE MORAIS

Pelo monte agreste e duro
Vai a ovelhinha coitada,
E da lã mais alva e fina
A porção mais delicada
Ali fica entre as giestas,
Entre o tojo cardador.
Tal o homem vai deixando
Preso em laço feiticeiro
Seu pensar — seu peito — e alma,
Mas no instante derradeiro
Lá se parte mutilada
Pungida — d'acerba dor.

A nossa idade não pensa
No porvir — na sepultura;
A vida se liga, como
Se fora eterna a ventura,
Como se ao pó ter a mente
Devesse profundo amor.
Mas na velhice prudente,
Em cismando no passado
Que? dissemos — pois eu velho,
Já sobre a campa inclinado,
Como sôfrego respiro
Do que foi na murcha flor?

Ó velho, sabes por que
Noutros tempos — tua mente
Por tudo que era criado
Nobre amor sentiu ardente,
Por que amou do mar as vagas,
E as folhas da linda flor?
Foi porque ainda recente
Na dura escola da vida

De amores se alimentava:
Era alma — há pouco — sabida
Formosa, cândida e pura,
Dentre as mãos do Criador.

E nós inda em nossa pátria
Longe — longe — viveremos,
Mesmo ali — agra saudade
Um do outro curtiremos;
Mas acaso pode a ausência
Nossa amizade quebrar?!
Não o creio — que mais bela
Se fará de dia em dia —
Como suave perfume,
Como celeste harmonia,
Que no silêncio da noite
Nós gostamos de escutar.

É tudo pois sofrimento...
Tudo penar nesta vida.
Tudo o talvez ansiado —
Martírio d'alma afligida?
Pois o riso acaba em choro
E o prazer em aflição?
Assim é — só dura o pranto
Corrosivo — amargo — e lento,
Dura o pesar dentro d'alma,
Dentro dela o sofrimento,
Como a lava sempre estua,
Sempre ferve — no vulcão.

Pitões — 1 d'outubro de 1814.

ORGULHO E AVAREZA

Vede o inculto novilho em liso plaino!
Orgulhoso senhor de vastos campos
Troa irado e feroso,
E o bosque atroa e o pó sutil expande
Com as unhas bipartidas — e nos troncos
Ensaia os fortes galhos.

Embalde o afaga o agricultor que o chama,
Embalde esconde o jugo poderoso:
Ele para — e recua —
Dos olhos — cor de sangue — as iras pulam
Que a indômita cerviz — não sói curvar-se
À mansa voz traidora.

Assim, fui eu também no albor da vida
Orgulhoso, como ele, e forte d'alma
Dizia eu entre mim: “Que força humana
Há i capaz de me vergar escravo?
Que braço — que poder — ou que potência
Neste mundo, em que eu sou — pode curvar-me,
E assentar-me no colo o jugo escravo?

Ninguém — ninguém o pôde! Assim na terra
Hei de a vida passar co'a fronte erguida
A todos sup'rior — maior que os grandes
Hei de entre eles sentar-me ébrios na vida,
Hei de sentar-me — e crente — e bardo — n'harpa
Cantando o nome do Senhor, que pune,
Da vida nos festins cantando a morte.

Foi Deus — que me puniu — acaso o orgulho
Em nós pode caber — em nós abortos

De incompleta feitura — uns quase vermes
Que sobre a lama — e pó — nos arrastamos?
Foi Deus que me puniu: coa fronte baixa,
Coberto o rosto de vergonha — e tímido
Como aos pés do senhor um vil escravo
Subi de um rico a escada — suplicante.
Vilão mesquinho! dentre os frouxos lábios
Sorriso frouxo despontou; — e a testa
Baixa, e curva, e calva, e as faces
Cheias de ruga — de palor, — e o rosto
Vidrado — e baço — eram ruim composto
D'avarento feliz. c'os pés no féretro.

Teu nome — não direi — que fora eterno...
Foste sem ele em vida, em morte — o sejas!
Ah! que se eu não quebrei n'aquele instante
A minha harpa — inda então desconhecida —
Foi porque ainda queria confessar-te,
Ó meu Deus — que foi grande o teu castigo.
Foi porque ainda queria ao mundo inteiro
Por mor vergonha minha — confessar-me
Baixo — infame — e vil — quando essa escada
Do avarento subi! — que não esmola.
Mas um favor pedindo!

Pitões — 5 de novembro de 1844.

AUSÊNCIA

Se triste a minha vida decorria
Bem junto ao lado teu, que eu tanto amava,
Ouvindo a tua voz que me encantava,
Teu doce suspirar que me prendia,

Que mais triste não sou, do que soia,
Nos solitários dias que ora passo!
Meu anjo, meu amor, a fantasia
Finge o teu rosto em vão no etéreo espaço!

Nesta ausência — que a morte me retrata —
Vejo sempre o teu rosto tão formoso
Que a pureza dos anjos cobre, esmalta
Como luzindo em templo majestoso!

És belíssima assim — como a pintura
Que Rafael nos céus desenharia,
Querendo idealizar-te a formosura.

Mas tão grata visão não me extasia;
Que, se brada minha alma pela tua,
Ficas sempre pintura e muda e fria.

Então bravejo contra a sorte crua
Que tão longe de ti pôs meu tormento,
E minha alma de paz despida e nua.

Que mais longe de ti — meu pensamento
Mais luto veste e vive como o inferno
Na hora do penoso passamento.

Como é triste a minha vida,
Como é triste o meu penar,
Como é triste andar no mundo
Qual fantasma — a tropeçar!

Como é triste o céu sem luzes
Depois que a tua brilhou,
É bem triste o dia de hoje,
Foi bem triste o que passou.

Definha — emurchece e morre
O meu pobre coração,
Como a flor durante a calma
Do bem calmoso verão.

Se o sono me fecha os olhos,
Da saudade — o pavoroso
Fantasma consumidor —
Torna-me o sono penoso.

Ah! quero sonhar contigo,
Quero ter meu coração
Como no céu uma estrela,
Como a fresca viração.

Quero ouvir a tua voz
Que me diga: — És meu amor!
Qu' enxerte dentro em meu peito
Da esperança a bela flor,
Que me entorne dentro d'alma
Alento consolador.

Quanto eu seria feliz
Se me pudesse esquecer

Que fora tirar-te a vida
Doar-te o meu padecer!
Mas vive feliz — e alegre
Que eu triste bem sei morrer.

Pitões — Dezembro de 1844

VISÕES

I

O ÍNDIO

E noutro quadro da minha alma os olhos
Mais distinta visão me figuraram.
Pareceu-me voar por sobre montes,
Por sobre altivas matas seculares,
Por sobre ínvios desertos — onde o tigre
Perdendo o faro da espelunca, os ventos
Inquire — e anda e ruga e se extravai!

E eu voava docemente, como
Vaga doce no céu a lua amiga,
E pareceu-me acordar! — Uma clareira
Se estendia à meus pés; meus olhos débeis
Desafeitos da luz — volvi medroso
Em torno — em busca de uma esperança: embalde!
Que eu só, no bosque, no rugir das folhas,
Na vaga ondulação que rumoreja,
Da brisa ao sopro — entre a folhagem espessa
Casos de feio azar me futurava.
Mas de repente se me oferece aos olhos
Um vulto quase nu — deitado ao longo
Sobre o verde tapiz de relva e flores;
Tinha os olhos no céu — cruzados tinha
Os braços sobre o peito hercúleo e largo:
Era um jovem tupi — galhardo e nobre,
De presença gentil — e tinha aquilo
Nos olhos negros e no rosto franco
Que a não vulgar estirpe indica e nota.

Salve! lhe disse ao Índio — Ele sisudo
No idioma vulgar tornou-me: — Salve!
— Sois índio, prossegui. — Sou índio, disse.
— E donde houveste esse falar tão puro?

Sentando-me inquiri. Nos olhos dele
Breve clarão luziu de escárnio e de ira.
“Homens de branca pel’ são como as gramas:
Perguntam — falam sempre e sempre, e tornam
Sem pausa, e tanto que me fora pasmo
Vencê-los a mulher que eterno fala!”

O CANTOR

Não me colhas rancor, Tupi — falei-te
Porque o acento que soar não usa
Na voz de teus irmãos — me encheu de assombro.

O ÍNDIO

Daqui há muitos sóis — vivi! — Há tempo
Que esse tempo passou, que mais não volte!

O CANTOR

Perdoa o meu falar — que de mor pasmo
O peito me povoa! Que viveste
Outra vida melhor para voltares
Ao teu viver primeiro — mal pensaste!
Não somos nós irmãos — a tua pátria
Não é a pátria minha? Ali marcada
Não tinhas outra vida — outro futuro?

O ÍNDIO

És dos grandes também — tu que assim falas,
Desses que aos índios têm no rol de escravos
Irônico sorrindo me inquiria.

O CANTOR

Oh! não — sou corno tu — tenho na letra
Livre o passo — tenho a mente livre —
Tenho a imensa extensão dos céus, dos mares,
E o verde escuro das compridas malas,
E a fonte e o rio — e o bosque — e a terra — e tudo
Que a vista alcança e vê — tudo que a mente
Ardente poetisa além do espaço.

O ÍNDIO

És acaso Tupã?! bradou-me o índio.

O CANTOR

Não, não sou Tupã — Cantor me chamam.

O ÍNDIO

Em verdade és Cantor, és desses meigos
Filhos do sol, amigos do silêncio,
Aos quais almo Tupã visita em sonhos.
Ali! vem, Cantor, sentar-te a sós comigo,
Falemos doutros tempos — doutras coisas,
Que a voz dos teus de melhor grado escuto,
Do que o fagueiro sussurrar da brisa,
De tarde ou de manhã — por entre as flores!
Ah! — feliz o cantor! quando ele fala
A voz dos Manitôs — se escuta, e a língua
De nossos pais, que alem dos Andes moram.
A tribo dos tupis — também num tempo
Foi rica de cantores, que ora o povo
Luta contra Anhangá — prófugo e fraco,
E mais que feitos — ou vitórias cisma
A fuga do vencido sem combate!
Já cantores não tem — nem ter precisa.
Que, deves de o saber, não solta o canto
O terno sabiá — nos ermos onde
O fúnebre urubu desata o grasno:
Alas entre as flores da amorosa acácia.
Derramando o trinado entre perfumes.
Compraz-se — amigo e mavioso...” O índio
Co’a fronte baixa emudeceu — tornando
Após instantes com mais triste acento.
Como o que sente dor — mas d’al pratica.

“Foi meu pai dos Tupis — último chefe
E quando o búzio atroador soprava
Três mil guerreiros concorriam preste
Ao guerreiro festim! — Ora num dia
De mau agoiro e trovejado — ouviu-se

Um rouco estrondo — que do ocaso vinha:
Não era a raiva do tufão, que açoita
E prostra — e lasca os troncos — nem dos ventos
Era o bravo lutar co'as ermas praias.
Nem a voz do trovão — que rola forte
No vasto imenso espaço: — era um ribombo
Que fazia tremer os pés na terra
Como sobre o batel cortando as águas.
— Fomos aos Piagas, perguntar que males
Nos futurava o arcano — embalde o fomos!
Disseram todos não poder sondá-lo,
Mas que era augúrio de tremer — o augúrio
Que sobre-estava ao seu saber divino!
No entanto — um deles — ancião, pintava
Outro mistério estranho sobre a área,
E aos sons do maracá cantando disse,
Lançando raios no volver dos olhos,
Figurando o trovão na voz troante.

Treme — ó povo Tupi — já não és povo
Eleito de Tupã,
Sumiu-se o teu poder como uma sombra
No luzir da manhã.

Não vês que ao fero Deus do mal cultivava
A tribo Cramecrã?
Por este novo culto não trocaste
Tu mesmo ao Deus Tupã?

Não vês que vida efeminada e mole
Vive o Tupinambá,
Na tribo Cramecrã buscando esposa
— Na tribo d'Anhangá?

Não vês que negra infâmia cinge a tribo
Dos tredos Aimorés,
Que aos rios fogem por fugir aos fortes
Dentes dos jacarés?

Tupã não vos quer ver — que vos fizestes
Escravos d’Anhangá!
Treme, nação Tupi: — soluça, geme,
Povo que foi já!

Mas um dia virá, bem longe d’hoje.
E os teus livres serão;
Mas esse dia — não verás, ó povo,
Teus filhos — também não!”

Disse o Piaga e morreu! Tornara o Índio
Depois de um breve descansar arfado!
“Ah! bem feliz é o que, morrendo, evita
Ouvir a voz dos seus — gemendo — escravos...
Adeus, Cantor — adeus! que a minha pátria
Não é a tua, não — mas este vasto
Fronroso praino — estes vestidos serros,
E o imenso azul dos céus. — E a minha vida
É ver a nuvem cambiando cores,
E os cabelos do sol por sobre a terra,
E tranquilo escutar o ledro sopro
Da brisa que murmura — e o som das águas
Trepido sobre as pedras — o confuso
Rumorejar das matas — o continuo
Pavoroso lutar co’as bravas feras!”

Eis nisto um tigre na floresta ruge,
O índio atento escuta — e logo — a senda
Precipite invade — e vai sobre ele.

Pitões, 25 de dezembro de 1844.

II

O SATÉLITE.

Era uma noite de luar formosa —
Das belas noites do Brasil; mil astros
O meigo azul dos céus brilhando arreiam;
Vai a vista perdida além das nuvens,
E cansada se volve sobre a terra;
Pela imensa extensão do verde escuro
Vasto praino frondoso se derrama —
Vê sobre as folhas o luar dormente,
Melancólico e puro — não sussurra
Da noite a viração — não ruge o tigre.
Vai a noite calada — ao longe apenas
Trépida veia de cristal murmura.

Nesta doce mudez, neste silêncio
Mais grato aroma a flor agreste exala —
Vaga a mente mais livre, e pensamentos
Mais singelos, mais puros, mais sublimes
Nutre mimosa — e este enlevo d'alma
Sobe ao trono do Senhor — qual sobe
O perfumado incenso — o grato eflúvio
D'hino piedoso que no templo ecoa.
O crime é cego e surdo — ele, só ele,
Tais encantos não vê, não sente enlevos.
Consigo do Senhor avilta as obras,
E a alma enegrecida, e suja e feia,
Como os restos de uma harpa harmoniosa
Sobre o pó terreal manchando arrastra.

Vai sob a mata um cavaleiro, e deixa
— Pensativo que vai! — pender as rédeas
Do seu corcel que se embalançam livres.
Roçando o peito equino. — Cavaleiro,
Que negro fado é o teu que a tais desoras
Te obriga a viajar? — Talvez que um tigre
Saltando sobre ti co'as férreas unhas
Te aferre os dentes — e ao teu rubro sangue
Misture a espuma das sanguíneas fauces.
Oh! que homem és tu? donde vieste?
Tu que sem armas por aqui viajas,

Por sítios, — onde vela de contínuo
O crime infesto — a sórdida vingança?
Assim vais, por que inimigos não conheces?
Mas tu não sabes — que é perdida a conta
Desses que assim viviam, que morreram
Às mãos cobardes do assassino — quando
Talvez julgassem de abraçar amigos?
Tu pensas!... Em que pensas? Na tua casa
Risonha e festival — num ermo oculta;
Pensas na cara esposa que te aguarda,
Ou nos teus filhos — teu pensar contínuo?
Ou no rico vilão — a quem tua alma
Altiva, e nova e grande — há pouco irada
Fez humilde vergar? Ah! néscio! néscio!
A mente do que é vil inveja à nobre;
A inveja do que é vil ou mancha ou mala.
Quebrou-se a estrada aqui — o cavaleiro
Vai dando volta — e sente-se ferido.
Varou-lhe o coração a baila infame.
E o ousosom tocou — e a chama breve
Nos olhos — turvos, baços — nos ouvidos —
Cheios de um longo retinir confuso.

Corria a noite em meio — a lua a pino
Um raio seu de amor por entre as ramas
Enfiava custoso — o morto e o vivo
Quais dois amigos — que um só leito encerra —
Dormiam juntos! O corcel mais longe,
Do sangue indo a fugir — tosava a relva,
Co'o freio acanhador — rasgando a terra.

Pitões — 1844.

NO ÁLBUM
DE MEU AMIGO ANTÔNIO CARDOSO AVELINO

Como sentimos no peito
Penosa melancolia,
Quando o sol vai sobre o ocaso,
Quando morre um belo dia,
Tal é a saudade amarga
Que eu sinto por te deixar.
Será eterna? quem sabe!
Escuto o mar que rouqueja
Sobre a extrema do horizonte
Vejo a nuvem, que negreja,
E as ondas, que bravas lutam,
E a imensa extensão do mar.

Nesta vida transitória
Onde tudo é passageiro,
Quem soluça o Adeus de um dia
Não soluça o derradeiro?
O real que há neste mundo
E sofrer, penar, morrer.
Vou-me pois de ti saudoso,
Vou rever a minha terra,
Esperanças dum futuro
Brilhante, meu peito encerra:
Mas que dores lá me esperam?
Mas o que hei de lá sofrer?

E quando triste pensares
Na nossa pura amizade
Que nunca sofreu desconto,
Certo que a triste saudade
Na tua alma bela e pura
Seus espinhos gravará.
Mas passe um lustro — se o acaso
Nos levar à estranha gente,

Se em mim primeiro atentares
Não cuidadoso — indiferente
Farás a cruel pergunta:
Este homem — quem será?

Esse homem — foi tua alma,
Foi dele o teu pensamento,
Tua foi sua alegria,
Dele foi o teu tormento.
Chorastes ambos pensando
Na longa separação.
Fostes amigos sinceros
Extremos ambos cismastes
Foi ele — que te amou tanto.
Foi a quem tanto amastes.
Que de ti — tão longe vive
Tão perto — no coração!

Porto — Janeiro de 1845.

À RESTAURAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL
e o nascimento do herdeiro presuntivo

Acorda — acorda — ó Vate! — Eis que a alegria
Do profundo cismar vem distrair-te,
E — cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.
Exulta, ó Vate, exulta! ergue o teu canto.
Esse teu canto recendendo aromas
Serenos — como a brisa, e tão suave.
Como orvalho do céu.

Não vês? — Se a grande enchente arrasa o leito
Do mesquinho regato — as ondas fervem
Contra a riba impotente, e longe cobrem
A esmeraldina cor dos vastos campos!
O terno sabiá desata o canto
Apenas o sentir lhe aperta e oprime
O estreito coração. — Exulta, ó Vate!
É tempo — acorda — o teu cantar desfere
Como a enchente — profundo: e meigo, como
Trinar do sabiá!

Anos e anos padeceu mesquinho
O Rio Grande — uma província inteira
Aparelhada de horror — tristeza — e luto —
Envolta em maldições — envolta em pranto!
Ali — negra discórdia — o facho aceso;
Vibrou sanguinolenta; ali sentou-se.
E soberba reinou por longo espaço.
A raiva se ateou; quem tinha braço
E espada que vibrar, vibrava a espada —
Quem tinha dores que sofrer — sofreu-as.
Quem olhos tinha que vertessem pranto.
Pranto amargo verteu! — Assim cansou-se
O braço — e o coração; mais pura a vista.
Porque se adelgaçava o véu das lágrimas

Quando pode enxergar — descortinava...

O quê? — destruição — incêndios — mortes!
Ruínas fumegantes... — Com tal vista
Criou a nova dor lágrimas novas —
Criaram nova força arfados peitos
Que a tantos anos de sofrer viviam!

Então por sobre os combros derrocados,
Por sobre os feixes d'armas bipartidas,
Entre montões — de extintos insepultos —
Errava o incerto pé da mãe, da esposa —
Tremendo de encontrar feições queridas
Na face envolta em pó — colada ao sangue!
Aqui chorava a filha, e contra o peito
Mil e mil vezes apertava o exangue
Paterno rosto de palor tingido,
Na delirante dor julgando-o vivo.

E a espada calho do braço armado,
E o canhão não soou rugir de morte.
Eram todos irmãos — sofriam todos!

Nós, Caxienses, nós — também sofremos.
De fraterno lidar o fel amargo
Provado hemos também. — Assim mais leda,
— Irmãos na mesma dor — será nossa alma
Mais intenso o prazer, mais alto os vivas.

Mas vede! Como o sol, brilhante e claro
No frescor da manhã — dourando as nuvens,
A prole de Bragança — ei-la que nasce,
E a discórdia civil — raivando ulula,

E o civil batalhar soberbo — infrene
O extremo arranco soluçou raivoso.

Acorda! acorda! — ó Vate; eis que a alegria
Do profundo cismar vem despertar-te,
E cheio de prazer — em meio às turbas
Palpitantes de amor — arremessar-te.

Caxias — 9 de maio de 1845.

AO ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO MARANHÃO

Avante! avante! ó Bravos — Do Ipiranga
Soou do nobre peito altivo grito,
— Independência ou Morte! — Heroico brado
De sublime sentir, que nobres sentem,
Por vis não compreendido; um Povo inteiro,
Unísono responde — à voz excelsa —
Ruidoso e forte — Independência ou Morte!

Arrochados grilhões suporte o escravo,
Não desponte sequer nos lábios dele
A prece humilde do que implora a vida,
Suporte afrontas vis — o ente infame
As injúrias, baldões, escárnio afeito,
Em cujas faces o pudor não brilha,
Em cujas veias já não gira o sangue,
Em cujas lábios não borbulham vozes
De raiva — de rancor d'honra ofendida.
Mas o que tal não for — o que no peito
Sente gravado em firmes caracteres
— Amor e Pátria — e Liberdade e Honra —
Sopese a lança e leve a mão da espada,
E venha à campo apercebido em guerra.

A Pátria chama aos seus — ou morte ou vida.
Ou luz ou trevas da batalha pende —
Liberdade ou morrer! Avante! ó Bravos.
É grato ao Lidador a lide acesa,
O pó do campo — o estrépido das armas,
Da baila o sibilar; — fértil o sangue
Do que procura a liberdade saneia,
Honrosa a morte que liberta a Pátria.
A Pátria chama aos seus — Maldito o filho

Que ao prantear da mãe não verte pranto,
Maldito o cidadão — que não tem braços,
Sangue nem coração, que tributar-lhe
Quando ela em dia aflito — aos seus convoca.

Terras do Maranhão — terras ditosas,
De galas, de primores revestida,
Que o avaro Holandês tanto almejava,
A bela França cobiçou teus mimos,
E ufanas de se ver sobre os teus mares
As flores três de lírios — assumiram
Fulgor mais vivo — no teu céu brilhante !
E as quinas de ver o fero aspecto
Do negro Adamastor — quase temeram —
No cabo das procelas combatido —
Amavam pelos ares deslizar-se
Da tua mansa brisa ao leve sopro,
Como depois de um sonho tormentoso
Ama o triste acordar à luz da aurora.

Terras do Maranhão — terras viçosas!
E o estrangeiro há de colher teus frutos,
Calcar-te o solo — espedaçar-te as flores,
E tu erma serás — escrava e muda,
E tu sem filhos — sem valor — sem alma.
Oh! não — que o brado excelso do Ipiranga
Elétrico voou por montes — vales —
Do mar nos altos Andes repulsando
Do Prata às férteis margens do Amazonas.

E esse brado passou! — depois silêncio.
Depois lidar aceso — mortes — prantos.
E a alegria por fim, que a torva morte
Aflições e prazer remata em breve.

Mas do tempo que foi — que resta agora?
Memória apenas — recordar de males,
Suave, quando o tempo os tem quebrado.
Agora resta amor ao pátrio solo,
Amor à liberdade — à Independência
Do Brasileiro Império em mundo novo,
Erguido em verdes prainos vicejantes:
Agora — amor à prole de Bragança,
A Pedro — Imperador.

Caxias — 28 de julho de 1845.

HINO AO DIA 28 DE JULHO
(*para ser cantado*)

Fomos servos — noutros tempos,
Curvados à prepotência:
De estrangeiros soberanos
Mendigamos a clemência.

Diziam que a liberdade
Nos podia ser fatal
Como nas mãos de um menino
Unido e fino punhal.

Diziam que nossos olhos
Afeitos à escuridão
Suportar não poderiam
Da liberdade o clarão.

E nós — Homens — Brasileiros
Nós sujeitos — nós curvados,
Fomos servos largos anos,
Largos anos — negregados!

Mas enfim lá do Ipiranga
Altivo grito soou:
Somos livres — longe o eco
Somos livres — reboou.

Esse grito — foi principio
De existência vigorosa,
Como incêndio erguido em breve
De centelha duvidosa.

Esse grito foi em todos
Um só braço, um só querer,
Voz de mil vozes acordes:
Independência ou morrer.

E do norte ao sul — do ocaso
Do sol até ao nascer
Festivo grito responde:
Independência ou morrer!

E a liberdade,
Essa donzela
Cândida e bela
Filha dos céus,
Entre nós outros
Sem crua guerra
Desceu à terra
Das mãos de Deus.

Já somos livres,
Oh! não cismemos
Do que sofremos
Em nos vingar.
Irmãos — amigos
Todos sejamos,
Que respiramos
O mesmo ar.

Pois que seguimos
O mesmo norte
Co'a mesma sorte,
Co'o mesmo azar,
Maldito aquele
Que ousar primeiro
O nó fagueiro
Despedaçar.

Caxias — 1845.

A CERTA AUTORIDADE
que ameaçou os músicos por terem tocado no aniversário da Independência
de Caxias.

Eu julguei que o fausto dia
Desta nossa independência
Merecesse mais clemência,
Quando não simpatia,
Desta nossa fidalguia
De Caxias!
Mas por minha alma que não.
E não sei
Por que pecados,
Mas é certo que um coitado
Coronel
Presunçoso,
E medroso,
E cruel,
Que só sabe pintar letras,
Ordenou à nossa orquestra
De ser muda neste dia,
Ou do contrário a faria
Recrutar,
Ou tocar
Nas masmorras do quartel!
Certamente
Nunca vi
Bem te vi
Tão demente!
Pois, coronel tresloucado,
Queres meter na enxovia
Os filhos da Melodia,
Só por haverem tocado
Em tão majestoso dia?
Não o creio — mas parece
Que ouvi-los te aborrece,
Que ouvi-los te não recreia,

Ou que amigo, ou que parente,
Amado mui ternamente
Tens preso lá na cadeia.

Realmente,
Coronel,
Tens uma alma
Bem cruel.
Tens uma alma
Pavorosa,
Que não goza
Deste mundo
Senão quando
Escuta o grito
Miserando
E profundo
De um aflito
Sem delido,
Que geme,
E suspira,
E delira
Em masmorra
Cruel.

Caxias — 1 d'agosto de 1845.

TRISTES RECORDAÇÕES!

Meus amigos d'infância, onde são eles?
Digo em redor de mim volvendo os olhos.
Asinha mos roubaram
A fortuna — ambição — prazer ou glória,
Longe — bem longe são; eu no meu ermo
Procuro-os, mas embalde!

E a ventura se me foi, qual linfa
Que se escoa das mãos sem ter molhado
Os lábios ressequidos,
Foi corno o viajor que à grata sombra
Se abriga da palmeira — onde seus passos
Não mais o guiarão.

E essa que tanto amei — que amou-me tanto,
Cuja presença me escaldava a mente,
Cuja voz me encantava,
Cujo silêncio me falava n'alma,
Essa mulher — tão terna — e amante, e pura!
Essa mulher deixei-a!...

Deixei-a por não dar-lhe em recompensa
Um tálamo de espinhos — uma taça
De lei e de amargores.
Deixei-a porque horrível é meu fado,
Minha vida penada, e eu não quisera
Assassiná-la comigo.

E agora, que me importa que a flor brilhe,
Que o sol nos céus — splêndido cintile,
O mundo que m'importa:

Certo que a flor não me dará, que eu espere,
Nem o sol novo amor — nem o universo
Me pode dar ventura!

Serei julgado ingrato — e logo o tempo
Da mente dela — varrerá meu nome,
Dos seus olhos meu rosto:
Eu porém guardarei — o que era d'ambos
— A lembrança de amor tão malogrado,
Minha vida na terra.

E quando a morte rematar meus dias.
Nesse instante em que a alma tudo esquece
Dela me lembrarei:
Foi ela quem me deu algum alívio.
Dela a ventura que frui na terra,
Dela — vida e morrer.

É triste a vida do homem descuidoso,
Que vive só na terra — e nunca eleva
O pensamento aos céus;
Porque a vida é breve como a flor da terra,
Só a esperança que o infinito almeja
Não pode perecer.

Caxias — 9 de agosto de 1845.
Às 3 horas da manhã.

AO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DE S. M. I.

Pudesse eu, triste vate, semelhando
O ronco do trovão, que ruge irado,
Alçar — entusiasta — ingente brado
Dum polo — noutro polo, repulsando.

Pudesse, além das nuvens remontando,
De mil astros brilhantes rodeado,
Derramar — sobre o globo eletrizado
Seu nome, entre mil nomes fulgurando.

Pudesse — a um brado tal o doce encanto
Juntar de um terno cisne moribundo
Que o alento final transforma em canto.

Teu nome, sem cessar, dissera ao mundo,
Tu que és nosso paládio Sacrossanto,
Augusto Imperador — Pedro Segundo.

VOLTAS E MOTES GLOSADOS

I

*Não posso dizer que não,
Não posso dizer que sim.*

VOLTA

Senhora, pois que podeis
Dizer que não, ou que sim,
A ambos não magoeis:
Dizei — sim; mas não a ele;
Dizei — não: mas não a mim.

OUTRA VOLTA

Senhora, que amor é esse,
Ou que nova sem-razão!
Que se eu vos pergunto — sim?
Respondeis-me sempre — não!
Senhora, é isso paixão?
Oh! que o é, mas não por mim;
Que quando vós dizeis — sim,
Um não quisera eu então!
Já nem sei que bem vos queira,
Nem que mais querer vos possa:
Sede antes vossa que dele,
Sede antes minha que vossa.

Rio — 24 de outubro de 1810.

II

Não passo dizer que não,

Não posso dizer que sim.

GLOSA

Dizem que o amor é vendado,
Que tem feros passadores,
Com que aos próprios servidores
Tem por vezes desgraçado:
Porque hei de ter esse fado,
Que tem sempre a dor por fim.
Amais ao amor, não a mim:
Pois se a ele só amais.
Por mais que vós me digais
“Não posso dizer que sim”.

Não posso... e bem desditosa!
Conheço que a só ventura
Que desfruta a criatura,
Vem duma afeição mimosa:
Eu que sou bem extremosa,
Que já sinto a ingratidão,
Vou sofrendo esta paixão:
Se sois meu por amor dela,
Eu que amo a vós, não a ela,
“Não posso dizer que não”.

Assim vivo descontente
Sem saber o que farei,
Nem sequer ao menos sei
O que seja mais prudente
Com este fado inclemente
Qual será meu pensamento.
Dizer-vos: *não*; é tormento; Dizer-vos — *sim* — é loucura!
Assim que, já sem ventura
Vivo neste sofrimento.

Fora brando o meu viver

A não vos ter conhecido.
Porque então um bem perdido
Não me fizera sofrer.
Dizei-me o que hei de dizer;
Brada-me sim a paixão,
Minha alma grila-me não:
Nesta dura alternativa
Sinto dor sempre tão viva,
Que merece compaixão.

Rio — 1 de novembro de 1846.

PERGUNTA

Quisera eu saber notícias
A respeito de um tal sim,
Que foi numa volta, aonde
Devera não ir sem mim.

6 de novembro de 1846

III

*Não quisera ser tão firme,
Para ser mais venturosa.
O que outras ganham por falsas
Perco eu por ser constante.*

GLOSA

E por ventura razão
Que aquelas que são volúveis
Tenham, sós, indissolúveis
Amores por galardão?
Assim pois minha paixão
(Que se queira Deus ouvir-me)
Nunca tem de permitir-me

Gozar sequer um instante
O prêmio de eu ser constante.
“Não quisera ser tão firme.”

Bem me diz o coração
Que a constância cansa a ingratos
De volúveis nunca fartos,
(Que volúveis todas são);
Sentir constante paixão
É de uma alma melindrosa,
Mas a mulher que é formosa,
Que em amores se retrata,
Oh! não é falsa! é cordata
“Para ser mais venturosa”.

É bom de ser inconstante;
Ama a lua ao sol esquivo,
Ama a flor ao fugitivo
Vento que sopra um instante,
Assim tu, alma constante,
Quando as asas despedaças
Do amor, que jamais de lassas
Se não poderão mover,
Ignara — queres perder
“O que outras ganham por falsas.”

Só me queixarei de mim;
Se ora sofro o meu sofrer;
Porque nunca quis eu ser,
Ou fingir que eu era assim.
Perderei, Senhor, por fim
O meu amor tão brilhante,
Muito embora nova amante
Desse amor, que despedaças,
Lucre retalhos por falsas,
“Perca eu por ser constante”.

Rio de Janeiro — 1845.

IV

*Finos cabelos prenderam
Pulsos que ferros quebraram.*

GLOSA

A Alcides, de quem tremeram
Feros gigantes outr'ora,
D'Ônfale — altiva senhora —
“Finos cabelos prenderam”:
Esta a razão, que nos deram,
Mas se heróis no chão rojaram,
Dir-vos-ei que os não prostraram
Finos cabelos; mas antes
Renderão provas constantes
“Pulsos que ferros quebraram.”

1846.

V

*Não sou fera. sou humana!
Sinto amor e sei amar!*

VOLTA

Dizeis vós que não sois fera.
E certo mereceis fé;
Que o vosso rosto formoso
Rosto de fera não é.

Mas dizeis que sois humana!
Q'importa que seja assim.
Se humana sois para outros,
Desumana para mim!

Sentis amor! bem o creio:
Tem perfume a lida flor,
Ledas aves tem gorjeios,
Mulher bela tem amor.

Mas a flor só tem perfume:
Só sabe a ave cantar;
Sois como a flor, como a ave,
Sabereis acaso amar?

AO ANIVERSÁRIO DE D. F. S. R.

Quem se atreve a cantar hinos à flor
No denso musgo do botão fechada!
Ou leda e viva, e rutilando em cores,
Imensa em luz, e de prazer banhada!

Quem se arroja a cantar hinos aos anjos
Num dos anos sem fim da eternidade,
Se o seu viver é poesia e cantos,
Ledice, amor e luz, e amenidade?

Nem anjos, nem a flor nos pedem versos,
Que sendo o seu viver tão só poesia,
Um hino eterno, melindroso e belo,
Somente bem cantá-los poderia.

Não basta, não, terrena melodia,
Nem rudo canto pouco duradoiro,
Nem voz de trovador — cansada e fria,
Nem lira de marfim cravada d'oiro

Não tenho voz de trovador sonora,
Nem d'oiro a lira ebúrnea cravejada,
Nem vos canto, Senhora: só vos digo,
Que sois dina de ser melhor cantada.

Rio de Janeiro — 1 de maio de 1847.

SONETOS

Baixei veloz, que ao úmido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento!

Enquanto vais cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega)
Minha alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vais fugindo despiedado,
Sem temor dos contrastes da proceda,
Volta ao menos, qual vais tão apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bela!
E o pranto qu'ora verto amargurado,
Possa eu verter então nos lábios dela!

Rio de Janeiro — 17 de junho do 1847.

*

Doce Amor — a sorrir-se brandamente
Em sonhos me falou com tal brandura,
Que eu só de o escutar vida mais pura
Senti coar-me n'alma fundamente.

Depois tornou-se o tredo fogo ardente

Que o instante, o ano, a vida me tortura,
Bem longe de gozar tanta ventura
Cresta-me o rosto agora o pranto quente.

Homem, se homem és no sentimento,
Não zombes, não, de mim tão desditosa,
Nem seja o teu alívio o meu tormento.

Deixa-me a teus pés cair chorosa,
Solar no extremo pranto o extremo alento.
Que eu morrendo a teus pés serei ditosa.

Rio de Janeiro — 6 de novembro de 1847.

*

Apenas oiço dar Ave-Maria,
Quer seja tempo bom, quer trovoadas,
Lá vou eu nesta vida malograda
Ao pão-nosso, que espero em cada dia!

De crianças me assalta uma algarvia,
E a velha a pespegar-me aparelhada
Contos da eterna sedução malvada
Da quadrilha de heróis que a perseguia!

O campo de Santa Atina atravessando,
— Meu Deus, isto é, que é não ter miolo!
Para ver uns nenês que estão mamando!

Vê por fim se me dás ou não do bolo,
Se sim, nada direi; se não, bradando
Jurarei terra e céus não ser mais tolo!

Rio de Janeiro — 1848.

*

Pensas tu, bela Anarda, que os poetas
Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia?
Que vagando por mares d'harmonia
São melhores que as próprias borboletas?

Não creias que eles sejam tão paletas,
Isso é bom, muito bom mas em poesia,
São contos com que a velha o sono cria
No menino que engorda a comer pelas!

Talvez mesmo que algum desses brejeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heróis mais verdadeiros.

Eu que sou pecador, — que indiferente
Não me julgo ao que toca aos meus parceiros.
Julgo um beijo sem fim cousa excelente.

Rio do Janeiro — 1848.

*

Ando abaixo, ando acima, e sempre às solas,
Afronto a tempestade, o vento, o frio,
Qual se fora ambulante corripio,
Seguindo o exemplo enfim de outros patolas.

Do meu engenho e arte gasto as molas
Em suspiros quebrar que à luz envio;
E já por teima só, render porfio
A cabeçuda, por quem rompo as solas.

E a amo, ela me adora com loucura,
Di-lo ao menos; se a beijo não se espanta:
Paga-mo até; se insisto... adeus ternura!

Do matrimônio a estátua se levanta,
Negro espectro! ela torna-se brandura,
Eu a imagem do horror que me aquebranta.

Rio de Janeiro — 28 de setembro de 1848.

À PARTIDA DA ATRIZ
Saudades de um diletante à Sra. C. Merea

*Os filhos de S. Pedro a ausência dura
Longo tempo escrevendo memorarão,
E por lembrança em tímida brochura
As grinaldas tecidas transformarão;
O nome lhe puseram sem ventura
Dos triunfos da atriz que já passaram:
Que fresco o livro tal! que frescas flores:
Versos sem graça, palmas sem vencedores!*
(Paródia de Camões.)

— Que tanta tristeza é esta?
“Não sabeis o que há de novo!
“Anda aflito todo o povo...”
— Santo Deus, por que razão?!
“Aquela boa menina
Pequenina,
A Merea sedutora
Vai-se embora
Mar em fora...”
— Santo Deus! por que razão?!
“Nem eu, nem ela o sabe;
São cousas de bastidores;
Choveram versos e flores,
Foi solene mangação!
Porém a doce menina
Pequenina,
A Merea sedutora
Vai-se embora
Mar em fora,
Santo Deus! sem ter razão!”

“São Pedro que adivinhara
Os manejos da menina.
Cinco contos lhe ofertara
Pela sua voz divina,
Cinco contos! — passa fora!
A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora:
Sim, senhores: vai-se embora,
 Por que não?”
Cinco contos! bagatela!
Qualquer ministro de estado
Talvez outro tanto tem:
E do mesquinho ordenado
Nunca lhe coalha vintém!

Pois passem bem, que a menina
 Pequenina,
A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora!
Sim, senhores, vai-se embora!
 Tem razão.

Pois uma artista que tem
Bilhetes que repartir.
E vestidos de veludo
 Que vestir;
Tendo muitas, tendo ensaios
Com mantilhas de cetim!..
 É de rir?
Cinco contos! essa é boa!
Mais vale cantar à toa,
Que jamais cantar assim:
Pois passem bem, que a menina
 Pequenina,
A Merea sedutora
 Vai-se embora
 Mar em fora,

Sim, senhores, vai-se embora.
Por que não?!

São Pedro, triste porteiro,
Das pobres economias
Não pode partir fatias
Tão grandes, de pão de ló,
Porém a áurea menina
 Pequenina
Nem de um santo quer ter dó.
Adeus, lhe diz, sou cantora,
 Sedutora
 Vou-me embora;
Mas vós me dareis razão.

Bem sabeis, porteiro amigo,
Minha mãe mora comigo.
E meu padastro também
Sou menor...” (E bem se via
Que a menina não mentia
Quando menor se dizia:
Era menor que ninguém!)

“Bem vedes que sou menina,
 Pequenina:
Adeus, meu guarda portão!
Bem salteis que sou cantora
 Sedutora.
 Vou-me embora;
Mas vós me dareis razão.”

— “Dar-vos razão!” grita o santo:
Quem foi que este mundo fez?
Não foste vós, Deus prudente?
Quando três quartos de gente
Pede ordenado de três!

Bem sei eu que uma menina.
Pequenina,
Tem razão em a não ter;
Mas se a vós, minha cantora
Sedutora,
São Pedro vos manda embora,
Com São Pedro, inda alguma hora
Vireis de certo aqui ter.” —

HINO DOS REIS MAGOS

Entre pobreza e miséria.
Em singela habitação
É nascido o Deus-Menino
Para a nossa salvação.

Povos e reis, adorai-o,
É nascido o Redentor:
Vem viver, sofrer na terra,
Vem morrer por nosso amor,

Deixou a corte celeste
E as galas ricas dos céus,
Quem entre os homens é Homem,
Quem entre os anjos é Deus.

Povos e reis, adorai-o &.

Lá das partes do Oriente,
Deixando os domínios seus,
Vêm os Magos pôr as e mas
Aos pés do Menino Deus.

Povos e reis, adorai-o &.

Vem of'recer os presentes
Que a Arábia Feliz produz.
Louvor a Deus nas alturas,
Louvor na terra a Jesus.

Povos e reis, adorai-o &.

Estrela — Janeiro de 1850.

A VIOLETA
(NO ÁLBUM DE A. G. O. G.)

Mulheres há que à rosa semelhantes
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis! — elas próprias o conhecem,
E sabem que outra flor as não iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são; porém mais belas:
Da brisa ao sopro entregam-se inocentes
Que vem dos céus por conversar com elas.

Aquela na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercam, se confia:
Esta armada de pudica inocência
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
Te escondes no silêncio da folhagem,
No abrigo do pudor misterioso
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquela no perfume se revela,
Tu nas singelas graças que revestes:
Ocultas ambas — sem as ver sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

Rio de Janeiro — 1851.

AO CASAMENTO DA FILHA DO SR. NORRIS

São felizes os laços que amor trama,
E que abençoa Deus:
Que tem na mulher a delicada origem,
E uma c'roa nos céus!

Dizem na terra os homens, quando os veem:
— Que aventureados são!
Enquanto das alturas cai sobre eles
A celeste benção.

São dois numa só alma, duas flores
Presas numa haste só,
Duas aves que vagam pelo espaço
Sem ver terreno pó.

Dois navios que juntos — de conserva,
Cortam o salso mar,
Dois cisnes que à flor de um manso lago
São vistos a brincar.

Ai! nunca as águas desse lago tolde
Raivoso furacão,
Nem se desgarrem pelo undoso espaço
As naus que juntas vão.

Como festivos se partiram, cheguem
Venturosos também
À mansão, onde o órfão tem família,
E o triste risos tem:

Ao lugar onde os laços de amor puro

Ledo abençoa Deus,
Onde as plantas da terra se convertem
No perfume dos céus.

Entanto os homens, quando passem, digam:
— Que aventureados são!
E dos espaços sobre vós se entorne
Celeste benção.

Rio de Janeiro — 1 de março de 1851.

CONSENTE-ME ESCREVER AQUI MEU NOME!

Ao teu livro uma página roubando,
Consente-me escrever aqui meu nome.
E talvez quanto resta de um amigo,
Quando a terra o seu corpo já consome.

Isto apenas! que o homem — frágil barro,
A vida frui apenas um momento,
Bem feliz quando lega uma saudade,
Ou deixa atrás de si um pensamento!

Vive tu, vive feliz, enquanto
O meu destino sigo caprichoso.
Fará tua ventura a de um amigo,
E a dita de ambos me fará ditoso.

Rio de Janeiro — 17 de março de 1881.

NO ÁLBUM DE D. LUÍSA AMAT

Amizade — amor! — laço de flores
Que prende um breve instante
O ligeiro batel à curva margem
Da terra hospitaleira;
Com tanto amor se enastra, e tão depressa,
E tão fácil se rompe!

À mais ligeira ondulação dos mares,
Ao mais ligeiro sopro
D'escassa brisa — destrançam-se as grinaldas;
O baixel se afasta.
Veleja, foge, até que em plaga estranha
Naufragado soçobre!

Talvez permita Deus, que tão depressa
Estes laços se rompam.
Por que nos pese a vida, e os seus enganos
Mais sem custo deixemos:
Sem custo assim a brisa arrasta a folha.
Que jaz solta na terra!

Rio de Janeiro — 1852.

TU NÃO QUERES LIGAR-TE COMIGO

Tu não queres ligar-te comigo,
Que me fosses mulher t'infamara!...
É tua casa no sangue tão clara,
Que eu me honrasse de unir-me contigo?!...

És acaso tão pura lindeza,
Que eu não possa tua mão apertar?...
Mas teus olhos com menos pureza
Outros olhos já vi afagar!

E esses lábios que a jura de esposa
Para mim não darias no altar.
Nesses lábios alguém já não ousa
Algum beijo de amor estampar?

Já me ouviste fatiando de amores?
Um carinho dos teus mendigar?
Já me ouviste cantar dissabores
Que o amor me fizesse passar?

Pobre louca, que o orgulho atormenta.
Despe a bronca vaidade que tens,
Nem a mim teu amor me contenta,
Nem me ferem teus falsos desdéns!

Sei amar, mas a ti!... não soubera;
Sei sofrer, mas por ti... também não:
De te amar nenhum gosto tivera,

De perder-te — nenhuma aflição!

O meu nome que enjeitas vaidosa.
Que de ilustres avós não herdei,
Cobre ao menos pobreza orgulhosa.
Que eu contigo jamais partirei!

Não te assuste esse fado tristonho,
Não te deixes vencer da aflição,
Vive em paz! que eu não quero, não sonho,
Ter a posse do teu coração.

Mas se acaso uma sorte medonha
Violentar-me por ti a dar ais!
Possa ao menos morrer de vergonha,
Quem de amor não morrerá jamais!

Bahia — Maio de 1852.

AS ARTES SÃO IRMÃS

As artes são irmãs, e os seus cultores
Do fogo criador nas mesmas chamas.
Perante o mesmo altar, coroam-se, ardendo.
A mesma inspiração, que acende o estro,
Guia a mão do pintor quando debuxa
Do rosto nas feições o brilho interno,
Dá linguagem sublime à estátua muda,
Ou languida na lira se transforma
Em sons cadentes, que derramam n'alma
Ideias do prazer — do mal no olvido!
O mesmo entusiasmo as vivifica,
São iguais, são irmãs no amor do belo!

4 de Junho de 1852.

NO ÁLBUM
DE D. AMÉRICA P.R. LOPES

Bela flor que despontaste
Junto à margem do meu rio;
Que viço e graça criaste
Ao desfrutar o cicio
Duma aragem tropical;
Quem foi que dos pátrios climas
Te transportou — melindrosa:
Se aqui levemente inclinas
A fronte bem como a rosa
Longe da gleba natal!

Como tu peregrinando
Choro a pátria dos meus sonhos
Aves que folgam em bando,
E aqueles bosques risonhos
Cobertos de fruto e flor:
Mas tu, anjo e flor, desterra
Esse véu d'agra tristeza.
Floresce a flor, onde há terra.
Cintila e cresce a beleza
Onde ha céus. e vida, e amor.

FRAGMENTO

Quando a morte nos colhe, o que nos resta
A não ser das virtudes grato aroma?
Então àquele tronco semelhamos,
Que o ferro abriu, a desfazer-se em goma.

Se no fogo se abrasa, se enovela
O odor incenso, remontando aos céus,
— Perfume grato de oblação terrestre
Que nas alturas abençoa Deus.

ESTÂNCIAS

I

O nosso índio errante vaga;
Mas por onde quer que vá,
Os ossos dos seus carrega;
Por isso onde quer que chega
Da vida n'amplo deserto,
Como que a pátria tem perto,
Nunca dos seus longe está!

II

Tem para si que a poeira
Daquele que choram morto,
Quando a alma já descansa
Da eternidade no porto,
Nenhures está melhor
Do que na urna grosseira
Que a cada momento enxergam,
Que de instante a instante regam
Com seu prantear de amor!

III

Ando como ele incessante,
Forasteiro, vago, errante,
Sem próprio abrigo, sem lar,
Sem ter uma voz amiga
Que em minha aflição me diga
Dessas palavras que fazem
A dor no peito abrandar!

E sei que morreste, filha!
Sei que a dor de te perder

Em quanto eu for vivo, nunca.
Nunca se há de esvaecer!

Mas qual teu jazigo? e onde
Jazem teus restos mortais?...
Esse lugar que te esconde.
Não vi: — não verei jamais!

IV

Não sei se aí nasce a relva,
Se algum arbusto s'enflora
A cada nova estação;
Se a cada nascer da aurora
O orvalho lágrimas chora
Sobre esse humilde torrão!
Se aí nasce o triste goivo,
Ou só espinhos e abrolhos,
Ou se também de alguns olhos
Recebes pia oblação.

V

Sei que o pranto, que se verte
Longe do morto, não basta:
É pranto que a dor não gasta,
Que nenhum alivio traz!
Sei que ao partir-me da vida,
Minha alma andarás perdida
Para saber onde estás!

VI

Irei beijar teu sepulcro.
Chorar meu último adeus.
Depois, remontando aos céus.
Direi a Deus: “Aqui estou!”
Tu, dentre o coro dos anjos,
— Dos Serafins resplendentes —

Então — as asas candentes,
Que a vida não maculou,
— Desprega! — e meiga, humilhada,
Ao trono do Eterno vai,
E na linguagem dos anjos,
Dize a Jesus: “É meu pai!”

VII

Ele humanou-se! — quis ser
Filho também de mulher;
Mas d’homem, não; porque os céus
Não tem espaço bastante
Para um homem — pai de Deus!

VIII

Bem sabe ele quanta glória
Sente o pai, que um anjo tem!
Julgará que, pois perdida
Teve uma filha na vida,
Não a perca lá também!

Manaus — 1 de maio de 1861.

QUE COUSA É UM MINISTRO

I

O Ministro é a fênix que renasce
Das cinzas de outro, que lhe a vez cedeu:
Nasce num dia como o sol que nasce.
Morre numa hora como vil sandeu!

Se nódoas tem, uma excelência as caia:
Mortal sublime, que não salte rir,
Do vulgo inglório não pertence à laia.
Dará conselhos, se se lhe pedir!

Um bípede de pasta, não de barro,
Nos pés se firma por favor de Deus!
Dois fardas-rotas trotam trás do carro
Em ruços magros como dois lebréus

Agora, sim: temos a pátria salva,
Não fará este o que já o outro fez!
Grande estadista! basta ver-lhe a calva,
D'homem assim não há dizer — talvez!

Vede-lhe a pasta, que de cheia estala
Só de projetos que farão feliz
A pátria ingrata, que seus feitos cala,
Ou mais que ingrata, o nome seu maldiz!

Vede-lhe o saco — carga de um jumento,
Com borlas d'ouro e verde! — No costal,
Castigo do ordenança, lê-se atento
Projetos mil! secretaria tal!

Cansai-vos pois! — Quem veste aquela farda
Há de fazer o que mui bem quiser!
Vem-lhe com ela uma sabença em barda!
Por isso acerta, quando' Deus lá quer!

Se lhe lanças baldões na própria cara
Diz a alguém que o defenda, e chega a si
Com intrínseco amor a pasta cara,
E exclama: “Ó pátria, morrerei por ti!”

Ó Codros, Cúrsios, Fábios, Cincinatos,
Carunchosos heróis da antiga história,
Vinde-me aqui, e ponde-vos de rastos
Junto deste que vence a qualquer glória!

Pois que fatieis vós? Verter do peito
O melhor sangue... pela pátria acabar!...
Imbecis! — pois mais vale com proveito
Da pátria à custa a vida flautear!

Ou se não, vede-me este que anafado,
Nédio, de cara alegre, ânimo audaz!
Faz de si quando quer um deputado,
Ministro quando quer! Mas que mal faz?

Notas-lhe a fronte de cuidados cheia,
Nuvens e nuvens vedes i passar.
Como na praia turbilhões de areia,
Como em tormenta os vagalhões no mar!

Grande homem! dize: que temor te afronta?
A nau do Estado salvarás talvez!...

Qual nau do Estado?! é a horrorosa conta
Dos ruços magros, que alugou por mês!

II

Basta enfim, que é mortal feito com pasta,
Fardado, com teteias, com galão!
Trata-se de comer — nada lhe basta:
Mas dizem que é sujeito à indigestão!

Trata-se de falar!... Aplauda-o junta,
Em peso a maioria, — homem feliz!
Mais modesto que o Grego não pergunta,
Tem a certeza de que asneira diz!

Trata-se de escrever!... Vede em que espaço
Folhas o folhas de papel encheu !
Cem vezes mil em ruim papel de almoço
Soberbo assina o nome ilustre seu!

Mas num dia nefasto, a turba multa
Irosa vai-se à estátua do imortal.
Com duro sparto o ilustre colo insulta
Té dar com ele em fundo lodaçal!

Logo, farda, florete, pendrucalhos
Vão para um canto a criar mofo lá!
Limpa-se o carro! pensam-se os cavados,
Memento, homo! — Está bem morto já!

Mesmo os sendeiros dos dois fardas-rotas.
Na rua empacam, sem querer seguir!
Debalde os tosam co'o tacão das botas.
Deitam na rua a papelada: é rir!

Agora, pois, que não há dessa gente

Vão nossas cousas caminhar a sós!...
Mas que poeira vê se de repente
Lá no horizonte em direitura a nós?!

Inda um ministro!... grande Deus bendito!
Doirado d'inda agora, e fresco, e assim
Vem tão contente de se ver bonito,
No olhar parece que vos diz... Eu sim!

Eia, depressa! meus dois fardas-rotas,
Toca de novo pasta e saco a encher.
Dá-lhe que dá-lhe co'o tacão das botas
Trás do ministro largando a correr!

E ei-lo que passa o homem d'outro barro!
Que tem dois pés; mas por favor dos céus!
E os dois fardas-rotas lá vão trás do carro,
Nos rocins magros, como dois lebréus!

III

Bípede, sim; mas a cair de bruços,
Não poderia ter-se em pé jamais,
Por isso marcham na vanguarda os ruços,
Sem lerem culpa, pobres animais!

Dizem também; mas não o dou por certo,
Que um desses lesmas, já assim falou —
Foi um discurso de zurrar aberto,
Do senado um taquígrafo o tomou.

“Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,

Se de humano é matar um bicho feio
Só porque o costado tem sujeito
A quem lhe soube pôr o sujo arreio.
A estas mataduras tem respeito,
Pois te não move a rigidez do freio!

Põe-me onde se use toda a crueldade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade,
Que em peito de ministros não achei!
Ali co'amor intrínseco e vontade
No capim por que morro, viverei!

Pois de algum deputado a resistência
Sabes domar, sem ser com fogo ou ferro.
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fez erro.”

Mais ia por diante o monstro horrendo
Como sermão, que ninguém lhe encomendara
Quando inimiga mão lhe foi batendo
Com o chicote estalador na cara!

Manaus — Maio de 1861.

OH! QUE ACORDAR!

Se o que somos, se o que temos sofrido
Não fosse mais que um sonho!
A despedida sem adeus, a ausência.
O desterro medonho!

O viver sem família, sem ventura.
Sem esperanças mais...
Este penar eterno, este sofrer sem crime,
Este descrer dos mais;

E naquele ver-te qual t'eu vi, co'o pranto
Nos olhos a brilhar,
E nos lábios sorrisos por que vias
Qual era o meu penar!

Se esse fingir que a vida te esgotava
Do pobre coração,
Se tudo fosse um pesadelo horrível,
Um sonho vão;

Se outra vez amanhã meiga sorrindo
Me viesses contar
Teu sonho mau, durante a noite, e o ledó
Venturoso acordar!

E que de ver-te se me fosse d'alma
D'angústia o sentimento.
Como visão noturna, como um traço n'água,
Nuvem que tange o vento!

Se em nossos peitos desses cabos surgissem
Os êxtases de amor.
Como aves mil, que no romper do dia

Voam de um ramo em flor!

E a vida entre nós franca! o amor possível,
E o paraíso ali!
Oh! que acordar!... Venham dizer-me agora
Depois do que sofri,

Que o mundo é vasto, que não devo amar-te,
Que renuncie a ti!
Fazei-o vós, se sois capaz de tanto...
Não o peçais de mi.

Qual o horrendo porvir que após nos guarda
Não o sabeis, eu sei!
É ser morto por dentro, é dizer d'alma
Jamais feliz serei!

E criar tédio à vida! — um só receio
Ter-se — que seja eterno
Este viver, este descrer de tudo.
Este penar do inferno!

Manaus — 10 de maio de 1861.

SE MUITO SOFRI JÁ, NÃO MO PERGUNTES

Se muito sofri já, se ainda soffro
Por teu amor?!
Não m'o perguntas! que do inferno a vida
Não é pior!...

Eu! vegetar da terra entre os felizes!
Que faço aqui?
Sonhos de amor, de glória, — lá se foram
Atrás de ti!

A ver se encontro d'esperança um raio
Olho em redor,
E nada vejo, e mais profunda sinto
No peito a dor!

Que faço aqui? Dias cansados, anos
Sem fim — durar!
Depois que te perdi, viver ainda.
Viver! penar!...

Eu, não! Quem for feliz que preze a vida.
Tema perdê-la!
Por mim não tenho horror, nem tédio à morte.
Clamo por ela!

Bendita seja pois a que mandada
Me for — por Deus.
Matar-me, não; que quero ver-te ainda
Feliz nos céus!

Mas no pego da dor, em que me abismo.

— Nesta aflição
Negra como a do cego que na estrada
Esmola o pão!

Como a do viajor que pelas trevas
Sem tino vai,
E, errado o trilho, se embrenhou nas matas,
Nem delas sai!

Neste viver sofrendo, errante, louco,
Mísero Jó,
Que amigos e inimigos à porfia
Pungem sem dó!

Às vezes, da amargura no remanso,
Ao Criador
Minha alma eleva cânticos de graças,
Hinos de amor!

Que se estivesse em mim renascer hoje,
Sofrer o que sofri....
Eu quisera viver para inda amar-te
E amado ser por ti!

Manaus — 16 de junho de 1861.

NO JARDIM!

Lembra-te o Jardim, querida!
Lembra-te ainda da vida
Aquela quadra florida,
Que ali passamos então!.
— Duas salas, um terraço.
Poucas flores, muito espaço,
Muita luz; mas a melhor,
— A flor do teu coração,
A luz do teu santo amor!

Não tinha a casa pintura.
O chão não tinha cultura:
Paredes nuas, ladrilho,
Tudo singelo, sem brilho...
Ninguém diria a ventura
Que ali se pudera achar!
É porque ninguém sabia
Que tu ali vinhas ter
A cada romper do dia
Como um raio de alegria!

É que o sol no seu morrer
Seus raios ali mandava,
Como que nos céus fixava
A história do amanhecer!
— Que o ciclo da nossa vida
Da terra oscilava aos céus,
Na luz do amor teu, querida,
Na luz mandada por Deus!

E depois, se vinha a noite,

Fossem trevas ou luar,
— Como em sonhos prazenteiros,
Como em mágicos luzeiros.
Do infinito pelos campos
Se ia minha alma a vagar!
— São menos os pirilampos
No bosque — à noite! — as estrelas
Nem tantas são, nem tão belas
Como os doces devaneios.
Desejos, temor, receios.
Daquele ameno cismar!

Vivia! estava desperto!
Eu contigo me entretinha:
Tu ali estavas — bem perto,
A voz te ouvia que vinha
De amor minha alma inundar!
Mais formoso que tal sonho
Era só meu acordar,
Vendo teu rosto risonho,
Vendo nele do meu sonho
A imagem se desenhar!
— Ouvindo-te a voz macia
Baixinho pronunciar
Frases de amor, do poesia.
Que ninguém pudera achar!

Crê-me! a infanta portuguesa.
De Inglaterra a princesa.
Laura, Elvira, Beatriz,
Nos cantos de ilustres bardos
Só — foram grandes: tu, não!
Distinta por natureza.
No sentimento rainha,
A poesia te vinha
Sublime, estreme, feliz.

Traduzida em gesto brando.
Ou d'alma plena brotando
Do abundante coração.
Ampla, caudal como um rio,
Como pérolas em fio
A granizarem no chão!

Aquelas vivem eterno
Na história do seu amor!
Em trono de luz sentadas.
C'roadas de resplendor!

Mas, quem dirá o que foste!
O que és ainda — talvez!
Se estas pobres folhas soltas
Nem chegarão a teus pés?!

Manaus — 17 de junho de 1861.

A BAUNILHA

Vês como aquela baunilha
Do tronco rugoso e feio
Da palmeira — em doce enleio
Se prendeu!
Como as raízes meteu
Da úsnea no musgo raro,
Como as folhas — verde-claro —
Espalmou!
Como as bagas pendurou
Lá de cima! como enleva
O rio, o arvoredado, a relva
Nos odores,
Que inspiram falas de amores!
Dá-lhe o tronco — apoio, abrigo,
Dá-lhe ela — perfume amigo,
Graça e olor!

E no consórcio de amor
— Nesse divino existir —
Que os prende, vai-lhes a vida
De uma só seiva nutrida,
Cada vez mais a subir!

Se o verme a raiz lhe ataca,
Se o raio o cimo lhe ofende,
Cai a palmeira, e contudo
Inda a baunilha recende!

Um dia só! — que mais tarde,
Exausta a fonte do amor,
Também a baunilha perde
Vida, graça, encanto, olor!

Eu sou da palmeira o tronco,
Tu — a baunilha serás!
Se sofro, sofres comigo;
Se morro — virás atrás!

Ai! que por isso, querida,
Tenho aprendido a sofrer!
Porque sei que a minha vida
É também o teu viver.

SE TE AMO, NÃO SEI!

Amar! se te amo. não sei,
Oíço aí pronunciar
Essa palavra de modo
Que não sei o que é amar.

Se amar, é sonhar contigo,
Se é pensar, velando, em ti.
Se é ler-te n'alma presente
Todo esquecido de mi!

Se é cobiçar-te, querer-te
Como unia benção dos céus
A ti somente na terra
Como lá em cima a Deus;

Se é dar a vida, o futuro,
Para dizer que te amei:
Amo; porém se te amo
Como oíço dizer, — não sei.

Sei que se um gênio bom me aparecesse
E tronos, glórias, ilusões floridas.
E os tesouros da terra me oferecesse
E as riquezas que o mar tem escondidas:

E do outro lado — a ti somente,
Efêmero e precário — e após a morte:
E me dissesse: “Escolhe” — oh! jubiloso.
Exclamara, senhor da minha sorte! —

“Que Tesouro, na terra há’i que a iguale?
Quero-a mil vezes, de joelhos — sim!
Bendita a vida que tal preço vale,
E que merece de acabar assim!”

Manaus — 25 de junho de 1861.

COMO! ÉS TU?

Como! És tu?! essa grinalda
De flores de laranjeira!...
Branco véu, nuvem ligeira
Sobre o teu rosto a ondear!
Pálida, pálida a fronte
E os olhos quase a chorar!

És tu! bem vejo, não fales!
Cala-te! já sei o que é!
A mão vais dar, vida e fé
A outro!... Vais te casar.
Pálida, pálida a fronte.
Olhos em pranto a nadar!

E vais! e és tu mesma? — e vais!
Foi eu quem te dei o exemplo.
Sei que te aguardam no templo,
Deixa-me aqui a chorar:
Fazes somente o que fiz,
Não fases mais que imitar!

Mas eu quis ver-te feliz,
Não dar-te exemplo!... pensava
Que ileso e firme ficava
O teu amor a guardar
Até, que eu mesmo, insensato!
Fui o primeiro a quebrar!

Contradições d'alma humana!
Fui, sim, quem te dei o exemplo

Isso quis, e ora contemplo
Essa grinalda — a chorar.
A fronte pálida, pálida,
E o branco véu a ondular!

E há de o mundo inda algum dia
Do olvido o véu tenebroso
Estender por tanto gozo,
Tanto crer, tanto esperar!
Vai que te aguardam: já tardas;
Deixa-me aqui a chorar!

Vai! e que os anjos derramem
Sobre ti flores, venturas,
Que as alegrias mais puras
Floresçam dos passos teus:
E que entres na casa estranha
Como uma benção dos céus!

Que a fortuna — de veludos
Alcatife os teus caminhos,
Que o orvalho dos teus carinhos
A esse faça feliz
Com quem te casas — que te ame
Como te amei e te quis!

Porém procura esquecer-te
Das venturas no regaço
De mim, dos votos que faço.
De quanto pedi aos céus
Ver este dia... mas choro!
Vai! sê feliz! adeus!

Manaus — 25 de junho de 1861.

A MINHA ROSA

A mim! foi a mim que o ou viste?
Eu! — chamá-la minha rosa!...
De certo que é bem formosa.
Entre criança e mulher!
Se a vejo tão jovem inda,
Tão simples, tão meiga e linda,
Da vida no rosicler;

Podia chamá-la — rosa,
De musgo ou de Alexandria,
Rosa de amor, de poesia,
Mais lhe não dava que o seu;
Porque se essa flor mimosa,
Já chegaste ao seu retrato,
Havias ver como a rosa
De repente esmoreceu!

Porém, teu amor, querida,
Teu amor que é minha vida,
Que é meu cismar, que é só meu:
Esse que te faz formosa
Entre todas os mulheres,
Onde achá-lo?! — Minha rosa...
Minha és tu!... como sou teu.

Não nego que é meiga e linda,
Entre mulher e criança,
Tão jovem, tão meiga, e ainda
Da vida no rosicler;
Mas tu vales mais do que ela,

Não conheces bem teu preço,
Acho-te muito mais bela,
Como és, — entre anjo e mulher.

CIÚMES

Ciúmes! Pois tens ciúmes!
Por quê?! — porque à esta, àquela
Contemplo e digo que é bela,
Ciúmes daí te vem?!

Mas sabe! — desde que te amo,
Tudo me agrada e recreia!
Tenho esta vida tão cheia,
Sinto que vivo tão bem!

Que tudo me arrouba e enleva,
Mar e terra, nuvens, céus,
Estrela, flor, planta e relva,
Tudo quanto vem de Deus,
Quanto nos olhos reluz,
Quanto o mundo exterior
Do belo em formas traduz:
Quanto um peito amante cisma
Vejo eu através da luz,
Através do claro prisma
Do teu saneio, imenso amor!

Amo tudo quanto sinto.
Quanto a minha vista vê:
Teu reflexo vejo em tudo.
E tens ciúmes!... Por quê?!
Como se veem pintura. —
Estátuas belas, — assi
Vejo-as também. Formosuras
Sejam, que eu só atuo a ti!

Há três amores, querida.
O amor da terra — vulgar,
Outro em região mais subida,
Mas inda fácil de achar.
— Outro por fim a pairar
Longe do mundo e da vida,
Em luz de mais clara esfera,
Sem borrascas, sem negrumes,
Ali já não há ciúmes;
O teu julguei que assim era!
Vês tu? — É como quem sobe
Altivo monte. Primeiro
Vê formar-se o nevoeiro.
Vê-o da terra a surgir!

Mais alto sobe! — Das nuvens
Vê os castelos formados,
Torvos, feios, trovejados,
E a tempestade a rugir,
E a terra como sumida
E os céus como a luz roubados!
Convém mais alto subir,
Muito mais alto, querida!
Mais alto, que de lá vês
Os céus sem nuvens — por cima —
E a tempestade a teus pés.
Ali já não há negrumes,
O dia ali não tem véus:
Ai! só na terra há ciúmes,
E o teu amor é dos céus.

TENS MAIS POESIA

Que te direi?! — Em li mesma
Lê;
Que aí melhor poesia,
Crê,
Hás de achar que em versos meus.

Poesia que vem d'alma,
Fé
Que a vida ilumina e doura
Té
Que vai se prender a Deus.

E tal a tua poesia,
É
Qual de flor mimosa e oculta
Pé
Que em densa moita se cria!

Respira-lhe o doce aroma
Quem
Passa ali, nem sabe donde
Vem
O aroma que todo o arrouba!

POEMA AMERICANO
FRAGMENTO

Fértil a terra produzia outrora
Deleitosa abundância: em toda a quadra
Lourejava o caju, pendia o milho
Das verdes hastes — uberosas glebas
Aqui, ali, rachavam-se, mostrando
A macaxeira, o aipi — da vida esp'rança.
Piscoso o rio, as margens povoadas,
Pingue a floresta, semelhante à fera
Que ao recém-nado filho as tetas duras
Copia de leite incomodo apresenta.
Tal se mostrava a natureza — outrora.
Foi isso outrora — o homem de insensato
Do bem que linha desgostou-se em breve,
Novo prazer buscando em males novos!

Eis qu'entre os de Tupã filhos revoltos.
Prodígio estranho — de melenas brancas,
Alvo o semblante, venerando o aspecto.
Forasteiro ancião se mostra súbito;
Mas válido e robusto envelhecera
Como envelheceu ipé. Deram-lhe os anos
Mais cerne ao tronco — majestade às ramas.
Traz mau conselho a frouxidão do ócio,
O velho assim se exprime: os dons do Ibaque,
São do Ibaque outra vez, já não são vossos;
Mas tendes franca a terra, livre a escolha
Da sorte (eu vo-la dou) que mais vos praza,
Podeis rasgar-lhe o seio, fecundai-a
Com improbo trabalho: as louras messes,
Que ora vicejam, sós virão à custo
Do parco agricultor em prêmio à lide;
Talvez porém malsazonadas murchem,

Ou no verdor das folhas mentirosas
Poreis esp'rança vã de larga ceifa.

Detém-se o velho aqui — turvos semblantes
Contempla em torno a si: porém mais turvos
Nota que são depois que a voz lhe ouviram.
Loucos, que rejeitais de um Deus a oferta.
Mal sabeis quanto é grato ver a planta
Crescer, vingar à força de cuidados,
Hoje verde e viçosa — amanhã triste
E murcha um pouco — já retoma o viço,
Alarga os ramos — copa-se frondosa,
Matiza-se de flores que embalsamam.
E enfim de frutos carregada verga.

Outra sorte quereis? prossegue o velho,
Outra sorte vos dou — Quereis na vida
Aspérrima e cruel de acesos prélios
A terra conquistar, e em duras festas,
Enquanto os hinos da vitória soam,
Com langor celebrar cruentas lutas?
Guerra quereis enfim? — “Queremos guerra.
E da terra o labor ingrato e duro
À turba mulheril fique e se guarde.”
— Guerras tereis, lhes torna merencório.
Sem descanso as tereis: e nisto arroja
No solo pulvurento a bruta massa.
Com arma igual sereis nunca vencidos —
Disse: mas ai de vós — de vossos netos.
Dos últimos vindouros, se rebentam
Discórdias entre irmãos — Tristes! se acaso
Não pondes cobro ao mal! Há de o contágio
Lavar por todos vós — té que vos faça,
Dominados de atroz vingança infausta,
A estranhos fins servir em dano próprio!

Mal atendem aos últimos conselhos —
“À guerra! à guerra, amigos — todos bradam,
Nesse viver de aspérrimas contendadas
Fama, troféus se lucra, e nome ilustre.”
Dizem, fazem-lho assi, prestam-lhes armas
O mar, o rio, as arvores e arbustos,
Nem liras refusa a planta, o rude galho
Pasma de ver-se unido à dura pedra,
Fácil por mãos robustas manejado.
Guarda-os o couro do tapir — a forte escama
Do jacaré sanhudo — a arraia, o peixe
A farpoadá seta lhes aguçam,
Fibras do gravata vergam sem custo
Do ipé e da braúna os arcos duros,
Arma-os a canarana e a voragica,
E ervada de finíssirno veneno
Nas plumas dos voláteis silva a morte.

Na posse do tacape lhes foi dada
Da terra a posse — invadem conquistando
Imperam, mas de sangue se embriagam.
E o bravo outrora, hoje cruel se chama!
Que vale resistir-lhes? — Tudo cede,
Tudo ao seu poder se acurva e humilha.
Férteis ilhas perdidas no oceano
Do seu nome se chamam: foi debalde
O trato que as divide — infindas hostes
Para defesa armadas — brandos ventos
Os levam — no fronteiro continente
Surgem, tranquilo o mar, na estranha igara.

Já senhores, nas tabas opulentas
Folgam de ouvir mesclados dialetos.
Estranhos sons na feminil loquela.
Águas da corrente assoberbada
Pela fúria do inverno, que vencendo
Com ímpeto fremente as altas margens.
Árvores prostram, selvas de liames
Boiantes após si ao pego arrastão —

Novos leitos forçando,
Tal dos heróis a fúria se revela;
Mas ai dos malfadados, que já travam
Combates entre si! — Um Deus que vale!
Que prestam seus avisos, quando o ódio
Crava raiz na terra ensanguentada.
E à vingança o guerreiro excita e impele?

Qual fosse a causa da fatal zizânia,
Lembraí-ma vós, espíritos beni'nos,
Que na voz da acauã gemeis sentidos.
Ai nesse mesto canto inda suspiram
Almas fortes de heróis, — inda lamentam
Da discórdia os fatais e ruins efeitos,
Da selva as ramas fremem compassivas
Nos ecos murmurosos — nós, seus netos.
Prestamos surdo ouvido à voz plangente.

Crangé, filho de Imbé, guerreiro ilustre
De ser dos chefes o maior s'ufana,
Graças à turba infinda que o rodeia.
Mais rico de troféus — Taóba ostenta
Colar que cinco vezes sobre o peito
Frouxo e às largas lhe cai, e a lunar forma
Cinco vezes crescendo multiplica:
Rico de igarités, de remos fortes,
Que a seu querer do mar as ondas rasgam.
Espalhar o espanto, e o susto e a morte
Ao longe se contenta — à uma ilha, e à outra
Do seu nome o terror levam as ondas.
Crangé propõe-lhe um dia: “Ilustre chefe
D'igarités sem conto — eu de soldados
Copia infinda governo — nossas forças
Unamos pois, e os maracás se ajuntem.
A ti e a mim cabendo igual império.
Em firme, eterna aliança: e como o vento
Quando revolto nestas ilhas sopra,

Vamos à terra oposta, ali teu nome,
Guerreiro ilustre, e o de Crangé se escutem!”

Taboa aceita, inúmeras igaras
Rasgam do mar o seio intumescido,
Três sóis — e ao quarto sol a fofa espuma
Cospem de Marajó nas brancas praias.

Grato descanso após penosa lida
Presta-lhes amiga terra, — ovantes folgam
De ver, examinar, correr a praia,
Frutos colher, a discutir quais sejam
Da terra inculta os íncolas: que sorte
Lhes oculta o porvir. Taoba entanto
Vai só — quase sem armas — ínvias malas
No ardor que cego o arrasta perscrutando.

Súbito os bosques rasgam-se — aparece
Ao longe o mar — e próxima arenosa
Branca praia cintila ao sol do ocaso,
E aqui, além, dos muricis nas moitas
Em juvenil folguedo descuidadas
Brincam donzelas mil; a mais airosa
Meigo feitiço d’olhos que surpreende
Vontade e corações — por anos quinze
Escassos, vira em flor o cajueiro,
Nasceu com ela o juçaral no brejo,
Mal no porte gentil e airoso a iguala,
Mas fruto inda não deu, inda não tinge
De roxa e viva cor os longos cachos.

Tolhida pela súbita presença
Do bárbaro guerreiro — desfalece,
Desmaia a triste, qual se horrendo tigre
Tivesse em frente a represar-lhe a vida
No coração. Taoba, que mal pensa,
Por quanto lhe revolve e agita o seio,
Ter ante os olhos seus humana forma,
Quem seja inquire e de que pães nascida.

Da razão de terror tornada apenas
A mísera responde: — “não conheço,
Bem diga-me Tupã, nem pai nem tribo,
A mim tapera os cariris me chamam.
— “Tapera a ti?! já não no és, se o foste;
Nas surdas tabas a andorinha folga
Prendendo os ninhos seus aos ermos tetos,
Mas tu, que para adorno do guerreiro
Nasces, ave gentil, guará soberbo,
Virás comigo — onde Peri mimosa,
Na idade igual a ti — talvez mais bela,
Noiva de seu bom pai te abraça amiga.
Pasmados te contemplem meus guerreiros
O rosto e o porte, — a minha escolha aplaudam,
E de Taoba o xerimbabo invejem!” —
Disse e não mais, travando-lhe do braço.
Ela, qual mimosa sensitiva,
Desmaia ao toque rude; ele a sopesa
E nem lhe sente o peso, recorrendo
A nota senda, qual jaguar sanhudo
Que ao antro leva a corça esmorecida —
Pasto abundante à fome que o devora.

Preso infeliz! funesto encontro aquele,
Mal entra no arraial, vendo-a tão bela
Rudos e feros os corações se enlevam,
Porém de Imbé com mais violência a chama
Se lhe ateia no peito — tudo olvida,
Cedendo ao impulso de fatais desejos,
A empresa começada, a própria glória.
Guerras, conquistas — tudo — desde essa hora,
Daquele ser na posse os seus anelos
Concentra; e fora dele o mundo é nada.
“Desse mimoso achado em câmbio aceita,
Venturoso Taoba, o arco, as selas
Armas, troféus de Imbé — e os seus guerreiros
Sigam do teu cocar mescladas plumas,

Bem quistas da ventura: eu dessa joia
Contente e pago, às pátrias ilhas volvo.”

— “Verde nefrito achei, lhe diz Taoba,
Que me podes tu dar da pedra em troco ?
Se doutrem fora, eu pola haver servira
Quantos anos do ipé têm visto as flores.
Trocá-la não — dá-la tão pouco — é minha.
Com zelo a guardarei — feitiço e risos
Do triste alvergue meu — depois que a morte
Órfã minha Peri deixou comigo.”

— “Dá-ma, lhe diz Imbé: cabe a mais bela
Ao mais valente, e a ninguém cedo — o sabes!”

— “Exceto a mim somente”, lhe replica
O selvagem guerreiro alçando a fronte,
E a voz ao gesto; freme-lhe no peito
O ominoso colar!

.....

AO GRANDE LITERATO HOMEOPÁTICO DR. VELUDO

Dizem que o velho Diógenes
De novo ao mundo voltou
Com sua lanterna acesa
E à Guanabara chegou.

— “Quem é”, pergunta ele, aqui,
Um doutor pilha-bonito,
Panegirista *quand-même*
De Frei Bernardo de Brito?”

— “*Ecce homo!*”, lhe dizem.
— “Doutor...aquilo? — “Oh, se é!
Faz plágios, copia, imprime
Volumes que ninguém lê.”

“É o moderno tostado,
E em finanças não Zote,
Grande home'em, em tudo e por tudo,
In utroque, utraque, utroque!”

— “*Eureka!*, interrompe o grego; Dava pr'a o ver uma perna!
Achei um asno às direitas,
Posso apagar a lanterna”.

D. EMÍLIA

Já mimosas as flores desabrocham,
Já mais ledos os pássaros gorjeiam;
Mas nem aves nem flores
Nos dizem sós que a Primavera chega,
Que já freme na folha envilecida
Do inverno aos crus rigores.

Que também tu, Musa gentil, despertas!
Aura d'amor sussurra-te na lira
Dulcíssima canção!
Ridente arbusto, quando o vento o agita
Do perfumado orvalho de mil flores
Cobre e matiza o chão.

Canta, Musa gentil, que a poesia
Nos lábios da mulher soa mais doce,
Mais espontânea vem
No albor da vida: em coração de virgem,
Que sonha amor e d'ilusões se nutre,
Seu próprio ninho tem.

Canta, Musa gentil! Há nos teus versos
Um mimo tal que a pátria nos recorda,
Que entenece, que apraz
Como o pudor da sensitiva, a queixa
Da casuarina, da baunilha o aroma.
O olor do sassafrás!

O céu faz dom da lira aos que mais ama.
Feliz quem pode a dor lenir cantando,
Mas inda mais feliz

Quem da existência os arrebóis, com ela,
Dissolve nas mil faces desse prisma
Que vida e amor se diz.

Canta, e verás que aceitos são teus cantos,
Verás também que mesmo entre soluços
Aplaudem-te os mesquinhos!
De rosas festivas cingem-te a fronte.
Invejam-te! mas tu no entanto sofres,
Que há nessa c'roa espinhos!

Qu'importa? Na miséria deste mundo
À dor, que surda lavra por nossa alma,
O rosto mal condiz!
Estala o coração, riem-se os lábios!
Invejam-te!... Pois bem! Ser invejada
É quase ser feliz!

Lisboa — 22 de fevereiro de 1864.

É ALEGRE A FLOR QUE BROTA

É alegre a flor que brota
Sobre o talo melindroso.
E o arrebento viçoso
Crescendo em flóreo tapiz:
É doce o romper da aurora,
Doce a luz da madrugada,
Doce o luzir da alvorada,
Doce, mimoso e feliz.

É bela a virgem risonha
Com seus músicos acentos.
Com seus virgens pensamentos.
Com seus mimos infantis.
Como quanto enceta a vida.
Que à luz sorri da existência,
Que tem na sua inocência
Da mocidade o verniz.

Vinga a flor a pouco e pouco,
Cada vez mais bem querida,
Tem mais encantos, mais vida,
Tem mais brilho, mais fulgor.
De cada gota de orvalho
Extraí celeste perfume,
E do sol num raio assume
Cada vez mais viva cor.

Assim à virgem risonha
Pouco a pouco, noite e dia.
Mais viva flor de poesia
Do rosto sente na cor:
E um anjo nos meigos sonhos
No peito — da sua essência —

Derrama o odor da inocência
— Um doce raio de amor.

Porque tudo quanto nasce,
Seja a luz da madrugada,
Seja o romper da alvorada,
Seja a virgem, seja a flor,
Tem mais amor, tem mais vida,
Como recente feitura
Caindo formosa e pura
Dentre as mãos do Criador.

Lisboa — 1864.

SEU NOME
(*imitação*)

O som do nome seu é doce aos lábios,
Macio se desliza e flui risonho,
Como entre flores um regato corre,
Como entre as faces de polido prisma
A luz ostenta um íris luminoso.

E como a aurora boreal seu nome,
Como esses meteoros, que em uma noite
De sereno luar, cortando as nuvens,
Deixam nelas um traço de luz branca,
Qu'afaga os olhos, e o prazer semelha!

É como a luz do sol, como o perfume
De missiva d'amor, ou semelhante
Ao silêncio da noite, à luz do dia,
Ao pipitar dos pássaros no bosque,
Ao murmurar da fonte em quadra estiva.

É da cidade eterna o nome santo,
É o meu talismã, é o meu nome,
O astro, a glória, o símbolo, o segredo
Desta vida cansada, o sol dos polos
Bordando os céus num círculo de fogo!

Seu nome só direi n'algum momento
D'extrema dor, como em baixei que afunda
Em alto mar, em noite tormentosa,
Ou nos últimos bocejos da existência.

O seu nome é a luz, o amor, a vida,
A felicidade, o paraíso, o signo

Do rei que desfazia encantamentos,
— O signo dos milagres e prodígios
E o seu nome; pois que a amei, e vivo!

Lisboa — 1864.

AMOR DE ÁRABE

De cava rocha musgosa
Serena fonte caía,
Caía por entre pedras,
Por entre flores corria.

A essa fonte querida,
Amor do seu coração,
Vinha, sempre, à tarde, a jovem
Bela filha do Sultão.

E sempre junto da fonte
Via ela de cada vez
Um moço d'olhos ardentes,
Coberto de palidez.

Um dia — não se conteve:
Vai-se-lhe a ele veloz.
“Disse quem és, eu to ordeno,
Que estás aqui sempre a sós.”

— “Escravo sou — diz-lhe o moço,
E mais e mais perde a cor:
— Sou duma tribo d'Arábia
Que morre, em sentindo amor.” —

MINHA TERRA

Quanto é grato em terra estranha
Sob um céu menos querido,
Entre feições estrangeiras,
Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
P'ra onde os nossos estão!

Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céus:

Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meus!

Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.

Paris — 1864